FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.926 | DOMINGO, 20 DE FEVEREIRO DE 2022 | R$ 7,00

Bruno Santos/Folhapress

INDÍGENAS SÃO ALICIADOS POR FAZENDEIROS PARA ABRIREM PICADAS EM FLORESTA NO PARÁ

Crianças da aldeia Paranopiuna, da terra indígena Apyterewa, onde índios atuam sob vigilância armada; STF havia autorizado negociação para reduzir área, mas voltou atrás Ambiente B5

Telegram tem representante no Brasil há 7 anos e evita TSE

Cobrada por fake news, empresa nomeou escritório no RJ para lidar com governo

Embora não responda aos pedidos do Tribunal Superior Eleitoral sobre desinformação, o Telegram, aplicativo de mensagens usado pela militância bolsonarista onde circulam falsas alegações sobre urnas, tem representante no Brasil há sete anos.

Documentos a que a **Folha** teve acesso mostram que o empresário russo Palev Durov, cofundador e CEO da empresa, deu ao escritório Araripe & Associados poder de representar o Telegram ante autoridades administrativas e judiciais do Brasil.

As procurações tratam de "direitos relativos a propriedade industrial" e são datadas a partir de 2015, quando o registro da marca tramitava no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Intelectual). O Araripe & Associados tem sede no Rio de Janeiro.

À **Folha** o escritório se limitou a confirmar a existência de contrato vigente para atuar em nome do aplicativo "exclusivamente" em assunto de propriedade intelectual. Afirmou que, por razões legais, não pode divulgar detalhes da relação. Política A4

Internação infantil por Covid sobe quase 8 vezes

Levantamento da **Folha** com dados do Ministério da Saúde mostra que o número de crianças menores de 12 anos hospitalizadas com complicações da Covid saltou de 284 em dezembro para 2.232 em janeiro — uma alta de 686%. O país não havia visto tantas internações pediátricas em um só mês desde o início da pandemia. Saúde B1

A pandemia em 19.fev

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	81,8%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	71,6%
Dose de reforço	27,8%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel 831 11,3%*

Em 24 h 827

Total 643.938

Casos Acelerado (-40,0%*)

*Variação em relação a 14 dias

Diplomados que atuam por conta própria são recorde

O efeito da Covid no mercado de trabalho levou número recorde de brasileiros com curso superior a aderir ao trabalho por conta própria. No 3º trimestre de 2021, o grupo chegou à maior cifra para julho a setembro em série histórica desde 2015. Mercado A17

ilustrada ilustríssima

Sexy sem ser vulgar

Etiqueta de nudes na rede reflete medo do pênis na história da arte e cultura pop C4

Ocidente se dobra a blefe de Putin, diz analista russo

Influente comentarista da política russa, Fiodor Lukianov diz à **Folha** que Vladimir Putin está dobrando o Ocidente com "grande blefe" na crise da Ucrânia, ao se dizer pronto para uma invasão. Se Putin decidir fazer algo, diz ele, não terá oposição real. Mundo A13

Vinicius Torres Freire

Guerra na Ucrânia afetaria preços

A Ucrânia vende 17% do milho do mundo. Com Rússia, exporta 30% do trigo. Qual o impacto da guerra nos preços? Mercados financeiros estão nervosos, e, nos EUA, Biden e mídia parecem achar que a "guerra iminente" agora é inevitável. Mercado A19

Nível de risco em Petrópolis teve escalada brusca

Na tempestade de terça em Petrópolis, os níveis dos alarmes de risco subiram de moderado a muito alto em menos de duas horas. Com 146 mortos e 165 desaparecidos contados até a noite de ontem, foi o temporal mais letal registrado na cidade. Cotidiano B2

ENTREVISTA

Tarcísio Vieira

Excesso é normal na democracia; prefiro verborragia

Contratado como advogado da campanha de Jair Bolsonaro, ex-ministro do TSE minimiza atritos com Judiciário. "Acho mais positiva a verborragia do que a mudez." Política A6

EDITORIAIS A2

Centrão na balança

Sobre o protagonismo custoso do bloco fisiológico.

Tragédia recorrente

Acerca de mortes causadas pela chuva em Petrópolis.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

30° 18°

0h 6h 12h 18h 24h

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 33926

MÔNICA BERGAMO

Juventude e dinheiro não são garantia, afirma Gloria Pires, que vira produtora C2

Esporte B6

Arana e Gabigol duelam para levar Supercopa e ganhar pontos com Tite

mpme p.1

Envelhecimento abre espaço para empresas ligadas à longevidade

Diogo Zanatta/Folhapress

Produtor Amilton Rosa observa sua lavoura de soja afetada pela seca em Espumoso (RS)

Presidenciáveis começam no rádio a campanha

Política A9

Equipe de economia cresce, mas rumo depende de Lula

Mercado A20

Pior estiagem em dez anos no RS seca lavouras

A estiagem mais severa desde o verão 2011/2012 faz as lavouras gaúchas de milho e soja secarem, e sementes até cozinham no solo com o calor. A23

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benez (comercial) e Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais)

Jean Galvão

Aquecimento global não existe.
Aquecimento global não existe.
Aquecimento global não existe.
Minha mãe não mais existe...

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Centrão na balança

Grupo parlamentar ajuda a moderar Bolsonaro, mas relação desequilibrada também implica custos

O chamado centrão —conjunto de congressistas dispostos a servir a qualquer governo em troca de cargos e verbas— atua como um moderador do apetite despótico do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Ao recorrer aos préstimos do grupo quando a própria sobrevivência no Planalto estava em questão, o mandatário abriu mão de controlar porções da máquina federal com seu séquito de lunáticos autoritários. Políticos profissionais, sem pretensão de ruptura com o statu quo, povoaram o Executivo.

Como tudo o que se contrata na bacia das almas, o seguro anti-impeachment acertado entre Bolsonaro e o centrão contém cláusulas leoninas que acabam por desequilibrar a relação entre os dois Poderes, com decalcada vantagem para os mandachuvas do Congresso.

Chegou-se ao ponto em que a execução de parcela controvertida do Orçamento —as emendas parlamentares que podem ou não ser pagas, a depender da conveniência política— está sob a tutela do centrão, na sua ligação direta com o chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), alçado a premiê informal.

Esse agigantamento dos oligarcas do Legislativo federal representa uma anomalia a embotar o funcionamento do sistema presidencialista brasileiro, que confere ao chefe do governo os instrumentos e a responsabilidade para zelar pelos interesses difusos e coletivos.

Quando parlamentares, com sua vinculação localista e seus interesses particularistas —ademais imunes à responsabilização pela inobservância de regras de prudência orçamentária—, passam a manejar eles mesmos o timão, o resultado é o que se tem visto: gastança, desperdício, populismo e dissipação das perspectivas de futuro.

Em razão desse desmantelo na governança, o Brasil atravessará este ano sem um programa estruturante e duradouro de combate à pobreza. Improvisou-se um remendo de péssima qualidade que só dura até 31 de dezembro.

Outra resultante da estrangulação do papel típico do Executivo é o virtual desmoronamento da regra remanescente para disciplinar os gastos federais, o teto que limita despesas ao montante do ano anterior, considerada a inflação.

As várias iniciativas para controlar ou reduzir preços de mercado em debate no Congresso constituem um caso de estudo para a baderna que toma conta da política quando saem de cena os agentes que deveriam se responsabilizar pela estabilidade intertemporal da economia, que é um bem público.

Se o centrão ajuda a moderar um presidente com ímpetos autoritários, um presidente minimamente capaz também auxiliaria na tarefa de evitar os efeitos colaterais do centrão. É preciso reequilibrar essa relação a partir de janeiro de 2023.

Tragédia recorrente

Prevenir desastres como o de Petrópolis demanda reorganizar espaços urbanos de moradia e trabalho

É senso comum, repetido a cada tragédia como a que abala Petrópolis (RJ), o propósito de prevenir desabamentos de casas e outras construções em terrenos instáveis ou à mercê de destroços. É preciso haver alertas meteorológicos, informar as pessoas da ameaça e removê-las das áreas de risco.

São paliativos inevitáveis, que não respondem à totalidade do problema. Muitas cidades dispõem de mapas de perigo; há leis em profusão para lidar com o assunto.

Mas para onde remover populações vulneráveis? Como evitar que mais gente volte a ocupar terrenos à beira da ruína, migração não raro gerida por grileiros urbanos, milícias e outras facções criminosas?

Em São Paulo, cerca de 500 mil pessoas vivem em 175,5 mil moradias sujeitas a desmoronamento. Segundo estimativa preliminar do IBGE de 2020, há quase 530 mil domicílios dentro do que o instituto chama de "aglomerados subnormais", 13% do total da cidade.

Trata-se de ocupação "irregular de propriedade alheia" para habitação, na definição do instituto. Tem "padrão urbanístico irregular" e carece de serviços públicos.

No Brasil, é o caso de quase 8% dos domicílios —19,3% no Rio, 55,5% em Belém. São "favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos, palafitas".

O motivo de base dessas ocupações é a pobreza combinada à desigualdade de renda e de patrimônio, agravada pela iniquidade social e territorial das melhorias urbanas. Em termos crus, falta de dinheiro para o aluguel de habitações decentes, próximas de empregos e serviços públicos.

Na cidade de São Paulo, há vastas regiões centrais e urbanizadas tomadas por terrenos e edificações ociosos. Não há, porém, programa eficaz de tributação e de regulação de investimento público ou privado que transforme essas terras baldias e improdutivas em lugar de moradia e trabalho.

De resto, a despesa pública em urbanização e transporte privilegia ou privilegiou regiões ricas, o que resulta em valorização do patrimônio dos mais afortunados.

De imediato, é necessário evitar mortes com paliativos, decerto. Mas urgente também é implementar um plano de redistribuição de imóveis e de recursos públicos, incentivado por meio de tributação progressiva e indução de investimento privado socialmente relevante. Áreas de risco são faceta de uma distorção mais duradoura.

As crenças em que não cremos

Hélio Schwartsman

Pelas pesquisas, milhões de americanos acreditaram no Pizzagate, os boatos de que Hillary Clinton tinha ligações com uma quadrilha que aprisionava crianças no porão de uma pizzaria em Washington, a Comet Ping Pong, para usá-las como escravas sexuais.

O que você, leitor, faria se acreditasse em algo assim? Tentaria libertar as crianças ou faria avaliações negativas das pizzas ali vendidas? A maioria dos que se deram ao trabalho de fazer alguma coisa optou pela segunda alternativa. Um único indivíduo, Edgar Welch, invadiu a pizzaria atirando para libertar as crianças. Foi preso. Convenha-se, porém, que, no pressuposto de que a crença seja autêntica, foi Welch, não os críticos culinários, que tomaram a atitude razoável. Como entender isso?

O cientista cognitivo Hugo Mercier, de quem sou fã, arrisca uma explicação para esse e outros paradoxos envolvendo crenças em "Not Born Yesterday". Mercier, contrariando a expressão "nasce um otário a cada segundo", sustenta que humanos não somos uma espécie ingenuamente crédula. Se fôssemos, a seleção natural já teria assegurado nossa extinção. Segundo o pesquisador, contamos com mecanismos sofisticados de avaliação e aceitação de crenças. Não são à prova de falhas, mas funcionam bem.

Mercier distingue o que chama de crenças reflexivas das intuitivas. As primeiras dizem respeito a coisas que não afetam diretamente nossas vidas. Crer que a Terra é plana não muda nosso dia a dia. Mas experimente acreditar que a Lei da Gravidade foi revogada e se jogue de precipícios. O custo dessa crença seria proibitivo. É por isso que não vemos muitas comunidades de antigravitacionistas.

As crenças reflexivas, porém, são baratas. Como elas não nos cobram atitudes, podemos utilizá-las para funções sociais que vão além da sobrevivência. Posso proclamar minha crença até em coisas implausíveis para mostrar lealdade a meu grupo, caso do Pizzagate.

helio@uol.com.br

Lula em modo 'pé no chão'

Bruno Boghossian

Em duas conversas recentes, Lula deixou de lado os números das últimas pesquisas para lembrar a aliados que uma eleição difícil os aguarda. O petista disse que era preciso tratar como certa uma recuperação de Jair Bolsonaro nos próximos meses. Gente que participou de reuniões diferentes usou a mesma expressão para descrever o comportamento do ex-presidente: "pé no chão".

O que pode ser interpretado como sobriedade ou capacidade de leitura política também revela uma certa preocupação no campo petista. Ainda que o retrato atual pareça favorecer Lula, integrantes da campanha do ex-presidente apontam sinais que posicionam Bolsonaro como um adversário competitivo.

O primeiro é a estabilidade dos índices de aprovação ao governo. Petistas avaliam que os números de Bolsonaro pararam de cair no momento em que ele toma fôlego com o Auxílio Brasil, a ampliação de outras despesas e a desaceleração da curva da inflação. Algum alívio na economia deve amenizar a rejeição ao presidente na campanha.

Lula também disse observar uma característica do eleitorado bolsonarista que beneficiará o capitão ao longo da disputa. Para o petista, o presidente conseguiu manter apoio firme de uma fatia da população mesmo nos piores momentos do mandato —o que sugere a existência de um núcleo que dificilmente fugirá em direção a outros candidatos, como o ex-juiz Sergio Moro.

O quartel-general do PT também faz as contas do impacto que deve ter a operação de Bolsonaro nas redes. Segundo aliados de Lula, a máquina virtual já demonstrou ser uma ferramenta eficiente para reforçar o vínculo do presidente com seus simpatizantes e ampliar o antipetismo.

Articuladores políticos de Lula reconhecem que o petista se protegeu até a etapa atual da pré-campanha e aproveitou para crescer num ambiente de fragilidade de seus adversários. Mesmo os mais confiantes aliados do ex-presidente afirmam que a disputa será bem mais apertada do que o confortável cenário de hoje.

Depois do vendaval

Ruy Castro

E assim tivemos, como um vendaval, o 100º aniversário do evento que, quando aconteceu, foi só uma suave brisa: a Semana de Arte Moderna. Como de hábito, as reações a essa frase seguirão ignorando a sugestão de que se aproveitasse a efeméride para contar a história da Semana pelos documentos da época, não como ela passou a ser reescrita décadas depois. Em vão. No Brasil, de 50 anos para cá, pode-se discutir até se a Terra é oval, menos questionar a Semana.

Depois do oba-oba que rendeu muito dinheiro —os 100 anos da Semana garantiram o semestre de várias empresas—, seria razoável supor que o resto do ano servisse para discuti-la de forma objetiva e madura. Mas isso não acontecerá. O sistema que sustenta a Semana só admite o mais do mesmo, e incansavelmente repetido.

O centenário tentou consolidar a ideia de que, até 1922, o Brasil era um gigante adormecido, que Oswald e Mario de Andrade vieram despertar. Mas essa ideia não cola. Quem dormia e roncava em 1922 eram Oswald e Mario. Eles nunca tinham lido "Um Estadista do Império" (1897-99), de Joaquim Nabuco, "Os Sertões" (1902), de Euclydes da Cunha, "A América Latina, males de origem" (1903), de Manuel Bonfim, "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" (1909), de Lima Barreto, "Vida Vertiginosa" (1911), de João do Rio, "Eu" (1912), de Augusto dos Anjos, "Rondônia" (1916), de Roquette-Pinto, e outros livros que já estavam revelando o Brasil aos brasileiros.

O Brasil já tinha também um naipe de engenheiros, astrônomos, biólogos, botânicos, matemáticos, epidemiologistas e radiologistas de que podia se orgulhar. Mas a Semana, só interessada em estética, passou longe da ciência e de outras disciplinas.

Não fez falta. A Exposição Internacional do Centenário, aberta no Rio sete meses depois —um ano em cartaz, 14 países expositores, três milhões de visitantes e o encontro concreto com a modernidade—, se encarregaria disso.

Papagaios louros

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Como ter certeza de que determinado ser vivo é um homem e não um papagaio?

A questão parece pitoresca, menos para o matemático e filósofo René Descartes (1596-1650), pai-fundador do pensamento moderno. Para ele, a certeza sobre uma coisa é alcançada pela dúvida quanto a sua existência, para que, aos poucos, racional e metodicamente, o espírito possa comprová-la. A dúvida metódica é um jogo com regras e um limite: não se pode duvidar da dúvida.

Algo semelhante ocorre com a tolerância como princípio de aceitação de diferenças. Não se pode tolerar a intolerância, esse é o limite.

O argumento pode ser deslocado para o tópico da liberdade de expressão, que vem frequentando, com incertezas e obscuridades, os espaços da mídia. Vale enfatizar que essa liberdade não se confunde com a livre atividade do aparelho fonador. Ou seja, a fala é inerente ao homem por natureza, porém, para tornar-se civilmente expressiva, ela é pautada pelas regras sociais do discurso.

No sentido propriamente linguístico, o fraseado do papagaio é pura ação mecânica, repetitiva, mas não uma fala, muito menos livre expressão. Agora em pauta a situação em que um indivíduo, invocando o universalismo da liberdade de expressão e, portanto, demandando tolerância, se dá ao direito de defender a legalização de um partido nazista.

De saída, a sua demanda viola um limite lógico, já que se trata de tolerar uma reconhecida fonte histórica de intolerância para com a diversidade humana, ou seja, o nazismo. Em seguida, isso vai de encontro às regras civis e morais vigentes: a fala pode existir, não a sua circulação expressiva.

São regras pactuadas pela historicidade (agência humana na história) depois do horror do Holocausto e do sofrimento mundial em que dezenas de milhões foram vítimas da alucinação nazifascista. Elas assinalam um limite fixado pelo jogo civilizatório. A ninguém é dado ignorar a lei nem as regras de preservação ética da espécie humana, que sustentam a aceitação da lei e impedem a queda na barbárie.

Liberdade de expressão não é o "ultimate fighting" da fala, mas exercício humanístico da sociedade civil. Nesse escopo, é inadmissível a instituição de linchadores, de pedófilos ou de nazistas: um partido necropolítico seria a própria morte da política.

Argumenta-se que nos EUA seria constitucionalmente viável essa discussão. Lá se multiplicam pré-insurgentes, mas sob o olhar de um dos maiores sistemas de vigilância do mundo. Não são "homens livres" como se imagina, não se expressam, apenas papagueiam: as redes sociais pariram uma mutação do popular papagaio do bico dourado.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A destruição da cultura como agenda eleitoral

Artistas são alvo, e Lei Rouanet potente projétil

Mari Stockler, Guilherme Varella e Rodrigo de Almeida

Gestora cultural e coordenadora do 342Artes

Advogado e gestor cultural, é ex-secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura (jan.2015 a mai.2016, governo Dilma); diretor do Instituto Cultura e Democracia e consultor do Mobile

Jornalista e cientista político, é consultor de comunicação e política; ex-assessor de comunicação do Ministério da Fazenda e ex-secretário de Imprensa da Presidência da República (mar.2015 a mai.2016, governo Dilma)

A lista é extensa e perversa —ou surreal. Desde a última eleição presidencial, a cepa autoritária que dirige a Cultura na Esplanada dos Ministérios escolheu o setor cultural e os artistas como alvos preferenciais.

Retórica e atos se combinam numa soma de fake news, desinformação, medidas infralegais autoritárias e personagens escolhidos para sofrerem retaliações. Instituições e mecanismos públicos da cultura se tornaram dispositivos de perseguição e plataformas de insuflamento ideológico. A Lei Rouanet está entre os principais.

Recentemente, o governo oficializou, por meio de uma nova instrução normativa, uma série de mudanças na lei, formalizando o que vinha sendo anunciado desde o início do ano. A intenção é evidente: intimidar os artistas, prometer ordem na casa, restringir e direcionar os recursos. A estratégia inclui ataques ao segmento artístico, promovidos pelas próprias autoridades públicas, sobretudo pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), pelo ator secretário da Cultura e pelo policial militar que gere a renúncia fiscal.

Está em curso uma operação burocrático-administrativa de desmonte e perseguição. Pesquisa da Fundação Getulio Vargas que analisou a atuação institucional do governo concluiu que ele realiza o "infralegalismo autoritário" —série de instrumentos administrativos cuja expedição independe dos demais Poderes e a vigência se dá abaixo das normas legais. É o que ocorre com a Lei Rouanet.

Muitas dessas ações estão entre os casos mapeados pelo Mobile (Movimento Brasileiro Integrado pela Liberdade de Expressão Artística), criado para monitorar, denunciar e trabalhar contra episódios de censura, ataques à cultura e ameaças à liberdade de expressão artística.

Esse quadro se torna mais grave quando a cultura tenta se reerguer de sequelas da pandemia. Uma recuperação difícil, dada a emergência das novas variantes. Em 2021, houve uma redução de mais de 20% nos postos de trabalho no setor cultural, segundo o Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural.

Ao lado da Fundação Palmares e do Iphan, a Lei Rouanet tem sido o símbolo dessa pregação anticultura, sintetizada na chula expressão do presidente: "Acabou a teta gorda". É a crítica de que artistas só teriam êxito por obra e graça da Lei Rouanet. Nada mais falso e deturpador. A lei tem distorções que precisam ser corrigidas.

Gilberto Gil, quando ministro, chegou a propor uma reforma buscando solucionar problemas de concentração regional e de linguagens, distorções inerentes a um mecanismo de mercado. Mas é justamente por ter esta natureza que o incentivo fiscal cumpre um importante papel de dinamização das cadeias econômicas da cultura e de estímulo à indústria cultural —setor que hoje emprega quase 5 milhões de pessoas.

Não se trata de uns poucos artistas ou celebridades, mas sim um universo amplo de produtoras e produtores, profissionais de teatro, artes visuais, cinema, música, fotografia, artesanato, museus e patrimônio, além de trabalhadores de apoio.

Os porta-vozes do ódio à cultura também fingem ignorar que benefícios tributários não se limitam ao setor cultural, mas sim abrangem amplos setores da economia. A verdade é que não querem consertar a Lei Rouanet, nem distribuir melhor os recursos. Nunca quiseram. Seu espírito armamentista quer os artistas como alvo e vê a Rouanet como um potente projétil. É a lógica de quem abomina o pensamento crítico produzido pela cultura e, por isso, elegeu-a sua maior inimiga pública.

Combatê-la é também um cálculo eleitoreiro. Em outubro, os agentes do desmonte disputarão o voto de eleitores. Ao escolherem os artistas, a cultura e a Lei Rouanet como agenda política de destruição, miram a própria claque: uma caixa de ressonância reacionária e ideológica, que despreza a complexidade da cultural brasileira e se entorpece da atmosfera de desinformação e belicismo criada contra os artistas.

As eleições dirão se essa estratégia funcionará. Certeza mesmo é da grandeza da cultura brasileira e de sua resiliência. Resistindo ao vendaval obscuro e autoritário, junto com a democracia, a cultura sobreviverá.

Claudia Liz

Economia, política e gatos

Sempre haverá manhas, rosnados e o famoso pulo

Luiz Guilherme Piva

Economista, mestre (UFMG) e doutor (USP) em ciência política e autor de 'Ladrilhadores e Semeadores' (Editora 34) e 'A Miséria da Economia e da Política' (Manole)

A visão dominante na economia propõe otimizar o uso de recursos escassos para combinar o maior crescimento com a maior equidade. O primado do mercado e a ação racional dos agentes seriam as ferramentas que propiciariam tal combinação, e existiria uma função matemática para o problema.

Porém, como necessidades e interesses dos indivíduos e grupos sociais são conflitantes, é necessário introduzir na equação a política, que são as relações de colaboração e enfrentamento que eles travam na busca por poder (ou: exatamente por mais recursos e melhores condições de vida). Isso implica incertezas permanentes.

Como se vê, são bichos parecidos. Mas muito diferentes. Se fossem gatos, por exemplo, a economia convencional seria o de Voltaire; e a política, o de Schrödinger.

Ao primeiro é atribuída a definição de metafísica citada por Guimarães Rosa num prefácio de Tutameia: "É um cego, com olhos vendados, num quarto escuro, procurando um gato preto... Que não está lá". A comparação entre as aspirações e ferramentas da economia e as da metafísica é apropriada. É impossível encontrar, fora de modelos mentais e teóricos, o equilíbrio geral da visão econômica dominante. A citação desse prefácio não é fortuita: nele o autor trata das "anedotas de abstração", aquelas que valem pelo que não contêm.

Já ao segundo devemos o exemplo da incerteza na física quântica. Ele propõe o exercício imaginário de se colocar um gato numa caixa junto com um pote de gás mortífero, um emissor de radiação e um martelo que, acionado pela radiação, quebra o pote e, assim, mata o gato. Ocorre que há só 50% de chance de a radiação ser emitida. Daí que, enquanto a caixa ficar fechada, haverá igual probabilidade de o gato estar vivo ou morto. Esta é a incerteza (mas, ao contrário do gato econômico ou metafísico, ele estará lá). E mais: nesta situação, o gato estará, ao mesmo tempo, vivo e morto —e é preciso ter medidas (funções) para os dois estados, não só para um deles.

A situação se aproxima da política, que, no entanto, é ainda mais complexa. A todo momento é preciso negociar e confrontar múltiplos interesses ambíguos ou ambivalentes, só que sem nunca haver a realidade e a visão da realidade "corretas" —que a metafísica e a economia definiriam como ontológicas.

A política (e a economia não convencional, que a incorpora à equação), portanto, e não a economia dominante, é a melhor maneira de se enfrentar a questão da produção e da distribuição de riqueza —sem, contudo, jamais conseguir solucioná-la, porque não é possível conhecer a situação real, que tem múltiplos estados simultâneos. Será preciso continuamente formular e embaralhar infinitas funções. Isto sim é incerteza.

Já no problema de Schrödinger, se alguém quiser sanar a incerteza, poderá, probabilisticamente, fazê-lo, a crer no ditado, com 14 aberturas da caixa, dado que, depois da sétima morte do gato, a dúvida terminará. (E ainda poderá ter final feliz: se o gato na caixa for o da Alice —ou de Cheshire—, mesmo depois da sétima morte ele oferecerá ao pesquisador curioso, na 15ª tentativa, um grande sorriso.)

Um nadica perto da incerteza infinda da política. Nela, as mudanças não acabam. Sempre haverá os enigmas das manhas e rosnados —além do famoso pulo.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO VOCÊ ACHA QUE O TELEGRAM DEVERIA SER PROIBIDO NO BRASIL? POR QUÊ?

Não. Ele comporta conversas privadas entre pessoas, não cabe ao estado interferir na comunicação pessoal ou dificultá-la.
Rafael Lourenço Gonçalves (Porto Alegre, RS)

*

Não. Porque bloquear aplicativos é uma medida ditatorial, assim como ele foi bloqueado em algumas ditaduras. Nós vivemos numa democracia e as liberdades individuais devem ser respeitadas!
Paulo Arthur (Lagoa dos Gatos, PE)

*

A responsabilidade precede a liberdade. Deve ser proibido. O Telegram tem sede misteriosa em Dubai e não quer arcar com as responsabilidades do seu uso. Assim, causa os mesmos problemas jurídicos e sociais em vários países.
Ronan Wielewski Botelho (Londrina, PR)

*

Sim. Por isonomia. Como cidadão sou obrigado a seguir regras, concordando ou não com as mesmas sob pena de punição no caso de descumprimento. Por que uma empresa com um impacto significativamente maior não deveria ser?
Ronaldo Aparecido Segundo (São Carlos, SP)

*

Deveria ser proibido, sim. Porque é inadmissível que o Telegram não esteja sujeito às leis do Brasil. E que ignore qualquer tratativa, num claro deboche e desrespeito ao país e aos brasileiros. Isso é comportamento de organização criminosa.
Maria da Luz Lins (São Paulo, SP)

*

Sim. Porque o Brasil é governado por uma extrema direita sem a menor noção de ética e civilidade que faz uso desse aplicativo para promover desinformação e tentar a reeleição. Além disso, eles não respondem nem se responsabilizam pelo que ocorre em seu aplicativo.
Débora Lázaro (São Paulo, SP)

*

Sim, pois não se preocupa em ter ferramentas que ajudem no combate de notícias falsas, além de ignorar as leis brasileiras.
Luiz Paulo Oliveira (Rio do Sul, SC)

*

Sim, deveria ser proibido simplesmente porque não há responsabilidade de seus gestores sobre o que for publicado e isso é inadmissível.
Carlos Alberto Ceretta (Balneário Camboriú, SC)

*

Liberdade de expressão termina quando há apologia a crimes de ódio, raciais, contra a saúde pública, teorias da conspiração, fake news com objetivos eleitorais. Se não há como orientar, advertir e até punir, deve ser banida.
Fabio Baumstein (Águas de Lindóia, SP)

*

De maneira alguma. Bloquear uma rede social é uma afronta gravíssima à liberdade de expressão. Quer se acredite que ela, a liberdade de expressão, é irrestrita ou não, bloquear um meio de comunicação significa suprimir diretamente um direto básico, essencial.
João Guilherme Lopes de Paula Neves (Recife, PE)

*

Sim. Pois toda empresa que opera no Brasil deve estar submetida à nossa legislação. O Telegram não tem representantes no país e não fornece informações às autoridades. Pode ser utilizado para realização de crimes, não somente eleitorais.
André de Freitas Dutra (São Paulo, SP)

*

Sim. Fomenta ódio e crimes.
Paulo da Silva Júnior (Aracaju, SE)

*

Não, porque aqui ainda não é a China e prezamos pela liberdade.
Rodolfo Magno (Rio de Janeiro, RJ)

*

Não, de forma alguma. Tem que respeitar o direito de cada um manifestar sua opinião de forma consciente e responsável. Cada um é responsável pelo que posta.
Sergio Trigo Vanzo (São Paulo, SP)

*

Absolutamente Não, liberdade sempre.
José André da Silva Junior (Natal, RN)

*

Sim, enquanto não houver representação oficial do mesmo no país, que permita à justiça fazer a aplicação de controles e limites legais. Nossa democracia não pode ser refém de um aplicativo de mensagens. Basta de perversões digitais que deturpem a percepção do eleitor.
Rafael Millon (Rio de Janeiro, RJ)

*

Sim porque plataforma deve se enquadrar nas leis e regras do país. Todas, sem exceção. Plataforma não possui censura a fake news e outras práticas criminosas, prejudicando a sociedade brasileira a favor de grupos extremistas e criminosos.
Roberto Seara (São José, SC)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 12 a 18 fev · Total de comentários: **12.801**

208	Bolsonaro chama Orbán de irmão, usa lema fascista e volta a sugerir influência sobre Putin (Mundo) **17.fev**
176	Somos solidários à Rússia, diz Bolsonaro em encontro com Putin (Mundo) **16.fev**
161	Frente ampla de Lula esbarra em programa de governo, ataques e antipetismo (Política) **14.fev**

OUTROS ASSUNTOS

Folha 101

Em meio ao oceano de conteúdo produzido a cada minuto, encontro segurança na tradição e rigor do jornalismo profissional. A **Folha** é um farol que garante valores e estilo no tratamento responsável da informação. Parabéns a todos que contribuem para a edição do jornal.
Dimas Ramalho, presidente do TCE-SP

*

Recebam os cumprimentos do Instituto de Engenharia pela grande efeméride dos 101 anos.
Paulo Ferreira, presidente do Instituto de Engenharia

*

Parabéns à **Folha de S.Paulo** por seus 101 anos! Sua bela história mostra que a informação confiável é um fator valioso para o desenvolvimento do país.
Fábio de Salles Meirelles, presidente da Faesp

*

Parabéns a **Folha** pelos 101 anos de bom jornalismo.
Ricardo Patah, presidente da UGT

*

Parabéns, **Folha de S.Paulo**! Vida longa e próspera.
José Ribamar Pinheiro Filho (Brasília, DF)

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Prato feito

Ex-ministra do Desenvolvimento Social, Tereza Campello diz que tirar o Brasil do Mapa da Fome será agenda central de um governo Lula. Principal referência do PT sobre o tema, ela afirma que o partido tem debatido a recriação do Bolsa Família, extinto por Jair Bolsonaro e substituído pelo Auxílio Brasil. Para a ex-ministra, a situação é mais difícil do que quando o programa surgiu, em 2003. "Agora há menos meios no Estado, mas temos conhecimento acumulado e institucionalidade", diz.

PLACEBO A ex-ministra, que atuou no governo Dilma Rousseff, diz que o Auxílio Brasil é um programa de transferência de renda com finalidade eleitoral e sem impacto estrutural no combate à fome.

PACOTE Para Campello, o "novo Bolsa Família" deve criar salvaguardas legais para impedir a defasagem dos benefícios, como mecanismos de atualização automática da linha da pobreza. Também precisa incorporar políticas para parcelas da população mais fragilizadas, caso de mulheres negras, e ainda reacoplar projetos ambientais que foram interrompidos.

DIVISÃO O PP caminha para um racha em São Paulo, que deve levar à saída de alguns líderes importantes no estado. A direção partidária pretende apoiar formalmente a candidatura de Rodrigo Garcia (PSDB) para o governo.

PARTIU Esta tendência, no entanto, não é aceita pela ala bolsonarista da legenda. Já são dadas como certas as dissidências do deputado federal Capitão Derrite e do estadual Coronel Telhada.

DIAGNÓSTICO Aliados de Rodrigo Garcia (PSDB) e Tarcísio Gomes, que disputam o eleitorado que vai do centro até a direita em São Paulo, coincidem na avaliação de que a esquerda vai se unir em torno da candidatura de Fernando Haddad (PT) ao governo. E que por isso o petista já está com vaga no segundo turno.

BANCADA DA SERINGA Além da enfermeira Mônica Calazans, primeira vacinada contra a Covid-19, o PSDB aposta também na candidatura a deputado federal de Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan. Ambos podem ser puxadores de votos para a Câmara.

ZÉ GOTINHA Dimas disse ao Painel que ainda não se decidiu totalmente, embora entre tucanos sua candidatura já seja dada como certa. Ele é filiado ao partido desde a fundação, nos anos 1980.

LIGEIRO 1 A campanha de Jair Bolsonaro nem começou oficialmente, mas o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, já busca concentrar as principais decisões práticas. Até o momento, escolheu o advogado eleitoral da candidatura e tenta emplacar o marqueteiro.

LIGEIRO 2 Na quarta (16), o ex-ministro do TSE Tarcísio Vieira foi escolhido para cuidar da área jurídica. Valdemar bateu o martelo enquanto Bolsonaro nem estava no Brasil. Ele ainda trabalha para que Duda Lima, que já fez trabalhos para o PL, cuide da propaganda.

LIGEIRO 3 Quem acompanha a escolha do time avalia que Valdemar está tentando garantir que terá voz durante a campanha e controle das decisões. Além dele, fazem parte do núcleo decisório Ciro Nogueira (PP) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

ARCO-ÍRIS Geraldo Alckmin se reuniu na quinta (17) com representantes da Aliança Nacional LGBTI+, para ouvir pautas e demandas da comunidade. O ex-tucano busca se aproximar de setores progressistas no contexto de sua provável indicação para vice de Lula.

VESTIBULAR A eleição para a Câmara dos Deputados no DF tende a ser uma das mais disputadas da história. Quatro ex-governadores devem concorrer para uma das oito vagas da bancada: Cristovam Buarque (Cidadania), Agnelo Queiroz (PT), Rodrigo Rollemberg (PSB) e Rogerio Rosso (PSD).

MERCHAN A ANTT, responsável por fiscalizar os transportes terrestres, exibiu nas redes sociais vídeo educativo com um ônibus da empresa Eucatur, da família do senador Acir Gurgacz (PDT-RO), que foi condenado e preso por crimes financeiros relacionados à empresa.

ILUSTRATIVO A agência diz que o vídeo é uma exemplificação dos itens fiscalizados em um ônibus de passageiros e que há outros materiais da agência em que aparecem empresas reguladas por ela.

TIROTEIO

"Seria uma decisão típica do governo Jair Bolsonaro: colocar o bobo da corte como vice-presidente

De Humberto Costa (PT-PE), senador, sobre o presidente cogitar Gilson Machado, ministro do Turismo e sanfoneiro, como vice

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

Telegram, que ignora TSE, tem representante no Brasil há sete anos

Empresa estrangeira deu poderes a escritório de advocacia do Rio para atuar em assunto de seu interesse junto ao governo federal

Marcelo Rocha

BRASÍLIA O Telegram conta com representante no Brasil há sete anos para atuar em assunto de seu interesse junto ao órgão do governo federal encarregado do registro de marcas no país, ao mesmo tempo em que ignora chamados da Justiça brasileira e notificações ligadas às eleições.

Os poderes de representação foram conferidos pelo empresário russo Palev Durov, um dos fundadores e CEO da empresa, ao escritório Araripe & Associados, com sede no Rio de Janeiro.

Enquanto isso, a plataforma tem escapado de ordens e pedidos de autoridades brasileiras, inclusive do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e do STF (Supremo Tribunal Federal), que fazem tentativas de contato sobre demandas envolvendo publicações na rede social.

O Telegram é visto como uma das principais preocupações para as eleições de 2022 devido à falta de controles na disseminação de fake news e se tornou também alvo de discussão no Congresso e no TSE para possíveis restrições em seu funcionamento no Brasil.

A Folha teve acesso a procurações assinadas por Durov e que compõem o processo do registro da marca do aplicativo de mensagens instantâneas em tramitação no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial). A primeira delas é datada de fevereiro de 2015.

De acordo com os documentos, os advogados do escritório foram nomeados para "representar o outorgante [Telegram] perante as autoridades administrativas ou judiciais do Brasil" com o objetivo de "obter e defender direitos relativos a propriedade industrial".

Eles estão autorizados também a "receber citações judiciais relativas à matéria de propriedade industrial".

Amplamente usada pela militância bolsonarista, a ferramenta é hoje um dos desafios das autoridades brasileiras engajadas no combate à desinformação eleitoral. Até o momento, elas não tiveram sucesso em estabelecer um contato com os responsáveis pela plataforma.

O presidente do TSE, ministro Luís Roberto Barroso, enviou ofício a Durov, mas não há, segundo a corte, "registro de resposta ou confirmação de recebimento". O Ministério Público Federal também não obteve retorno.

O Araripe & Associados deu entrada no processo junto ao INPI em 2015. O registro foi aprovado em julho de 2017, com validade inicial de dez anos. A medida garante que nenhuma outra empresa use a marca Telegram no Brasil, dando a exclusividade à companhia estrangeira.

À Folha o escritório se limitou a confirmar a existência de contrato vigente para atuar em nome do aplicativo "exclusivamente" em assunto de propriedade intelectual.

Afirmou que, por razões legais, não poderia divulgar nomes e outros detalhes sobre a relação comercial mantida com a empresa com sede em Dubai, nos Emirados Árabes.

A banca de advocacia disse ainda que foi escolhida por intermédio de um escritório estrangeiro que atende o Telegram, mas que também não poderia indicar qual.

Após a concessão do registro pelo INPI em 2017, pelo menos quatro outros pedidos da plataforma foram protocolados junto ao órgão, seja para alterar informação sobre a sede, seja para transferir a titularidade da marca entre empresas do mesmo grupo.

O registro inicial foi feito em nome do Telegram Messenger LLP. Houve a transferência para o Telegram Systems LLP e, atualmente, o cessionário é o Telegram FZ-LLC, com sede em Dubai.

Segundo o processo, foram realizados pagamentos de registro e manutenção da marca que somam, em valores atuais, pouco mais de R$ 2.400.

Continua na pág. A5

"Para atuar no Brasil e ser um ator relevante no processo eleitoral brasileiro, qualquer plataforma e qualquer entidade precisa estar submetida à legislação brasileira e às decisões da Justiça brasileira. Não é [só] o Telegram

Luís Roberto Barroso
presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) até esta terça-feira (22), durante entrevista à Folha

Entenda o caso Telegram

O que é o Telegram? É um aplicativo de mensagens com funcionamento parecido com o do WhatsApp. Além de ter alta capacidade de viralização, com grupos que podem comportar até 200 mil membros, o Telegram possui uma dinâmica que se assemelha muito mais a redes sociais. Apesar disso, não modera conteúdo — a não ser em casos como de terrorismo

Qual é a preocupação do TSE? Como a empresa tem uma postura de nenhuma cooperação e não tem sede nem representante legal no Brasil, o tribunal tem dificuldade de fazer a legislação nacional ser efetiva. Diante de uma atuação mais proativa das principais redes sociais em moderar conteúdos, grupos bolsonaristas têm migrado para plataformas que possuam regras menos restritivas ou até mesmo nenhuma moderação, como o Telegram

Quais medidas são estudadas no Brasil? Há dois cenários sob avaliação: aceitar o crescimento desenfreado de uma plataforma que não atende aos contatos do Judiciário brasileiro ou bloquear o Telegram até que a empresa passe a dialogar. Essa segunda opção gera preocupação em especialistas na área, dadas as possíveis consequências da medida, que está inserida em um complexo debate não só da perspectiva legal como técnica

O que Bolsonaro diz sobre isso? O Telegram é atualmente um dos canais de comunicação prediletos de Bolsonaro, usado para divulgar ações de sua administração. Conta hoje com mais de um milhão de seguidores. Em janeiro, o presidente chamou de covardia a investida do TSE contra o Telegram e indicou que estuda medidas sobre o tema

O que diz a lei atual? O fato de uma empresa não ter sede nem representação legal no país não significa que ela não tenha que obedecer à legislação brasileira. No Congresso, o projeto de lei das fake news pretende tornar obrigatório que redes sociais e aplicativos de mensagens tenham representantes legais no país. Nesse caso, as penalidades mais severas são a proibição de seu funcionamento no país e a suspensão temporária. As punições mais leves são a advertência e a multa

O presidente Jair Bolsonaro (PL) e o presidente do STF, Luiz Fux, em cerimônia no Palácio do Planalto Ueslei Marcelino - 20.out.21/ Reuters

Continuação da pág. A4

Conforme mostrou a **Folha**, a empresa ignora há cerca de seis meses uma determinação do STF para retirar do ar publicação de Jair Bolsonaro (PL) com informações falsas sobre as urnas eletrônicas.

Em agosto, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, ordenou que uma publicação do mandatário sobre a suposta vulnerabilidade das urnas fosse apagada do aplicativo. O texto, porém, segue no ar.

Outras redes sociais, como o Twitter e o Instagram, cumpriram a decisão do magistrado e derrubaram o conteúdo. O Telegram nem sequer se manifestou no inquérito.

Bolsonaro lidera com vantagem o uso da plataforma como ferramenta de comunicação direta com seus apoiadores. Tem hoje mais de 1 milhão de seguidores inscritos.

À frente nas pesquisas de intenções de voto para as eleições, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criou um canal na rede em junho de 2021 e tem pouco mais de 47 mil seguidores.

Bolsonaro tem convocado apoiadores a se inscreverem em seu canal no serviço de comunicação, onde divulga suas ações. Recentemente, ele chamou de covardia o cerco à plataforma e disse que o governo está "tratando" do assunto.

A **Folha** perguntou ao Palácio do Planalto o que estaria em discussão no Executivo e que poderia estar relacionado ao funcionamento do aplicativo. Não houve resposta.

Com pouca moderação e uma estrutura propícia à viralização, a plataforma é uma das preocupações do TSE para as eleições. A ferramenta conta com grupos de 200 mil integrantes e canais com número ilimitado, caso de Bolsonaro.

Ministros temem que a plataforma seja o principal canal para o presidente e seus aliados disseminarem declarações falsas sobre supostas fraudes nas eleições.

A preocupação aumenta em razão da falta de resposta ao ofício enviado por Barroso à direção do Telegram no intuito de formalizar uma cooperação de combate a fake news.

A carta foi enviada a dois endereços eletrônicos de Durov e para a sede do aplicativo nos Emirados Árabes, no mesmo local indicado no processo da marca junto ao INPI.

O TSE criou o Programa Permanente de Enfrentamento à Desinformação e, na semana passada, foram firmados memorandos de entendimento com as plataformas Twitter, TikTok, Facebook, WhatsApp, Google, Instagram, YouTube e Kwai. O Telegram deveria estar inserido nesse contexto.

Os acordos contemplam ações e projetos que serão desenvolvidos em conjunto pelo tribunal com cada empresa para mitigar o impacto nocivo da desinformação.

Barroso entende que os serviços de comunicação com papel relevante no pleito não podem operar no país sem representação jurídica adequada, responsável pelo cumprimento da legislação nacional e das decisões judiciais.

A dificuldade de alcançar a plataforma está inserida em um debate sobre os desafios de tornar legislações nacionais efetivas no mercado globalizado da internet.

Na Alemanha, com cerca de 8 milhões de usuários, o Telegram vinha igualmente se recusando a conversar com autoridades que enfrentam ações de grupos extremistas.

A plataforma mudou recentemente de postura com a sinalização de que medidas mais drásticas poderiam ser adotadas, incluindo o seu banimento do país. Bloqueou mais de 60 canais usados por radicais em atendimento a um pedido da polícia alemã.

Procuração de 2015 em que o Telegram dá poderes ao escritório de advocacia Araripe & Associados para atuar em seu nome junto ao INPI Reprodução

Tarcísio Vieira

Excessos são normais na democracia, é preferível verborragia a mudez

Advogado de Bolsonaro na campanha, ex-ministro do TSE defende sistema eleitoral e diz que atuará para reduzir atritos com Judiciário

ENTREVISTA

Marianna Holanda

BRASÍLIA A campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) contratou o escritório de Tarcísio Vieira de Carvalho Neto, que esteve até maio do ano passado, por sete anos, como ministro do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), um dos principais alvos dos ataques do chefe do Executivo no Judiciário.

A opção por Vieira dá o tom pragmático que o entorno de Bolsonaro busca em 2022. De perfil conciliador, o jurista diz, em entrevista à Folha, que atuará como "vetor para diminuir esses atritos recentemente crescentes entre o Executivo e o Judiciário".

Ainda que reconheça o conflito, minimiza: "Esses excessos são normais, numa democracia, e acho muito mais positivo essa verborragia do que a mudez".

Na última semana, Bolsonaro lançou dúvidas sobre as urnas, chamou ministros da corte de "adolescentes" e sugeriu que estariam querendo a volta de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao poder.

O jurista, por sua vez, defende que o sistema eleitoral é confiável e diz crer que o presidente vá respeitar o resultado das urnas. "Não há nenhum tipo de espaço para condutas fora do figurino legal, do devido processo legal."

Mas, questionado se aconselharia o presidente a cessar com os ataques, diz que não se sente à vontade para qualquer tipo de conselho ao "campeão de votos", ainda que prefira atuar "num ambiente menos agressivo".

TSE/Divulgação

Tarcísio Vieira de Carvalho Neto, 49

Graduado em direito pela Universidade de Brasília, tem mestrado e doutorado em direito pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Democracia e Direitos Humanos no Ius Gentium Conimbrigae/ Centro de Direitos Humanos (IGC/CDH) de Portugal. Foi ministro do Tribunal Superior Eleitoral de fevereiro de 2014 a maio de 2021

Como se deu essa aproximação da campanha e do Bolsonaro? O conhecimento que eu tenho dele é muito formal, eu diria até diplomático, que veio desse relacionamento entre o tribunal e o Executivo.

Eu já estava no tribunal bem antes de conhecê-lo. Fui indicado duas vezes pela presidente Dilma [Rousseff, PT], uma vez pelo presidente [Michel] Temer [do MDB], e, na última, pelo presidente Bolsonaro.

O que o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, gizou nesta conversa [da contratação] é que o presidente teria feito a nossa indicação. Porque, de um lado, teríamos as capacidades necessárias para atuar na eleição, e, de outro, um perfil de conciliação com o tribunal.

Seria também um vetor para diminuir esses atritos recentemente crescentes entre o Executivo e o Judiciário.

O presidente tem histórico de ataques ao TSE, ao sistema eleitoral e a ministros. Isso será um problema durante a campanha? Não sei se um problema, porque pela primeira vez temos muitos personagens públicos, não só no Poder Executivo, mas também no Legislativo e no Judiciário, que têm esse comportamento ideológico, de verbalizar mais, de expor mais suas opiniões criticamente. Isso também é um comportamento de ministros de tribunais superiores.

Esses excessos são normais numa democracia, e acho muito mais positivo essa verborragia do que a mudez. Acho que as partes podem chegar a bons denominadores sem sacrifícios individuais de estilos políticos e jurídicos.

> Creio que sim [Bolsonaro respeitará o resultado da eleição], esse é o caminho do Estado democrático de Direito. As regras valem para todos, inclusive para o próprio Estado, para a Justiça Eleitoral

> Eu, particularmente, gostaria de atuar num ambiente menos agressivo, em termos de posturas tanto do tribunal quanto do Poder Executivo

O sr. aconselharia o presidente a cessar os ataques? O presidente é um vitorioso, um campeão das urnas. Elegeu-se sucessivas vezes com essa personalidade, e eu não me sinto à vontade para dar nenhum tipo de conselho político a quem já demonstrou nas urnas que tem densidade eleitoral.

Eu, particularmente, gostaria de atuar num ambiente menos agressivo, em termos de posturas tanto do tribunal quanto do Poder Executivo.

O sr. foi ministro do TSE por sete anos. Há algum desconforto em atuar em uma campanha de quem põe em dúvida a todo tempo a legitimidade do sistema? Isso faz parte da ideologia política, e ela não contamina a atuação jurídica profissional de qualquer advogado. É até extremamente comum campanhas eleitorais inteligentes contratarem advogados que tenham até outras preferências políticas, porque vão agir mais fora da paixão, e mais dentro de uma atuação racional.

Não tenho nenhum tipo de desconforto, muito ao contrário, acredito que esse período que passei no tribunal reafirmou minha crença que a boa advocacia deva ser desenvolvida dessa metodologia, mais profissionalizada.

A campanha presidencial seria, de longe, o ponto máximo das nossas carreiras jurídicas [dele e seus sócios]. Estamos muito honrados, com sinceridade total.

Vamos experimentar teses jurídicas novidadeiras. A questão da tecnologia é um desafio muito grande. A Justiça Eleitoral, que sempre se beneficiou em larga escala do uso da tecnologia, ao mesmo tempo se vê desafiada.

Em que sentido? Tivemos, recentemente, muita dificuldade com o controle das redes sociais.

Mas a Justiça Eleitoral conseguiu controlar bem na última eleição presidencial a questão do Facebook, do YouTube, já não conseguiu controlar de maneira tão eficaz a questão do WhatsApp e hoje se apresenta como um desafio inicial bem relevante essa reticência da rede Telegram nessa adesão a essa conciliação com a Justiça Eleitoral.

O ministro Luís Roberto Barroso sinalizou que o aplicativo pode ser bloqueado. É uma medida correta? A própria legislação prevê que o TSE possa baixar medidas que, do ponto de vista tecnológico, impeçam o desvirtuamento do debate eleitoral, para que não haja deterioração por fake news e inverdades.

Essa seria uma medida extrema, porque sempre será cotejada com princípios constitucionais, como a liberdade de expressão.

Apoiadores do presidente argumentam que feriria a liberdade de expressão. O sr. concorda? Esse, do ponto de vista jurídico, é o debate mais importante de todos os temas sobre propaganda eleitoral.

O exato limite da atuação da Justiça Eleitoral que é um desafio muito grande, porque não pode ser um terreno livre, a ponto de gerar o caos, mas também não pode ser o terreno tutelado pela Justiça Eleitoral, como se o destinatário daquela informação não pudesse ele mesmo ter a sua própria opinião.

Qual sua opinião sobre o voto impresso? Enquanto fui ministro do tribunal, sempre entendemos que o voto impresso é uma decisão do Congresso.

A Justiça Eleitoral não tem preferência política sobre nenhum tipo de sistema. O que ela tem de preocupação é que, a partir dessa decisão, muitas outras administrativas, institucionais, precisam ser tomadas.

Por exemplo, a nossa Constituição prevê que o voto seja secreto. O voto impresso pode trazer dificuldades adicionais quanto à proteção do sigilo, como, por exemplo, se uma impressora falhar e tiver de ser substituída. Essa máquina deveria ser desenvolvida com uma série de sofisticações.

A urna eletrônica [de hoje] tem essa vantagem de não estar ligada em rede, então uma fraude teria de ser feita a partir da inseminação artificial de cada uma delas.

Então, desde que superadas todas as dificuldades tecnológicas e jurídicas, que foram apontadas pelo STF quando suspendeu em caráter liminar a lei que obrigava o voto impresso, não seria um problema de per si para quem quer que seja.

Eu, particularmente, não sou a favor nem contra, acho que os dois sistemas funcionam bem.

Essas são decisões soberanas do Congresso, que têm que ser pautadas pelo texto constitucional, que já traz várias camisas de força, que vão impor à Justiça Eleitoral alguns comportamentos difíceis de serem imprimidos na prática.

Haja vista, por exemplo, que as próprias empresas que participaram da licitação falharam na montagem de uma urna eletrônica que pudesse imprimir o voto através de um túnel de acrílico.

O presidente sempre questiona a legitimidade das urnas eletrônicas. Mais recentemente voltou a falar que elas são vulneráveis. O sistema eleitoral é confiável? Parece-me que sim. As opiniões que eu tenho são todas na linha de que é. A própria Justiça Eleitoral sempre foi a maior interessada em detectar vulnerabilidades.

Como qualquer sistema eletrônico, falibilidades devem existir. Mas a Justiça Eleitoral sempre faz planos periódicos, permanentes, de observação dessas vulnerabilidades, teste de segurança pública, submete a urna a ataques hackers.

Inclusive, muitos críticos da urna eletrônica se elegeram pelo uso da própria urna eletrônica.

O presidente, por exemplo... A discussão é legítima. O presidente, inclusive, é autor do projeto do voto impresso. É um debate legítimo, em termos democráticos.

Mas é democrático o presidente colocar em dúvida um sistema pelo qual ele foi eleito e pelo qual busca agora a reeleição? Essa pergunta poderia ser dirigida a ele. Do meu ângulo, ele representa também uma parcela significativa da sociedade que tem interesse nesse debate. Isso é democrático. As coisas da democracia se resolvem a partir desses enfrentamentos.

O Estado alemão, por exemplo, restituiu o voto impresso não porque houvesse algum tipo de comprovação de fraude, mas apenas pela sensação de segurança que o voto impresso produzia na coletividade.

A pergunta que a Justiça Eleitoral sempre se fez é: em nome dessa sensação, vale a pena gastar R$ 2 bilhões? Se o Congresso disser vale, se faz. Se disser não vale, não se faz.

O que estamos produzindo aqui é sensação, e ela é suficiente para mover paixões em qualquer direção.

O presidente vai respeitar o resultado da eleição, independentemente de qual for ele? Creio que sim, esse é o caminho do Estado democrático de Direito. As regras valem para todos, inclusive para o próprio Estado, para a Justiça Eleitoral.

Não há nenhum tipo de espaço para condutas fora do figurino legal, do devido processo legal. Pelo menos, a crença que se tem no funcionamento da democracia parte dessa consideração inicial, do respeito à lei e ao Estado de Direito.

O presidente tem desferido repetidos ataques a ministros do TSE, em especial Alexandre de Moraes, que estará no comando da corte durante a eleição. Isso pode atrapalhar? Acredito que não deveria atrapalhar. Qualquer personagem político, qualquer pessoa em geral, não precisa ser amigo de quem quer que seja, mas do ponto de vista democrático existem papéis institucionais que precisam ser desenvolvidos com respeito, urbanidade, e, se houver respeito e urbanidade, as teses jurídicas vão ser debatidas com a maior verticalidade possível. Quem tiver direito ganha, quem não tiver direito perde.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

O que farão se ele não aceitar?

Imprensa deveria se unir para tirar das redes sociais respostas sobre a eleição

José Henrique Mariante

Folha, UOL, O Estado de S. Paulo, O Globo, Extra e G1 formaram consórcio em 2020 para levantar dados da pandemia e escapar da manipulação de informações que o governo Bolsonaro então ensaiava como política de estado. Para situações excepcionais, remédios excepcionais. A iniciativa rendeu uma cobertura isenta e muito bem-sucedida.

A Covid-19 arrefece no mundo inteiro e, ao que tudo indica, assim será também no Brasil. A expertise do premiado trabalho coletivo deveria se voltar agora ao próximo desafio, as eleições de outubro, evento crucial para uma geração.

Se antes havia objetivos claros a justificar a união de forças na maior emergência sanitária em décadas, como a apuração correta dos fatos e a defesa da ciência em um ambiente de desinformação, a próxima empreitada teria razões de outra ordem, mas não menos desafiadoras: a proteção do processo eleitoral e, em última instância, da democracia.

(Os tempos andam literais, então reforço: defesa da democracia, não deste ou daquele candidato, tarefa de eleitores.)

A última semana mostrou que a campanha de Jair Bolsonaro à reeleição se alimentará, quando necessário, das insinuações golpistas, dos ataques ao Poder Judiciário e ao sistema de urnas eletrônicas. A retomada das ameaças, que tiveram seu ponto máximo durante os eventos em torno do 7 de Setembro, não é mero desespero de quem se vê acuado pelas pesquisas. Pressionado por aliados a esquecer o discurso antivacina, algo que a maioria absoluta da população não aceita, o presidente reavivou as querelas do ano passado. Alimentar conspirações é plataforma de campanha.

As instituições estão funcionando, mas é ingênuo imaginar que vamos ficar no pingue-pongue das altercações verbais. Há boa vontade, notadamente do Tribunal Superior Eleitoral, mas também dissimulação de outros órgãos públicos, muitos deles aparelhados. Mais importante, longe dos gabinetes a internet tratará de levar a coisa a ponto de fervura, e o novo consórcio deveria começar por ela.

É imperativo que as redes sociais tornem públicas suas regras para as eleições no Brasil. Reportagem de Patrícia Campos Mello, da última semana, mostra que apenas o Twitter respondeu à questão fundamental para o processo: o que a plataforma fará em caso de contestação do resultado e incitação à violência. Google/YouTube, Facebook, TikTok e Kwai não disseram ainda como vão reagir se ocorrer uma tempestade de desinformação como a que assolou os EUA em janeiro de 2021 e culminou na invasão do Capitólio, em Washington. Já o Telegram ignora olimpicamente as tentativas de contato do TSE.

A mídia profissional deveria cobrar transparência e posicionamento público dessas empresas. Quais são as regras? Não tem regras? Tudo bem, mas que isso fique registrado e que o departamento de relações públicas se vire depois para resolver o problema. Como já comentado nesta coluna, o planeta estará assistindo ao pleito brasileiro e ao comportamento das redes.

Além de esclarecer as regras do jogo, o consórcio poderia também dividir a tentacular tarefa de acompanhar o comportamento subterrâneo das campanhas nas diversas plataformas, principalmente nas menos óbvias. "O centro de comando, de controle das ações, estará em redes novas como o Gettr. Acompanhar esse tipo de coisa é jornalismo investigativo", diz Ronaldo Lemos.

O colunista da **Folha** vai mais longe que o ombudsman e imagina um consórcio internacional, como os dos casos Edward Snowden e Panama Papers. "A crise das democracias é tema de interesse mundial. Parcerias poderiam ser feitas com veículos de imprensa, entidades civis e organismos internacionais. Uma paradiplomacia. Não dá mais para esperar ação apenas dos órgãos públicos", afirma Lemos, que sugeriu em sua última coluna uma troca de informações e procedimentos entre Brasil e Alemanha no caso Telegram.

A verdade é que o campo extremista já vive essa internacionalização há tempos, com intercâmbio financeiro e logístico. Não foi o próprio Steve Bannon quem disse que a eleição brasileira era a segunda mais importante do mundo?

Prêmio Ig Nobel

Silêncio estratégico é uma prática para evitar a disseminação de fake news. Viu algo que não presta? Simplesmente não repasse. A **Folha** perdeu tal oportunidade na semana passada. Ricardo Salles foi um dos tantos bolsonaristas a defender o Nobel da Paz para um Bolsonaro que só fez posar ao lado de Vladimir Putin. A história era tão absurda que o próprio ex-ministro se viu obrigado a ir a público dizer que era uma brincadeira — no caso, eufemismo para fake news. Antes disso, porém, a **Folha** publicou-a como fato. Depois, é claro, mudou título e texto para dizer que era mentira.

Silêncio constrangedor.

Juliana Freire

O TSE fala demais

O tribunal se mete onde não deve e acaba constrangido

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O ministro Edson Fachin assumirá a presidência do Tribunal Superior Eleitoral, depois de uma entrevista bombástica. Ele fica na cadeira até agosto. Fará uma gestão estelar se impuser a Edson Fachin e a alguns colegas um sistema de cotas para as próprias falas. Cada um e todos, só deverão ir aos holofotes, de forma que apareçam mais por seus votos e despachos do que por seus discursos. Em bom português, trabalhar mais e falar menos. Seria muito pedir que sigam a discrição da ministra Rosa Weber, do STF, mas algum limite precisa ser colocado. A ministra diz a quem quiser ouvir que não vai a eventos e não dá entrevistas. Não é arroz de festa.

O tribunal meteu-se a trazer militares para a discussão das urnas eletrônicas e colocou o general da reserva Fernando Azevedo e Silva na sua diretoria. Foi a carga da cavalaria ligeira dos ingleses na Batalha de Balaclava, um lindo desastre para um filme, uma celebração para a literatura. O general foi embora e a mistura do Exército com a eficácia das urnas foi transformada por Jair Bolsonaro em mais um de seus espetáculos semanais. A vivandagem, com o tribunal indo aos granadeiros, resultou apenas num constrangimento.

Nos últimos anos o Judiciário brasileiro deu-se bem em dois episódios marcantes. Joaquim Barbosa presidiu o STF no caso do mensalão falando nos autos e nas sessões. Anos depois, o próprio TSE atravessou o processo de cassação da chapa Dilma Rousseff-Michel Temer sem espetáculos além do próprio julgamento.

As campanhas eleitorais têm de tudo, e o que todo candidato quer é um antagonista que lhe garanta 15 minutos (ou 15 horas) de fama. Os ministros não precisam entrar nessa várzea, até porque o que dizem fora dos tribunais tem pouca serventia. Delinquentes não temem a oratória de magistrados, mas apenas suas decisões. Um tribunal falando a torto e a direito torna-se um laboratório que vende remédios onde há só a marca e a bula.

Nos Estados Unidos há um ex-presidente insistindo que lhe roubaram a eleição. Da Corte Suprema saíram decisões e alguns parágrafos de falas do juiz John Roberts.

Lord Ismay e a Otan

Hastings Lionel Ismay foi um tremendo sujeito. Nasceu na Índia e morreu na Inglaterra em 1965, aos 78 anos, com o título de Barão Ismay. Em 1940 Winston Churchill nomeou-o seu assistente militar e Ismay acompanhou-o dos dias em que a tropa inglesa estava encurralada em Dunquerque até sua entrada na Alemanha vencida, em 1945. Churchill nunca escondeu o quanto lhe devia.

Ismay viu de tudo e em 1947 tornou-se o primeiro secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan. Foi dele a mais curta e precisa definição dos objetivos daquela aliança militar: "Manter os americanos dentro, os russos fora e a Alemanha embaixo".

Passaram-se 73 anos, a Alemanha sacudiu a poeira e deu a volta por cima, a União Soviética se acabou e os Estados Unidos deixaram de ser na Europa a potência que eram nos anos seguintes à Segunda Guerra.

Como Lord Ismay já se foi, não se pode saber qual serventia ele atribuiria à Otan de hoje. Se é para conter uma secular expansão russa, colocando bases militares dentro de um território que foi seu, falta combinar com o resto do mundo.

Maggi virou o jogo

Em 2005 Blairo Maggi governava Mato Grosso, era um dos maiores produtores de soja do mundo e ganhou da ONG Greenpeace o prêmio Motosserra de Ouro.

Passaram-se os anos e a Forest 500, instituição que mapeia o compromisso empresarial com a defesa do meio ambiente pelo mundo afora, colocou a Amaggi, da qual ele é o principal acionista, no topo da lista das companhias que respeitam as florestas tropicais e combatem o desmatamento.

Maggi reorientou a estratégia de suas empresas e virou o jogo. Desde o primeiro momento, ele foi um crítico da inútil irracionalidade da atual política ambiental brasileira.

Continua sendo um campeão do agronegócio, sem ter o seu nome associado a malfeitorias. Ninguém é obrigado a ser agrotroglodita.

Eremildo, o idiota

Eremildo é um idiota e ouviu o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, pontificando diante de mais de uma centena de mortos em Petrópolis. O doutor disse o seguinte:

"O que a gente tem que entender é que há uma dívida histórica desde outras tragédias que tiveram. [...] Foi a maior chuva desde 1932. Unir uma tragédia histórica com um déficit que realmente existe causou esse estrago todo. Que sirva de lição para que dessa vez a gente aja diferente".

Afora o português encharcado, o cretino acha que Castro não entendeu nada e, com uma postura professoral, quer que os outros entendam sabe-se lá o quê. O governador tem até as chuvas do próximo verão para explicar o que vem a ser "o déficit que realmente existe".

A gestão de Castro gastou apenas 42% das verbas orçamentárias para a prevenção de enchentes. O dinheiro simplesmente foi para outro lugar.

Não são os outros (que pagam os impostos) que precisam de lição, ele é que poderia ter feito o dever de casa.

Recorrer à retórica da bobagem diante de uma tragédia traz falta de sorte. Em 2010, o então governador Sérgio Cabral culpou as vítimas da enchente dizendo que "com a natureza não se brinca". Não se devia brincar com a natureza nem com otras cositas más e deu no que deu.

PT alerta

O PT ligou seu sistema de alerta diante da conjunção de um incompreensível clima de já ganhou com um inexplicável salto alto.

Memória da igreja

Com a morte de Candido Mendes de Almeida foi-se uma parte preciosa da história política da Igreja Católica brasileira. Irmão de um bispo, neto de conde, bisneto de senador e trineto do marquês de Paraná, conhecia o Brasil com os pés no andar de cima e a cabeça no de baixo.

Ele foi uma das principais peças na virada da hierarquia católica na reunião do episcopado de 1970, documentando casos de tortura de presos.

Tinha uma memória prodigiosa e gosto pelos detalhes. Por exemplo: Paraná, o grande ministro do Império e arquiteto da Conciliação, morreu em 1856 numa das epidemias do Rio. Velado na velha catedral, a família aproveitou a madrugada para descansar em casa. Quando voltaram, o marquês estava sem o fardão de senador e as condecorações nele espetadas.

Candido ouvia e costurava tanto que caiu no grampo do Serviço Nacional de Informações e do Centro de Informações da Aeronáutica em pelo menos quatro ocasiões. Sempre batalhando por presos.

Tomara que tenha deixado registros.

Presidenciáveis começam campanha pelo rádio

Só na primeira quinzena do mês, Lula, Bolsonaro, Moro e Ciro deram cerca de 30 entrevistas a emissoras pelo Brasil

Ranier Bragon

BRASÍLIA Os quatro pré-candidatos à Presidência da República mais bem colocados nas pesquisas de intenção de voto deram cerca de 30 entrevistas na primeira quinzena de fevereiro, a maioria delas para rádios do interior do país, uma tônica da atual pré-campanha.

Os estilos de Lula (PT), Jair Bolsonaro (PL), Sergio Moro (Podemos) e Ciro Gomes (PDT) são diferentes, mas o objetivo é coincidente.

As entrevistas às rádios, geralmente, ocorrem em um clima mais receptivo e informal do que para TVs e grandes veículos de comunicação. Isso dá ao político uma oportunidade maior de abordar temas de seu interesse e explorar discursos testados em pesquisas qualitativas.

Embora à primeira vista pareça irrisório do ponto de vista de uma eleição nacional Lula dar uma entrevista para a rádio Progresso FM, de Juazeiro do Norte (CE), como fez na quinta-feira (17), o público-alvo não é o ouvinte habitual da emissora da região do Cariri.

A ideia é que a sua fala repercuta em outros órgãos de comunicação, além de os "melhores momentos" serem imediatamente recortados para as redes sociais.

A rádio de Juazeiro, por exemplo, não transmite seu jornal pela internet, mas a equipe de Lula sim.

Para isso, o entrevistador, João Hilário, foi gravado no estúdio de Juazeiro e Lula, no escritório de São Paulo onde tem dado todas as entrevistas, com captação de imagem e som de alta qualidade, sob o comando de Ricardo Stuckert, o repórter-fotográfico que o acompanha há duas décadas.

Ainda na quinta, a entrevista completa foi postada nas redes do petista, com destaque para a afirmação de que "é possível o Brasil voltar ao pleno emprego" e uma foto do petista sorridente — Lula vestia um blazer sobre uma camisa de malha, figurino que tem adotado em praticamente todas as entrevistas.

João Hilário é âncora do jornal da rádio há cerca de três anos e meio, é filiado ao PDT e já foi por duas vezes prefeito de Barbalha, próxima a Juazeiro, mas diz que não exerce mais atividades políticas.

Ele diz que pediu ao deputado federal José Guimarães (PT-CE) para intermediar o pedido de entrevista. Duas semanas depois, Hilário conta que a assessoria de Lula entrou em contato.

"Ele me deu toda a liberdade, disse que poderia perguntar tudo, sem limites", diz Hilário, que ressalta que seu programa é imparcial, sem vinculação a nenhuma corrente política.

Lula deu ainda entrevistas em fevereiro para a Rádio Tupi FM (Rio) e à Rádio Clube, de Recife, entre outras.

Jair Bolsonaro sempre utilizou, no mandato, as falas às rádios. Em suas lives de quinta-feira, por exemplo, ele responde a perguntas do programa Pingo nos Is, da Jovem Pan, com postura notadamente simpática ao seu governo.

O programa transmite suas lives na íntegra, como a de sexta-feira (18), que ocorreu com um dia de atraso devido à viagem do presidente à Rússia. "Obrigado ao pessoal que está assistindo à Jovem... [se corrige] À minha live. Quando acabar aqui, bota na Jovem Pan, canal 576", disse Bolsonaro depois de reclamar que havia ainda mais duas perguntas da emissora. "Mais duas? Vamos embora, rápido, pensei que ia acabar mais cedo hoje."

Bolsonaro também concedeu entrevista em fevereiro, entre outros, para a Voz do Brasil, o programa estatal com retransmissão obrigatória por todas as rádios do país.

> “Uma emissora de nada tem dez ouvintes. Se falar algo bombástico, a repercussão também é bombástica devido à rede social. Hoje não estamos na idade média, estamos na 'idade mídia'
>
> **Bibo Nunes**
> deputado federal (PSL-RS)

Sergio Moro foi o que mais entrevistas a rádios deu em fevereiro. Ele foi presencialmente a estúdios no Ceará, Piauí e São Paulo.

"Durante o meu período de gestão no Ministério da Justiça, os crimes caíram substancialmente. Não houve igual queda em qualquer outro período", afirmou o ex-juiz em trecho de sua entrevista à Rádio Verdes Mares (Fortaleza) postado por sua pré-campanha nas redes sociais.

A queda de homicídios verificada no ano de 2019, porém, seguiu uma tendência do ano anterior e não tem relação com a gestão federal, ressaltam especialistas. A segurança pública ainda é, majoritariamente, função dos governos estaduais.

Ciro, que tem em sua equipe o marqueteiro João Santana, adota há tempos uma presença constante e agressiva nas redes, com visual voltado ao público jovem.

Em seus programas semanais — o "Ciro Games, a Live do Cirão" —, ele faz "reacts" políticos, comentando vídeos de adversários. Suas idas a rádios se juntam ao farto material produzido em pílulas para as várias redes sociais.

Foi justamente em uma rádio, em 2002, que Ciro cometeu um dos maiores erros de sua carreira. O então candidato à Presidência chamou de burro um ouvinte que havia ironizado sua promessa de não distribuir cargos, caso eleito, perguntando se ele não estaria querendo ser presidente da Suíça.

Ciro reconheceu o erro, mas o ato foi explorado à exaustão pela campanha do então adversário José Serra (PSDB).

A legislação eleitoral é permissiva em relação à pré-campanha, só havendo ameaça de punição caso haja pedido explícito de voto. O período oficial só começa em 16 de agosto.

"O rádio não informa. Forma. É o que muda a opinião das pessoas. O Lula gosta de falar a rádios. É extremamente importante, tem uma credibilidade muito grande", diz Jilmar Tatto, secretário de Comunicação do PT.

"O Brasil é um país muito plural, diverso. Acho que essas rádios têm um papel muito importante na democratização da informação", reforça Reginaldo Lopes (MG), líder da bancada do PT na Câmara.

Para o deputado Bibo Nunes (PSL-RS), aliado de Bolsonaro, não importa o tamanho da rádio. "Uma emissora de nada tem dez ouvintes. Se falar algo bombástico, a repercussão também é bombástica devido à rede social. Hoje não estamos na Idade Média, estamos na 'idade mídia'", diz.

Consultor de comunicação e marketing do Podemos, Fernando Vieira lembra que toda rádio hoje é praticamente uma TV, transmitindo pela internet, o que eleva o alcance.

"Rádio é o melhor meio de comunicação do país. Tem capilaridade e capacidade de atingir a população mais humilde", diz o deputado André Figueiredo (PDT-CE), aliado de Ciro.

Nas ondas do rádio

Só nos 15 primeiros dias de fevereiro, os quatro pré-candidatos mais bem colocados nas pesquisas eleitorais deram cerca de 30 entrevistas, a maioria delas a rádios do interior do país

LULA (PT)
Costuma dar entrevista pela internet, de SP, geralmente vestindo um paletó e uma camisa de malha por baixo

BOLSONARO (PL)
Em praticamente todo o mandato, teve como prática entrevistas para rádios de fora do circuito SP-RJ

MORO (PODEMOS)
Dos quatro foi o que mais deu entrevistas para rádios na primeira quinzena de fevereiro

CIRO (PDT)
Já explora há muito tempo os meios digitais e também tem extensa agenda de entrevistas a rádios

Fernando Haddad (à esq.) conversa com Márcio França; os dois discutem definição de chapa para concorrer ao Governo de São Paulo Acervo pessoal

Federação entre PT e PSB esfria, e Lula deve ter encontro com França

Ex-presidente quer resolver entrave por candidatura em SP em reunião com o ex-governador

Carolina Linhares, Julia Chaib e Victoria Azevedo

SÃO PAULO E BRASÍLIA Em meio aos desentendimentos entre PT e PSB para a formação de uma federação, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deverá ter um encontro com o ex-governador Márcio França (PSB) na tentativa de resolver um dos entraves na negociação entre os partidos: a eleição de São Paulo.

O PT está decidido a lançar o ex-prefeito Fernando Haddad (SP) na disputa pelo governo. Já França não abre mão de se candidatar ao Palácio dos Bandeirantes pelo PSB.

Sem resolver essa questão, tanto petistas como integrantes do PSB avaliam que a federação, que prevê a união formal dos partidos ao longo de quatro anos, tende a não sair do papel.

Além desse, há outros imbróglios que travam o acordo entre as siglas, que também conversam com PV e PC do B para formar a união de partidos.

Entre eles, estão a disputa aos governos do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo, preocupações sobre o cenário nas eleições municipais em 2024 e divergências a respeito da composição do órgão que comandará a federação.

Irritado com os rumos das negociações, o presidente do PSB, Carlos Siqueira, chegou a afirmar a aliados na semana passada que, se o PT não ceder em algumas demandas, são difíceis as chances de a união ser concretizada.

Lula, por sua vez, tem dito a pessoas próximas querer muito a federação e haver a possibilidade de ela ser realizada.

A expectativa de aliados do petista é que o ex-presidente tenha uma reunião com França nos próximos dias, o que ocorreria após a viagem do petista ao Rio de Janeiro. Diante da tragédia em Petrópolis, Lula cancelou a agenda na cidade, que foi adiada para março, depois da ida ao México.

Além disso, uma nova rodada de conversas entre PT, PSB, PV e PC do B ocorrerá nesta semana.

Depois de as desavenças se tornarem públicas com troca de farpas em entrevistas à Folha, tanto PT quanto PSB decidiram empurrar a questão da federação para a frente —o STF (Supremo Tribunal Federal) deu prazo até 31 de maio para a formalização das alianças.

O PT estabeleceu que só baterá martelo a respeito da federação depois da janela partidária, que se encerra em 1º de abril. No PSB, porém, a expectativa é que antes do período aberto para trocas de siglas já exista um sinal claro se haverá ou não a união.

A pressão pela definição do cenário parte principalmente da bancada do PSB no Congresso, que quer uma resolução antes do fim da janela para que deputados possam se movimentar caso necessário. Cerca de dez deputados estariam inclinados a deixar o partido se a federação não for concretizada.

Além de eventualmente brecar saídas, a definição a respeito da união com o PT também pode facilitar migrações ao PSB. Isso porque o instrumento seria importante para possibilitar a criação de chapas em estados onde há dificuldades para a sigla.

Na prática, a federação pode facilitar a eleição de quadros a cargos proporcionais, como é o caso dos deputados federais.

Majoritariamente a favor da aliança, a bancada do partido fez sugestões que foram levadas à mesa de discussões com as demais legendas. As demandas são no sentido de garantir mais autonomia e identidade ao partido.

Por exemplo, o PSB defende que todas as decisões sejam tomadas por ao menos 4/5 dos membros do órgão diretor da federação, que terá 50 integrantes.

A proposta de composição atual foi feita com base no tamanho das bancadas dos partidos no Congresso e prevê que 27 membros da assembleia sejam do PT, 15 do PSB, 4 do PV e 4 do PC do B.

O PSB tenta mudar essa composição para ter mais membros e sugeriu que os partidos levem em conta a quantidade de prefeitos de cada sigla —critério em que os pessebistas se saem melhor—, mas a proposta deve ser rejeitada.

Segundo o deputado Bira do Pindaré (PSB-MA), líder da bancada na Câmara, há a preocupação que exista um equilíbrio entre as forças das legendas que irão compor a aliança.

"A federação é uma coisa nova, nunca existiu antes, é natural que a gente discuta as propostas. Haverá algumas que concordamos e outras que não. Estamos na expectativa de que haja um entendimento entre os partidos. Há um desejo enorme na bancada de que a federação seja viabilizada", diz o deputado.

Apesar das divergências, políticos de ambas as siglas manifestam que o tempo pode ajudar a diluir os entraves ao acerto. De acordo com Márcio França, o foco no momento deve ser o esforço de união pela democracia –ou seja, a construção do apoio de um leque de partidos a Lula.

"O mais importante é a construção de uma frente pela democracia. O que falamos e estamos reafirmando é que queremos caminhar juntos e vamos tentar caminhar juntos", diz o ex-governador à Folha.

Entre petistas próximos a Haddad, por outro lado, a avaliação é a de que a federação pode ter sido inviabilizada de vez pelo jogo duro de Siqueira e França na negociação.

As pontes entre Haddad e França estão desgastadas. Os atritos na relação podem, inclusive, atrapalhar a formação de uma chapa conjunta em São Paulo, em que um ou outro possivelmente teria que concorrer ao Senado.

A equipe de Haddad e o entorno de França já admitem um cenário em que ambos concorram —o primeiro com apoio de Lula e Alckmin, e o segundo com apoio de Alckmin.

A análise entre petistas é que a candidatura de França em SP poderia beneficiar o nome de Haddad, já que o pessebista disputaria votos do centro, atrapalhando Rodrigo Garcia (PSDB), escolhido pelo governador João Doria (PSDB) para a sucessão.

Como informou a coluna Mônica Bergamo, pesquisas internas do PT mostram que, quando França sai da disputa, seus votos vão em grande parte para o vice-governador. Com isso, Haddad correria pela esquerda e teria mais chances de segundo turno.

Aliados do ex-prefeito acreditam que a disputa no estado irá refletir o cenário nacional, com um possível embate com o ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura), que conta com apoio do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Na semana passada, o diretório estadual do PT divulgou dois documentos: um de apoio à federação e outro com endosso à candidatura de Haddad.

Além de ressaltar que a federação é uma importante ferramenta para a eleição de Lula, o diretório afirmou que ela também assegura a governabilidade e pregou a necessidade de que esse processo esteja ligado ao "respeito à expressão de cada partido no cenário nacional e sua capilaridade política".

O presidente estadual da sigla, Luiz Marinho, defende a federação, mas afirma que o PSB "precisa definir se quer estar nela ou não". "E a gente [vai] construir com as possibilidades que estão colocadas à mesa. Acredito sinceramente que é possível. Tem tempo hábil para as coisas se afunilarem e estarmos juntos nessa empreitada", diz Marinho, ressaltando que não fala em nome da direção nacional do PT.

Interlocutores de Haddad e de França afirmam que ambos têm esperança na unidade e que mantêm a disposição de encontrar uma solução para a aliança. Mesmo que a federação não prospere, a coligação ou ao menos o apoio do PSB a Lula já estariam garantidos.

França defende usar o resultado de pesquisas como critério para determinar o candidato ao Palácio dos Bandeirantes. Ele diz que a direção do PT concordou em usar pesquisas, apesar de o próprio presidente do PSB ser um crítico a esse método.

O que faltaria acertar é justamente qual pesquisa, em qual mês e baseada em qual pergunta, já que França chega a empatar com o petista dependendo da formulação.

O ex-governador aposta que herdará a maior parcela de votos de Alckmin. Já aliados de Haddad avaliam que França joga sem ter cartas —está em segundo nas pesquisas, foi alvo de uma operação policial e não tem o apoio integral do seu partido, pois líderes do PSB do Nordeste pressionam pela federação.

Até pela leitura de que a candidatura de França não é um interesse pelo qual valha o PSB desistir da federação, alguns petistas apostam que as resistências serão quebradas com o tempo e a aliança de quatro anos deve se concretizar.

> "O mais importante é a construção de uma frente pela democracia. O que falamos e estamos reafirmando é que queremos caminhar juntos e vamos tentar caminhar juntos
>
> **Márcio França**
> ex-governador de São Paulo

+

Saiba mais sobre as federações partidárias

Qual o objetivo das federações? Seu maior objetivo é incentivar as fusões entre as siglas, pois há um número excessivo de partidos políticos no Brasil. Mas, mesmo que não ocorra a fusão dos partidos federados, cada federação partidária que vier a ser constituída funcionará, no mínimo, durante quatro anos. A ideia é estimular a aproximação programática e ajudar os eleitores a entenderem melhor o que as siglas têm ideologicamente em comum

Quais as semelhanças entre federações partidárias e coligações? A federação e a coligação se assemelham no processo eleitoral, afirma Pedro Fasori Arruda, cientista político e professor da PUC-SP. "Durante a campanha, funciona da mesma maneira para a montagem do número de cadeiras, a distribuição do tempo no horário eleitoral, a prestação de contas, o cálculo do quociente eleitoral", afirma

E quais as diferenças? Nas coligações, os partidos se uniam só para disputar a eleição, em acertos que variavam de estado a estado. Abertas as urnas, eles não tinham nenhum compromisso entre si. Já nas federações os partidos são obrigados a atuar de forma unitária nos quatro anos seguintes. Outra diferença é que na federação a aliança é total: os mesmos partidos deverão ser parceiros nas disputas nacionais (Congresso e Presidência) e também nas regionais (governo estadual, prefeitura, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais).

Como funcionarão as federações? As federações precisarão ter um programa compartilhado por todos os partidos que a compõem. Nos parlamentos, as bancadas de eleitos por federação precisarão atuar em conjunto

O que ocorre com um partido que desista da federação depois das eleições? O partido sofrerá restrições, como o não acesso ao fundo partidário durante o período que faltar para encerrar os quatro anos mínimos. A federação só permanecerá em vigor se ao menos duas outras siglas continuarem unidas

Cidadania decide se unir ao PSDB em federação partidária

Flávio Ferreira

SÃO PAULO O Cidadania decidiu compor uma federação partidária com o PSDB em reunião do diretório nacional neste sábado (19).

Os tucanos saíram vencedores após discussões que envolveram também o PDT, do pré-candidato à Presidência da República Ciro Gomes (CE), e o Podemos, que cogita lançar o ex-juiz Sergio Moro (PR) para a disputa ao Palácio do Planalto. O PSDB tem o governador de São Paulo, João Doria, como pré-candidato ao Executivo federal.

O órgão da cúpula do Cidadania chegou à decisão após votação em dois turnos. No primeiro, o PSDB obteve 54 votos, ante 37 para o PDT e 14 para o Podemos, e houve 5 abstenções.

Na rodada final, os tucanos foram escolhidos por 56 dirigentes e o PDT por 47, com 7 abstenções.

De acordo com nota do Cidadania, "agora as Executivas dos dois partidos irão aprofundar as negociações sobre as regras da federação. Entre elas, a que estabelece prioridade na aliança para governadores candidatos à reeleição".

Em reunião anterior, o diretório nacional do Cidadania havia decidido integrar uma federação, porém com a manutenção da pré-candidatura do senador Alessandro Vieira (SE) na eleição presidencial.

Todavia, logo após a divulgação do resultado, a campanha de Doria enviou nota a jornalistas sinalizando que a federação terá o tucano à frente da chapa no pleito de outubro.

"O Diretório Nacional do Cidadania decidiu neste sábado, dia 18, em votação, que seguirá para a eleição nacional de 2022 junto com o PSDB. Os presidentes dos dois partidos, Roberto Freire e o tucano Bruno Araújo, vinham costurando o acordo em volta do nome de João Doria para Presidente da República. Este é o primeiro movimento formal de apoio de um partido na decisão do xadrez eleitoral para o Planalto em 2022", afirmava a nota.

Na sequência, o presidente do Cidadania Roberto Freire emitiu nota indicando que ainda não há definição sobre quem será o candidato da federação.

"Nos entendimentos prévios à decisão deste sábado, tanto Cidadania quanto PSDB deixaram claro que têm candidatos à Presidência da República, Alessandro Vieira (SE) e João Dória (SP), respectivamente. Ambos os partidos decidirão o nome que representará a federação no processo de consolidação da aliança", afirmou Freire.

Segundo o líder partidário, "a decisão por uma federação com o PSDB é um exemplo de que começa a haver um processo de aglutinação do centro democrático a indicar uma grande composição para derrotar tanto Bolsonaro quanto Lula nas eleições de outubro".

As federações partidárias foram instituídas na reforma eleitoral aprovada no ano passado. Seu maior objetivo é incentivar as fusões entre as siglas, pois há um número excessivo de partidos políticos no Brasil.

Caso decidam pela parceria, os partidos devem ficar juntos pelos próximos quatro anos. Esta será a primeira vez que o pleito contará com essa possibilidade.

Kassab (à esq.) observa Pacheco discursar em ato do PSD Pedro Gontijo - 24.nov 2021/Divulgação Senado

Gilberto Kassab, 61

Economista e engenheiro civil, foi deputado federal, vice-prefeito e prefeito de São Paulo e ministro nos governos Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB). Pertenceu ao PL, PFL, DEM e, em 2011, fundou o PSD, que preside.

Kassab testa limites com jogo múltiplo em costuras do PSD

Presidente do partido acena a Lula, Ciro e Leite em nome de unidade da sigla

Joelmir Tavares

são paulo Não que seja exclusividade dele nesta fase de incertezas do jogo eleitoral, mas uma passada de olhos pelas falas e movimentações recentes do presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, pode dar a impressão aos mais desavisados de que o ex-ministro esteja afoito ou até perdido.

Mas há estratégia, e das sofisticadas, segundo correligionários e potenciais aliados ouvidos pela **Folha**.

Isso explicaria a existência simultânea do discurso de que o partido terá candidato próprio à Presidência da República, da insinuação (desmentida um dia depois) de aliança com o PT do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno e do flerte em alguns estados com o PDT de Ciro Gomes.

À primeira vista conflitantes, todas as hipóteses cabem hoje no balaio do ex-prefeito da capital paulista, que em 2011 fundou o Partido Social Democrático com a antológica definição de que a legenda não seria "nem de direita, nem de esquerda, nem de centro".

A marca do pragmatismo é apontada no universo político como a razão de Kassab para empurrar as conversas até o limite em que seja possível ter algum grau de certeza de que estará perto do projeto com maior chance de vitória, ao lado do objetivo maior de engordar as bancadas da sigla.

O esforço para manter a unidade na agremiação, que comporta simpatizantes de Lula e de Jair Bolsonaro (PL) e busca o rótulo de maior partido de centro no país, está por trás do plano de candidatura autônoma, na visão de interlocutores.

A pré-candidatura do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), no entanto, já é descartada, dentro e fora do PSD, diante da postura vacilante do senador. O próprio Kassab indicou concordar com isso ao abrir diálogo com o tucano Eduardo Leite.

Apesar de Pacheco ter frustrado seus planos até aqui, o dirigente mantém tom cordial com o aliado, à espera da desistência. É uma demonstração, segundo pessoas que orbitam o ex-prefeito, de seu modo diplomático de fazer política, pouco dado a rompantes ou ataques públicos.

O afastamento dele do governador João Doria (PSDB), por exemplo, ficou restrito aos bastidores. Sua saída do cargo no governo paulista — que nem chegou a assumir, após virem à tona acusações de corrupção passiva e falsidade ideológica eleitoral — envolveu até elogios abertos.

A ala do PSDB que trabalha pela candidatura de Leite vê condições para avanço com o PSD. Nesta semana, a filiação do governador do Rio Grande do Sul, derrotado por Doria nas prévias tucanas, passou a ser tratada como certa por alas do partido de Kassab.

Leite pediu garantias de que terá coligação robusta e não será abandonado pelo partido. A confirmação da troca só deve ocorrer após a retirada de campo de Pacheco.

Nos cálculos da ala do PSD favorável ao lançamento de postulante próprio ao Planalto, isso ajudaria os candidatos ao Legislativo a se desvencilharem da polarização entre Lula e Bolsonaro. Eles poderão se escorar no nome de um quadro do partido caso optem por uma campanha de tom neutro.

Um dos argumentos em favor da ideia é o de que isso contribuiria para a meta de ampliar as bancadas nos estados e na Câmara, onde hoje há 25 parlamentares do PSD. As projeções mais otimistas falam em dobrar o número de deputados federais e elevar o de senadores dos atuais 11 para ao menos 15.

Por esse raciocínio, o primordial para conter rebeliões em uma legenda heterogênea e repelir rachas é ter candidato próprio. Um integrante do grupo de Leite, que compara Kassab a um piloto que precisa administrar vontades conflitantes, diz que a única rota é equilibrar a situação interna.

Paralelamente, avança o assédio de Lula pelo apoio do partido ao PT já no primeiro turno, dado que no segundo uma adesão já é dada como certa caso o adversário seja Bolsonaro. O enfrentamento entre os dois é o mais factível à luz das atuais pesquisas de intenção de voto.

Kassab, até então empenhado em rebater a possibilidade de coligação imediata com o ex-presidente, deu sinais há alguns dias de que a chance não está fora de seu radar. Ela envolveria, contudo, prós e contras nada irrelevantes.

A vantagem óbvia estaria na expectativa de cargos —o próprio dirigente do partido foi ministro de Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB)— em eventual governo de Lula. O ex-presidente se mostra disposto a uma conversão ao centro para ganhar o pleito e conseguir governar.

Um fator determinante nessa equação, porém, é a hipótese de que o ex-governador Geraldo Alckmin se filie ao PSD para ocupar a vice do petista. A sigla de Alckmin é um detalhe no arranjo montado por Lula, já decidido a ter o ex-tucano a seu lado.

Ainda que Alckmin ingresse no PSB (o que é hoje o mais provável), o abraço declarado do PSD a Lula implicaria prejuízo à estratégia de passar pelo primeiro turno à paisana, de certo modo, e assegurar a eleição de deputados antes de escolher um dos lados da corrida presidencial.

Um aceno antecipado na direção do petista embute ainda o perigo de debandada durante a janela partidária, em março. Por isso, parlamentares consultados pela reportagem afirmam que dificilmente antes do prazo das convenções, em agosto, virá algum compromisso mais definitivo.

Nos últimos dias, Kassab reiterou a deputados que o plano é ter competidor próprio na briga pelo Planalto e afastou a ideia de união com o PT no primeiro turno.

Apesar disso, o ex-ministro avalizou tratativas com petistas e bolsonaristas nos estados. Na Bahia, o senador Otto Alencar (PSD), de perfil lulista, sairia ao governo no lugar do senador Jaques Wagner (PT), que abriria mão do posto em troca do apoio da legenda ao PT na esfera nacional.

No Paraná, o governador Ratinho Júnior (PSD), eleito com as bênçãos de Bolsonaro em 2018, costura alianças com partidos da base do governo e agora se equilibra entre o histórico de relação com o Planalto e a rejeição de parte de seu eleitorado a essa vinculação.

Ao mesmo tempo, líderes do PSD articulam palanques com o PDT de Ciro, com o aval de Kassab. Os prefeitos do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (ambos do PSD), têm se reunido com pedetistas.

Mesmo com o panorama instável, há a avaliação de que interessa ao PDT ter a sinalização da sigla, única do campo de centro com a qual as conversas têm evoluído.

E assim, entre aproximações momentâneas e recuos táticos que podem confundir aliados e adversários, o patrono do PSD reforça a fama de sempre jogar com mais de uma opção à mão e tentar ganhar tempo, como resumem colegas de partido e líderes envolvidos em costuras com ele.

A eleição de 2022 é encarada, nesses meios, como um teste para a pecha de político habilidoso do ex-prefeito. Ele também é descrito como o artífice de "um novo MDB", em alusão à composição multifacetada e à aptidão para margear o poder sem tanto apreço a amarras ideológicas.

Ainda que abrigue bolsonaristas e possua até um ministro na gestão Bolsonaro — Fábio Faria (Comunicações), que Kassab considera escolha da cota pessoal—, a sigla buscou manter distância protocolar do presidente e do centrão, bloco que dá sustentação ao atual mandatário. Entretanto, votou com o governo em várias ocasiões.

A visão que o dirigente compartilha com interlocutores é a de que o PSD se traduz hoje como o principal partido de centro no país e está em posição de vantagem na comparação com outros de contornos semelhantes, como MDB, PSDB e União Brasil (fruto da fusão de PSL e DEM).

O entendimento, por essa ótica benevolente, é o de que as demais legendas falharam na solução de cisões domésticas ou estão começando agora processos de unificação que o PSD estabeleceu desde a sua origem, permitindo que, dez anos depois, apresente um clima menos conflagrado.

Isso explicaria o fato de o partido ter hoje seu apoio disputado por diferentes forças, além de figurar como um aliado desejável no Congresso para qualquer governo.

Procurado via assessoria de imprensa, Kassab não atendeu ao pedido de entrevista para esta reportagem.

> **Em respeito a esses companheiros [senadores do PSD], eu não posso dizer que é impossível [uma aliança com o PT no primeiro turno]**
>
> **Ele [Leite] tem condições, tem pré-requisitos para ser candidato, é jovem, é respeitado, já mostrou que tem vontade de ser presidente da República**
>
> **Gilberto Kassab**
> presidente nacional do PSD, em entrevista coletiva em 9 de fevereiro

> **Não tem 'approach' [aproximação] nenhum com o Lula, nós vamos ter candidato próprio. O fato de eu ter me encontrado com o Lula recentemente não diz nada**
>
> **Gilberto Kassab**
> em entrevista ao Valor Econômico, na quinta (17)

O golpismo busca outras armas

Quem viajou à Rússia foi o presidente, mas quem procurou Putin foi o candidato

Janio de Freitas
Jornalista

Justificada suspeita reforçou a preocupação, retornada em crescendo duas semanas antes, com o golpismo anti-eleitoral. Nas formalidades, quem viajou à Rússia e à Hungria levava o título de presidente; na verdade, quem procurou Putin e Orbán foi o pretendente à reeleição. Convidado há tempos, Bolsonaro só agora foi a Moscou por seu interesse em contar com a interferência cibernética dos russos na disputa eleitoral. Ao fascista, foi por tê-lo como seu orientador de golpismo, com intermediação mensageira de Carlos Bolsonaro.

A interferência de Moscou na derrota de Hillary Clinton para Trump, por cerrada emissão de fake news ao eleitorado americano, se feita no Brasil seria indefensável, como tem provado a indiferença do simples Telegram às restrições da Justiça Eleitoral. A ação russa nos Estados Unidos tornou-se a mais escandalosa, mas várias outras foram constatadas. Com os resultados pretendidos.

Os propósitos de transgredir a eleição brasileira ficaram comprovados com a tentativa de compra, por Bolsonaro, do equipamento Pegasus. Criado em Israel, é invasor de qualquer aparelhagem, para captar o uso ou introduzir os chamados conteúdos, mesmo que encontre as melhores defesas.

Os israelenses vivem um escândalo de sustos e temores com a descoberta de que governantes, parlamentares e figuras de destaque, em número alto e ainda incompleto, estiveram invadidos desde o período de Netanyahu. O Pegasus opera equipamentos alheios com mais eficiência do que os donos.

Os israelenses disseram que a venda aos Bolsonaro foi recusada. Ao que se pode opor, primeiro, a absoluta inconfiabilidade de quem criou, produz, vende ou usa esse aparelho diabólico. Desde a promessa de mudança da embaixada brasileira para Jerusalém, Bolsonaro alimenta, não à toa, a relação com a direita extremista de Israel, sólida no poder e sem cerimônia no uso de seus recursos contundentes. E, se feita a venda em uma das investidas dos Bolsonaro, é óbvio que os dois lados a negariam. Não se sabe se o Pegasus será, ou não, disputante eleitoral em outubro. Em alguma escala, é provável que sim.

Apesar de motivo da preocupação, a interferência russa é incerta, até improvável, talvez. Para a batalha de hostilidades entre ocidentais e Rússia, os diferentes Lula e Ciro seriam melhores do que os iguais Bolsonaro e Moro. A inserção soberana do Brasil no contexto das decisões mundiais, obsessão de Lula, só não é conveniente para poucos, Estados Unidos à frente, sua serviçal Grã-Bretanha e adendos tipo Austrália. É possível que algum mais, digamos, por concorrência comercial, sabido que Bolsonaro é garantia de retrocesso em todas as atividades positivas. Marginal, cercado de ignorâncias negacionistas, ridicularizado, Bolsonaro nada significa no nível em que Putin faz sua esgrima.

Até que comece a campanha fervente, é mais a cibernética da direita extremista de Israel, e menos a cibernética eleitoreira da Rússia, que deve engrossar a expectativa de diferentes violências na disputa pela desprestigiada presidência brasileira.

Iminência diária

Joe Biden foi uma esperança fugaz —para quem teve alguma. Um de seus movimentos proporciona julgamento inapagável sobre sua capacidade presidencial: sem motivação convincente, acirrou as hostilidades com a Rússia e em seguida com a China —e levou-as a uma comunhão estratégica sem precedente, já firmada entre Xi Jinping e Putin. É uma derrota brutal para os Estados Unidos.

O esforço desatinado de Biden para atemorizar Putin, com represálias se invadida a Ucrânia, lembra uma possibilidade de efeitos fortes. Dominada a Ucrânia, não lhe seria difícil reavivar o esquisito caso dos negócios de um filho de Biden por lá, onde integrou a cúpula de grande empresa de energia, entre outras posições. Trump não concluiu a exploração política do confuso caso, também não liquidado pelos Biden nem pela Ucrânia.

Se não forem manobras, como afirmado pelos russos, a invasão lançará bombas poderosas na Ucrânia, na Rússia e nos Estados Unidos.

O futuro

"94% dos alunos do nono ano têm nível abaixo do adequado em matemática". Parece notícia crítica ao ensino. Não. É antevisão do Brasil daqui a umas duas décadas, sob a competência dos 94% dessa geração de estudantes.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Guilherme Afif Domingos em comício de sua campanha pelo PL em 1989, em São Paulo Jorge Araújo - 1º.set.1989/Folhapress

Única candidatura do PL opôs Afif a Collor e teve Guedes de 'guru'

Em 1989, atual partido de Bolsonaro chegou a mobilizar classe média na corrida presidencial, mas perdeu fôlego

Felipe Bächtold

SÃO PAULO O estilo bastante formal do candidato pouco lembra a verborragia de Jair Bolsonaro. O partido e o porta-voz do programa econômico, porém, são os mesmos. Um de seus principais adversários também.

Trinta e três anos depois, o PL (Partido Liberal) voltará a ter em 2022 uma candidatura própria à Presidência da República.

A única vez que isso tinha ocorrido foi em 1989, na primeira eleição da redemocratização, com o paulista Guilherme Afif Domingos, então deputado constituinte, na cabeça de chapa.

Por grande coincidência, o principal nome da candidatura no campo econômico será novamente Paulo Guedes, à época um jovem economista e dirigente do IBMec (Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais), hoje ministro da Economia de Bolsonaro.

Afif atualmente é integrante da equipe econômica, como assessor especial do ministro. Hoje é filiado ao PSD.

À época, chegou a frequentar o rol dos candidatos favoritos, diante de um cenário bastante embolado na corrida eleitoral. Concorreu com um forte apelo à classe média e um discurso de renovação política, embalado pelo jingle com o bordão "Juntos, chegaremos lá", que marcou época na televisão.

"Quanto maior o estado, mais empregos [políticos] vão ter para seus protegidos", dizia em seu horário eleitoral na TV.

A condição de nome em ascensão motivou uma sequência de ataques, por exemplo, de Fernando Collor (então no PRN), líder nas pesquisas, e de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que também será candidato na eleição presidencial agora, tal como 33 anos atrás.

Um dos trunfos do candidato, na época com 46 anos, era a bandeira da modernização na economia, tema extremamente relevante em um período pré-plano Real, com o país imerso em uma hiperinflação persistente e em meio à chamada "década perdida".

O postulante criticava a "estatocracia" e prometia "menos governo e mais empresas" e foco no pequeno empreendedor.

Guedes aparecia nos jornais com planos que até soam familiares ao eleitor hoje, como reforma administrativa, privatização e controle de gastos.

Não que Afif precisasse de um economista fiador para sua campanha, papel que o atual ministro da Economia acabaria exercendo com Bolsonaro em 2018. Com trajetória de atuação em entidades empresariais, tinha já bastante simpatia nesse meio.

> "A mídia apostava nos grandes partidos, na máquina fabulosa do PMDB, Ulysses Guimarães, no PFL. Eu apostava que o novo iria vingar naquela eleição. As máquinas partidárias tradicionais eram 'fora da especificação' do mercado consumidor: o povo queria novidade
>
> **Guilherme Afif Domingos**
> candidato à Presidência pelo PL em 1989

O jornal O Globo registrou que, em debate com economistas dos candidatos na Firjan (federação das indústrias do Rio), as propostas de Guedes foram as que mais agradaram à plateia e anotou que "a espirituosidade" dele arrancou aplausos dos espectadores.

Em outro texto publicado na época, o economista sugeria uma nova moeda para o país, chamada de "Brasilis", com a sigla BR$.

Seria a maior experiência do atual ministro na política até a eleição de Bolsonaro.

Afif, hoje, diz que defendia já naquela época no programa de combate à inflação um "colchão social" nos moldes do atual auxílio emergencial.

"Nós nos conhecemos porque eu fui o primeiro candidato que vinha com uma bandeira liberal, por um partido liberal. Então, você atrai. Nos encontramos por intermédio de amigos, tinha uma turma que se entusiasmou com a minha campanha. Procuravam aqueles com que se identificavam", relembra Afif.

Em discursos, o então presidenciável prometia um governo de apenas 13 ministérios. Acordos voluntários de trabalho, extinção de autarquias, Banco Central independente e revisão de incentivos fiscais eram alguns dos itens incluídos em seu programa.

Com a vitória de Bolsonaro e o convite de Guedes para ingressar no governo, foi possível colocar algo dos planos de três décadas atrás em prática?

"Você tenta, né... Muita coisa está acontecendo, principalmente no campo que eu defendo. Nunca se teve um sistema de crédito tão forte para a pequena empresa como agora", diz o ex-presidenciável.

Na eleição de 1989, Afif saiu do 1% nas pesquisas da pré-campanha para marcar 8% no Datafolha já durante o horário eleitoral na TV, patamar expressivo em uma disputa muito acirrada.

Vinha com o status de um dos deputados mais votados do país em 1986. Obteve apoio de dissidentes de outros partidos, como Jorge Bornhausen, do PFL, e de dezenas de colegas parlamentares.

O PL, que conquistara o registro eleitoral apenas em 1988 a partir de uma cisão do PFL, ainda possuía poucos deputados e não tinha a atual tendência de proximidade com evangélicos.

"Eu era um outsider. Não tinha pedido a bênção a nenhum cacique [partidário]", diz.

De olho no eleitorado mais à direita, Collor encerrava seu espaço na televisão com ataques, questionando posições de Afif na Assembleia Constituinte, como a contestação ao voto de jovens de 16 anos.

A iniciativa era vista como uma estratégia de atacar o conservadorismo de um adversário para ser visto como mais progressista. O candidato do PL rebatia com insinuações sobre o financiamento do rival e acusações de "molecagem".

Como foi comum naquele ano, a rivalidade se converteu em confusão entre militantes nas ruas. No interior de Minas, seus apoiadores causaram tumulto em comício de Collor, segundo relatou a **Folha** na época.

"A mídia apostava nos grandes partidos, na máquina fabulosa do PMDB, Ulysses Guimarães, no PFL. Eu apostava que o novo iria vingar naquela eleição. As máquinas partidárias tradicionais eram 'fora da especificação' do mercado consumidor: o povo queria novidade", recorda Afif.

O fôlego da candidatura, porém, foi se perdendo na reta final. Collor consolidou a liderança, e a outra vaga no segundo turno foi decidida quase voto a voto na esquerda, entre Lula e Leonel Brizola, do PDT.

Afif ficou apenas na sexta posição, com menos de 5% dos votos válidos.

O ex-governador de Alagoas acabaria eleito em segundo turno contra Lula. Hoje, é senador pelo Pros de Alagoas e apoiador do atual presidente.

Bolsonaro, naqueles tempos, ainda era um vereador novato no Rio de Janeiro — coincidentemente pelo partido PDC, que estava coligado com o PL.

A carreira do ex-presidenciável não voltaria mais a ter tamanho destaque. Afastou-se da política após perder uma eleição para o Senado em São Paulo e só voltaria a ser eleito novamente para um cargo público em 2010, pelo DEM, como vice de Geraldo Alckmin no governo de São Paulo, então no PSDB.

Ainda naquele mandato, se aproximou da então presidente Dilma Rousseff (PT) e se tornou ministro da pasta da Micro e Pequena Empresa. Hoje, descarta ter participação na campanha de Bolsonaro.

O PL, que se chamou PR de 2006 a 2019, chegou a lançar à Presidência em 1994 o então deputado Flávio Rocha, que desistiu ainda no início da campanha.

Só teve papel relevante em uma eleição presidencial em 2002, quando indicou o vice na vitoriosa chapa de Lula, com José Alencar, já sob as ordens de Valdemar Costa Neto, atual chefe da legenda.

mundo

Rebeldes na Ucrânia decretam mobilização e viram foco do conflito

Com relatos de explosões no leste do país, cresce suspeita de ação conjunta com o Kremlin

Igor Gielow

MOSCOU Na origem da crise entre a Rússia e o Ocidente, os territórios rebeldes pró-Kremlin na Ucrânia agora se tornam o palco principal da tensão militar que opõe Vladimir Putin a Joe Biden e a Otan.

As duas autoproclamadas "repúblicas populares" da região, centradas em torno de Donetsk e Lugansk, decretaram neste sábado (19) a mobilização militar de todos os homens em idade de pegar em armas. As entidades acusam Kiev de preparar uma invasão.

É bastante difícil, como disse Biden na sexta (18), acreditar que os ucranianos fariam tal movimento com ao menos 150 mil soldados russos concentrados em torno de suas fronteiras —para ficar na conta americana, já que Moscou apenas diz que está retirando paulatinamente as tropas que completaram exercícios. Os EUA estimam que 40% das forças estão prontas para agir.

Na madrugada e manhã de sábado (fuso seis horas à frente de Brasília), houve relatos de explosões ao norte de Donetsk —repetidos na madrugada de domingo, noite de sábado no Brasil—, além de informações de troca de fogo mais intensa. Um obus caiu do lado russo da fronteira, 1 km dentro da região de Rostov, sem registro de feridos.

Ainda assim, militares ucranianos reportagem dois soldados mortos e quatro feridos em bombardeios na região.

Os acontecimentos fizeram Biden e outros políticos ocidentais dizerem que o que está ocorrendo no Donbass é uma operação de falsa bandeira —ataques simulados para dar pretexto a uma reação.

Há sinais disso em curso, ainda que haja um histórico de ação independente por parte dos rebeldes, que mantêm uma relação bastante turbulenta com Moscou.

A evacuação opcional de civis, sugerida pelos governos locais na sexta, foi recebida com surpresa oficial no Kremlin, mas imediatamente o Ministério das Situações de Emergência despachou equipes para Rostov e Putin ordenou que cada refugiado receba 10 mil rublos (R$ 664) de ajuda.

"Eu diria que o risco de um confronto de algum tipo no Donbass subiu muito na semana, para 50%. Mas continuo achando que não haverá nenhuma invasão da Ucrânia toda, como disse Biden", disse a diretora de riscos políticos globais da consultoria Control Risk, Oksana Antonenko.

Há uma semana, ela havia dito à **Folha** não acreditar em guerra. Agora, enxerga um desenvolvimento político em curso. "Me parece que a ideia em Moscou é fazer Kiev negociar diretamente com os separatistas, aceitar Minsk 2."

Ela se refere à segunda versão dos Acordos de Minsk, que em 2015 estabeleceram um cessar-fogo frágil na guerra civil que já matou mais de 14 mil pessoas. O conflito havia começado no ano anterior, quando Putin anexou a Crimeia e apoiou os rebeldes para retaliar a derrubada do governo pró-Moscou em Kiev e evitar a entrada da Ucrânia na Otan e na União Europeia.

A conta estava pendurada até agora, quando o russo decidiu usar a força militar para tentar forçar seus termos de segurar a expansão do arcabouço institucional ocidental rumo às antigas fronteiras da União Soviética.

Se essa for a tática de Putin, ela implica vários riscos. Kiev afirma que não está atacando os rebeldes, mas essa é uma realidade impossível de aferir, já que há apenas espasmos informativos da região conflagrada. Na TV russa, está descrito um bombardeio intenso contra russos étnicos, música para Putin, que fala em "genocídio de seu povo" na região.

Na mídia ocidental, é reportada a suspeita da bandeira falsa e a ininterrupta acusação de invasão iminente por Putin, que dura mais de um mês. Um dado surgiu no site Bellingcat: a análise de metadados da mensagem da retirada de civis do líder de Donetsk indica que foi gravada no dia 16, apesar de ele falar em dia 18. Sendo verdade, a justificativa de que a operação foi determinada pelas escaramuças da quinta (17) perde força.

Aqui e ali emergem relatos mais isentos, como o de observadores da Organização para Segurança e Cooperação da Europa, que confirmam que algo está acontecendo —só não se sabe o quê. (A entidade falou em 2.000 violações do cessar fogo no sábado.)

Alternativamente, os russos podem ter outra mão no jogo. Putin tem pronto um documento para reconhecer as duas repúblicas, o que mataria Minsk 2 porque ele deixaria de ser um negociador e passaria a ser parte. Por outro lado, facilitaria a entrada de tropas para garantir a segurança dos russos étnicos.

Enquanto isso, o show dos líderes longe do campo continua. Putin comandou exercícios de suas forças estratégicas, nucleares e não nucleares, neste sábado. Recado mais claro, impossível, embora o Kremlin insista que não quer a guerra e que está esperando abertura diplomática.

Já em Munique, onde ocorreu a conferência anual de segurança das potências ocidentais, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, voltou a dizer que a crise "é o novo normal, e temos de nos preparar para isso". Ele afirmou que "o risco de ataque total é muito, muito alto", mas que acredita em uma saída negociada. No dia 24 haverá mais uma reunião entre os chefes da diplomacia Serguei Lavrov (Rússia) e Antony Blinken (EUA).

A vice-presidente americana, Kamala Harris, repetiu que Washington e aliados vão impor sanções "significativas e sem precedentes" à Rússia no caso de invasão, tendo como alvo "instituições financeiras e indústrias-chave".

A ministra das Relações Exteriores da Alemanha tentou baixar o tom da retórica puxada por Biden de incursão "a qualquer momento" —aliás, repetida neste sábado pela porta-voz da Casa Branca. "Ainda não sabemos se o ataque já foi decidido", disse Annalena Baerbock, acrescentando que a "ameaça contra a Ucrânia é muito real".

No evento, o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, exortou uma "reforma da arquitetura de segurança global", mas disse que não acha que é preciso entrar em pânico.

Embaixada pede para brasileiros deixarem regiões separatistas

O órgão emitiu neste sábado (19) um alerta orientando cidadãos brasileiros a "redobrarem a atenção" e deixarem Lugansk e Donetsk, tendo em vista o aumento das tensões e violações de cessar-fogo na região.

Divulgação Ministério da Defesa da Rússia/Reuters

PUTIN LANÇA MÍSSEIS HIPERSÔNICOS EM TESTE DE FORÇAS NUCLEARES

Vladimir Putin levou as estrelas de seu arsenal de mísseis estratégicos para a demonstração de força que fez neste sábado (19), ao lado do ditador da Belarus, Aleksandr Lukachenko. Do centro de comando do Kremlin, o russo ordenou o disparo de dois modelos de mísseis hipersônicos (como o Tsirkon), mísseis balísticos (caso do Iskander; foto), de cruzeiro e dois mísseis do tipo que seriam empregados numa guerra nuclear contra os EUA. O exercício havia sido anunciado na véspera, como se fosse algo de rotina, mas rotina certamente não é. Segundo o analista militar Ivan Barabanov, não há lembrança de tantos disparos de modelos tão variados em uma só manobra —noves fora o 'timing'. 'As tarefas previstas durante o exercício foram totalmente cumpridas, e todos os mísseis atingiram os alvos designados', disse o Kremlin. Não foram divulgados números.

Blefe de Putin não resolve problemas da Rússia, diz analista

MOSCOU Para um dos mais influentes comentaristas da cena política russa, Vladimir Putin está derrotando o Ocidente com seu "grande blefe" na crise da Ucrânia: se mostrar pronto para invadir o vizinho, embora não tenha necessariamente a intenção de ir em frente.

"A questão é que mesmo que ele vença, como parece provável, isso não irá mudar em nada os problemas da Rússia", afirma Fiodor Lukianov, editor da publicação bilíngue Russia in Global Affairs.

Ele conduz um programa de geopolítica na TV estatal Rússia 24 e é integrante dos mais importantes centros de análise do país —independentes na origem, mas fortemente ligados ao Kremlin, o que qualifica sua crítica até por ser voz ouvida na elite política russa.

Lukianov diz que "nunca acreditou" na hipótese de uma guerra aberta entre Moscou e Kiev, quanto mais a Otan, mesmo quando Putin começou a enorme mobilização em torno do vizinho em novembro.

Riscos de acidentes, como é evidente, existem, como a volátil situação na linha de contato entre rebeldes separatistas apoiados pela Rússia e as forças ucranianas prova.

Mas ele crê que Putin quer, ao fim, estabelecer um novo desenho para as relações de segurança internacional com a Otan com sua movimentação. "Até aqui, parece que ele vai conseguir", disse.

Ao mostrar que pode montar uma força efetiva de ataque em tão pouco tempo, Putin deixou o Ocidente atônito. Restou a Joe Biden gritar "invasão iminente" desde janeiro.

"O problema é que Putin está numa posição em que, se decidir fazer algo, fará e não haverá oposição real. Quando Biden diz que apoia a Ucrânia, mas avisa que nunca enviará tropas para ajudá-la, a situação está colocada. Ele deve ter desapontado muitos em Kiev", afirma.

Lukianov considera que Putin tem uma "obsessão" com a questão ucraniana. "Ele está entrando no estágio final de seu governo. É uma etapa que pode durar muitos anos, é claro, mas perceptivelmente está preocupado com seu legado."

Mas como seria essa imposição da vontade de evitar a expansão da Otan e manter Ucrânia e outros países ex-soviéticos, como Geórgia e Moldova, no mínimo neutros? "Diferentemente do que as pessoas acham, Putin não é um guerreiro. Ele é um manipulador bastante sofisticado, que faz cálculos a cada jogada", diz.

Assim, raciocina, uma guerra, mesmo limitada às áreas rebeldes no leste ucraniano, só traria prejuízo. E tirariam vantagens auferidas, dado que ser odiado e ter seu país sob sanções já está no preço.

E quais seriam? "Putin mostrou que a Otan está indefesa. Com essa mobilização enorme e rápida, provou que pode ir à guerra quando quiser, com capacidade", sugere Lukianov. Ele relativiza, contudo, o peso do apoio que o russo tem recebido da aliada China, algo vendido na imprensa russa como um pulo do gato para o futuro do país.

Apesar da avaliação momentânea positiva para o Kremlin, Lukianov é sombrio sobre o futuro do putinismo —os "problemas da Rússia" que ele citou. Diferentemente de 2014, quando a anexação da Crimeia despertou uma onda patriótica que levou a popularidade do presidente para a casa dos 80%, agora o cenário é diferente.

Agora, apesar de as pesquisas mostrarem que os russos concordam com Putin e dizem que é o Ocidente que provoca o conflito, a causa do leste ucraniano não é popular.

Putin, que chegou a ter 89% de aprovação em 2015 segundo o Centro Levada, instituto independente, em janeiro marcava 69% —um número de fazer inveja a qualquer político ocidental, mas aquém das metas dos politicólogos de plantão no Kremlin.

A dura repressão ao dissenso político que o russo aplicou nos últimos dois anos, cujo símbolo é o encarceramento do opositor Alexei Navalni, também ainda tem efeitos inauditos sobre o espírito da geração mais jovem. Por ora, não há sinal de organização política contra o Kremlin, mas os grandes protestos de 2012, 2017, 2019 e no começo do ano passado provam que há combustível na seara.

E, como sempre, há a economia. A Rússia sofreu um baque após a crise de 2014, que uniu sanções ocidentais à mais importante queda no preço do barril de petróleo. Em 2015, o PIB caiu 2%. Voltou à estabilidade em 2016 e andou de lado por dois anos, com um pico que acompanhou a Copa de 2018, quando subiu 2,8%.

Só que veio a pandemia, e o tombo de 2020 ficou em 2,7% negativos, para uma recuperação no ano passado (4,6% positivos). Mas a crise agora ameaça sanções mais incapacitantes na área comercial e financeira, o que já coloca a previsão de crescimento de 2022 na casa dos 2,4% em dúvida.

A desvalorização do rublo também impacta, em especial nas classes médias afluentes. Cafés e restaurantes estão cheios, mas os preços são objeto de queixas —pratos que saíam ao equivalente a R$ 50 antes da inflacionada Copa agora estão a R$ 80 em lugares moderninhos.

Putin logrou blindar razoavelmente sua economia do impacto de sanções, e tem o quarto maior colchão de reservas cambiais do mundo, US$ 640 bilhões. Mas, apesar de relativa diversificação da economia, ainda depende muito da exportação de hidrocarbonetos —e a torneira de gasodutos para a China não substituirá a para os europeus, sob pressão americana para fechá-la, no horizonte visível.

Por toda questão de imagem de uma Rússia forte resgatada pelo presidente, ao fim do dia o que vale é o vaticínio-clichê do marqueteiro James Carville na campanha democrata de 1992 nos EUA ("É a economia, estúpido"). **IG**

Crise militar na Ucrânia inaugura a guerra na época das fake news

Biden e Putin adotam uma tática 'sincerona' que pode custar mais caro ao presidente dos Estados Unidos

ANÁLISE

Igor Gielow

MOSCOU O conflito em torno das fronteiras da Ucrânia, que opõe a Rússia de Vladimir Putin ao Ocidente de Joe Biden, inaugurou uma nova era de enfrentamento informativo sob a sombra das fake news.

Em vez da desinformação pura e simples, a arma apresentada é uma desabrida sinceridade de lado a lado. Putin tem movido tropas e equipamentos desde novembro passado a céu aberto, para qualquer satélite espião ou olheiro em solo ver.

Como seria previsível, ele nega qualquer ideia de que quer invadir a Ucrânia. Ao mesmo tempo, em vez de fazer discursos sobre os direitos dos russos do Donbass (leste do vizinho), emitiu um ultimato claro aos aliados ocidentais: quer que eles desistam de absorver Kiev.

Era segredo de polichinelo, claro, mas foi colocado por escrito ao mesmo tempo que soldados se exercitavam em quatro frentes diferentes ao torno do território sob a caótica gestão de Volodimir Zelenski.

Do outro lado, Biden e alguns aliados têm denunciado cada um daqueles que acreditam ser um passo de Putin rumo à intervenção armada no seu vizinho. Desde janeiro, falam em uma "invasão iminente" e chegaram a dar datas: 16 de fevereiro, este domingo (20) ou "alguns dias depois".

No Conselho de Segurança das Nações Unidas, o secretário de Estado Antony Blinken enumerou as táticas que a Rússia poderia aplicar para arrumar um pretexto para a guerra. Quando civis começaram a ser evacuados de Donetsk e Lugansk, na sexta (18) o americano deve ter se sentido algo vingado.

Algumas horas antes, contudo, era Putin que fazia uma piada ao cortar a bola levantada por um repórter russo em entrevista ao lado do ditador amigo Aleksandr Lukachenko (Belarus), dizendo que não tinha visto a invasão do dia 16 na TV.

A narrativa, para usar o batido termo dessa era das fake news, sempre foi campo aberto. É assim desde as campanhas da Antiguidade, imbuídas por exemplo em Atenas pelo embate entre mitos e a tentativa de objetividade do primeiro grande cronista militar, Tucídides.

Num registro mais vulgar, basta assistir o mesmo noticiário na RT russa e na CNN americana. Na TV —uma delas na verdade— do Kremlin, Biden é ridicularizado e seu "dia da não invasão" virou mote. Num tom mais grave e preocupante, os incidentes de quinta e sexta no Donbass viraram "fuga de refugiados de bombardeios ucranianos".

Já na outra, a invasão é "iminente", "possível", há o "limiar da guerra". Comentaristas tratam Putin como uma espécie de anticristo determinado a acabar com o Ocidente, e o presidente russo se comporta como alguém que adora a brincadeira.

Ou não, e esse é o problema do jogo de espelhos e fumaça em curso no Leste Europeu. Seus movimentos à luz do dia, que naturalmente podem estar escondendo outros nas sombras do ciberespaço, por exemplo, chamam a atenção porque lhe dão a iniciativa e a possibilidade de montar o circo e, ao fim, sorrir e afirmar que "não fiz nada como sempre disse".

Essa é a leitura mais benigna, claro, ainda que péssima para um Ocidente manietado. Putin pode simplesmente estar fazendo às claras tudo do que é acusado, confundindo assim mesmo analistas menos alarmistas, que duvidam da racionalidade de ir às vias de fato.

Mas o risco assumido pelos americanos parece maior. Manter a fervura máxima tem custo: a cada dia que a invasão não vem, a perda de credibilidade aumenta. Há um cheiro forte de Iraque-2003 com a sucessão de alertas sem comprovação mais sólida.

A essa altura, os EUA, assim como o Reino Unido, parecem apostar numa narrativa (de novo!) de que ao denunciar sem prova uma intenção russa que pode ter saído da cabeça de algum nerd analista na CIA, o Ocidente está barrando Putin.

Se isso vai colar no eleitorado, o pleito parlamentar de meio de mandato em outubro estará aí para apurar. Na Rússia, até aqui o discurso de Putin tem encontrado ressonância, e a maioria acredita que quem quer confusão é a Otan.

Além disso, há um dano colateral importante da tática americana: a Ucrânia. Segundo um porta-voz do partido Servo do Povo, do presidente Zelenski, o país está perdendo até US$ 3 bilhões mensais desde janeiro pelo aumento dos prêmios de risco e taxas de empréstimos, além da fuga de investidores.

E a falta de comprometimento militar efetivo do Ocidente periga deixar Kiev na mão caso os gritos insistentes por fim revelarem um voraz lobo.

Ao fim, o problema é quando a desinformação "sincerona" de lado a lado começa a adernar para as vias de fato, como os tiros no Donbass começaram a sugerir. "Falsa bandeira" funcionará para convencer o público ocidental? "Provocações" servirão aos russos quando seus primos ucranianos começarem a morrer sob suas bombas?

É um novo território, no mais sério incidente militar desde que o dicionário Collins elegeu fake news como a palavra do ano, em 2017. Se mentira é inerente à aurora dos conflitos, como disse ou não (pois é) o escritor britânico Samuel Johnson (1709-84), ela ainda não foi testada nesta escala na era em que foi elevada ao status de ciência aplicada.

[...]

Ao fim, o problema é quando a desinformação 'sincerona' começa a adernar para as vias de fato. 'Falsa bandeira' funcionará para convencer o público ocidental? 'Provocações' servirão aos russos quando seus primos ucranianos começarem a morrer sob suas bombas?

Os chefes da diplomacia russa e americana...

... na Suíça, em janeiro Alex Brandon - 21.jan.22/AFP

Bolsonaro vai receber príncipe saudita acusado de assassinato

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) receberá a visita oficial do príncipe herdeiro Mohammed bin Salman no Brasil. O líder da Arábia Saudita é conhecido pela agenda repressora. O encontro está previsto para ocorrer em 14 de março. O governo quer enfatizar a agenda econômica com o país do Oriente Médio.

A informação da visita foi divulgada inicialmente pelo blog de Natuza Nery, no G1, e confirmada pela **Folha** com fontes da área diplomática.

Havia a expectativa da vinda de Yasir Al-Rumayya, diretor-administrativo do PIF (Fundo de Investimento Público), fundo soberano do reino saudita que é um dos maiores do mundo, com uma carteira de quase US$ 500 bilhões. No entanto, a visita foi cancelada.

O príncipe, conhecido como MBS, é apontado pela CIA como responsável por aprovar o plano para assassinar o jornalista saudita Jamal Khashoggi.

Khashoggi era colunista do jornal The Washington Post e crítico de MBS. Ele foi visto pela última vez no consulado em Istambul em 2 de outubro de 2018, onde teria recebido uma injeção letal antes de ter o corpo esquartejado. Os restos mortais nunca foram encontrados.

O príncipe é um dos líderes de governos autoritários que costumam ser elogiados por Bolsonaro e aliados desde o início do mandato. Em 2019, o presidente se encontrou com MBS em Riad e disse ter "certa afinidade" com ele, de quem afirmou ser "quase irmão".

Ainda neste mês, o presidente esteve na Rússia e se reuniu com Vladimir Putin. Depois, encontrou-se com Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, em uma viagem improvisada, quando repetiu o gesto feito com o saudita.

Chamou o premiê Orbán de "meu irmão, dadas as afinidades" e celebrou "valores que nós representamos: Deus, pátria, família e liberdade".

Uma eventual visita ao Brasil de Yasir Al-Rumayyan, titular do PIF, tenderia a ter um efeito mais positivo, já que poderia ser interpretada como um gesto de prestígio.

Ao voltar da viagem à Arábia em 2019, integrantes da comitiva presidencial anunciaram que o fundo soberano saudita investiria US$ 10 bilhões no Brasil, sem especificarem datas ou projetos.

Criado em 1971, o fundo é um braço financeiro do governo e sua estratégia inclui a compra de participações em empresas estrangeiras.

Al-Rumayyan preside o conselho de administração da Aramco, a maior petroleira do mundo, e faz parte do conselho de ministros do reino. Também tem assento no alto escalão de empresas que receberam aportes mais graúdos do PIF, como a Uber.

Normalmente, o mundo dos negócios recebe bem associações com um fundo soberano do porte do saudita. Mas a postura repressora do regime tem afetado até as relações financeiras do reino. Logo após o assassinado do jornalista, por exemplo, o diretor-executivo da Uber, Dara Khosrowshahi, cancelou a participação em uma cúpula realizada no país e conhecida como "Davos do Deserto".

Agências de notícia divulgaram na época que em um telefone a Al-Rumayyan, o executivo havia dito que considerava "terríveis" as acusações.

O governo Bolsonaro já manifestou a intenção de oferecer ao PIF a Ferrogrão, ferrovia planejada para ligar Mato Grosso ao Pará e escoar a safra de grãos do Centro-Oeste pelos portos da região Norte.

O projeto, considerado vital para o agronegócio na análise do ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, prevê 933 km de trilhos e vai demandar investimentos de R$ 21,5 bilhões. Por atravessar parte da Amazônia, com riscos ambientais e para a segurança de comunidades indígenas, especialistas do setor questionam a sua viabilidade, o que afugenta investidores preocupados com a agenda verde.

Apesar do atraso para fechar ofertas desse porte, os bolsonaristas já agradecem aos sauditas. Em março de 2021, na despedida na presidência da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP, de mudança programada para o PL), filho do presidente, elogiou MBS e destacou a promessa de investimentos bilionários.

Ricardo Della Coletta, Alexa Salomão, Marianna Holanda e José Marques

Itamaraty diz lamentar críticas de diplomacia americana a Bolsonaro

O Ministério das Relações Exteriores afirmou, em nota neste sábado (19), que lamenta o teor das declarações da porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, sobre a fala em que o presidente Jair Bolsonaro disse que é solidário à Rússia. "As posições do Brasil sobre a situação da Ucrânia são claras, públicas e foram transmitidas em repetidas ocasiões às autoridades dos países amigos", diz o comunicado. "O ministério não considera construtivas, nem úteis, portanto, extrapolações semelhantes a respeito da fala do presidente." Psaki havia dito que "o Brasil parece estar do outro lado de onde está a maioria da comunidade global" ao criticar Bolsonaro.

Richard Nixon ao lado da mulher, Pat (de vermelho, no centro), e autoridades chinesas e americanas na Muralha da China, em 1972 Byron Schumacher/Divulgação Casa Branca

China e EUA teriam lições a tirar da ida de Nixon, mas provavelmente não vão

Viagem histórica completa 50 anos com Washington e Pequim em seu momento mais distante

Thiago Amâncio

SÃO PAULO "NIXON ESTÁ NA CHINA". Assim, em letras garrafais, era a manchete desta **Folha** há 50 anos, em fevereiro de 1972. Por dias a fio a viagem do então presidente americano Richard Nixon ao gigante asiático ocupou o espaço mais importante do jornal com adjetivos como histórico. Em 28 de fevereiro, o maior título da primeira página dizia: "Ontem foi o dia que mudou o mundo".

Era essa a percepção de quem via um líder americano ir a Pequim —sobretudo "um conhecido anticomunista", como diz a própria Richard Nixon Foundation— encontrar-se com Mao Tse-tung, líder da Revolução Chinesa, o que parecia alterar de forma significativa a ordem geopolítica.

O mundo, afinal, estava em plena Guerra Fria, e o líder do bloco capitalista entrava em solo supostamente inimigo para ver o chefe da nação comunista mais populosa do mundo, fechada após mais de duas décadas de isolamento desde a Revolução de 1949.

Analistas apontam que a viagem do mandatário americano, entre 21 e 28 de fevereiro de 1972, ajudou a reabrir a China ao mundo e, no limite, deu o pontapé para que o país viesse a se transformar na superpotência que é hoje.

"Se não fosse por esse marco, as reformas da China e abertura para o mundo exterior não teriam sido possíveis", diz Ren Xiao, diretor do Centro de Política Externa Chinesa na Universidade Fudan (Xangai). "A histórica visita de Nixon e os esforços dos líderes fizeram com que esse resultado fosse possível."

Gina Anne Tam, pesquisadora do Comitê Nacional das Relações EUA-China, é mais comedida. "Apesar de ter sido um momento importante, talvez estejamos dando crédito demais aos EUA no que foi um momento de transição com muitas camadas para a própria China." Ela diz acreditar que as reformas introduzidas por Deng Xiaoping ao final da década aconteceriam de uma maneira ou de outra.

Se a viagem soa estranha por ter aproximado dois antagonistas em meio à Guerra Fria, é justamente aos olhos do conflito que ela se justifica. Isso porque os americanos aproveitaram entraves entre os chineses e a União Soviética para tentar cooptar Pequim.

O americano vinha tentando se aproximar da China mesmo antes de ser eleito, e em 1967 escreveu na Foreign Affairs, revista do establishment da política externa americana, que "não existe lugar nesse pequeno planeta para que 1 bilhão de seus cidadãos potencialmente mais capazes vivam em raivoso isolamento".

Nixon —que ficaria mais conhecido por renunciar em 1974— assumira em 1969 em meio à pressão contra a Guerra do Vietnã e à ebulição social.

Do outro lado, a China de Mao vivia a turbulenta Revolução Cultural, que acabou por mergulhar o país no caos, uma década depois da chamada Grande Fome, que deixou dezenas de milhões de mortos.

Os preparativos para o encontro incluíram uma visita secreta do assessor de Segurança Nacional de Nixon, Henry Kissinger, um dos nomes mais importantes da história da diplomacia americana.

Mao e Nixon em encontro em fevereiro de 1972 AFP

Barack Obama e Xi Jinping brindam em visita do americano à capital chinesa Greg Baker - 12.nov.2014/Reuters

Ao fim de uma semana, os dois países abririam canais diplomáticos. Na ocasião foi assinado o Comunicado de Xangai, que pregava a normalização das relações e, sobretudo, o reconhecimento de que Taiwan faz parte da China, o que abriria caminho sete anos depois para que os EUA reconhecessem formalmente a legitimidade do Partido Comunista no comando —algo visto como traição pelos nacionalistas refugiados em Taiwan.

Hoje, cinco décadas depois, China e EUA se encontram no momento diplomático mais distante desde aquela viagem, como rivais acusando-se mutuamente de violações de direitos humanos, em batalha aberta pela expansão de suas respectivas zonas de influência e protagonizando uma espécie de nova Guerra Fria.

Para especialistas, Pequim e Washington poderiam tirar lições daquele encontro —mas provavelmente não o farão.

"A visita de Nixon à China mostra a importância que a diplomacia pode ter na estratégia de um país", diz Neil Thomas, especialista em China do grupo de análise de risco Eurásia. "EUA e China se beneficiariam de um diálogo constante que ao menos garantisse comunicação direta e aumentasse a clareza sobre as políticas e limites um do outro. Mas as chances de um encontro Biden-Xi ter um impacto positivo similar ao do encontro Nixon-Mao são remotas."

À época, os países tinham como motivação principal conter a União Soviética, e, hoje, sem uma ameaça comum a ambos, é difícil pensar nessa aproximação. (A principal herdeira da URSS, vale dizer, recém-firmou uma "amizade sem limites" com Pequim.)

Aliás, até há uma, que afeta toda a humanidade: as mudanças climáticas, que têm causado destruição em eventos extremos nos dois países. "É possível que a crise do clima force os dois países a trabalharem de forma mais próxima, mas as políticas internas jogam esses problemas existenciais na arena de competição geopolítica", diz Thomas.

Quem também enxerga o cenário atual como muito distinto do de 50 anos atrás é uma das pessoas que viram mais de perto as reuniões entre Nixon e Mao. Chas Freeman, intérprete do americano que depois viria a ser embaixador dos EUA na China, falou sobre o tema em seminário recente.

Em 1972, os EUA estavam preocupados com o atraso da China; "agora, estamos apreensivos com sua força e avanço tecnológico". Na época, americanos estavam em posição superior nas negociações; agora, devem conversar de igual para igual, o que traz "problemas para se ajustarem".

Além disso, a preocupação era o resultado da exclusão da China do modelo de mundo proposto por Washington. "Hoje, os EUA estão obcecados com as consequências da inclusão da China na governança global e regional".

Para Freeman, as relações "estão próximas de retornar aos estereótipos falsos e à hostilidade irracional que Nixon e Mao tentaram deixar de lado. Isso promete tornar o mundo um lugar muito mais perigoso e menos próspero."

Brasileira acusada de participar de invasão do Capitólio é presa

SÃO PAULO Uma brasileira que esteve na invasão do Capitólio dos EUA, em 6 de janeiro de 2021, em Washington, foi presa na última quarta (16) em Indian Park Head (Illinois).

A Justiça americana acusa Leticia Vilhena Ferreira de entrar ou permanecer conscientemente em edifício restrito sem autorização legal e de entrada violenta e conduta desordeira no Congresso.

Naquele dia, Leticia foi até Washington para assistir ao discurso do então presidente Donald Trump —antes da sessão do Parlamento que certificaria a vitória de Joe Biden na eleição, o republicano fez um comício para questionar o resultado do voto popular.

Depois da fala, a multidão marchou e invadiu o prédio do Congresso. Cinco pessoas morreram naquele que é considerado o maior ataque recente à democracia dos EUA.

De acordo com o processo, Leticia disse que não conseguiu ver o discurso de Trump e acabou seguindo os manifestantes, entrando no Capitólio e passando cerca de 20 minutos no local, onde tirou fotos e fez vídeos. Imagens de câmeras de segurança anexadas à ação mostram a brasileira no prédio, vestindo uma "jaqueta Michael Kors e um gorro vermelho com o nome 'Trump'".

Ela afirmou à Justiça que é cidadã brasileira e está nos EUA com visto de trabalho. Mensagens de texto acessadas pelos investigadores do caso mostram que ela ficou apreensiva em ser responsabilizada pelo ocorrido. "Você acha que eles vão atrás de todas as pessoas que entraram no Capitólio?", disse, a um interlocutor não identificado.

Nas mensagens, ela também afirma que não viu quem de fato invadiu o edifício derrubando barreiras de segurança e acrescenta que apenas entrou andando. "Sou muito irresponsável. Ontem parecia incrível", afirmou, em uma mensagem na sequência.

O processo de Leticia não detalha por quanto tempo ela ficará presa. A **Folha** não conseguiu localizar sua defesa.

O Congresso americano tem uma comissão destacada para apurar o 6 de Janeiro, buscando responsáveis inclusive na gestão do republicano. Desde o ataque o governo já identificou e puniu mais de 700 pessoas pela invasão, e o FBI continua investigando possíveis participantes do ato.

Além das cinco pessoas que morreram durante a invasão, entre as quais um policial atacado por manifestantes, meses depois quatro agentes presentes na ocasião cometeram suicídio. Cerca de 140 oficiais de segurança ficaram feridos.

Ao menos mais um brasileiro também esteve envolvido na invasão. Eliel Rosa se declarou culpado de parte das acusações e foi condenado a 12 meses de pena condicional. Outro invasor de origem brasileira, Samuel Camargo, também foi preso e indiciado, mas ainda não teve o caso julgado; ele aguarda a sentença em liberdade.

Ativista vira 'arquivista' do Black Lives Matter

Nadine Seiler, 56, coletou e organizou cartazes e pôsteres de cerca da Casa Branca e agora é procurada por museus

Diogo Bercito

WASHINGTON Em meados de 2020, encurralado por protestos, o governo de Donald Trump mandou erguer uma barreira metálica impedindo que manifestantes se aproximassem da Casa Branca. A cerca virou um dos símbolos da fúria popular contra seu mandato—e de como o então presidente estava acuado.

Os manifestantes, que estiveram nas ruas por meses exigindo o fim da violência policial contra negros, não se intimidaram. Usaram a grade como suporte para expôr centenas de cartazes com alguns dos slogans do movimento Black Lives Matter. Vidas negras importam, em português.

Em janeiro de 2021, com a posse de Joe Biden e o esvaziamento dos protestos, o governo anunciou que iria retirar as barreiras. Foi uma excelente notícia para os manifestantes, exceto pelo fato de que, sem a grade, tampouco haveria cartazes; suas mensagens desapareceriam.

A ideia incomodou Nadine Seiler, 56. Essa imigrante de Trinidad e Tobago tinha passado meses na frente da Casa Branca vociferando contra o governo. Havia tomado para si a missão de organizar os cartazes e protegê-los do vandalismo de alguns dos apoiadores de Trump. Fazia isso de maneira voluntária, sem receber nada. Deixou de lado seu trabalho remunerado e, com isso, atrasou o pagamento da hipoteca. Parecia que, de repente, tudo teria sido em vão.

Não foi. Seiler fotografou metodicamente a cerca, registrando onde cada cartaz estava colado. Depois, recolheu o acervo—mais de mil pôsteres—e levou tudo para um depósito. Transformou-se, assim, na inesperada arquivista de um momento importante da história dos Estados Unidos. Museus ao redor do país já demonstraram interesse nesse tesouro popular. Recentemente, a icônica Biblioteca do Congresso incluiu alguns dos cartazes em uma coleção virtual permanente.

Um dos pôsteres exibidos diz, por exemplo, que "o silêncio dos brancos é uma violência". Outro estampa a frase "vidas negras importam" em cima da bandeira dos Estados Unidos. Um terceiro cartaz lembra o público de que "se importar" com a população negra é apenas o mínimo.

A história dessa arquivista de improviso é uma sequência de decisões instintivas e eventos inesperados. Seiler trabalhava como arrumadora profissional, ajudando pessoas a organizar suas casas. Ela decidiu se unir aos protestos porque sentia, na pele, a importância do movimento. "A história desse país é feita de brutalidade policial, de desumanização da população negra."

> Sei que, por ser negra, eu posso ter o mesmo fim que a Breonna Taylor [morta por policiais em 2020]. Eu não estava pensando na história com agá maiúsculo, só queria estar naquele lugar
>
> **Nadine Seiler**
> imigrante que criou acervo de cartazes do Black Lives Matter

"Sei que, por ser negra, eu posso ter o mesmo fim que a Breonna Taylor", afirma, mencionando a jovem negra morta por policiais em março de 2020. Foi a morte de Taylor e de outros —em especial George Floyd—que enfureceu o país naqueles meses. Floyd foi assassinado em maio de 2020 pelo então policial Derek Chauvin, que ajoelhou em seu pescoço por quase dez minutos. "Eu não estava pensando na história com agá maiúsculo. Só queria estar ali."

A caribenha notou, em suas visitas diárias à grade diante da Casa Branca, que o lugar bem precisava de uma arrumação —justamente seu talento. "Queria garantir que os cartazes estivessem organizados, limpos, e que as mensagens fossem claras", diz.

Seiler também passou a proteger a cerca de manifestantes pró-Trump que apareciam por ali para arrancar pôsteres.

Não é que ela se portasse como dona dos cartazes. Se alguém quisesse levar um deles para casa, Seiler não se opunha. O que não podiam, diz, é desrespeitar a luta dos manifestantes e tentar silenciar —como de costume— sua voz.

A arquivista também testemunhou, por meses, como americanos vinham de todos os cantos do país para colocar suas mensagens na barreira de metal. Essa devoção a convenceu ainda mais da necessidade de organizar o acervo. "Queria proteger aquelas vozes", diz. Vozes, inclusive, de imigrantes como ela—gente que às vezes não se manifesta por receio de ser deportado.

Seiler começou a dividir os pôsteres por temas. Reuniu, por exemplo, todas as mensagens feministas em um canto. Em outro, os dizeres de "não consigo respirar", em menção ao assassinato de Floyd. Ela fez, com isso, que os cartazes contassem histórias para os visitantes. E a grade acabou virando um ponto turístico em Washington, chegando mais tarde às redes sociais.

A ideia de coletar aqueles cartazes começou antes mesmo da notícia da remoção da grade. Uma representante da Biblioteca do Congresso começou a ir aos protestos e oferecer sua ajuda. Outros museus entraram em contato, mas não enviaram representantes, devido à pandemia da Covid-19.

Depois que o muro foi abaixo e Seiler virou a guardiã daqueles pôsteres, uma rede de ativistas e profissionais começou a se mobilizar para preservar aquela história. A biblioteca Enoch Pratt, em Baltimore, ofereceu seu scanner. Toda semana, Seiler dirige mais de 70 quilômetros até aquela cidade para entregar os pôsteres que vão ser digitalizados. Alguns arquivos foram enviados para a biblioteca pública de Washington. Outros foram para a Universidade Howard, tradicional bastião da academia negra.

Todo esse trabalho é voluntário, feito em paralelo ao de arrumadora de lares. Seiler arca, inclusive, com os custos do depósito e das viagens a Baltimore. Tem recebido, no máximo, doações de entusiastas da missão. Enquanto isso, tenta regularizar seus boletos.

Ela, agora, reúne uma comissão para decidir o futuro do restante do acervo. A ideia é espalhar a mensagem ao máximo. Mas ela não quer, ao mesmo tempo, doar cartazes para instituições pomposas que vão deixá-los no porão.

"Quero contar nossa história, para que as pessoas entendam por que estamos lutando."

Cerca da Casa Branca durante os protestos do movimento Black Lives Matter, em 2020, abarrotada de cartazes que foram recolhidos por Nadine Robin Fader

Rede 'Vidas Imigrantes Negras Importam' denuncia injustiças contra africanos no Brasil

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Nos protestos de rua após o assassinato do congolês Moïse Kabagambe, em meio às faixas com a tradução para o português das palavras Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), um cartaz trazia o slogan americano com uma palavra extra.

A frase "Vidas Imigrantes Negras Importam" dá nome a uma rede de ativistas que lutam contra a xenofobia e o racismo no Brasil, criada após o assassinato de um outro imigrante em maio de 2020, o frentista angolano João Manuel.

Morador da zona leste de São Paulo, ele foi esfaqueado por um mecânico brasileiro, após uma discussão sobre o recebimento do auxílio emergencial por imigrantes —que tinham direito ao benefício.

A congolesa Hortense Mbuyi, uma das fundadoras da rede, conta que já notava uma escalada na discriminação contra africanos e haitianos na periferia. "Era tanta agressividade que quando o João Manuel foi assassinado, a gente falou: 'Chega'. Não podemos ficar olhando os casos se multiplicando sem ninguém falar nada, sem gritar."

Advogada, Hortense é presidente do Conselho Municipal de Imigrantes de São Paulo. Ela própria morou em Itaquera por cinco anos e saiu de lá por temer por sua segurança.

"Quando cheguei, em 2014, eu me sentia bem-vinda. Mas desde as últimas eleições presidenciais foi nascendo um ódio em relação aos imigrantes. A gente começou a ser discriminado no mercado, no ônibus, a ouvir na rua 'Volta para a sua terra', essas coisas."

Para ela, o imigrante branco se mistura com os brasileiros e é mais respeitado. "Já o africano é percebido de longe. E o que eu acho chocante é que a gente sofre racismo não só dos brancos, mas dos próprios negros brasileiros", diz.

Além dos ataques com desfecho fatal, Hortense afirma que alguns imigrantes negros sofreram agressões que deixaram sequelas físicas e psicológicas. Ela acrescenta que a discriminação dificulta o acesso a boas vagas de emprego mesmo para os que têm formação.

"Até as ONGs só pensam na gente quando tem vaga de faxineiro. A vida do imigrante negro importa não só porque estão nos assassinado. Importa porque temos pouca oportunidade de estudar, de conseguir um trabalho decente."

O Vidas Imigrantes Negras Importam não é uma organização formal nem tem financiamento próprio. "É uma rede de solidariedade, mais que um movimento. Uma articulação que surge para responder a casos críticos", define a advogada Karina Quintanilha, do Fórum Fronteiras Cruzadas. "Unindo forças, conseguimos chegar ao familiar da pessoa, mobilizar advogados, os parlamentares, a imprensa."

Depois do assassinato de João Manuel, além de atos para dar visibilidade ao caso, o grupo prestou auxílio à família.

Em 2021, eles ajudaram Falilatou Sarouna, uma togolesa presa em uma operação policial após ter seu nome usado em contas bancárias por uma organização criminosa. A rede também faz campanha pela permanência da artista sul-africana Nduduzo Siba, que corre o risco de ser deportada.

A violência mais recente denunciada pelo grupo é o assassinato do venezuelano Marcelo Caraballo em Mauá (SP), segundo a família por uma dívida de R$ 100 de aluguel.

Atvistas de longa data do movimento negro do Brasil têm se aproximado da causa imigrante e também passaram a integrar a rede. É o caso de Regina Lúcia dos Santos, coordenadora estadual do MNU (Movimento Negro Unificado) em São Paulo.

"O assassinato do João Manuel é emblemático. A brutalização da vida nas periferias é tão grande que torna-se natural tirar vida de uma pessoa que você acha que está usurpando um direito seu", afirma.

Para Regina, o que existe no Brasil não é xenofobia, mas "xenorracismo". "Os imigrantes brancos são recebidos de braços abertos. Os negros e de origem indígena, não."

Ela lembra que, enquanto a morte de Moïse ganhou muita repercussão, outros assassinatos de imigrantes quase não tiveram visibilidade. "Nosso movimento é anterior [ao caso Moïse] e vai continuar. Porque esse não é o primeiro caso e não será o último, infelizmente", afirma.

Kellen Apuque, 32, graduada em processos gerenciais e, por opção, microempreendedora individual Gabriel Cabral/Folhapress

Nunca tantas pessoas diplomadas atuaram por conta própria

Também aumentou o percentual dos trabalhadores com ensino superior e sem vínculo, por opção ou por falta dela

Douglas Gavras e Leonardo Vieceli

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO Entre as ofertas de vaga para trabalho formal com baixo salário e os bicos como esteticista, a assistente social Aline Morais, 32, acabou ficando com a segunda opção.

Tendo feito faculdade antes da pandemia, ela acabou desistindo da área de formação. "Os salários que ofereciam eram mais baixos do que os da minha época de estágio. Fazer faculdade sempre foi um sonho, mas acabei guardando o diploma na gaveta."

O impacto da pandemia no mercado de trabalho levou um número recorde de brasileiros com ao menos um curso superior a aderir ao trabalho por conta própria, seja fazendo bicos, seja se tornando empreendedores. No terceiro trimestre de 2021, o grupo chegou a 4,03 milhões, o maior para o período de julho a setembro em uma série histórica desde 2015.

O número de graduados por conta própria que podem estar em situação mais precarizada, os sem CNPJ, chegou a 2,1 milhões, um aumento de 14,1%, na comparação do terceiro trimestre de 2021 com o mesmo período de 2019 —antes da pandemia.

Entre aqueles com CNPJ, que também reúnem os brasileiros que estão empreendendo, esse aumento foi ainda maior no período, de 37,2%, chegando a 1,93 milhão. Os dados foram compilados pela pesquisadora Janaína Feijó, do Ibre/FGV (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas).

As estatísticas, retiradas da Pnad (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios) Contínua, são recordes para o trimestre desde 2015, quando a pesquisa começou a acompanhar o grau de qualificação dos trabalhadores.

A pandemia levou em dois anos a um acréscimo de 259 mil trabalhadores no grupo dos conta-própria sem registro, que foram fazer bicos para se reinserir no mercado, diz Feijó. "Nesse universo, está o engenheiro que virou motorista de aplicativo ou o balconista de loja que virou entregador de comida."

"A pandemia fez sofrer ainda mais os trabalhadores com menor qualificação, mas os dados mostram que mesmo os que tinham ensino superior foram obrigados a fazer movimentos bruscos de carreira", diz a pesquisadora.

O percentual dos trabalhadores por conta própria com ensino superior também aumentou desde o início da pandemia. Até o terceiro trimestre de 2019, os que faziam bico eram 9,5% do total de autônomos sem registro, enquanto os com CNPJ representavam 28,6% dos formalizados. Em 2021, eles correspondiam a 11% e 30,9%, respectivamente.

> Os salários que ofereciam eram mais baixos do que os da minha época de estágio. Fazer faculdade sempre foi um sonho, mas acabei guardando o diploma na gaveta
>
> **Aline Morais, 32,** assistente social que faz bicos como esteticista

> Nesse universo, está o engenheiro que virou motorista de aplicativo ou o balconista de loja que virou entregador
>
> **Janaina Feijó** pesquisadora do Ibre/FGV

Feijó aponta que o maior crescimento entre os graduados que têm CNPJ, que a pandemia levou ao empreendedorismo, pode apontar alguns sinais de como o mercado de trabalho deve ser nos próximos anos.

Enquanto os sem CNPJ, que estão fazendo bicos, são um reflexo da baixa formalização do mercado de trabalho, o aumento de empreendedores pode indicar sinais de dinamismo no pós-pandemia, diz.

"Quem consegue ter um CNPJ geralmente é aquele que pegou o pouco capital que tinha para abrir um negócio, identificou uma demanda reprimida por um produto ou serviço e quer ficar mais tempo nessa atividade."

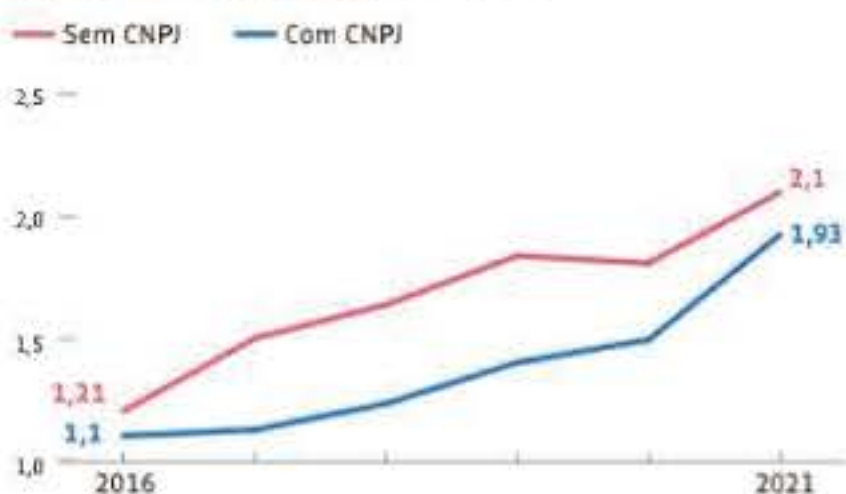
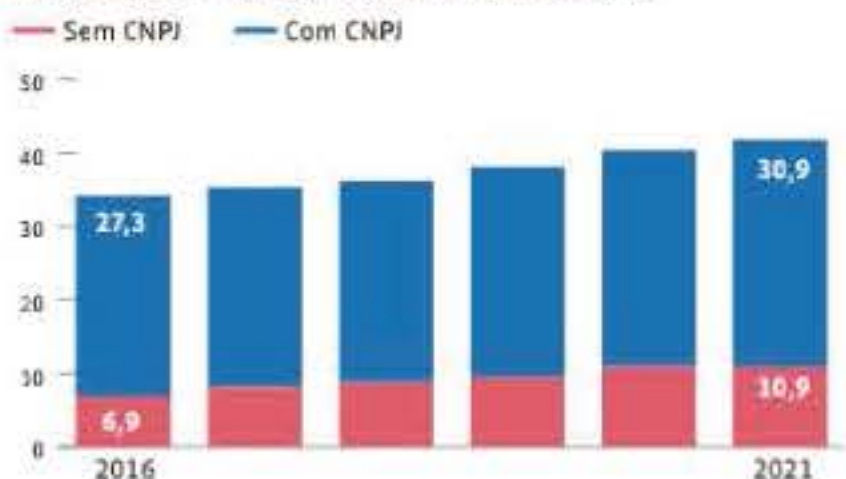
Graduada em processos gerenciais, Kellen Apuque, 32, é um exemplo desse segundo grupo. Ela resolveu apostar todas as fichas no trabalho por conta própria durante a pandemia. A moradora de Belo Horizonte (MG) é MEI (microempreendedora individual) —ou seja, tem CNPJ.

Em 2020, Kellen decidiu que havia chegado o momento de concentrar seus esforços em uma consultoria para empresas sobre diversidade na área de recrutamento e seleção. Antes da crise sanitária, Kellen tinha emprego com carteira assinada, embora já prestasse serviços de forma autônoma.

Segundo ela, a preocupação das empresas com diversidade cresceu durante a pandemia, o que fez a profissional se dedicar ao seu próprio negócio. Kellen presta serviços a companhias de maneira online.

"Não foi por falta de oportunidade que decidi trabalhar por conta própria. Há necessidade de uma área de recursos humanos mais humanizada nas empresas. Minha proposta é trabalhar pela inclusão e pela diversidade no mercado."

Com diploma e sem patrão

Número de trabalhadores, em milhões

Percentual em relação a todos os conta-própria

Fonte: Pnad Contínua (com Ibre/FGV)

Na avaliação do pesquisador Bruno Ottoni, da consultoria IDados, após o tombo gerado pela pandemia, a atividade econômica teve uma reação insuficiente para absorver, em empregos de qualidade, toda a mão de obra à procura de oportunidades no Brasil.

Assim, o trabalho por conta própria tende a ser mais buscado, com ou sem CNPJ, e inclusive por profissionais com mais estudo, indica Ottoni.

"Empregos com carteira assinada têm custos para o empregador. Em um cenário de incerteza elevada na economia, como é o caso atual, o empregador costuma ficar desestimulado a contratar com carteira", afirma.

Conforme o pesquisador, a chamada pejotização também pode ter acelerado na pandemia o trabalho por conta própria —nesse caso, com CNPJ. O fenômeno tende a diminuir os custos sobre as empresas na hora de contratar os serviços de um profissional com registro formal.

"O elevado grau de incerteza na pandemia pode ter acelerado o processo de pejotização", diz Ottoni.

O economista Fábio Pesavento, professor da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) em Porto Alegre, concorda. "Os custos para as empresas ficam menores", aponta.

Na visão de Pesavento, ter um CNPJ também facilita a vida de quem desejam empreender. Em boa medida, esse pode ser o caso dos MEIs.

Por outro lado, o trabalho autônomo sem CNPJ está mais associado aos populares bicos, sinaliza o professor. Ou seja, a atividades que são realizadas por profissionais que não encontram outras oportunidades no mercado e que precisam de alguma fonte de renda com urgência.

"A pessoa tem de sobreviver, pagar as contas. A pandemia inflou isso", diz Pesavento.

Trabalho sem chefe deve continuar em alta em 2020

Conforme economistas, o trabalho por conta própria tende a seguir em níveis elevados em 2022. A projeção está relacionada com a perspectiva de baixo desempenho econômico neste ano.

O cenário de incertezas eleitorais, inflação persistente e juros mais altos, previsto para os próximos meses, dificulta a absorção de toda a mão de obra sem emprego. No trimestre encerrado em novembro de 2021, período mais recente com dados disponíveis, o Brasil tinha 12,4 milhões de desempregados.

"A projeção é de o mercado de trabalho andar de lado neste ano. Com isso, o trabalho por conta própria tende a continuar expressivo", analisa Ottoni.

Na avaliação de Clemente Ganz Lúcio, cientista social do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), a resposta negacionista do atual governo durante a pandemia adiou a recuperação econômica e a reabertura de empregos de melhor qualidade.

"O que vemos agora é uma economia que anda de lado e não consegue sair da crise com uma resposta virtuosa. Não há expectativa de que isso ocorra em 2022 e, para a recuperação real do emprego, seria preciso imaginar uma estratégia de desenvolvimento que não cabe neste governo."

Ganz Lúcio complementa que o projeto para o país a partir de 2023 tem de ser radicalmente diferente desse e criar uma dinâmica virtuosa de crescimento. "Vai ser preciso esperar mais três ou quatro anos para ter uma resposta sólida do mercado de trabalho, com coordenação dos setores público e privado."

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*

painelsa@grupofolha.com.br

Gonzalo Romero

Mercado de viagem internacional mostra sinais de aquecimento

SÃO PAULO Pela primeira vez desde o início da pandemia, o diretor-geral da Air Europa no Brasil, Gonzalo Romero, diz ver uma mudança importante no comportamento do passageiro de voos internacionais. As passagens voltaram a ser compradas com antecedência superior a três meses, e há mais crianças nas filas de embarque, o que ele vê como sinal de retomada nas viagens de lazer em família.

A empresa, que reabre as partidas diárias de São Paulo a Madri no fim de março, aposta que os voos para fora começam a se reerguer. As rotas do Nordeste ainda não voltaram. Pelos dados setoriais da Anac, o número de passageiros em voos internacionais no mercado brasileiro em dezembro ainda ficou 50% abaixo do mesmo mês em 2019. No mercado doméstico, o desfalque já é mais leve, em 13%.

*

A volta dos voos diários de São Paulo a Madri que a Air Europa acaba de anunciar é sinal de esperança na retomada do internacional, que ainda patina enquanto o doméstico reagiu antes? A programação é feita à medida que a demanda vai solicitando. É sinal de que estamos conseguindo ver boa demanda reprimida pós-pandemia, que estamos esperando com muita ansiedade. O sinal é bom. Hoje, temos cinco voos semanais, e volta a ser diário em março, que é a mesma oferta que tínhamos no pré-pandemia em São Paulo.

E a ocupação? Fechamos dezembro acima de 91%. Para março já estamos em 87% e ainda faltam duas semanas de vendas. Abril, já com frequência diária, estamos em torno de 60% e ainda falta mais de um mês de vendas. Então, a demanda está aquecida.

Já estamos vendo algo que não víamos no ano passado: a compra antecipada. O passageiro está programando, é bom sinal. As vendas feitas em 2021 eram para viajar em 30, 60, no máximo 90 dias. Agora, já estamos enxergando vendas para junho, julho, agosto. Isso não acontecia. O passageiro está mais confiante.

Fui acompanhar as nossas operações no aeroporto de Guarulhos. E vi um grande volume de famílias, pais e filhos viajando de férias. Dá para ver na porta do avião que tipo de passageiros estão embarcando hoje. São famílias já viajando por lazer, se programando. E isso vem, principalmente, da flexibilização das restrições dos países da Europa.

Outro bom sinal é o nosso canal de atendimento. A quantidade de ligações, emails e perguntas que recebemos por dia cresceu no último mês. São passageiros querendo remarcar data, trocar voucher.

E preço? Vão ter de ajudar a impulsionar essa demanda? Além de promoção, estamos oferecendo troca de data sem penalidade até sete dias antes do embarque. Então, estamos estimulando a retomada, não só com tarifa, mas com flexibilizações e parcelamento. Para tentar recuperar o mais rápido possível.

A pandemia no Brasil oscilou muito. Temos um governo que não apoia a vacina. Na segunda onda, em março, o presidente da Latam dizia que o Brasil seria um dos últimos a retomar liberdade de fronteiras nos voos. Como o brasileiro é visto hoje? De início, foi um pouco mais difícil para nós, mas depois, já com a vacina, o Brasil avançou. Tem mudado esse conceito que você falou que tínhamos no início. Hoje, o mercado brasileiro é fundamental para essa recuperação do turismo na Europa. Quase 95% dos países da União Europeia já aceitam o brasileiro como turista, seja com vacinação ou só PCR. É sinal de que o Brasil conseguiu se posicionar no assunto da vacinação e transmitiu um pouco mais de confiança aos países da Europa.

Como vai a situação financeira da empresa? Chegou a perder metade do valor em negociação para venda? A Air Europa sempre foi uma empresa rentável, eficiente, com custo baixo. Antes da pandemia, não pela situação da empresa, mas por oportunidade de negócio, se tentou vender. Depois, a decisão terminou. A Air Europa continua com seu próprio plano de retomada. Achamos que a principal estratégia foi tomar decisões como unificação de frota. Os equipamentos mais antigos têm no máximo 4,5 anos. Isso gera eficiência, melhor consumo de combustível e nos ajuda a sair da pandemia. Desde outubro, a Air Europa conseguiu bom ingresso de caixa, nos deu confiança para continuar sozinhos com nosso plano de negócios.

Qual é a importância do mercado brasileiro para vocês? É prioritário. Por isso, estamos aumentando a frequência diária em São Paulo e esperamos retomar a rota no Nordeste neste ano.

Aquele projeto de entrar em voos domésticos no Brasil avançou? Foi um negócio pensado antes da pandemia, em 2018. Enxergamos uma possibilidade no momento de explorar o mercado nacional, mas depois, com diferentes oportunidades e acordos internacionais e a chegada da pandemia, ficou um pouco de lado. Hoje, o foco no Brasil é o negócio internacional para recuperar a frequência.

Como analisam a devolução do Galeão pela concessionária anunciada? Nós e as concessionárias de aeroportos temos desafios com custos operacionais e a demanda que não ajudou muito. Entrega de concessão preocupa. É sinal de que, na pandemia, a indústria de aviação não conseguiu se recuperar totalmente. O potencial aqui é gigante. Em 2019, o cenário era muito bom. Se recuperarmos minimamente, as companhias e as concessionárias ficarão mais tranquilas.

Raio-x

Com atuação há quase 20 anos no setor de aviação, o executivo é diretor-geral da Air Europa no Brasil desde setembro de 2018. Trabalhou em países como Argentina, Bolívia e Chile. Está no Brasil desde 2015, onde ocupou, antes, o cargo de diretor-geral Brasil da Aerolíneas Argentinas

A especialista em comércio exterior Cristiane Paulucci, que investiu em um escritório em casa Ronny Santos/Folhapress

Direitos e deveres de quem trabalha em casa carecem de regras claras

Diretriz sobre teletrabalho é de antes da pandemia e não prevê novos modelos; ações na Justiça mais que triplicaram

Douglas Gravas

SÃO PAULO Conta de luz mais cara, jornada de trabalho sem fim e dificuldades de promoção futuras para quem optar por não voltar ao escritório. Quase dois anos após o início das medidas de distanciamento e com a volta progressiva do modelo presencial, o home office ainda gera dúvidas entre os trabalhadores.

No início das medidas de distanciamento no Brasil, em março de 2020, o modelo mais próximo à nova realidade dos trabalhadores era o do teletrabalho, regulamentado pela reforma trabalhista de 2017.

Ao longo da crise sanitária, o governo publicou medidas provisórias e recomendações, como as MPs 927 e 936, que flexibilizaram parte das regras previstas na CLT.

As medidas estavam atreladas ao estado de calamidade por causa da pandemia e perderam a validade antes que a crise sanitária se encerrasse.

Na prática, as empresas têm se organizado para decidir sobre o fornecimento de equipamentos, o número de dias fora do escritório e a compensação por aumento de gastos ou mudanças nos contratos.

Na empresa da especialista em comércio exterior Cristiane Paulucci, 54, os empregados conseguiram aulas virtuais de ginástica laboral e meditação online e receberam em casa cadeiras de escritório e outros equipamentos.

Ela, que tinha um cômodo em seu apartamento para receber visitas, investiu cerca de R$ 13 mil para transformá-lo em escritório e sala de estudos. Quando a empresa voltar ao normal, ele pretende ir até lá três vezes por semana.

"Economizo cerca de 80 minutos no trânsito todos os dias, mas acho importante e saudável ter o contato com as pessoas e sair de casa."

Mas nem todos os conflitos que vieram com o home office foram resolvidos pacificamente. No ano passado, por exemplo, um juiz do Trabalho no Rio de Janeiro determinou que a Petrobras fosse responsável pelos custos mensais dos funcionários em casa.

Os trabalhadores exigiam internet, energia elétrica e estrutura física para o trabalho em casa. Após recursos, a empresa teve de manter apenas uma verba de apoio.

Para o especialista em direito do trabalho Roberto Calcini, "a relação entre empregados e empresas sofreu um processo de acomodação em razão dos dois anos de pandemia, mas sem que tenhamos, até agora, uma efetiva segurança jurídica".

> **Quando o escritório voltar ao normal, a ideia é ir três vezes por semana. Economizo cerca de 80 minutos no trânsito todos os dias, mas acho saudável ter o contato com as pessoas e sair de casa**
>
> **Cristiane Paulucci**

Em sua avaliação, é urgente a criação de uma nova legislação, já que a diretriz de 2017 não dispõe sobre o home office nem contempla demandas criadas com a pandemia.

No primeiro ano da crise sanitária, entre março e agosto de 2020, as ações na Justiça do Trabalho envolvendo trabalho em casa chegaram a aumentar 270%, até pela novidade dessa modalidade.

O TST (Tribunal Superior do Trabalho) registrou 258 processos desse tipo em 2021, alta de 263% ante 2019, no pré-pandemia. No Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, foram 155 no ano passado —em 2019, eram 5.

Segundo advogados, ainda há lacunas na legislação em relação ao controle de jornada, às horas extras e à privacidade no uso do computador, por exemplo.

No caso da ajuda de custos, Calcini entende que a empresa é obrigada a dar, já que a casa do funcionário se tornou uma extensão do escritório. "A jornada de trabalho também deve ser a mesma."

Os especialistas em legislação trabalhista dizem que poderia haver até mais ações, se os funcionários não temessem ter que arcar com o pagamento de honorários advocatícios, caso perdessem as causas.

Em outubro de 2021, o STF (Superior Tribunal Federal) entendeu que essa cobrança imposta pela reforma trabalhista é inconstitucional, e a tendência é de aumento no número de processos relacionados ao home office.

Segundo o também especialista em direito do trabalho Denis Sarak, onde há insegurança jurídica, há conflito. "A lacuna da nossa legislação favorece a desinformação e consequentemente os conflitos."

Funcionária de uma empresa no Rio Grande do Sul, Paloma Seixas, 28, nunca havia se imaginado trabalhando de casa. Com a pandemia, ela se mudou de Viamão, na Grande Porto Alegre, para Garopaba, no litoral de Santa Catarina, e não pensa em voltar.

"A rotina aqui é muito mais tranquila. Mas temo que não consiga crescer na empresa, se continuar morando longe."

Para o professor Peter Cappelli, que dirige o Centro de Recursos Humanos da Wharton School of Business, nos Estados Unidos, a preocupação de Seixas não é exagero, e é quase certo que os trabalhadores que não quiserem voltar ao escritório terão dificuldades na carreira.

"As pessoas que ficarem no escritório em tempo integral, trabalhando ao lado dos chefes e de outros colegas, vão progredir mais rápido. Todas as pesquisas anteriores sobre trabalho remoto mostraram isso."

Cappelli, que também é autor do livro "The Future of the Office" (O Futuro do Escritório), lembra que o trabalho híbrido era realidade para cerca de 10% dos norte-americanos antes da pandemia e provavelmente mais empresas devem adotar o modelo agora.

"Seja qual for o modelo, a grande lição da pandemia é que as pessoas realmente gostam de ter controle sobre seu tempo. Portanto, mesmo que elas voltem ao escritório, não vão querer que a empresa controle todos os seus passos."

Direitos no home office e o que falta regulamentar

Ajuda com gastos de luz e internet	A empresa deve fornecer uma ajuda de custos, já que a casa do funcionário se tornou uma extensão do escritório durante a pandemia, avalia o especialista em direito trabalhista Ricardo Calcini
Fornecimento de equipamentos de trabalho	O MPT (Ministério Público do Trabalho) recomenda que empresas e empregados observem itens de ergonomia (como mobiliário e postura física) e conexão, para que a empresa forneça as condições adequadas
Jornada de trabalho	A jornada de trabalho em casa também deve ser a mesma do escritório, com controle de jornada feito de forma eletrônica
Tempo de desconexão	O direito do trabalhador a períodos em que consiga ficar desconectado e barrar troca de mensagens fora do expediente, para garantir a saúde mental do funcionário, é uma das lacunas atuais
Privacidade em casa	O direito de imagem e à privacidade dos trabalhadores e seus familiares, sobretudo com o aumento do número de reuniões via transmissão de vídeo, precisa ser redefinido

Fontes: advogados trabalhistas e MPT

Guerra, comida e gasolina

Invasão da Ucrânia e punição da Rússia mexeriam com trigo, petróleo e finança

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A Ucrânia vende 17% do milho do mercado mundial. Tem peso relevante, embora fique atrás de EUA, Brasil e Argentina. Ucrânia e Rússia exportam 30% do trigo comprado pelo resto do planeta —é muito.

Quase 47% do gás e 25% do petróleo que a União Europeia importa sai da Rússia. Os russos têm mais ou menos 11% das exportações mundiais de petróleo, apenas atrás da Arábia Saudita (17%). Quase metade das exportações russas é de energia, o que sustenta a economia e as contas do governo.

Qual o impacto que uma guerra pode ter nos preços da vidinha? Depende também do tamanho das sanções contra a Rússia, claro, o que parece depender do tamanho da guerra, mas não apenas.

Se a Rússia bloqueasse a saída da Ucrânia para o mar, o preço dos grãos subiria. Mas a China, aliada de Vladimir Putin, compra um monte de seu milho na Ucrânia.

Se a exportação de energia da Rússia para a União Europeia fosse interrompida, russos e europeus iriam para o buraco, chutando de resto o preço do petróleo para o alto.

Na sexta-feira de frenesi de guerra na mídia americana, a mídia especializada em grãos preocupava-se mais com a safra de soja e milho de Brasil e Argentina, prejudicada pelo mau tempo. Comentavam uma ligeira alta do preço do trigo, de passagem.

O petróleo está caro, passou de US$ 77 por barril (Brent) no final do ano passado para US$ 93,5. Mas é o preço em torno do qual tem flutuado desde o início de fevereiro, quando piorou a crise na Ucrânia, mas não necessariamente por causa do tumulto geopolítico.

Os negociantes de dinheiro, os mercados financeiros, estão de fato mais nervosos, em particular nos Estados Unidos, onde o governo de Joe Biden e a elite da política, da mídia e da finança parece achar ou propagandear que a "guerra iminente" é agora inevitável.

Claro que uma invasão maciça da Ucrânia pode ter consequências que vão além destas observações elementares. Há desde o efeito pânico na finança até o imponderável: de risco de conflito descontrolado até um fiasco russo, embora o International Institute of Strategic Studies diga que equipamento, composição e treinamento das tropas russas tenham melhorado depois de vergonhas na rápida invasão da Geórgia, em 2008.

Entre uma hipótese e outra, a Rússia pode submeter a Ucrânia a um longo estado de sítio. Pode recorrer à guerra cibernética, a intervenções por meio dos separatistas do leste ucraniano, a sabotagens, a ameaças que criam desconfiança, paralisia decisória nos negócios e na política, enquanto desmoralizam o ânimo punitivo e inibem a ação do "Ocidente". Isso deve ter um custo, mas marginal.

A questão maior é saber se, depois da peste, ainda teremos guerra para valer. Além disso, no que interessa à especulação econômica, é preciso descobrir que tipo de sanções duras que EUA e aliados podem impor à Rússia sem que sofram um efeito bumerangue (petróleo caro, inflação, acidentes nos mercados). Como se sabe, os americanos ameaçam pegar o dinheiro de oligarcas russos, das estatais do país e machucar os bancos. E se não funcionar? A tentativa de quebrar as pernas econômicas da Rússia não sairia de graça para o mundo, fora o risco de conflito armado ainda maior.

Enquanto isso, o dólar cai sem parar no Brasil de 2022. Apesar dos tombinhos do Ibovespa, continuou a entrar dinheiro de não residentes ("estrangeiros") na Bolsa (até 16 de fevereiro, R$ 52 bilhões, mais da metade do que entrou em 2021 inteiro). A entrada de dólares no país supera à do total de 2021. A calmaria é surpreendente.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Brasileiro com dinheiro esquecido pode recuperá-lo em 2 lotes

Cristiane Gercina

SÃO PAULO Os brasileiros que têm dinheiro esquecido nos bancos e em outras instituições financeiras poderão receber valores em mais de uma etapa de liberação, segundo o Banco Central. Quem já fez a consulta no Sistema Valores a Receber e sabe que será contemplado na primeira fase poderá receber também nas demais liberações.

O total a ser devolvido está estimado em R$ 8 bilhões. Na primeira fase, cuja consulta já está aberta, serão liberados cerca de R$ 4 bilhões para 28 milhões de beneficiários, dos quais 26 milhões são pessoas físicas, e 2 milhões, pessoas jurídicas.

Nas próximas fases, o sistema pagará R$ 4 bilhões. Os herdeiros também têm direito a receber os valores.

O primeiro lote de pagamentos será liberado a partir do dia 7 de março. Quem faz a consulta recebe a data e o horário em que deve voltar ao site de valores para pedir a transferência.

O dinheiro será depositado via Pix, TED (Transferência Eletrônica Disponível) ou DOC (Documento de Crédito) em até 12 dias úteis.

Na primeira fase de pagamentos será devolvido dinheiro de contas-correntes ou poupanças que foram encerradas ainda com saldo disponível, tarifas e parcelas cobradas indevidamente cuja devolução já estava prevista em termo de compromisso assinado com o BC, dinheiro de consórcios encerrados e cotas e sobras de quem participou de cooperativas de crédito.

No caso do crédito das cooperativas, um exemplo de quem pode receber é o ex-cooperado que deixa a cooperativa antes da distribuição do resultado positivo anual ou que não busca a restituição de capital integralizado após seu desligamento. Já nos consórcios, o dinheiro irá para consorciado de grupo encerrado que não utilizou os respectivos créditos.

A partir de 2 de maio, o Banco Central abrirá a nova consulta para outros R$ 4 bilhões, que são referentes a valores deixados nos bancos por outras situações.

Assim, mesmo quem já tiver resgatado no primeiro lote poderá ter mais dinheiro que ficou para trás em alguma instituição financeira.

Nessa segunda fase de pagamentos, estarão incluídos valores referentes a saldos de contas encerradas.

Também entram tarifas, parcelas ou pagamentos em operações de crédito não previstas em termo assinado com o BC, o que inclui o dinheiro descontado indevidamente de crédito consignado dos aposentados do INSS.

Dinheiro que ficou em instituições que faliram, valores deixados em contas pré-pagas ou pós-pagas que foram encerradas com saldo disponível, pagamentos em casos de contas mantidas em corretoras e distribuidoras de valores para registro de ativos financeiros dos clientes e em casos de cobranças de tarifas duplicadas também entram nessa segunda fase.

Para consultar se há algo a receber na primeira leva, acesse o site valoresareceber.bcb.gov.br e informe CPF ou CNPJ, além de data de nascimento, para pessoa física, ou data de abertura, para empresas.

Economistas do PT proliferam, mas rumo ainda depende de Lula

Núcleo criado para formular políticas espera definição de coalizão ampla desejada pelo ex-presidente

Lula ao lado da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, em encontro com economistas ligados ao partido Ricardo Stuckert 14 jan 22/Divulgação

Ricardo Balthazar

SÃO PAULO Economistas ligados ao PT têm várias ideias para arrumar as contas do governo e convencer os críticos do partido de que Luiz Inácio Lula da Silva adotará políticas responsáveis se voltar ao poder. Eles têm também uma certeza: o ex-presidente não quer apostar em nenhuma delas agora.

Com a proximidade das eleições presidenciais e o petista na liderança das pesquisas, o grupo interessado em participar da formulação de políticas para um novo governo Lula está crescendo, mas o espaço que terá para influir no desenho da sua plataforma de campanha ainda é incerto.

O ex-presidente tem apresentado linhas genéricas de um futuro programa econômico em seus pronunciamentos, mas tem evitado acenos ao mercado financeiro como os feitos na corrida presidencial de 2002, quando assumiu compromissos claros com a estabilidade da economia antes da eleição.

"É preciso que a gente recupere a democracia, para que a gente possa colocar a desigualdade na ordem do dia como prioridade de um governo, e não colocar como prioridade o teto de gastos", afirmou Lula em janeiro, durante uma entrevista a jornalistas de sites simpáticos à sua candidatura.

Dias antes do evento, numa reunião com 35 economistas alinhados ao partido, ele deixou claro que não pensa em indicar tão cedo um porta-voz para assuntos econômicos e estimulou os presentes a participar mais ativamente do debate público, expressando suas opiniões em caráter pessoal.

Na avaliação dos petistas, antes de qualquer outra definição sobre o que ele pretende fazer se for eleito presidente, será preciso esperar a conclusão das negociações em curso para a montagem da coalizão partidária ampla que Lula deseja para o lançamento de sua candidatura, provavelmente em março.

Lula quer ter como vice da chapa o ex-governador Geraldo Alckmin, seu adversário nas eleições de 2006. Alckmin deixou o PSDB e está em busca de outra sigla para participar da eleição. As articulações de Lula incluem partidos à sua direita, como o PSD do ex-prefeito Gilberto Kassab.

Somente depois será possível definir a estrutura da campanha e os responsáveis pela elaboração do programa do candidato. Se a presença dos economistas do PT é garantida, é provável também que eles terão companhia de gente que até agora só acompanhou seus debates pelos jornais.

"Não temos problema em dialogar com quem não é do nosso campo", afirma Guilherme Mello, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenador do grupo de economistas do PT. "Lula tem clareza sobre seus objetivos e saberá definir a estratégia adequada na hora certa."

Criado há três anos como um dos núcleos de acompanhamento de políticas públicas da Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, o grupo incorporou dezenas de membros nos últimos meses, incluindo ex-ministros de governos petistas, parlamentares e dirigentes partidários.

Nem todos participam ativamente dos debates, mas todos foram incluídos num grupo de WhatsApp em que boa parte das discussões ocorre. A presidente do partido, Gleisi Hoffmann, entrou. O ex-ministro José Dirceu, que deixou o governo Lula em meio ao escândalo do mensalão, também.

O ex-ministro Guido Mantega só entrou no núcleo da Fundação Perseu Abramo recentemente. Interlocutor habitual de Lula, ele foi indicado pelo petista para representá-lo quando a **Folha** convidou os candidatos à Presidência a escrever artigos sobre seus planos econômicos, no início de janeiro.

Em junho do ano passado, o grupo criado pela fundação tinha 32 integrantes, entre os quais 29 economistas. Com a abertura a novos participantes, o total atingiu 88 membros, dos quais 56 com formação em economia. A maioria tem ligações antigas com o PT, mas nem todos são filiados ao partido.

Mello divide a coordenação com o ex-ministro Aloizio Mercadante, atual presidente da Fundação Perseu Abramo e ligado à Unicamp como ele. Mercadante deu aulas em Campinas até os anos 1990. Pelo menos 25 economistas do grupo passaram pela Unicamp em algum ponto da carreira.

"Não vejo ideias novas surgindo desse grupo", diz o economista Nilson Teixeira, sócio da gestora de investimentos Macro Capital. "Lula parece empenhado em buscar uma aliança ampla para se eleger, e isso exigirá novos compromissos quando chegar a hora de definir um programa de governo."

O núcleo petista participou da redação do "Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil", lançado pela Fundação Perseu Abramo na pandemia, em setembro de 2020. O documento propõe que o governo volte a assumir papel central na economia e aumente gastos para tirar o país da estagnação.

"Caberá ao Estado planejar, projetar, gastar, induzir e estimular a retomada do crescimento e a geração de empregos", afirma o texto. "Os falsos limites dados pela ortodoxia fiscal permanente e pelo absurdo e insustentável teto de gastos [...] precisam ser eliminados com urgência."

A fundação organizou um seminário para discutir o documento com Lula no ano passado, mas o evento acabou sendo abortado para que todos pudessem acompanhar o julgamento em que o Supremo Tribunal Federal anulou a condenação de Lula no caso do tríplex de Guarujá, realizado no mesmo dia.

Meses depois, o Instituto Lula convidou um dos formuladores do Plano Real, André Lara Resende, para um debate com um professor da Unicamp, Marcelo Manzano, assessor da Fundação Perseu Abramo. O economista teve outros contatos com integrantes do partido, em caráter informal.

Lara Resende participou do governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), mas tornou-se um crítico do receituário econômico convencional e abraçou ideias heterodoxas, como a de que o Brasil tem condições de se endividar mais para financiar investimentos públicos sem causar desequilíbrios.

É consenso no grupo do PT a ideia de que o teto de gastos adotado no governo Michel Temer para conter a expansão dos gastos públicos deve ser abolido, mas seus integrantes se dividem sobre a necessidade de substituí-lo por outro mecanismo que imponha disciplina às contas do governo.

Nelson Barbosa, que foi ministro da Fazenda e do Planejamento no governo Dilma Rousseff, defende a adoção de um regime com metas para investimentos e outros gastos, compromisso com uma trajetória sustentável da dívida pública e avaliações periódicas dos programas do governo.

A ideia foi incorporada a uma emenda constitucional proposta pela bancada do PT no Senado em 2020, mas não avançou no Congresso. A cúpula do partido nunca demonstrou entusiasmo pela proposta. "Somos contra qualquer tipo de âncora fiscal", disse Gleisi Hoffmann à CNN em janeiro.

"É preciso saber o que se deseja fazer com a política fiscal no primeiro ano do próximo governo, e quanto", diz Barbosa, que é colunista da **Folha**. "Todos concordam que será preciso ter flexibilidade, mas é difícil discutir um plano sem ter ideia das ações que serão necessárias a curto prazo."

Desde o início do ano, Lula tem defendido uma revisão profunda da legislação trabalhista, incluindo mudanças introduzidas pela reforma aprovada no governo Temer, que aboliu o imposto sindical compulsório descontado dos assalariados e formalizou contratos de trabalho no regime intermitente.

O assunto tem sido debatido pelas centrais sindicais, que devem apresentar uma pauta de reivindicações em abril. Um dos membros do grupo do PT, Clemente Ganz Lúcio, ex-diretor-técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), participa das discussões.

"Não se trata de simplesmente revogar o que foi aprovado antes, mas de repensar as relações de trabalho e a necessidade de proteção social num contexto em que há problemas novos, como a situação dos trabalhadores de aplicativos", afirma Ganz, que é sociólogo e não é filiado ao PT.

Lula também tem falado numa nova política industrial e sugeriu recentemente que aguarda a conclusão de estudos da Fundação Perseu Abramo para definir um plano. O objetivo, segundo ele, é identificar setores em que empresas brasileiras possam se tornar competitivas se receberem apoio oficial.

Há dúvidas sobre a melhor estratégia, diz Esther Dweck, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membros do grupo defendem prioridade para setores voltados para demandas da área social, como a saúde. Outros querem promover indústrias com potencial para crescer, como a do petróleo.

"Todos concordam sobre a necessidade de recuperar a indústria, que sofreu muito nos últimos anos no Brasil", afirma Dweck. "Os Estados Unidos e outros países desenvolvidos estão investindo muito nisso também, adotando inclusive políticas de caráter protecionista em certos setores."

Vários economistas do grupo, como Mercadante e o professor Ricardo Carneiro, da Unicamp, também participaram dos debates internos do PT na campanha eleitoral de 2002, quando Lula promoveu uma guinada no discurso do partido ao prometer conter a expansão dos gastos e da dívida pública.

Após a vitória, o petista indicou Antonio Palocci como seu ministro da Fazenda e lhe deu liberdade para formar sua equipe. Nenhum membro do grupo que atuou na campanha foi chamado. Palocci rompeu com o PT em 2017, após ser preso pela Operação Lava Jato e decidir colaborar com a Justiça.

"Os petistas usam a estrutura do partido para se projetar, mas o futuro governo dependerá de muitas coisas que ainda estão indefinidas", afirma Otaviano Canuto, que fez parte da equipe de Palocci. "A chave do que pode vir a ser um novo governo do PT está na cabeça de Lula, não na do partido."

Conheça o grupo de economistas do PT

O grupo nasceu na Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT. Tinha 32 integrantes em junho, sendo 29 economistas. Nos últimos meses, o grupo incorporou líderes partidários, parlamentares e assessores, atingindo 88 participantes

■ Economistas
■ Sem formação em economia

A maioria dos 56 economistas do grupo concluiu a graduação entre os anos 1960 e 1990. Apenas 10 são mulheres. Entre os mais jovens, 14 ainda estavam na faculdade quando Lula assumiu a Presidência, em 2003

Década em que concluiu graduação

Década	Economistas
1960	2
1970	14
1980	12
1990	11
2000	11
2010	6

Divisão por gênero

Gênero	Economistas
Homens	46
Mulheres	10

Entre os 56 economistas, 38 concluíram o doutorado. A maioria recebeu o título da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pelo menos 25 integrantes do grupo passaram pela Unicamp em algum momento da carreira

Número de doutores por universidade

Fontes: Fundação Perseu Abramo, Instituto Lula, PT, Plataforma Lattes, Câmara dos Deputados, Senado e LinkedIn

Marcas correm para vender carros antes que regra mude

Fora do novo limite de poluição, veículos têm que ser vendidos até 30 de junho

Eduardo Sodré

SÃO PAULO Anúncios de carros com condições de financiamentos convidativas e garantia de pronta entrega têm surgido neste início de ano. É um cenário bem diferente do vivido ao longo do segundo semestre de 2021, quando filas de espera e crédito mais caro se tornaram regra no mercado automotivo.

A Volkswagen, por exemplo, oferece o utilitário compacto T-Cross com "taxa zero". Na Citroën, campanhas seguidas impulsionam as vendas do C4 Cactus no varejo. As explicações para essas e outras ofertas estão na lei e nos números.

Primeiro, a lei. As montadoras pediram e o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) esticou por três meses o prazo para adequação de seus veículos a uma nova etapa da legislação ambiental.

A norma estabelecida pela sétima fase do Proconve (Programa de Controle de Emissões Veiculares) previa que os automóveis leves produzidos a partir de 1º de janeiro deveriam emitir menos poluentes que os modelos feitos em 2021.

Mas havia automóveis incompletos por falta de peças: sem a prorrogação, teriam de ser desmontados.

Dentro do possível, as fabricantes aceleraram a produção no fim de 2021. As férias coletivas foram atrasadas, e dezembro registrou bom volume de produção.

O ritmo segue acelerado: esses carros precisam ser concluídos até 31 de março e vendidos até 30 de junho, e ainda há a montagem das linhas ano/modelo 2022/2022 e 2022/2023. Então entram os números.

Um recorte sobre o segmento de carros de passeio e comerciais leves mostra que janeiro registrou uma queda de 28,3% nas vendas em relação ao mesmo mês de 2020. O dado é da Fenabrave (entidade que representa os distribuidores de veículos).

Fevereiro vai pelo mesmo caminho, com uma baixa de aproximadamente 25% até quinta (17) sobre igual período do ano passado, segundo o Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores).

De repente, algumas montadoras estão com um pequeno estoque de carros com prazo de validade para venda. E há a necessidade de abrir espaço para a linha adequada ao Proconve 7 —que precisa ser rentável para pagar os investimentos feitos na adequação à nova norma ambiental.

Não se trata de mudanças simples. A redução de emissões implica trocas de sistemas de escapamento, com novos regimes de pós-tratamento para os gases.

Segundo a Anfavea (associação das montadoras), as empresas investiram cerca de R$ 12 bilhões na atualização de seus veículos.

Pressionadas pelos gastos, as fabricantes confiaram na manutenção da demanda e buscaram por rentabilidade no varejo. Priorizou-se o faturamento para a rede concessionária, em vez de vender os carros para as locadoras —que compram em lotes e negociam grandes descontos.

Os consumidores estavam ávidos por carros, e as filas de espera formadas em 2021 ainda não terminaram. Mas os resultados deste início de ano ligaram o alerta no setor.

A variante ômicron trouxe mais incerteza sobre o fim da pandemia de Covid-19 e certamente influenciou a queda das vendas, mas o momento econômico do país tende a ser o grande motivo da desaceleração no setor.

O cenário atual combina juros altos, inflação, desemprego e carros mais caros. Se a bolha de consumo que movimentou o mercado em 2021 estiver prestes a se esvaziar, os problemas podem transformar a esperada retomada em um ano de queda nas vendas.

O maior problema está no segmento de entrada, em que antes estavam os carros considerados populares. O encarecimento dos modelos, somado ao maior custo do crédito, encerrou esse segmento e afastou um grande volume de compradores. O resultado pode ser o aumento da ociosidade das fábricas.

Com a eleição presidencial, o segundo semestre tende a ser comprometido economicamente. Ao mesmo tempo, é provável que questões ligadas ao fornecimento de componentes estejam equalizadas.

Os movimentos feitos pelas fabricantes instaladas no Brasil mostram que a entrega de peças, principalmente semicondutores, está mais regular. A Volkswagen, por exemplo, vai retomar o segundo turno na fábrica de São Bernardo do Campo (Grande São Paulo) no dia 2 de março.

Mas as montadoras —que têm feito grandes investimentos de olho no que será o mercado a partir de 2023— podem sentir falta de consumidores justamente quando estiverem prontas para entregar seus carros sem grandes filas de espera.

R$ 12 bi
Investimento feito pelas montadoras para adequar carros ao Proconve 7

28,3%
Foi a queda nas vendas de automóveis de passeio e comerciais leves na comparação entre os meses de janeiro de 2021 e de 2020

R$ 20,9 bi
Soma dos investimentos anunciados pelas montadoras nos últimos três meses

+ Alguns dos integrantes do grupo de economistas reunidos pelo PT para a campanha de Lula

6 ANTONIO CORREA DE LACERDA
Professor da PUC-SP, com doutorado na Unicamp. Foi economista-chefe da Siemens no Brasil e conselheiro de entidades da indústria

1 ALOIZIO MERCADANTE
Presidente da Fundação Perseu Abramo, foi ministro de Ciência e Tecnologia, da Educação e da Casa Civil no governo Dilma

8 ANTONIO PRADO
Formado na Unicamp, foi secretário-executivo adjunto da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), da ONU

9 GUILHERME MELLO
Professor da Unicamp e coordenador do grupo. Formado pela PUC-SP. Participou da campanha de Fernando Haddad em 2018

10 CLEMENTE GANZ LÚCIO
Formado em ciências sociais, foi diretor-técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos)

2 GUIDO MANTEGA
Substituiu Antonio Palocci como ministro da Fazenda em 2006 e continuou no cargo até o fim do primeiro mandato de Dilma, em 2014

5 LIGIA TONETO
Formada pela USP, faz mestrado na Unicamp sob orientação de Guilherme Mello. É secretária de Juventude do PT em São Paulo

NELSON BARBOSA
Assessorou Mantega no governo Lula e foi ministro da Fazenda e do Planejamento no Dilma. É professor da FGV e da UnB

4 LUIZ GONZAGA DE MELLO BELLUZZO
Formado em direito e ciências sociais na USP, foi professor do Instituto de Economia da Unicamp e trabalhou no governo Sarney

TEREZA CAMPELLO
Formada pela Universidade Federal de Uberlândia (MG), foi ministra do Desenvolvimento Social nos dois mandatos de Dilma

11 PEDRO ROSSI
Formado pela UFRJ, fez mestrado e doutorado na Unicamp sob orientação de Ricardo Carneiro e hoje é professor da universidade

3 RICARDO CARNEIRO
Professor da Unicamp, participou da campanha de Lula em 2002. Foi diretor do Banco Interamericano de Desenvolvimento

7 WILLIAM NOZAKI
Formado em ciências sociais na USP, fez mestrado e doutorado em desenvolvimento econômico na Unicamp. É professor da FESPSP

Ministério da Economia condena políticas regulatórias sob alçada da Infraestrutura

Julio Wiziack

BRASÍLIA No momento em que o ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) se prepara para disputar a eleição ao governo paulista, o Ministério da Economia, de Paulo Guedes, põe em xeque políticas regulatórias de duas agências sob a aba da pasta do colega.

Um dos braços fortes de Jair Bolsonaro (PL), Tarcísio colecionou disputas com Guedes desde que o presidente decidiu disputar a reeleição. Foram várias derrotas que desacreditaram o ministro da Economia e sua política liberal, que cedeu espaço a gastos capazes de ganhar votos.

Tarcísio defendeu, segundo assessores do Planalto, a reformulação do Bolsa Família, que passou a se chamar Auxílio Brasil, a distribuição de verbas parlamentares acima de valores previamente acertados com a Economia e o reforço do fundo eleitoral.

A Fiarc (Frente Intensiva de Avaliação Regulatória e Concorrencial), do Ministério da Economia, condenou a cobrança de uma tarifa administrada pela Antaq (agência de transportes aquaviários) e outra pela ANTT (de transportes terrestres) e recomendou mudanças no uso de recursos de um fundo abastecido com taxas portuárias.

A Fiarc foi criada no início do governo e congrega técnicos da Seae (Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade) e da Sepec (Secretaria Especial de Produtividade e Competitividade da Economia).

A proposta é reavaliar políticas regulatórias para incentivar a livre concorrência. Os primeiros três estudos foram motivados por reclamações de empresas, e os resultados surgiram no final de janeiro.

Nos bastidores, no entanto, técnicos de Tarcísio tratam as medidas como um golpe contra o ministro, já que os assuntos se concentram em temas de sua pasta. Procurada, a Economia não comentou.

A Fiarc condenou, por exemplo, a cobrança do chamado THC2 (Terminal Handingd Charge 2), taxa sobre a movimentação de contêineres em terminais portuários.

"A cobrança permite ao terminal portuário usar seu poder de mercado para criar artificialmente custos para concorrentes no mercado de armazenagem alfandegada, prejudicando a concorrência e elevando os custos do setor", diz.

De acordo com o parecer técnico, os armazéns não podem escolher em qual terminal sua carga será movimentada, algo que compete aos armadores (que realizam o transporte aquaviário de longo curso).

Motivado por uma reclamação da Associação de Usuários dos Portos da Bahia, o parecer da Economia foi considerado por empresas que atuam nos terminais como interferência indevida em uma questão concorrencial que vem sendo discutida tanto pela Antaq quanto pelo Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica).

Em junho do ano passado, Cade e Antaq assinaram um memorando de entendimento para chegar a um acordo sobre os mecanismos da cobrança. A implantação era prevista para este ano.

Técnicos do Ministério da Infraestrutura afirmaram, sob condição de anonimato, que em nenhum momento a Fiarc consultou qualquer dos órgãos que hoje discutem o THC2. Avaliaram como uma revanche contra Tarcísio.

Em outra frente, o órgão recomendou que a Infraestrutura modifique os decretos referentes ao Fundo da Marinha Mercante (FMM) para que saldos remanescentes não sejam usados por empresas brasileiras de navegação, o que pode gerar distorções concorrenciais com empresas que hoje não recolhem tributos ao fundo. O assunto interessa-va ao Sindicato Nacional das Empresas de Apoio Portuário.

Após reclamação da Buser Tecnologia, a Economia também condenou a regra do chamado Circuito Fechado no transporte rodoviário interestadual de passageiros por fretamento. Por ele, o passageiro não pode adquirir somente um dos trechos da viagem (só ida, por exemplo).

Para a Fiarc, a regra atual eleva preços e impede a entrada de competidores com diferentes modelos de negócios e novas tecnologias. Por isso, a Seae recomendou que a ANTT acabe com o mecanismo.

O agricultor Delmar Rambo, que calcula ter perdido quase toda a lavoura de soja em Mormaço (RS); 88 mil produtores de soja foram atingidos no estado Fotos Diego Zanatta/Folhapress

Seca faz semente até 'cozinhar' em solo gaúcho

Escassez e irregularidade de chuvas produz plantas mirradas, espigas malformadas e abate a produção de leite

Fernanda Canofre

ESPUMOSO, MORMAÇO E TIO HUGO (RS) Não parece fevereiro no interior da região norte do Rio Grande do Sul.

Numa época do ano em que as lavouras de soja costumam recobrir os campos de verde, com plantas na altura de 60 ou até 90 centímetros, a paisagem é de pés mirrados, a poucos centímetros do solo, alguns já secos.

As plantações de milho que ainda se encontram são de plantas miúdas, que carregam espigas malformadas.

A região é uma das mais afetadas pela estiagem que perdura desde o fim de 2021, época do início da plantação de soja, num estado onde cerca de um terço dos 497 municípios é de economia agrícola.

Até quinta-feira (17), 408 —mais de 8 em 10— haviam decretado situação de emergência.

Segundo dados do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia), desde novembro do ano passado, as chuvas têm ficado abaixo do esperado no estado, especialmente na faixa oeste. A estiagem atual é a mais severa desde o verão de 2011/12.

Em Espumoso, a cerca de 260 km de Porto Alegre, a última "chuva boa", com média acima de 20 milímetros, tinha sido registrada na última semana de outubro —depois vieram apenas pancadas.

Ou previsões, que iam se tornando miragens. No final de janeiro, algumas chuvas até atingiram essa marca, mas foram insuficientes para alterar o cenário.

Amilton Rosa, 56, chegou a tentar o replantio em alguns trechos da lavoura de soja que tem no município, mas desistiu totalmente de usar 80 de seus 280 hectares.

"Não adianta plantar, vai fazer o quê? O custo é maior do que iria tirar", diz ele.

"Tem uns lugares que pegaram um pouco mais de chuva, mas tem outra lavoura nossa que achávamos que ia dar 8 sacos por hectare, mas dá 4 ou 5 e olhe lá, se chover bem daqui para a frente. No ano passado, ano bom de chuva, colhemos 60", avalia.

No estado, a distribuição das chuvas é irregular, observa Alencar Rugeri, diretor técnico da Emater-RS. Em alguns casos, dentro da própria região ou município, choveu de um lado da estrada enquanto o outro ficou seco.

Segundo técnicos agrícolas da região e produtores, o diferencial da estiagem atual é a longa duração e o início ainda na época de plantio e germinação. O período escasso de chuvas na safra costuma ocorrer entre janeiro e fevereiro, com as lavouras já estabelecidas.

"Tem estágios da cultura em que, se chover, já não tem mais reflexo, porque as perdas estão consolidadas. Em outras, estamos ainda em fase de desenvolvimento vegetativo, enchimento de grão, e aí precisa chover. Tem que chover, inclusive, durante a colheita, porque não tem a umidade mínima necessária", diz ele.

"Em termos econômicos, essa vai ser a estiagem com maior impacto, porque temos a maior área [de plantio] da história, com potencial produtivo maior", afirma ele, citando outra situação crítica em 2004/05.

A segunda estimativa para a safra de verão (2021/22) da Emater-RS aponta queda de 54,7% na produção de milho, passando da projeção inicial de 6,1 milhões de toneladas para 2,7 milhões —com base na cotação de 10 de fevereiro, R$ 5,2 bilhões em perdas.

Na soja, com 88 mil produtores atingidos, a projeção é de corte de 43,8% na estimativa inicial de produção, passando de 19,9 milhões de toneladas para 11,1 milhões e com impacto de R$ 27,8 bilhões. Os dados são uma média do estado —em alguns municípios, as perdas chegam a 90%.

"É como pegar uma motosserra e cortar o tronco da árvore, porque o que tínhamos de projeto, o que tínhamos planejado, se foi tudo. Vamos precisar de auxílio do governo para criar raízes, ganhar força e produzir", afirma Delmar Rambo, 62, agricultor em Mormaço, que calcula ter perdido 98% da lavoura de soja.

As contas também preocupam os irmãos Derli, 50, e Clair Fath, 55, que plantam 30 hectares cada um em Tio Hugo, arrendando terras dos pais, que também contam com a lavoura como renda.

"[Esperamos] alguma ajuda para a gente poder se manter ou um abate das dívidas", diz Clair. "Vamos tentar recuperar na safra de inverno alguma coisa, se existir recurso liberado para isso."

"É uma perda grande, não sei se vamos conseguir 8 a 10 sacos por hectare. Costuma ser de 60 para cima", diz Derli. "A preocupação é grande, porque o custo é alto."

Cláudio Carvalho, técnico agrícola da Emater-RS que atende o município, relata que os preços de insumos deram um salto nesta safra.

A tonelada de adubo, que costumava custar cerca de R$ 2.000, por exemplo, saltou para a margem entre R$ 4.000 e R$ 5.000 perto da plantação, afirma.

"O custo da lavoura por hectare aumentou mais de 60%", diz ele, lembrando que a maioria dos produtores rurais depende de financiamentos.

Continua na pág. A23

Açude em Espumoso (RS) com água abaixo do nível após estiagem; reservatório estava cheio em setembro

Continuação da pág. A22

O produtor Leoder Machado recorreu ao Proagro (seguro agrícola) para cobrir as perdas do milho, que giram em torno de 70%, e aguarda os impactos na lavoura de soja, onde apostou no replantio em alguns trechos.

"Tinha expectativa boa, fizemos um investimento bastante alto no milho, e tivemos rendimento de 15 sacos por hectare, algumas partes um pouco melhor, mas ainda ruim. Em ano normal, a média aqui é colher em torno de 160, 170 sacas", conta.

Agricultores ligados a movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), protestaram em Porto Alegre na quarta-feira (16) cobrando ações dos governos federal e estadual diante da estiagem.

Entre as reivindicações, estavam liberação de crédito e auxílio emergencial, anistia das dívidas e a liberação de milho com valor subsidiado da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento).

A gestão Eduardo Leite (PSDB) anunciou investimentos em irrigação e diz que reforçou, junto ao governo federal, a preocupação dos produtores com a falta de crédito rural e as dificuldades para quitar pagamentos.

O governo gaúcho diz que aguarda o Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) sobre linhas emergenciais de crédito e refinanciamento para socorrer produtores e que foi informado de que a liberação depende de alocações orçamentárias internas da pasta e de créditos extraordinários.

Milho malformado; queda na produção é estimada em 55%

> "Em termos econômicos essa vai ser a estiagem com maior impacto, porque temos a maior área [de plantio] da história, com potencial produtivo maior"
>
> **Alencar Rugeri**
> diretor técnico da Emater-RS

O Mapa diz que estão sendo feitos encontros entre a pasta e o Ministério da Economia para viabilizar ações que possam mitigar os efeitos da estiagem nos três estados do Sul e em Mato Grosso do Sul.

O Rio Grande do Sul é o estado mais atingido na região Sul. No Paraná, a projeção do fim de janeiro do Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento, era de redução de 39% na produção de soja e 36% na de milho de primeira safra.

As perdas de produtores rurais no estado devido ao clima podem ficar entre R$ 25 bilhões e R$ 30 bilhões.

Em Santa Catarina, a estimativa é de queda de 34,5% na safra do milho e de 21% na soja, segundo o Epagri/Cepa.

A estiagem também abateu a pecuária: fez Nei Kirschner, 64, desistir de trabalhar com a produção leiteira, que já vinha em situação difícil há tempos.

Ele é um dos 33,1 mil produtores do setor com dificuldades no estado —a queda registrada até aqui é de 2,4 milhões de litros de leite por dia.

"Na nossa comunidade, tinha 12 produtores, agora tem 2 e eu estou largando", afirma ele.

Com a estiagem, a alimentação dos animais virou dificuldade extra, conta Kirschner, que vendeu todas as novilhas do rebanho —o pasto não vingou e as perdas no milho foram grandes.

"Fiz silagem, em 8 hectares consegui tirar 15 toneladas, antes tirava em torno de 60 toneladas por hectare", diz. "Vamos terminar enquanto ainda sobra alguma coisa, porque, se insistir mais, não sobra."

O calor histórico também interferiu, chegando a "cozinhar" sementes no solo em alguns locais, afetando a germinação.

Estael Sias, meteorologista da MetSul, diz que 2022 é o segundo ano consecutivo com fenômeno La Niña (chuvas irregulares e com tendência à estiagem) e que os últimos 12 meses tiveram chuva abaixo da média histórica no estado, levando a um período longo de escassez.

"Alguma melhora em termos de chuva, que possa amenizar de fato e reverter o quadro de estiagem, muito provavelmente só no final do outono, início do inverno. O La Niña termina em meados de abril, maio, e até lá vai deixando a chuva irregular. Quando a gente olha os prognósticos para os próximos meses, a probabilidade de chuva abaixo da média é bem alta", afirma.

Por que os EUA são mais desiguais do que a Europa?

Europeus pré-distribuem renda antes do Estado; americanos redistribuem mais

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Das experiências mais desconcertantes, chegando a ser desconfortável, é nos depararmos com um resultado que contraria a visão de mundo que temos. Mas é das experiências mais ricas que podemos ter. Ensina-nos a tolerância e a duvidar sempre de nossas certezas.

Sabe-se que a economia americana é muito mais desigual do que a europeia. O resultado ocorre quer comparemos os EUA com cada país da Europa ou quando consideramos a Europa como um único país.

Minha visão de mundo sempre foi que a maior desigualdade americana se devia ao menor Estado de bem-estar social que há por lá. Bem de acordo com uma visão social-democrata, nos Estados Unidos a tributação é menor, assim como a oferta de seguros públicos.

A Europa, por sua vez, escolheu maiores cargas tributárias para que o Estado tenha mais recursos para oferecer seguros públicos. Como resultado, parte da maior desigualdade americana segue da menor redistribuição pelo Estado. Essa também é a visão aceita pela literatura.

Será publicado no próximo fascículo da revista de economia aplicada da American Economic Association o artigo "Por que a Europa é mais igualitária do que os Estados Unidos?".

Os autores, Thomas Blanchet, Lucas Chancel e Amory Gethin, são do Laboratório da Desigualdade Mundial da Escola de Economia de Paris, instituição que conta com a liderança do popular e respeitado pesquisador francês Thomas Piketty.

A partir de uma cuidadosa conciliação de diversas pesquisas para inúmeros países, o trabalho inverteu a visão estabelecida. A diferença de desigualdade entre os EUA e a Europa é maior quando se consideram as rendas das pessoas antes do Estado—isto é, antes do pagamento dos impostos e dos recebimentos dos serviços públicos e transferências— do que após o Estado. O Estado americano redistribui mais do que o Estado europeu!

De alguma maneira, que o trabalho não elabora —o objetivo do trabalho é unicamente estabelecer um fato estilizado (já é uma enorme contribuição)—, a Europa pré-distribui renda. Como? Não sei. Será necessário muito trabalho para sabermos. Há duas possibilidades, pelo menos.

A primeira, mais ortodoxa, sugere que o sistema educacional europeu é mais eficiente em igualar as oportunidades. O Estado europeu prioriza igualdade de oportunidades, e o Estado americano, igualdade de resultados.

A segunda, mais heterodoxa e complementar à anterior, sugere que a regulação do mercado de trabalho e a intervenção do Estado no processo produtivo na Europa garantem bons empregos para todos (ou quase todos). Aguardemos os próximos capítulos.

A diferença no resultado deveu-se ao emprego de diversas pesquisas. Tradicionalmente a literatura de desigualdade trabalha com as pesquisas domiciliares, como a nossa Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), conduzida mensalmente pelo IBGE. Essas pesquisas geraram a visão tradicional de que o Estado europeu redistribui mais do que o americano.

O trabalho recente adicionou dados do órgão das receitas federais, que conseguem enxergar melhor os ricos, e os dados de contas nacionais, que permitem enxergar os impostos indiretos e o lucro empresarial após o pagamento de impostos.

Antes da intervenção do Estado, os 10% mais ricos nos EUA recebem 45,7% da renda e 34,3% na Europa, uma diferença de 11,4 pontos percentuais. Após o pagamento de impostos e as transferências, os números são, respectivamente, 37,1% e 30,4%, uma diferença de 6,7 pontos percentuais (queda de 41% da diferença entre as regiões).

O Estado americano redistribui mais do que o europeu nas duas pontas: a tributação é mais progressiva, pois menos dependente de impostos indiretos; e o gasto público é mais focado nos pobres.

Vivendo e aprendendo.

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecília Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Luciano Salles

Aprendendo com a história

Precisamos nos dar conta de que hoje estamos queimando a nossa riqueza

Candido Bracher
Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos

Há os que creem que a história nunca se repete. Ainda assim, ninguém em sã consciência discorda que se possa apreender muito analisando fatos do passado.

Ao refletir sobre o impacto inflacionário que o aquecimento global pode ter sobre a economia mundial, ocorreu-me a semelhança entre o momento atual e o choque de preços do petróleo há quase 50 anos, em 1973. Naquele momento histórico, os cinco maiores produtores mundiais de petróleo, Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Venezuela, promoveram uma vigorosa elevação dos preços, que por muitos anos se encontravam comprimidos pelo cartel das grandes petroleiras ocidentais. O resultado foi um aumento de 300% no preço do petróleo em um período de apenas seis meses.

A economia mundial foi abalada pela inesperada pressão de custos provocada por um produto para o qual não havia substituto no curto prazo, nem alternativas viáveis de fornecedores. O Brasil, que àquela altura era grande importador de petróleo, sofreu significativo impacto sobre seus custos e sua balança de pagamentos, o que teve graves e duradouras consequências sobre nossa economia. Mas não fomos exceção: praticamente todos os países importadores de petróleo sofreram os efeitos negativos do choque. Com o tempo, o mundo adaptou-se à nova realidade e encontrou um novo equilíbrio.

Da mesma forma que em 1973 os custos das empresas aumentaram em função do aumento de preço de um insumo essencial, a necessidade de reduzir, ou compensar, suas emissões de carbono em função do risco iminente de aquecimento global colocará um pesado ônus sobre os custos de produção e transporte da economia mundial.

Uma diferença importante, no entanto, reside no fato de que a exigência não se implementará bruscamente, permitindo algum tempo para adaptação.

Ainda assim, este período de carência terá que ser muito limitado, pois a alternativa da elevação da temperatura mundial além de 1,5 grau acima das temperaturas da era pré-industrial apresenta riscos incomensuravelmente mais graves que o impacto econômico de um aumento de custos. Acredito que a economia mundial se adaptará a esse choque de custos mais rapidamente do que ocorreu nos anos 1970.

Mas creio que as lições realmente úteis dessa comparação dizem respeito à posição do Brasil. Diferentemente dos idos de 1973, desta vez nossa posição relativa é muito favorável. Primeiramente, porque o país tem uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, o que faz com que nossas emissões totais sejam baixas, quando comparadas a outras economias de porte semelhante. Ainda mais importante do que isto é o fato de sermos possivelmente o país com maior potencial de sequestro de carbono da atmosfera, por meio da recuperação florestal de nossa enorme extensão de áreas degradadas.

Esses fatores colocam o Brasil potencialmente entre os maiores beneficiados pela economia de baixo carbono. De um modo caricatural, poder-se-ia dizer que "desta vez os árabes somos nós".

Há muito trabalho a ser feito para que essas perspectivas se materializem. Assim como foi necessário aos países da Opep superarem rivalidades históricas para se unirem em torno de um interesse comum, será essencial ao mundo impor-se à resistência que os maiores poluidores certamente oporão à oneração de suas emissões. A diplomacia brasileira tem um importante papel a cumprir no esforço pela regulamentação da economia de baixo carbono. É importante deixar claro para todos os envolvidos que, quanto mais se procrastinar o desenho e implementação do novo arcabouço regulatório, mais intenso será o choque econômico resultante.

Paralelamente e mais importante do que qualquer outra medida, precisamos nos dar conta de que hoje estamos literalmente queimando a nossa riqueza. Se um hectare de floresta em recomposição é capaz de capturar 15 toneladas de carbono por ano, um incêndio em um hectare de floresta formada emite 500 toneladas de carbono na atmosfera. É isso o que justifica que, além do pagamento por sequestro de carbono, também se remunere a manutenção de florestas em pé, os chamados "serviços florestais".

O descuido deliberado que o país tem demonstrado com sua riqueza ambiental revela uma miopia inacreditável por parte de nosso governo. E não me refiro apenas ao Poder Executivo, com seu desmonte da estrutura de controle, sua inépcia na repressão aos crimes ambientais e iniciativas acintosas, como o recente decreto de "mineração artesanal", mas também ao Legislativo, onde avançam nas comissões ao menos seis projetos de lei que ameaçam gravemente o ambiente. Se não revertermos imediatamente essa situação, teremos que comprar créditos de carbono, ao invés de vendê-los.

Cabe ainda pensar que os benefícios para o Brasil poderão ter longa, mas limitada duração. A cobrança pelas emissões de carbono estimulará soluções alternativas de produção que reduzirão a demanda mundial pelo sequestro de emissões. No caso do petróleo, a produção dos países não membros da Opep passou de menos que 50% em 1973 para 66% em 2020. O Brasil, por exemplo, descobriu o pré-sal e passou de grande importador a exportador do produto. Isso sem mencionar o desenvolvimento de energias alternativas, como a solar, a eólica e o etanol. No caso presente, o estímulo que a necessidade sempre traz ao engenho humano será fundamental para que o mundo vença o desafio do aquecimento.

Finalmente, há um desafio mais complexo que o exemplo histórico nos ensina: a riqueza do petróleo, por si só, não trouxe felicidade. Basta dizer que a Venezuela era um dos cinco países fundadores da Opep e que os países árabes se acomodaram com o fluxo constante de receitas e não diversificaram suas economias. Temos ainda nos dias de hoje o triste exemplo do Cazaquistão, cuja grave crise é atribuída à insatisfação popular com a partição dos frutos da produção de gás natural.

Mesmo no caso do nosso pré-sal, os escândalos de corrupção ofuscaram os benefícios sociais e econômicos. A incapacidade de aplicar os resultados do súbito enriquecimento no desenvolvimento social cobra um elevado preço das sociedades. Há, porém, exemplos de países que transformaram suas economias e evoluíram ainda mais do ponto de vista social, como resultado da riqueza trazida pelo petróleo. O exemplo mais marcante é o da Noruega, que inclusive utilizou parte dos recursos para estimular o combate ao desmatamento, financiando o Fundo Amazônia.

A historiadora Barbara Tuchman no seu já célebre "A Marcha da Insensatez", elenca e analisa uma série de casos em que governos adotaram medidas claramente contrárias aos seus interesses. Ela inicia com a decisão dos troianos de aceitarem o cavalo presenteado pelos gregos e termina com o desastrado envolvimento americano no Vietnã. A forma como o governo brasileiro tem agido na questão ambiental preenche todos os requisitos para figurar com destaque entre os exemplos de seu livro.

Hospitalizações de crianças por Covid saltaram de 284 para 2.232 em 1 mês

Alta foi maior do que para adultos; falta de vacinas é principal explicação, segundo pesquisadores

DELTAFOLHA

Cristiano Martins e Diana Yukari

SÃO PAULO A recente explosão das internações infantis por Covid-19 supera em muito a curva geral de aumento durante a onda associada à variante ômicron no Brasil.

Levantamento da **Folha** com dados do Ministério da Saúde revela que o número de crianças menores de 12 anos hospitalizadas com complicações da doença saltou de 284 em dezembro para 2.232 em janeiro. Uma escalada de 686%.

Desde o início da pandemia, o Brasil ainda não havia visto tantas internações pediátricas por Covid em um só mês. Foram 70% a mais em relação a janeiro do ano passado e 11% acima de março, pico dos atendimentos no país em todas as faixas etárias.

Entre as demais idades, a alta de dezembro para janeiro foi proporcionalmente menor, de 395%. As hospitalizações de adolescentes e adultos subiram de 7.399 para 36,6 mil entre os dois meses, puxadas especialmente pelos idosos.

Apesar do aumento expressivo, essa quantidade é bem inferior aos 95,8 mil atendimentos em janeiro de 2021 e aos 228,3 mil registrados em março, no auge da pandemia.

Praticamente uma em cada dez internações por Covid na faixa de 0 aos 11 anos no Brasil ocorreu em janeiro de 2022.

Segundo especialistas, a principal explicação é a falta de cobertura vacinal nesse público. Autorizada em 16 de dezembro pela Anvisa para as crianças de 5 anos ou mais e iniciada oficialmente em 14 de janeiro no país, a campanha de imunização começou em ritmo lento.

UTI para crianças com Covid no Hospital Cândido Fontoura, em SP Adriano Vizoni-4 fev.22/Folhapress

Até segunda-feira (14), data da última atualização dos registros de internações, 28% das crianças elegíveis haviam recebido a primeira dose, segundo dados das secretarias estaduais de Saúde coletados pelo consórcio dos veículos de imprensa formado por **Folha**, UOL, O Globo, G1, O Estado de S. Paulo e Extra.

Entre os brasileiros adultos, 94% já estavam protegidos com o primeiro ciclo completo (duas doses ou o imunizante de dose única).

"Observamos um aumento impressionante, seguramente relacionado à dinâmica de transmissão. É como uma batalha, em que o vírus quer sobreviver e procura os lugares onde será menos atacado. Hoje, o nicho mais vulnerável é justamente o das crianças", explica Raphael Guimarães, pesquisador do Observatório Covid-19 da Fiocruz.

A análise da **Folha** mostra que o número de crianças hospitalizadas cresceu não apenas em termos absolutos, mas também no comparativo com as demais faixas etárias.

Elas respondiam por cerca de 1,5% na média de internações até novembro passado. No fim de janeiro, eram 6%.

O fenômeno conhecido como rejuvenescimento da pandemia já havia sido observado pelos cientistas em outras ocasiões, tampouco é exclusivo do Brasil. À medida que a imunidade avança entre os mais velhos, a média de idade dos infectados —e consequentemente das internações e dos óbitos— tende a diminuir, explica Guimarães.

Esse movimento ficou mais claro entre maio e julho, após a vacinação dos idosos. A faixa dos 20 aos 59 anos chegou a responder por mais da metade das mortes ao longo de seis semanas consecutivas e por mais de 60% das hospitalizações em UTI (unidade de terapia intensiva) durante dois meses, segundo relatório da Fiocruz.

O levantamento da **Folha** também aponta a queda acentuada na participação percentual dos grupos mais longevos, a partir do início da vacinação, em relação ao total de casos hospitalizados.

Os septuagenários representavam 20% dos internados em janeiro do ano passado, mas apenas 7,5% em junho. Entre os sexagenários, a presença caiu de 24% em maio para 12% em julho, na contramão dos picos de hospitalização entre adultos e jovens. Recentemente, após aumento da cobertura vacinal entre adultos, a presença de idosos voltou a subir em relação ao total.

O infectologista pediátrico Marcio Nehab ressalta que a baixa vigilância genômica no Brasil e o esgotamento dos testes diagnósticos durante a explosão de casos em janeiro limitam análises mais aprofundadas sobre o real impacto da ômicron nesse cenário.

"Hoje, as pessoas não adequadamente vacinadas, isto é, sem duas doses ou sem a dose de reforço, são a gigantesca maioria das que nós internamos. E as crianças fazem parte do grupo de não vacinados. Esse é o principal fator para o aumento absoluto. É um mar de suscetíveis", diz o especialista do IFF (Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira).

Segundo o IBGE, há cerca de 20,5 milhões de brasileiros menores de 12 anos.

Até a última atualização dos dados oficiais, a Covid havia provocado ao menos 1.536 óbitos e 25.295 hospitalizações por Srag (síndrome respiratória aguda grave) entre crianças, segundo os critérios utilizados no levantamento.

Houve também 63 mortes e 1.160 hospitalizações por síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica no público infantil de 0 aos 9 anos.

Os números podem parecer pequenos se comparados às 638,9 mil vidas tiradas pelo coronavírus no Brasil.

De acordo com balanços do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde) e do próprio ministério, entretanto, nenhuma outra doença imunoprevenível causou tantos óbitos em crianças no Brasil em 2021 quanto a Covid.

O levantamento da **Folha** considerou somente as internações por Srag com diagnóstico confirmado para a Covid e dadas como encerradas, seja por alta ou óbito.

Vacinação de adolescentes pode ter reduzido internações

Samuel Fernandes

SÃO PAULO A imunização de adolescentes contra a Covid-19 pode ter reduzido as hospitalizações na cidade do Rio de Janeiro mesmo com a variante ômicron, aponta novo estudo.

Os maiores de 12 anos vacinados foram uma parcela mínima das hospitalizações, enquanto crianças que ainda estavam no início da campanha de vacinação quase representaram a totalidade de casos mais graves.

Publicada como préprint, ou seja, sem revisão de outros cientistas, a pesquisa foi assinada por cinco pesquisadores brasileiros.

A autorização da vacina para adolescentes com mais de 12 anos aconteceu em junho de 2021 para o imunizante da Pfizer.

Para crianças a partir de cinco anos, a vacina teve aprovação em dezembro. Em janeiro de 2022, a Coronavac ganhou aval para ser utilizada em maiores de seis anos.

Com dados do Ministério da Saúde, os pesquisadores apontam que 1.422 crianças morreram por Srag (síndrome respiratória aguda grave) devido à Covid até 4 de dezembro de 2021 —0,38% dos óbitos causados pela complicação.

A porcentagem pode até ser considerada baixa, mas os cientistas observam que o número de crianças mortas por Srag em decorrência do coronavírus é oito vezes maior que os óbitos por Srag causados por todos os outros vírus respiratórios.

O estudo utilizou dados de 300 pacientes com menos de 18 anos que tiveram Covid e foram atendidos em dois hospitais pediátricos na capital fluminense —Prontobaby e Centro Pediátrico da Lagoa.

Desse total de internações, 240 pacientes foram admitidos entre 2020 e 2021 no período em que nenhum menor de 18 anos estava completamente imunizado. Segundo o estudo, no Rio, a proteção com duas doses com a Pfizer só foi atingida em 30 de dezembro de 2021 em adolescentes com mais de 12 anos.

Já os outros 60 pacientes foram internados de janeiro a 10 de fevereiro deste ano, quando já havia larga cobertura da vacinação dos adolescentes com mais de 12 anos, mas ainda faltava uma campanha consolidada para os mais novos.

Os casos severos de Covid em 2022 ocorreram principalmente na parcela de crianças que estavam no início da campanha de vacinação, as com menos de 12 anos — em 2020 e 2021, havia um maior equilíbrio na distribuição dessas ocorrências entre as faixas etárias.

"[Foram] poucas crianças internadas maiores de 12 anos, apenas cinco. E dessas, só duas tinham recebido o esquema completo. Ou seja, das 60 crianças que foram internadas, 58 não tinham as doses do calendário", afirma André Ricardo da Silva, infectologista e professor da faculdade de medicina da Universidade Federal Fluminense.

Como o segundo período da análise se passou em janeiro de 2022, também foi possível analisar o impacto da variante ômicron.

Segundo Silva, é possível dizer que, mesmo com a variante, a vacinação trouxe proteção contra hospitalizações aos adolescentes.

cotidiano

Risco em Petrópolis piorou em menos de 2 h

Rapidamente, nível passou de moderado a muito alto; especialista diz que quadro 'entrou na esfera do imponderável'

Matheus Moreira e Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Com a tempestade em Petrópolis, na terça (15), 105 mm de chuva caíram sobre a cidade em uma hora. Os níveis dos alarmes de risco subiram de moderado a muito alto em menos de duas horas.

As defesas civis do Rio de Janeiro e de Petrópolis dizem ter recebido os alertas de risco moderado, alto e muito alto em momentos distintos. O intervalo entre moderado e muito alto no caso da Defesa Civil do RJ foi de apenas 76 minutos. Já as informações enviadas pela Defesa Civil de Petrópolis à reportagem indicam que o salto entre os status foi de 95 minutos.

Às 12h26, a Defesa Civil do estado emitiu informativo em que indicava chuva forte para a região serrana. Às 15h, o Corpo de Bombeiros já recebia o primeiro chamado relacionado à chuva.

Às 17h05 o Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) emitia um alerta recomendando "verificação in loco, nas áreas de risco, acionamento de sistema de sirenes, possibilidade de desocupação das áreas de risco, deslocamento das equipes de resposta para as proximidades das áreas de risco". Ao mesmo tempo, a Defesa Civil de Petrópolis atendia ocorrências de deslizamentos de terra.

Essa tragédia provocada pela chuva —a pior desde o início das medições em Petrópolis há 90 anos—, não foi a primeira na cidade, cheia de encostas ocupadas.

Apesar de Petrópolis ter um plano de contingência detalhado, as informações corroboram o que especialistas e autoridades têm dito sobre o caráter imprevisível da tragédia. Marcelo Seluchi, coordenador-geral de operações e modelagem do Cemaden, afirma que a velocidade de alteração dos alertas foi tamanha que a situação "entrou na esfera do imponderável".

O diretor do Cenad (Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres), Armin Braun, disse à **Folha** que um bom plano de contingência requer ações de alerta à população (SMS, sirenes ou mobilização de agentes para avisar pessoalmente), medidas definidas e explicadas sobre o que a população que vive em áreas de risco deve fazer e quais atividades cada órgão deve assumir.

"Como esse plano [de Petrópolis] é bem local, ele precisa ter pontos de apoio, pontos de encontro e rotas de fuga [até os pontos de apoio]."

O Plano de Contingência de Petrópolis para Chuvas Intensas do verão lista pontos de apoio fixos e rotas de fuga. Também detalha onde estão as sirenes e como chegar até elas. Cada local onde há uma sirene conta com descrições detalhadas com fotos e mapas a partir das ruas do entorno.

Há em Petrópolis 96 setores de risco em 19 regiões, cobertas por 18 sirenes espalhadas por quatro bairros.

De 1991 a 2010, a cidade enfrentou 28 desastres: 17 deslizamentos e 11 inundações de variadas intensidades. Segundo o plano, as principais áreas de risco são: Quitandinha, Bingen, Posse, Itaipava, Pedro do Rio, Corrêas e Nogueira.

O plano de contingência é acionado quando é constatado um número de ocorrências superior ao que o governo e as autoridades podem dar conta simultaneamente.

Quando o plano é acionado após os alertas de risco enviados pelo Cemaden e pelo Cenad, o acompanhamento das chuvas e movimentações de massa é intensificado.

Quando se atinge o estado de atenção —que varia a cada situação porque leva em conta o histórico das áreas de risco e se há previsão de chuva contínua pelas próximas horas—, é emitido o primeiro alerta de chuvas fortes por SMS à população, podendo ou não levar ao acionamento das sirenes. Se as sirenes forem ativadas, está configurado o primeiro toque.

Diante do primeiro toque das sirenes, a população deve se preparar para sair de casa a qualquer minuto, apenas com documentos de identidade, remédios controlados e, quando há bebês, fraldas, mamadeiras e mudas de roupa.

Se o monitoramento constatar que o risco de chuva forte se mantém pelas próximas horas, chega-se ao estágio de alerta. Neste caso, ocorre o segundo toque e a regra é deixar a área de risco imediatamente com a roupa do corpo e, se possível —apenas se possível—, com os documentos e remédios controlados.

A partir de então, deve-se seguir as rotas de fuga de acordo com a região em que se vive até o ponto de apoio mais próximo. Simultaneamente, equipes da Defesa Civil se deslocam para ativar os pontos de apoio e receber a população.

Fernando Noronha, professor e coordenador do Laboratório de Gestão de Riscos da Universidade Federal do ABC, critica que os alertas emitidos pelo Cemaden ficam restritos a atores como Defesa Civil. "Ela [a mensagem] deveria ser replicada para a população. Como é possível ter uma informação [de risco] e não repassar?"

Cronologia do desastre do dia 15

9h43
Defesa Civil do RJ diz ter enviado para todo o estado SMS indicando previsão de chuva intensa

12h26
Defesa Civil do RJ diz ter emitido informativo indicando chuva forte para a região serrana 1, onde fica Petrópolis, incluindo recomendação para que a prefeitura de Petrópolis enviasse SMS à população

15h
Corpo de Bombeiros diz ter recebido primeiro chamado

15h45
Defesa Civil de Petrópolis diz que sirenes foram acionadas em seis comunidades, entre elas a de Veiga Felipe

16h16
Defesa Civil do RJ diz ter emitido aviso de Risco Geológico moderado para Petrópolis, ou seja, risco moderado de deslizamentos

16h17
Defesa Civil de Petrópolis diz ter interrompido trânsito na rua Coronel Veiga

16h33
Defesa Civil do RJ diz ter emitido aviso de alto risco de alagamentos, inundações e elevação do nível de rios

16h49
Defesa Civil do RJ diz ter emitido aviso de risco alto de risco geológico (deslizamento, escorregamento). Também diz ter recomendado que a Defesa Civil de Petrópolis acionasse sirenes

17h05
Cenad recomenda que Defesa Civil de Petrópolis evacue áreas de risco devido à "probabilidade muito alta de ocorrência (...) com potencial para causar grande impacto na população"

17h08
Defesa Civil de Petrópolis diz ter recebido do Cemaden um alerta de risco moderado de deslizamento

17h32
A Defesa Civil do Rio diz ter emitido aviso de risco de deslizamento muito alto nas regiões de risco de Petrópolis

17h39
A Defesa Civil de Petrópolis diz ter recebido do Cemaden um alerta de risco alto de deslizamento

17h46
É emitido um último aviso de risco de alagamento, inundações e elevação do nível de rios classificado como muito alto. Nesse tipo de aviso se esperam elevação expressiva dos cursos d'água, enxurradas, enchentes e inundações na cidade

18h
Pelo menos 12 ocorrências relacionadas à chuva foram confirmadas pela Defesa Civil e divulgadas em boletim

18H43
Defesa Civil de Petrópolis recebe do Cemaden alerta de risco muito alto de deslizamento em áreas de risco da cidade e recomendação para avaliar possibilidade de evacuação

19h12
Status operacional evolui e é instalado o estágio de crise. Pelo menos 49 ocorrências já haviam sido registradas

As rotas de fuga para áreas de risco em Petrópolis

Apesar de Petrópolis ter rotas de fuga e pontos de apoio, cidade teve mais de 130 mortes

Rotas de fuga
Sirene
Ponto de apoio

MG
RJ
Petrópolis
Rio de Janeiro

Comunidade Alto da Serra (local do Morro da Oficina)

Comunidade 24 de maio

Comunidade Sargento Boening

Comunidade Vila Felipe

Fonte: Defesa Civil de Petrópolis

Mortes chegam a 146 e superam desastres de 1988 e 2011

João Pedro Pitombo

SALVADOR O temporal em Petrópolis atingiu a marca de ao menos 146 mortos neste sábado (19) e superou os desastres registrados em 1988 e 2011, se tornando o mais letal já vivido pela cidade. A Defesa Civil Municipal realiza o monitoramento de chuvas e tragédias desse tipo na região desde 1932.

O número de mortes tende a crescer nos próximos dias, já que foram computados pela Polícia Civil 165 desaparecidos após o temporal que arrasou a cidade fluminense há cinco dias. Segundo a prefeitura, 812 pessoas estão desabrigadas e ocupam 21 unidades escolares da cidade.

Até então, o desastre registrado no verão de 1988 havia sido o mais letal para a cidade, com 134 mortos. Em 2011, os temporais causaram 73 vítimas fatais em Petrópolis, mas também castigaram cidades vizinhas, deixando um saldo de 918 mortes em cidades da região serrana.

Na terça (15), a cidade foi arrasada por um temporal que resultou em mais de 400 deslizamentos desde então.

Petrópolis tem um quinto de seu território sob alto risco. São 234 locais de risco alto ou muito alto, o que equivale a 18% da área e 12 mil moradias, segundo o Plano Municipal de Redução de Riscos publicado em 2018.

Grande parte dos imóveis condenados há 11 anos na região não foi demolida e voltou a ser ocupada por quem não conseguiu moradia ou discordou das opções dadas pelo poder público. Os moradores reclamam que as unidades habitacionais construídas desde então não são suficientes.

Entre os 144 corpos que já chegaram ao IML (Instituto Médico-Legal) até o fim da tarde deste sábado (19), 119 já foram identificados.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Líder quilombola, se dedicou à titulação de territórios

ESPEDITO FERREIRA DA SILVA (1954-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Espedito Ferreira foi um dos fundadores da Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco e depois coordenador na Conaq (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas).

Ele dedicou boa parte de sua vida à luta pela titulação das comunidades quilombolas, tornando-se uma de suas principais lideranças.

"O legado que ele deixa é a esperança de que há a possibilidade da regularização fundiária [das comunidades quilombolas]", afirma o filho Emerson Araújo da Silva.

Nascido e criado na zona rural, no quilombo do Timbó, em Garanhuns, no agreste de Pernambuco, Espedito ficou órfão aos 8 anos. Na mesma época, em um acidente, quebrou um dos braços e a falta de assistência fez com que ficasse com sequelas.

Desde criança, demonstrava o gosto pela leitura e pelos estudos. Chegou a ganhar uma bolsa para estudar em um colégio de referência da região. Na juventude, formou-se em técnico em contabilidade.

Nos anos 1980, Espedito se uniu a lideranças dos quilombos Castainho e Conceição das Crioulas. Juntos, fizeram uma articulação para descobrir comunidades na região.

Em 2002, os três fizeram o primeiro encontro estadual de quilombolas, dando início à Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco. "Nesse decorrer de luta, eles formaram um movimento e, hoje, somos 200 comunidades reconhecidas", afirma Emerson.

No final dos anos 2010, o líder se tornou um dos coordenadores da Conaq (Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos).

Segundo Emerson, a principal luta quilombola é pela titulação do território. "Nós entendemos que é só a partir do território conquistado que podemos implementar os nossos modos ancestrais. É o acesso a ele que vai nos dar essa autonomia."

"[Precisamos] entrar nos espaços políticos, fazer essa militância para dar visibilidade e dizer que nós existimos, estamos lá e somos sujeitos de direitos", acrescenta.

Em 7 de fevereiro, Espedito Ferreira morreu aos 67 anos após um acidente vascular cerebral. Deixa mulher, 14 filhos, muitos netos e sobrinhos.

1 MÊS

RICARDO TAVARES ARAÚJO
Domingo (20) às 9h, Paróquia de Santa Rita de Cássia, Ocian, Praia Grande (SP)

1 ANO

JOSÉ CARLOS NOVAIS
Domingo (20) às 19h30, Paróquia Nossa Sra. Aparecida, Gov. Valadares (MG)

Domingo (20) às 9h, Paróquia São Pio X, Vl. Mariana, São Paulo (SP)

Incentivado pela mãe, Lissa Hashimoto, Rodrigo já sabe fazer seu próprio guacamole Fotos Gabriel Cabral/Folhapress

> “Temos a cultura de mostrar o nosso amor por meio do alimento, e muitas mães não veem como o estômago do filho é pequeno e põem muita comida
>
> **Marina Bonelli**
> nutricionista

Mães montam lancheiras dos filhos na internet e bombam com ideias criativas

Cuidado com a alimentação é percebido como uma forma única de se comunicar com as crianças

Susana Terao

CAMPINAS “Montando a lancheirinha da Valentina”, anuncia Paloma Boff, 27, no começo de todos os seus vídeos no TikTok. A dona da lancheira é sua filha de sete anos, que leva para a escola pães cortados em formato de coração, panquecas com a silhueta do Mickey Mouse, morangos picados como estrelas e até ovos cozidos moldados como ursinhos.

Todo o passo a passo desses lanches personalizados são documentados no perfil de Paloma, que já reúne 1,4 milhão de seguidores e mais de 14 milhões de curtidas. A paulista começou a fazer os vídeos em setembro do ano passado para acompanhar o início das aulas da filha em São Martinho do Porto, em Portugal, e para tentar ajudar outras mães que buscam uma rede de apoio.

“As pessoas se identificam quando eu falo de um problema que aconteceu comigo, quando explico que uma receita não deu certo, que precisei acordar mais cedo para montar a lancheira ou improvisar porque acabou a água de casa”, afirma. “E sempre tento fazer uma lancheira acessível, então uso forminhas que sei que as pessoas podem encontrar facilmente porque senão não faz sentido algum.”

Embora traga relatos pessoais, o foco dos vídeos é a montagem e o retorno da lancheira. A crítica final vem de Valentina, que, às vezes, deixa alguns restos de fruta ou um pouco de suco na garrafa e assim vai mostrando seus interesses para a mãe.

Esse tipo de conteúdo está em diversas plataformas há alguns anos e sempre teve como principal público as mães que buscam inspirações de aperitivos para os filhos.

No entanto, os vídeos ganharam ainda mais visibilidade em dezembro do ano passado, com as lives do streamer Casimiro Miguel, que começou a reagir à transformação de alimentos comuns em pratos vistosos e elogiar a dedicação das mães em canais do YouTube.

Paloma, inclusive, passou a levar suas receitas para a mesma plataforma na tentativa de receber a avaliação bem-humorada do youtuber. “É o meu sonho que o Casimiro reagisse a um vídeo meu porque a gente aqui em casa é apaixonado por ele”, diz ela, rindo.

No caso da pedagoga Lissa Hashimoto, 32, a produção de conteúdo sobre a alimentação do seu filho vem desde 2018. Mãe de Rodrigo, 3, o Didi, ela começou um perfil no Instagram para compartilhar a introdução alimentar do bebê e o dia a dia da maternidade.

Crianças levam para a escola pães em formato de coração e morangos picados como estrelas

No fim de janeiro, criou um perfil no TikTok voltado às lancheiras do filho e também teve os vídeos viralizados. Em menos de três semanas, reuniu mais de 392 mil curtidas.

“O maior objetivo é mostrar que é possível ter comida saudável e de verdade para uma criança, de uma forma lúdica e bonita”, diz Lissa, que tinge ovos de codorna com beterraba para deixá-los rosados e corta o melão em formato de flor.

Didi participa e, incentivado pela mãe, já sabe fazer seu próprio guacamole.

Para a nutricionista materno-infantil Debora Marques, é essencial trazer a criança para participar ativamente de sua própria alimentação, no preparo de receitas ou na ida ao mercado, para que assim ela tenha interesse no processo e crie boas memórias relacionadas ao momento da refeição.

“Desde o início, eu tento trazer esse pensamento para os pais de que a comida não pode ser tratada como recompensa, afinal, alimentação é necessidade básica. Então, a ideia é realmente a gente trazer a maior variedade de cor e de sabor”, afirma.

“Na introdução alimentar a gente vai trabalhando esses paladares e a textura dos alimentos. A fase pré-escolar —2 a 6 anos— tende a ser mais desafiadora, porque o ritmo de crescimento começa a diminuir, assim como o apetite, e a criança quer fazer tudo menos se sentar para comer”, acrescenta a nutricionista.

Paloma conta que a exibição das lancheiras traz frustração às vezes e citou um dia em que precisou recorrer a alimentos industrializados e foi criticada por isso. “Alguns comentários chateiam porque parece que você está fazendo mal para a criança.”

Na visão de Debora, definir o que é uma lancheira ideal depende dos outros nutrientes que a criança vai ingerir ao longo do dia e do que o núcleo familiar tem disponível. “A gente não tem que demonizar nada e nem chamar determinadas comidas de lixo ou porcaria. Precisamos entender o que funciona para cada família.”

Para a nutricionista, fora de casa não dá para isolar totalmente a criança dos ultraprocessados nem culpá-la por gostar dos alimentos. “Na escola, a criança vai ter acesso a outras coisas que não tem em casa por meio dos amiguinhos. Então eu posso fazer um bolinho ou um cookie caseiro para tornar a lancheira mais atrativa. Assim, ela pode até provar a comida do amigo, mas também vai gostar da que ela mesma trouxe.”

A nutricionista materno-infantil Marina Bonelli reforça que os responsáveis pelas lancheiras precisam estar atentos à qualidade dos alimentos e à quantidade, para que o lanche da manhã ou o da tarde não tire o apetite de refeições como almoço e jantar.

“A gente tem uma cultura em que demonstramos o nosso amor por meio do alimento, mas muitas mães não têm a percepção de que o estômago da criança é pequeno e colocam uma quantidade grande.”

Ela afirma que a lancheira precisa ter três grupos de alimentos, sendo o primeiro representado por carboidratos ou oleaginosas —como pães e castanhas—, depois proteínas —queijos, iogurtes naturais— e, por fim, frutas, que devem ser a prioridade.

A especialista também pede atenção para a hidratação da criança, que deve ser composta, em sua maioria, de água. “Muitos pais gostam de mandar suco, mas o ideal é que ele não seja coado ou adoçado.”

Por fim, mães e nutricionistas ressaltam como essa etapa do cotidiano é uma forma única de se comunicar com as crianças. “A alimentação é o maior presente que você pode dar para seus filhos porque não é só uma questão de saúde. A gente sabe que hoje uma alimentação equilibrada faz parte do aprendizado da criança e de seu desenvolvimento em todos os sentidos”, conclui a pedagoga Lissa.

Adams Carvalho

Frequentar uma praça

Que diálogo misterioso é esse entre as pedras e as pessoas?

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Indo do Parc Güell pro bairro gótico, no meio do Passeio de Gràcia, sugeri um desvio. Queria mostrar à Julia a Plaza del Sol, meu velho quintal em Barcelona.

Tomei cerveja ali quase todos os fins de semana de 2002. Assisti ali a um teatro de fantoches patafísico e a um curdo tocando alaúde. Fiquei amigo do curdo -os fantoches não me deram bola.

Ali a Phydia ia trabalhar de skate, como garçonete, enquanto juntava um dinheiro para se mudar da nossa sala- a república "lliure" da Carrer Aribau 139 4A, que chegou a hospedar até sete brasileiros simultaneamente, para desespero do gentil vizinho de baixo, que nas noites mais barulhentas esmurrava a porta e insistia em me ensinar, de graça, todos os palavrões da língua catalã.

Na Plaza del Sol, principalmente, ficávamos de papo pro ar, singrando as tardes infinitas dos 20 e poucos anos e ouvindo Manu Chao sob o doce aroma da carburação de especiarias florais oriundas das arábias.

Saindo do Passeio de Gràcia eu disse pra mim mesmo -como um seguro-decepção, acho -que provavelmente a Plaza del Sol tinha mudado muito, não devia ter mais nada a ver com o que era antes. Viramos à direita, um quarteirão, outro, comecei a ouvir uma música, a sentir aquele cheiro e -¡óstia! (obrigado, vizinho)- lá estava ela, cheia de jovens, com show.

Vinte anos tinham se passado e a praça seguia tendo exatamente o mesmo significado na cidade, o mesmo casting, a mesma dramaturgia -só umas pequenas mudanças no figurino, concessões naturais à passagem do tempo.

Que diálogo misterioso é esse entre as pedras e as pessoas? Como se cada pedaço de chão tivesse sido imantado com a intenção dos que o pisaram antes. Aqui, trabalho. Aqui, boêmia. Aqui, jovens. Aqui... (Coisas que a gente faz aqui e não admite ali). Por décadas. Por séculos.

O conforto ao pensar nessa transcendência urbana me veio com um travo: moro em São Paulo, cidade em que tudo parece tão construção e já é tão ruína que o cara põe na frente da quitanda "Desde 2011" como se fosse um triunfo -e é.

A urbanização de São Paulo e do Rio nos últimos 150 anos foi: "tira os pobres daí, joga os pobres pra lá, abre um cercadinho VIP onde estavam os pobres. Depois, quando der problema lá com os pobres, a gente culpa os pobres e vê como faz".

Da grande reforma do Pereira Passos, no Rio, em 1903, à nova Faria Lima do Maluf, 90 anos depois, a lógica foi a mesma.

Nosso atraso mal travestido de avanço entortou o "liberalismo" até (quase) encobrir seus privilégios. Agora tem torturado o termo "conservadorismo" para que assuma crimes que não cometeu. O que o "conservador" brasileiro conserva além da babá de branco e do medo de ser gay?

São os ditos "conservadores" que desmontam órgãos de regulamentação urbana e preservação histórica como o Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico) e o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), desmantelam o Ibama, fazem lobby pra subir prédio em qualquer canto e constroem condomínio em Área de Proteção Ambiental. Seria lindo se a direita brasileira lutasse pelo capitalismo, e os conservadores, pelo conservadorismo.

O rico brasileiro é um miserável e não sabe. Preso entre colunas jônicas e concertinas, acha que é "de primeiro mundo" se entupir de Prada & wagyu; jamais vai entender a alegria civil de frequentar uma praça.

DOM. Antonio Prata | SEG. Maria Homem, **Marcia Castro** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

ambiente

Mononara Parakanã, 21, fez críticas duras ao acordo de caciques com fazendeiros Bruno Santos/Folhapress

Indígenas trabalham sob vigilância armada no Pará

STF havia autorizado acordo para reduzir terra Apyterewa, mas voltou atrás

Fabiano Maisonnave
Bruno Santos

TERRA INDÍGENA APYTEREWA Escoltados por homens armados, dezenas de parakanãs, povo de recente contato do Médio Xingu, trabalharam por um mês abrindo a golpes de facão uma picada na floresta. O objetivo dos fazendeiros que financiaram a iniciativa era traçar um limite e se apossar de 392 mil hectares da terra indígena Apyterewa, homologada pela Presidência da República em 2007.

O pretexto foi uma decisão do ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Gilmar Mendes, que, em 2020, autorizou uma "conciliação" entre indígenas e invasores para reduzir Apyterewa.

Em dezembro, o colunista do UOL Rubens Valente revelou que um grupo de caciques havia concordado em reduzir a área indígena em 50,7% dos 773 mil hectares demarcados há 15 anos. O acordo provocou contestação interna, principalmente das mulheres.

O picadão seria a "nova divisa" com os não indígenas. Para convencer os parakanãs, um grupo de fazendeiros, entre os quais Adelson Costa, fez uma reunião com lideranças na aldeia Raio de Sol.

Ali os invasores argumentaram que a iniciativa seria benéfica aos indígenas e prometeram pagar diárias de R$ 250, segundo relatos à **Folha** sob a condição do anonimato.

Cerca de 150 parakanãs trabalharam no picadão. Em plena epidemia de Covid-19, eles trabalharam ao lado de posseiros. Os fazendeiros têm estimulado a chegada de centenas de novos invasores como forma de pressionar o governo a reduzir a terra indígena para acomodá-los.

De acordo com os indígenas, guaxebas (jagunços) faziam a "segurança" no local, portando armas longas. A comida, insuficiente, não incluía carne, obrigando os parakanãs a caçar. No acampamento, também foi servida cachaça. Além disso, o pagamento da diária caiu para R$ 70.

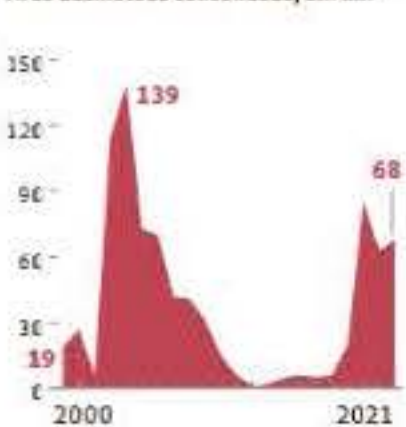
Muitos parakanãs começaram a desistir. Para voltar, no entanto, não havia mais transporte, e eles tiveram de percorrer os cerca de 70 km a pé.

Em 14 de dezembro, duas semanas após a revelação do acordo de redução, Gilmar Mendes encerrou "as tentativas de conciliação". Com isso, a abertura da picada foi suspensa pelos fazendeiros, e o restante dos parakanãs também teve de voltar andando.

A conciliação autorizada pelo ministro do STF vinha sendo duramente criticada por organizações indígenas, como a Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). O temor é que Apyterewa possa abrir um grave precedente ao reduzir terras já demarcadas para acomodar invasores ilegais, que se sentem respaldados pelo governo Bolsonaro.

Em entrevista, Mamá Parakanã, um dos caciques que assinaram o acordo, afirma que concordou com o picadão como forma de limitar a invasão.

"Com tanta pressão que a gente teve, a gente se sente sozinho, e o governo não está nem aí para o povo parakanã. A gente está aqui sem apoio da Justiça, sem apoio da Funai, do Ministério Público Federal", disse o cacique em entrevista na aldeia Xingu.

"Tem muita gente que está aí criticando o povo parakanã, 'o povo parakanã vendeu sua terra'. A gente não vendeu a terra, a gente fez só o picadão para ver se não invadem mais a terra para não chegar às nossas aldeias."

Além dos invasores em busca de terra, os parakanãs sofrem com o garimpo ilegal. Contaminado pela extração de ouro, o igarapé São Sebastião deixou de ser usado pela aldeia Paredão, que agora precisa buscar água em uma fazenda vizinha.

Ameaças e pressão vindas dos invasores são recorrentes. Um dos incidentes mais graves ocorreu em 2017, quando Adelson Costa, com homens armados, destruiu uma aldeia em construção, em área de interesse dos invasores. A Polícia Federal abriu inquérito para apurar o caso. Procurado, Costa não quis dar entrevista. Via WhatsApp, disse apenas: "Conversa com as lideranças indígenas. Foram eles que fizeram o picadão."

A reportagem apurou que um parecer jurídico da Funai avaliou que o picadão é uma iniciativa ilegal. O órgão indigenista não respondeu aos pedidos de esclarecimento solicitados via assessoria.

O desmatamento já destruiu parte dos castanhais dos parakanãs. Além disso, há regiões que ficaram próximas demais dos invasores. Mesmo assim, a extração se tornou uma das principais atividades de Apyterewa, graças a um projeto por meio do qual a produção é vendida à empresa Wickbold.

Neste ano, serão comercializadas 700 caixas, o dobro do que foi entregue em 2021.

Outra novidade recente entre os parakanãs é que as decisões dos caciques, todos homens, passaram a ser publicamente questionadas pelas mulheres. Durante uma reunião de lideranças, em dezembro, coube à jovem Mononara Parakanã, 21, fazer as críticas mais duras ao acordo feito com os fazendeiros.

"Falei para eles que a gente, de maneira nenhuma, quer fazer esse acordo com os invasores", disse a jovem, que cursa a oitava série. "Falei para eles também que só os homens assinaram o documento: 'Vocês falaram com as mulheres, com as crianças, com os velhos antes de fazer isso?'", recorda.

"Nenhuma mulher quer que esses invasores façam esse picadão. A gente não concorda com isso, com essa decisão que os homens fizeram. Queremos que os invasores saiam da nossa terra."

Terra Indígena Apyterewa

TI Apyterewa

Evolução do desmatamento
Área desmatada consolidada, em km²*

*Cálculo anual do desmatamento considera período entre agosto e julho do ano seguinte | Fontes: Antropólogo Carlos Fausto, STF e Prodes (Inpe)

Cronologia

2007
Com o nome de Apyterewa, terra indígena parakanã é homologada pelo presidente Lula (PT) como uma das condicionantes para construir a usina de Belo Monte, sem fazer a desintrusão de não indígenas

2017
Pressionado por políticos do Pará, governo Michel Temer (MDB) cancela operação para desintrusão

2019
Sob a influência da eleição de Jair Bolsonaro (PL), que tem incentivado invasões a terras indígenas, desmatamento bate recorde desde a demarcação

Mai.2020
O ministro do STF Gilmar Mendes autoriza "conciliação" entre indígenas e a prefeitura de São Félix do Xingu (PA) para negociar redução da terra indígena

Nov.2021
Pressionado por fazendeiros e sem apoio do governo federal contra invasões, grupo de caciques parakanãs aceita acordo para reduzir 50,4% do território

Dez.2021
Gilmar Mendes volta atrás e encerra conciliação judicial

Númenor cairá outra vez

Jeff Bezos, o chefão da Amazon que investe na imortalidade, deveria aprender com "O Senhor dos Anéis"

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Jeff Bezos, o chefão da Amazon, aparentemente acredita que não há problema no mundo que não possa ser resolvido — desde que se despeje nele uma quantidade apropriadamente copiosa de dólares, é claro.

Temos visto isso em sua decisão de não poupar despesas para chegar ao espaço, mas outra de suas paixões é a ideia de usar meios científicos para retardar ou impedir o envelhecimento.

Em janeiro de 2022, ele esteve entre os investidores que ajudaram a Altos Labs, empresa de biotecnologia criada com esse objetivo, a levantar US$ 3 bilhões em financiamento, e não é a primeira vez que aposta em empreitadas assim.

Não dá para entender como o sujeito ainda se diz fã de "O Senhor dos Anéis".

OK, talvez o leitor não esteja entendendo a conexão lógica entre uma coisa e outra. Ocorre que Bezos também anda gastando os tubos — uma bagatela da ordem de US$ 1 bilhão — para financiar a produção da série "O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder", que estreia em setembro deste ano no serviço de streaming da Amazon.

Dizem os coordenadores do seriado que o bilionário tem uma paixão pessoal pela obra de J.R.R. Tolkien. O intrigante aqui é que a trama vai se passar num período desse mundo ficcional em que uma catástrofe de proporções cósmicas é desencadeada... por gente rica e poderosa em busca da imortalidade.

A ironia por trás de tudo isso é imensa, como apontou o colega Diego Klautau, doutor em ciências da religião pela PUC-SP, em um de seus textos. (Antes de prosseguir, fica aqui um ALERTA DE SPOILERS para que ainda não leu os clássicos de Tolkien.)

O pano de fundo da série da Amazon é a tragédia da ilha de Númenor. Nessa narrativa, os humanos que tomaram parte na guerra contra o tirano satânico Morgoth são recompensados com uma nova e maravilhosa morada nesse reino insular, recebendo ainda longevidade, saúde e sabedoria muito superiores às de outros mortais.

No entanto, continuam sujeitos à morte. Com o passar dos milênios, cada vez mais insatisfeitos com seu destino, embarcam num projeto de dominação colonial e escravização de outros povos e, ao mesmo tempo, buscam métodos "científicos" para evitar a morte. (O máximo que conseguem com isso é preservar melhor as carnes de seus defuntos.)

Por fim, o rei de Númenor decide fazer guerra aos próprios "deuses" (na verdade, poderes angélicos que regem o mundo; Tolkien é complicado, gente). Seu plano é obter a imortalidade na marra. Óbvio que o final não é feliz.

Bezos e outros bilionários que creem ser possível alcançar a vida eterna forrando tubos de ensaio com notas de dólar muito provavelmente vão dar com os burros n'água. Organismos multicelulares como nós têm uma arquitetura genômica que simplesmente não foi feita para a imortalidade.

Os mesmos genes que são cruciais para o crescimento e a fertilidade durante a juventude são os que, conforme a idade avança, podem levar ao acúmulo de defeitos moleculares que culminam na velhice e na morte. Há excelentes razões biológicas para duvidar que seja possível ter uma coisa sem ter a outra.

O porquê disso é o básico do básico da teoria da evolução: os seres vivos foram forjados para buscar o sucesso reprodutivo, não a sobrevivência perpétua (a qual, num mundo perigoso, cheio de doenças, predadores e catástrofes, nunca foi uma possibilidade real). É melhor não descobrir isso da pior maneira e evitar o cosplay de Númenor dos bilionários.

DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite
QUA. **Atila Iamarino**, Esper Kallás

esporte

Arana e Gabigol duelam para levar Supercopa e seduzir Tite

Atlético-MG x Flamengo vale taça e oferece a atletas chance de mostrar serviço na tentativa de ir ao Mundial

ATLÉTICO-MG
FLAMENGO
16h, na Arena Pantanal
Na TV: Globo e SporTV

SÃO PAULO Se a Supercopa do Brasil não representa o principal objetivo de Flamengo e Atlético-MG na temporada, a disputa deste domingo (20), em Cuiabá, pode significar mais um passo para as pretensões de Gabigol e Guilherme Arana de disputar a Copa do Mundo do Qatar.

A nove meses do Mundial, com abertura marcada para 21 de novembro, ter uma participação importante em jogos grandes é uma forma de chamar a atenção de Tite. Apesar de ter poucas dúvidas, o técnico da seleção brasileira ainda não fechou o grupo.

O troféu que estará em jogo no confronto em Cuiabá é geralmente disputado entre o campeão brasileiro e o vencedor da Copa do Brasil. Como o time mineiro ganhou os dois títulos na temporada 2021, a equipe carioca entrou na disputa na condição de vice-campeã nacional.

O desempenho atleticano na temporada passada levou Arana a acumular mais troféus recentes do que Gabigol. Além dos títulos nacionais e do estadual pelo clube, o lateral também ganhou a medalha de ouro com a seleção olímpica nos Jogos de Tóquio.

Já o atacante flamenguista festejou somente as conquistas da Supercopa do Brasil e do estadual, além de ter sido finalista da Libertadores. Por outro lado, Gabigol esteve presente na convocação mais recente de Tite, para os jogos contra Equador e Paraguai, pelas Eliminatórias —ele atuou 12 minutos no empate por 1 a 1 com os equatorianos.

Com o Brasil já classificado, as partidas foram usadas pelo técnico para fazer testes na equipe, mas nem assim o jogador do Flamengo conseguiu acumular mais minutagem. Constantemente convocado, porém, ele esteve presente em 9 dos 15 jogos do país no torneio classificatório. Titular quatro vezes, marcou dois gols.

> Eu estou querendo fazer o meu melhor dentro do meu clube para conquistar essa vaga. Tenho certeza de que posso ganhar essa chance de disputar uma Copa do Mundo. Esse é o meu objetivo
>
> **Guilherme Arana**
> lateral do Atlético-MG

O lateral Guilherme Arana tem concorrência dura por vaga na seleção Pedro Souza - 7.nov.21/CAM

O atacante Gabigol espera se destacar em sua primeira decisão no ano Cesar Olmedo - 11.ago.21/AFP

Como Roberto Firmino, do Liverpool, e Richarlison, do Everton, não vivem boa fase, o camisa 9 do time carioca tem conquistado mais espaço e até ganhou elogios de Tite. O treinador valorizou o fato de o atleta ter se apresentado em boa forma para as partidas do início de temporada.

"Quando ele volta com condição de peso, de percentual de gordura e de massa muscular condizente, já tem toda a interpretação do pessoal do departamento de fisiologia de que houve por parte dele cuidados. Isso mostra maturidade", destacou o comandante.

Arana acabou preterido na última convocação mesmo com a ausência de Renan Lodi, do Atlético de Madrid, que não foi considerado na lista por não ter se vacinado contra a Covid-19. Tite preferiu levar Alex Sandro, da Juventus, e Alex Telles, do Manchester United. A disputa na esquerda, está entre as mais acirradas no time canarinho.

Concorrendo com adversários que estão em grandes clubes da Europa, o jogador formado na base do Corinthians não pretende deixar o futebol brasileiro novamente em um futuro próximo justamente para ter mais chances de conquistar uma vaga na seleção. Ele já jogou pelo espanhol Sevilla e pela italiana Atalanta, sem conseguir se firmar.

"Eu estou querendo fazer o meu melhor dentro do meu clube para conquistar essa vaga. Tenho certeza de que posso ganhar essa chance de disputar uma Copa do Mundo. Esse é o meu objetivo", disse o jogador atleticano.

Até o início da Copa, a seleção terá mais cinco jogos das Eliminatórias. Há também a previsão de disputa de cinco amistosos, ainda não confirmados pela CBF. Serão esses jogos que vão definir os representantes do país no Mundial.

Os jogadores que ainda lutam por espaço sabem que precisam apresentar bom nível em seus clubes. Para Arana e Gabigol, que se encaixam no perfil, um bom desempenho em um clássico nacional, valendo taça, pode ser um passo importante rumo ao Qatar.

Santos e São Paulo se encaram em momento de instabilidade

SANTOS
SÃO PAULO
18h30, na Vila Belmiro
Na TV: Record

SÃO PAULO A temporada não tem um mês de bola rolando, mas Santos e São Paulo já experimentam momentos de instabilidade. A formação alvinegra vem de resultados ruins e acaba de demitir seu treinador. O time tricolor também mostra dificuldade para vencer, com poucos e suados triunfos até aqui.

É tentando ganhar fôlego e ânimo que os rivais se enfrentam neste domingo (20), na Vila Belmiro, pelo Campeonato Paulista.

Vencer pode representar algum alívio, embora o Santos saiba que triunfar em um clássico não é solução para todos os problemas. O time praiano bateu o rival Corinthians, em Itaquera, há duas semanas, e pouco depois se viu sem treinador.

Fábio Carille não resistiu à derrota por 3 a 2 para o Mirassol, na última quinta-feira (17). Deixou a equipe com nove pontos em sete rodadas de Paulista, um aproveitamento de 42,9% suficiente para a segunda colocação no Grupo D.

"Não podemos lamentar muito", disse o lateral direito Madson, sobre o resultado mais recente, antes mesmo de tomar conhecimento sobre a demissão do chefe. "Agora temos um clássico difícil em casa. Dentro da Vila, temos que voltar a jogar bem e vencer."

No duelo com o São Paulo, o comando ficará com Marcelo Fernandes, membro fixo da comissão técnica. Enfrentará um adversário dirigido por Rogério Ceni, que vem encontrando problemas para arrancar boas atuações de seu grupo.

O time do Morumbi tem oito pontos em seis rodadas e ocupa a segunda posição do Grupo B. Suas duas únicas vitórias até aqui, sobre Santo André e Ponte Preta, foram obtidas com muita dificuldade. Em seguida, uma atuação fraca em empate em casa, sem gols, com a Inter de Limeira.

Questionado sobre o excesso de cruzamentos realizados por sua equipe, Rogério Ceni observou que eles foram circunstanciais. Na Vila, ele quer ver a bola no chão.

A partida do ano no Brasil

Enfim um domingo com grande jogo para abrir de verdade a temporada

Juca Kfouri
Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Jogos do ano teremos muitos até o fim de 2022, e ainda bem que seja assim. Antes que alguém reclame, até já tivemos um, mas em Abu Dhabi.

Este Atlético Mineiro e Flamengo para decidir a Supercopa do Brasil é o primeiro no país, com 31 mil ingressos esgotados.

Talvez não seja tão bom como o jogo da temporada passada, entre Flamengo e Palmeiras, até porque dificilmente repetirá a excelência técnica daquele empate em dois gols no Mané Garrincha.

Mas há talentos em quantidade suficiente nas duas equipes para que neste domingo (20), na Arena Pantanal, em Cuiabá, o torcedor possa se deliciar com a verdadeira abertura do ano futebolístico.

E o clima nos bastidores está tão quente como os 30º previstos para a capital de Mato Grosso no horário do prélio, 16h, embora, eventualmente, com alguma chuva.

A Gávea sabe exatamente o valor da Supercopa que há dois anos vive em sua sala de troféus, vencida em 2020 contra o Athletico Paranaense e no ano seguinte, nos pênaltis, contra o Palmeiras.

A conquista do bicampeonato acabou por não aliviar a frustração com as perdas da Libertadores, do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil.

Já o Galo vem no modo galopante depois de 2021 brilhante em que só faltou ganhar a Libertadores, da qual saiu invicto e graças à infelicidade de Hulk ao bater, na trave, a penalidade que daria a vitória na semifinal contra o Palmeiras, na casa verde.

O português Paulo Souza, do rubro-negro, segue na mira da Nação, órfã de Jorge Jesus, e encontrará certo refresco caso volte com a taça. O argentino, naturalizado mexicano, Antonio "Tuco" Mohamed, do alvinegro, tem a vida mais tranquila apesar de correr o risco de conhecer certa turbulência no voo para Belo Horizonte se regressar sem ela.

Enquanto eles queimam as pestanas para encontrar as melhores soluções neste começo de trabalhos, a cartolagem passa vergonha com discussões sobre favorecimento da CBF para um lado ou outro, algo que poderia estar resolvido de antemão com simples providência: estar no regulamento da competição que o mandante será o clube que venceu o Campeonato Brasileiro.

Alguma vantagem o Galo mereceria ter, só não pode reclamar de que em Cuiabá haverá maioria flamenguista porque, com exceção das cidades mineiras, e mesmo assim sem contar plenamente com Juiz de Fora, em qualquer lugar do Brasil o Atlético será minoria.

Os dois gigantes chegam à decisão depois de passar meio de semana deprimente, com o focinho do futebol brasileiro.

O Flamengo e suas estrelas foram ao estadinho de Conselheiro Galvão, às 15h30, enfrentar o Madureira, pelo Carioquinha, diante de 1.009 testemunhas e renda de 80 mil reais, que não pagam o braço esquerdo do goleiro Diego Alves.

Ganharam de virada por 2 a 1 e tomaram impensável prejuízo por não peitar o estadual que se diz o "mais visto do país", mas que não passa de brincadeira de péssimo gosto.

Na mesma quarta-feira, pelo Campeonato Mineiro, que ao menos não é chamado de Mineirão (mas só para não confundir com o estádio), o Atlético recebeu o quase xará Athletic, de São João Del-Rey, no Mineirão sob aguaceiro.

O 0 a 0 era definitivo quando o assoprador de apito, sem nenhum pudor, inventou um pênalti para Hulk dar a vitória ao clube grande.

Chegará o dia em que o jogador do time grande beneficiado terá vergonha de comemorar gol assim?

Fernando "fer" Alvarenga, "VINI" Figueiredo, Lincoln "fnx" Lau, Gabriel "Fallen" Toledo e Ricardo "boltz" Prass @fallen no instagram

Campeões de Counter-Strike se reúnem para 'Last Dance'

Projeto tem jogadores de geração vitoriosa em tentativa de retomar glórias

João Varella

SÃO PAULO Os maiores campeões de Counter-Strike do Brasil voltaram a se reunir. Nesta sexta-feira (18), foi feito o anúncio oficial do The Last Dance, projeto encabeçado por Gabriel "Fallen" Toledo que anda dominando as conversas da comunidade do jogo desde o final do ano passado.

Os craques foram contratados pela Imperial Esports, presente no cenário de Counter-Strike: Global Offensive (CS:GO) desde 2018. Felippe "felipper" Martins, CEO da Imperial, participou da transmissão junto aos atletas.

A transmissão ao vivo do anúncio via Twitch alcançou pico de mais de 100 mil pessoas. O vídeo foi retransmitido em outros perfis. Gaules, um dos maiores streamers da Twitch, reuniu outras 66 mil pessoas. A hashtag #lastdance era uma das mais mencionadas no Twitter.

Além de Fallen, o time é composto pelos também bicampeões mundiais de 2016 Fernando "fer" Alvarenga e Lincoln "fnx" Lau. Ricardo "boltz" Prass e Vinicius "VINI" Figueiredo completam o line-up. O treinador é Luis "Peacemaker" Tadeu, ex-Complexity Gaming.

"Era um sonho voltar a trabalhar com equipes brasileiras. Quem sabe eu possa ajudar encerrar a carreira desses caras de uma maneira bonita", disse o técnico em um documentário exibido durante o anúncio. O clima era de promessa de jogar em alto nível competitivo, sem prometer títulos ou esconder que se trata de uma despedida.

"É [minha] última tentativa de jogar competitivamente", disse Fallen. "Nada melhor do que estar perto dos amigos neste momento."

Um dos amigos de Fallen declinou do projeto. Marcelo "coldzera" David, eleito duas vezes melhor jogador do mundo e considerado o destaque das conquistas de 2016, não quis fazer parte do Last Dance. "Ele não estava 100% alinhado", afirmou Fallen.

Para entender a importância do Last Dance, é preciso falar de Fallen, Fer, Cold, Taco e Fnx. Os cinco representam o auge do Brasil no CS:Go.

O marco dessa trajetória aconteceu em 3 de abril de 2016, quando a Luminosity Gaming, onde os brasileiros jogavam, surpreendeu o planeta ao conquistar o MLG Columbus. Foi o primeiro major, disputa internacional mais importante da modalidade, vencido por um quinteto formado por brasileiros.

O título encerrou um jejum de dez anos. O Brasil passava por uma seca desde o título da MiBr na Electronic Sports World Cup 2006, ainda na versão 1.6 de Counter-Strike (fnx integrava essa equipe).

O que aconteceu em 2016 foi um golpe de sorte? No mesmo ano, o quinteto brasileiro extirpou as dúvidas ao obter um segundo título de major consecutivo. Atuando pela organização alemã SK Gaming, a equipe conquistou a ESL One, em Colônia.

Desde então, o Brasil nunca mais viu uma equipe local brilhar com a mesma intensidade. Também no plano individual, os atletas não conseguiram mais o mesmo destaque.

A grande incógnita é fnx, há meses sem disputar competições importantes. Seu nome passou algum tempo vinculado mais a controvérsias do que ao game. Em 2021, participou do reality show "De Férias com o Ex", da MTV.

Os questionamentos foram soterrados pela esperança em novembro do ano passado, quando começaram a surgir os primeiros rumores da reunião do quinteto bicampeão. O projeto encabeçado por Fallen logo foi batizado como Last Dance, uma referência à série homônima que retrata a última temporada vitoriosa do Chicago Bulls de Michael Jordan na NBA – a atração está disponível na Netflix.

Sem Taco, hoje capitão da Godsent, e Coldzera, foram incluídos boltz e VINI.

Mais jovens, eles têm a missão de dar novo gás ao que promete ser a última chance dos brasileiros campeões antes da aposentadoria.

> "É [minha] última tentativa de jogar competitivamente. [...] Nada melhor do que estar perto dos amigos neste momento
>
> Gabriel "Fallen" Toledo, idealizador do projeto

Manex Silva disputa sua quarta prova em Pequim e vira recordista

SÃO PAULO Manex Silva, 19, completou no sábado (19) a prova do esqui cross-country de 50 km –reduzida a 30 km por condições climáticas– nos Jogos Olímpicos de Inverno, em Pequim, na China. Com o tempo de 1h33min11s8, finalizou a disputa na 58ª colocação.

O jovem acriano concluiu assim seu quarto torneio nas Olimpíadas de 2022. Ele, que já havia competido no esquiatlo, nos 15 km e no sprint, tornou-se o primeiro brasileiro a participar de tantas competições em uma edição olímpica de inverno.

"Ter participado dos Jogos Olímpicos foi muito positivo. Estou feliz, mas não completamente satisfeito. Acho que poderia ter feito um pouco mais, e isso me motiva a continuar treinando duro. Ainda tenho quatro anos pela frente até os próximos Jogos", afirmou.

Antes de pensar na edição de Milão-Cortina, na Itália, em 2026, Silva terá a missão de carregar o símbolo do Brasil na cerimônia de encerramento em Pequim. Será ele o porta-bandeira do país na celebração final dos Jogos de Inverno da China, marcada para este domingo (20).

"Eu acho que vai ser uma experiência única. Até agora, só tinha visto essas cerimônias pela televisão. É um evento importante e fico feliz de levar a bandeira de um país tão grande quanto o Brasil", disse o esquiador.

A prova que o brasileiro disputou no sábado foi vencida pelo russo Alexander Bolshunov, que levou seu terceiro ouro em Pequim. Já no curling, o time masculino da Suécia triunfou sobre o da Grã-Bretanha.

Foi o grande momento de Nicklas Edin, capitão sueco, considerado um dos maiores nomes da história da modalidade. Ele havia conquistado o bronze em Sochi, na Rússia, em 2014, e a prata em Peyongchang, em 2018, na Coreia do Sul.

Faltava o ouro, obtido em uma final muito equilibrada. Ela foi decidida no end de desempate, por 5 a 4.

O acriano Manex Silva espera voltar a competir nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2024 Alexandre Castello Branco · 6.fev.22/COB

ESPORTE AO VIVO

9h Cerimônia de encerramento
Jogos de Inverno, SPORTV 2

11h Leeds x Manchester United
Inglês, STAR+

11h Cruzeiro x Villa Nova
Mineiro, ONEFOOTBALL/OTEMPO

12h15 Valencia x Barcelona
Espanhol, ESPN

14h Inter de Milão x Sassuolo
Italiano, STAR+

17h Rio Open (final)
Tênis, SPORTV 3

18h Minas x Flamengo
Basquete NBB, YOUTUBE (NBB)

21h Jogo das Estrelas
Basquete NBA, ESPN 2

Ninguém é eterno

Percebo uma nítida queda técnica em Messi e Cristiano Ronaldo

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Atlético e Flamengo se enfrentam neste domingo (20) pela Supercopa, em Cuiabá.

A escalação e a maneira de jogar do Flamengo são incógnitas. O time vai atuar com três zagueiros? Filipe Luís será o terceiro zagueiro pela esquerda? Everton Ribeiro vai atuar pela direita, pela esquerda, de meia ou de ala? Bruno Henrique, se jogar, vai na função de ala ou de atacante pela esquerda? Gabigol e Pedro farão uma dupla no ataque?

Nunca foi problema Pedro e Gabigol jogarem juntos. A dificuldade é escalar os dois mais Bruno Henrique, formando um trio de atacantes. Imagino que o mais provável será o Flamengo repetir a escalação dos anos anteriores.

Bruno Henrique, quando jogava no Santos, era apenas um bom jogador pelos lados, que atacava e voltava para marcar. No Flamengo, explodiu, atuando de atacante, da esquerda para o meio. Algo parecido pode ocorrer com Róger Guedes no Corinthians. Ele não é um centroavante nem um ponta aberto. É um atacante que atua da esquerda para o centro, próximo ao centroavante, como fez, com sucesso, no Atlético.

No Galo, saiu um ótimo zagueiro, Júnior Alonso, e entrou outro do mesmo nível, Godín. O uruguaio é mais experiente e mais lento.

Existe um temor de que, se o Atlético avançar a marcação, Godín não terá velocidade para conter os contra-ataques do adversário. O jogo vai dizer.

O novo treinador, "El Turco" Mohamed, deve manter a maneira de jogar e quase a mesma escalação usada por Cuca.

Na Europa, no clássico do meio de semana, pela Liga dos Campeões, parecia um time grande (PSG) contra um pequeno (Real Madrid).

O time espanhol, como é habitual, marcou mais atrás, com nove jogadores, mas, quando recuperava a bola, não conseguia, o que é raro, trocar passes até o outro gol ou contra-atacar em velocidade, com Vinicius Junior, pela esquerda. O time ficou acuado, pelos erros na saída de bola da defesa e, principalmente, porque o PSG, surpreendentemente, fazia uma excepcional marcação por pressão e recuperava a bola facilmente.

Vinicius Junior, mais uma vez, o que tem sido frequente nos últimos jogos, inclusive na seleção, teve atuação discreta. Titee Carlo Ancelotti estão preocupados. Deveriam bater um papo.

Neymar entrou no meio do segundo tempo e deu um belo passe de calcanhar para Mbappé, que driblou dois jogadores e fez um belíssimo gol. Se não fossem a excepcional atuação do goleiro Courtois, os erros de finalização e o pênalti desperdiçado por Messi, poderia ter sido uma goleada.

Percebo, há mais ou menos um ano, uma nítida queda técnica de Messi e de Cristiano Ronaldo. Os dois continuam atuando bem, mas longe dos grandes momentos. Esse declínio, que pode ser progressivo, ocorre por causa da idade e do cansaço mental, uma diminuição da ambição e da obsessão de tentar, todos os dias, ser excepcional, melhor que os outros. Evidentemente, os dois farão ainda belíssimos gols, mas sem a mesma regularidade de antes, até que o brilho e a chama se apaguem. Ninguém é eterno.

Quando Neymar brilhava intensamente no Barcelona, Xavi disse que Messi era o melhor do mundo, que Neymar era o herdeiro do trono e que Mbappé, que começava a se destacar, seria o substituto de Neymar. O francês quer furar a fila, ou já furou, a não ser que Neymar se agigante neste ano e seja o grande herói do Mundial.

Mbappé, além de ter muita habilidade, criatividade, técnica e lucidez, é extremamente veloz, uma qualidade importante nos maiores atacantes da história.

NOSSO ESTRANHO AMOR | *Anna Virginia Balloussier*

folha.com/nossoestranhoamorqqq2

Paulo, o Shakespeare de Uberlândia

Esta era pra ser a história de amor de um contador de histórias de amor. "Aliás, deixa eu te falar, me separei em janeiro", Paulo Franco, 59, inicia assim nossa conversa sobre seu assunto predileto.

"O tanto que eu amo poesia, ser carinhoso... Acho que é isso que me estraga", especula o homem que acumula nove casamentos e quatro páginas no Facebook dedicadas a esse sentimento que move nosso Shakespeare de Uberlândia: Paulo Franco Escritor e Compositor, Felicidades, Lindas Histórias de Amor e Frases de Paulo Franco.

Ele diz ter várias máximas de sua autoria. "Quer ouvir uma?" Não espera a resposta e já emenda: "Não me importa passar por lutas todos os dias. Só não aceito receber propostas da derrota".

É uma peleja diária para manter o romantismo vivo, admite o avô de uma neta e pai de três filhos, uma levada por um "câncer avassalador aos 25 anos, menina linda dos olhos azuis".

Foi-se o tempo em que postagens arrebatadas alcançavam, nas suas contas, até cinco milhões de leituras nas redes sociais.

"Hoje você posta um poema e tem 50, 70 [visualizações]. As pessoas só querem saber de discórdia, de 'BBB', de 'A Fazenda'. E todos os realities são voltados em cima de B.O., de relacionamentos conturbados", reclama o autor de "Eu Sonhei Com Você", poema publicado em 2015 na mineira Gazeta do Triângulo, junto com a ilustração de uma sílfide rodeada de cisnes sob uma lua cheia.

"Seus olhos me fitaram como em um laço, e eu me entreguei para a mais linda história de amor", escreveu o apaixonado que mantém com a escrita seu relacionamento mais duradouro até aqui.

O pai rabiscava em tampas de sapato ou papel de pão tudo o que lhe dava na telha, como esta fábula que inventou para educar os filhos: cuidado com o Lobo Afonso, que roubava comida dos irmãos e era capaz de devorar o forro da mesa, de tão esfomeado que era.

O Paulo escritor nasceu junto com seu primeiro xodó, uma vizinha descendente de italianos "que amava Veneza". Nunca se beijaram. Só dançaram coladinhos em matinês e olhe lá, mas mesmo nesses momentos "parecia que nós dois estávamos pegando fogo", hiperboliza a paixão de infância. "Eu já tinha essa visão poética, sou da família do Moacyr Franco."

O casamento que terminou faz um mês, segundo Paulo, seguiu o modus operandi de dedicação total à cara-metade da vez. Engenheiro de software que presta serviços para russos, ele costuma acordar às 2h para cumprir o fuso horário do cliente. Deixava sempre um Toddy quente para quando a companheira despertasse.

A relação esfriou rapidinho após ela sair do sobrado onde moravam. "Aí eu disse, 'volta pra casa dos seus pais, pô, se não dá certo comigo, não dá certo com ninguém'."

Ainda que seja Paulo que tenha o histórico de enlaces que não vão para frente. O primeiro divórcio, contudo, rendeu o que ele considera sua maior loucura de amor. Recém-separado, estava a caminho de seu sítio no interior de Minas. "Eu tinha um jipão, parei numa lanchonete, e lá dentro tinha uma menina de Campinas tomando Fanta laranja."

Tentou se engraçar, e a moça cortejada alertou que era a filha do pastor da cidade. Melhor não. Mas ela também confessou que estava morrendo de vontade de virar uma cervejinha com a que Paulo estava tomando.

Ele captou o sinal para avançar. No fim, descobriu alguém "muito pra frentex", conta. "Sabe aquelas meninas que empinam moto?"

A certa altura, perguntou qual era a fantasia dela. Ela respondeu: duas. "Uma é transar num bote inflável." Legal, qual a outra? "Em cima de um cavalo."

"Eu disse pra ela: tenho bote e tenho cavalo."

Talvez ele seja o último romântico.

Ricardo Moraes/Reuters

IMAGEM DA SEMANA

Já são ao menos 136 mortos, 218 desaparecidos e mais de mil desabrigados depois de enchentes e deslizamentos de terra causados pelas fortes chuvas em Petrópolis (RJ). Presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou, na sexta (18), que "medidas preventivas estão previstas no orçamento. Ele é limitado. Muitas vezes não temos como nos precaver de tudo".

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Os restos de um cadáver / Sigla do estado de Calçoene e Oiapoque **2.** Cavalo de cor castanha ou amarelo torrado / Suborno **3.** Um ingrediente do drinque daiquiri / (Gír.) Dar pane, travar (celular, computador etc.) **4.** Acrescentado **5.** Vestido com bom gosto **6.** Pratica uma atividade não por profissão ou lucro, mas por íntima satisfação **7.** Resguardo, proteção / (Quím.) Índio **8.** Meg Ryan, atriz de "Armadilhas do Amor" / A cidade italiana de Julieta, da obra de Shakespeare **9.** Todavia / Epílogo **10.** De que resulta o que se espera / Ao alvorecer, de madrugada **11.** (Angeles) Grande cidade americana da Califórnia / Aventurar, arriscar **12.** Sucção ruidosa por meio dos lábios **13.** Ajustar uma peça a outra.

VERTICAIS
1. Trabalho de construção / O bairro de BH com um grande aeroporto **2.** Um antônimo para doença / Flor ainda fechada **3.** Parecido / Um dano eventual **4.** Antônio Olinto (1919-2009), poeta e crítico, membro da ABL / Que dá medo / (Ingl.) Abreviatura de cavalo-vapor **5.** O conjunto dos pertences, de quem viaja, para uso pessoal / Uma forma de abreviar o nome do mês 7 **6.** Assistente, pessoa que está às ordens de outra em trabalho ou função / Campeonato ou torneio em que se disputa uma taça **7.** (Geom.) Sem ângulos / Respirar de forma audível, num ritmo curto, precipitado **8.** Borda de boné / Uma das ilhas das Pequenas Antilhas **9.** Elemento constitutivo / (Pop.) Arrastar a asa.

HORIZONTAIS: 1. Ossada, AP. 2. Baio, Jabá. 3. Rum, Bugar. 4. Aditado. 5. Elegante. 6. Amador. 7. Abrigo, In. 8. M.R., Verona. 9. Porém, Fim. 10. Útil, Cedo. 11. Los, Jogar. 12. Chupada. 13. Acoplar. **VERTICAIS:** 1. Obra, Pampulha. 2. Saúde, Broto. 3. Similar, Risco. 4. Ao, Temível, HP. 5. Bagagem, Jul. 6. Ajudador, Copa. 7. Agono, Ofegar. 8. Aba, Trinidad. 9. Parte, Namorar.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

				5		2		1
8								
4	1						6	
	9			3	2	1		
	8	5		9		6	2	
		3	6	8			5	
	2						3	9
								6
5		9		1				

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

FRASES DA SEMANA

PODE SER QUE SIM, PODE SER QUE NÃO
Jair Bolsonaro
Presidente visitou a Rússia em momento de tensão com a Ucrânia

"Mantivemos nossa agenda e, por coincidência ou não, parte das tropas deixaram as fronteiras..."

LUVA DE PELICA, LUVA DE BOXE
Edson Fachin
No centro das críticas do presidente Jair Bolsonaro (PL), o futuro presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) afirma que terá uma postura colaborativa e de diálogo com o mandatário, mas que adotará medidas caso a Justiça Eleitoral seja atacada

"Como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, nós não vamos tolerar os intolerantes. Mas, por agora, eu tenho uma mão estendida e eu espero reciprocidade"

ESPERANÇA
Steven Deeks
Especialista em Aids na Universidade da Califórnia em San Francisco prevê que novo método de transplante envolvendo sangue do cordão umbilical não deve se tornar comum

"Trata-se de oferecer inspiração e possivelmente um mapa do caminho"

FIM DA HISTÓRIA
Elenir de Souza
Moradora da Vila Felipe, bairro de Petrópolis (RJ), precisou sair de casa às pressas porque parte do imóvel desabou com as fortes chuvas que atingiram a cidade na terça (15), deixando X mortos e Y desabrigados

"Foi uma luta muito grande para eu construir minha casa e perder tudo assim tão de repente, é muito doloroso. É uma tragédia. O meu bairro acabou. Eu moro na Vila Felipe há 38 anos. São 38 anos de muita história, mas a vila acabou"

ICEBERG
Kamila Valieva
A patinadora russa de 15 anos competiu apesar de acusação de envolvimento escândalo de doping, mas saiu da pista dos Jogos de Inverno chorando após erros a rebaixarem ao quarto lugar, fora do pódio

"Esses dias têm sido muito difíceis para mim. Estou feliz, mas cansada emocionalmente. Esse processo me ensinou que a vida adulta pode ser injusta, de certa forma"

FOLLOW THE MONEY
Chrystia Freeland
Ministra das Finanças detalha estratégia maior para asfixiar os protestos antivacina no Canadá: além da declaração de estado de emergência nacional, os bancos terão autorização para congelar as contas de qualquer pessoa ligada aos atos, puxados pela categoria dos caminhoneiros e compostos, agora, também por ex-policiais, veteranos do exército e desempregados

"Trata-se de rastrear o dinheiro e de parar o financiamento desses bloqueios ilegais. Estamos avisando: se seu caminhão estiver sendo usado nesses protestos, suas contas serão imediatamente congeladas"

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 20.fev.1922

Instituto Histórico e Geográfico de SP discute a evolução do Carnaval

O presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Affonso A. de Freitas, realizará às 20h desta segunda-feira (20), em uma sessão ordinária da entidade, uma conferência com o tema: "Do Carnaval dos tempos imperiais ao cateretê".

Baseado em documentos que datam desde o século 16, o conferencista falará sobre um assunto que até agora não recebeu a atenção merecida.

O tema se torna ainda mais interessante em virtude das proximidades dos festejos carnavalescos (a terça-feira de Carnaval será no dia 28). Várias festas e bailes pela cidade já ocorreram no último fim de semana.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

A CAMARA MUNICIPAL

Pela Sociedade

Totem e tabu

Etiqueta de nudes nas redes, o sexy sem ser vulgar, reflete o medo do pênis em séculos de história da arte e cultura pop

C4 e C5

Ilustração **Paulo Jorge Gonçalves**

- Como Eucanaã Ferraz se tornou poeta e curador consagrado C6
- Filme perdido de Zé do Caixão ressuscita horror visceral do diretor C9

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Gloria Pires

Juventude e dinheiro não são garantia de nada

[RESUMO] Aos 58 anos, sendo 52 deles de carreira, a atriz estreia atrás das câmeras como roteirista, produtora e, em breve, diretora. Ela conta ter se apoiado na fé durante a internação do marido por complicações da Covid e afirma que 'os fatos estão aí' para mostrar como a condução da pandemia pelo governo 'é triste e revoltante'

Por ***Lígia Mesquita***

Há um ano Gloria Pires não precisa mais receber áudios, silenciar algum grupo ou ser bombardeada a cada cinco minutos com uma mensagem no celular.

O impulso para deletar o WhatsApp, revela, veio após sua conta no aplicativo ter sido hackeada e a de duas filhas, clonadas. "Ficou claro que era uma idiotice se colocar como um alvo ambulante", diz a mãe de Cleo, da união com Fábio Jr., e de Antonia, Ana e Bento, do casamento com o cantor Orlando Morais.

Para contatar a atriz, só telefonando, enviando SMS ou email. "Minha vida ficou mais fácil, o meu tempo sobra."

Outra coisa que tem sido libertadora e que, segundo ela, aprendeu na pandemia de Covid-19, foi dizer "não". "Parei de viver com uma espada na cabeça. Acho que todo mundo deveria tentar fazer isso, falar 'agora não posso', 'não quero'."

Já os "sim" que tem dito na vida profissional, aos 58 anos, são para projetos que lhe permitam ter maior autonomia e envolvimento, e não apenas ser convidada para protagonista "e entrar na história duas semanas antes [de filmar]".

Neste ano, a carioca aparecerá nos créditos de dois filmes não apenas como a protagonista. No drama policial "A Suspeita", de Pedro Peregrino, que chega aos cinemas em abril, ela estreia como produtora. E na comédia sobre consumismo "Desapega", de Hsu Chien, na colaboração de roteiro.

Gloria diz que "A Suspeita" inaugura algumas coisas em sua carreira de 52 anos. "Eu tinha um desejo antigo de ser produtora e quando o Pedro [diretor] me mostrou o projeto, pedi para participar do processo todo, do roteiro, da edição. Foi um aprendizado enorme", fala. "E interpretei pela primeira vez uma policial, que trazia a condição de ter mal de Alzheimer."

No fim do ano, está prevista sua estreia como diretora em "Sexa", comédia que mostra uma mulher de 60 anos "cheia de amor para dar" que tem medo de envelhecer. Gloria será também a protagonista.

O desejo para escrever, produzir e dirigir, conta, era antigo, mas ela não se sentia habilitada para isso. "Sem nenhuma prepotência, adquiri essa experiência nesses 50 anos em que não parei de trabalhar. Não tinha a formação acadêmica para escrever, mas entendia os momentos em que a história estava se desviando, as cenas que não seriam usadas. Isso me deu um material que, agora, aos 58 anos, senti que estava na hora de usar em meu benefício."

Essa atuação em novas frentes de trabalho, afirma, não a afastará da TV nem das novelas, onde aparece desde seus oito anos. Ela já está reservada para uma nova trama das 21h da Globo, sobre a qual diz ainda não poder falar.

"A novela é um formato muito importante para a televisão aberta, e me sinto parte dele, me sinto reconhecida por isso." E conta que, nessas cinco décadas na TV, "só as séries que ainda não vieram [como oportunidades de trabalho]. Fiz apenas uma. Mas vou continuar batalhando. Quem sabe tenho sorte."

Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista da atriz à coluna, por videochamada, de sua casa no Rio.

*

A atriz Gloria Pires, 58, em registro feito por sua filha Ana Morais Ana Morais/Arquivo pessoal

VIDA DE DIRETORA

Tenho vontade de dirigir já há algum tempo, mas agora, mais velha, consigo perceber o tempo de uma outra forma. Os filhos estão crescidos e posso começar a pensar nisso, porque [dirigir] é como cuidar de um filho, né? Você precisa ficar totalmente dedicada a ele. O filme tem um processo extremamente artesanal, e a convivência com o texto, com as pessoas, é densa.

Já fazer novela é mais extenuante. Você fica muito preocupado com a hora que vai dormir e acordar, em decorar texto, não pode ficar doente, tem que estar com a cara boa, ir ao dermatologista... a beleza da experiência você percebe depois que a novela acaba.

TRABALHO TERAPÊUTICO

Não faço terapia, mas alguns trabalhos agiram como uma terapia de cura pra mim. Trabalho muito assim com a minha vida interior, estou sempre querendo me entender, querendo me conhecer melhor, vencer minhas limitações. Busco projetos que me desafiem também por conta disso, tenho prazer nessa auto investigação.

PERSONAGEM COM ALZHEIMER

Para criar a Lúcia [em 'A Suspeita'] eu li 'Vivendo no Labirinto' (ed. Record), escrito por uma americana diagnosticada com Alzheimer quando tinha 50 anos. O que mais me tocou lendo sobre a doença é ver a vulnerabilidade de quem vive com ela, tudo pode virar uma bomba-relógio. Você está dirigindo e, de repente, não sabe o que é um carro. Também vi que muitos que convivem com essas pessoas não entendem que perguntar se ela não se lembra de algo só causa mais aflição.

MARIDO INTERNADO COM COVID

[A pandemia] é uma lição dura que todos nós vivenciamos. Mas nem todo mundo ainda aprendeu que a gente tem a vida como uma garantia, estar vivo com todas as suas delícias é uma garantia. Juventude não é garantia, dinheiro não é garantia. Mas algo que eu vivenciei na internação do Orlando [o cantor ficou dez dias internado em março de 2021, chegando a ir para a UTI] foi a importância da fé. Claro que isso não é garantia de que você vá sair [daquela situação], mas foi fundamental.

FÉ NA HUMANIDADE

E muitas pessoas, até hoje, quando nos encontram na rua, no mercado, dizem que rezaram pelo Orlando. Essa corrente renovou minhas esperanças na nossa espécie, porque essa coisa da rede social, desses algoritmos que te direcionam para notícias que só interessam a você, envenenam as pessoas. Pessoas boas ficam tão envenenadas e têm atitudes horrendas por conta dessa influência tão nociva das redes.

CONDUÇÃO DA PANDEMIA POR BOLSONARO

Não tem nem o que dizer. Os fatos estão aí, não precisa nem ter muito trabalho para entender que o que está acontecendo é triste e revoltante. Mas as eleições estão aí e é um momento de virar esse jogo.

GOVERNAR PARA TODOS

Eu não acho que é ruim as pessoas pensarem de forma diferente. Mas acho que um projeto de governo precisa, e tô falando do meu ponto de vista de cidadã privilegiada e olhando de fora, beneficiar a todos. As questões pessoais são pessoais, agora para o todo, para a massa, precisa ter os benefícios. As pessoas não vivem de brisa. Precisa ter saúde, transporte, educação, valorizar a cultura.

CULTURA DESVALORIZADA

Há uma grande desvalorização da cultura de forma geral. O pessoal que faz teatro, por exemplo, foi o que mais sofreu. A Lei Paulo Gustavo surgiu após um ano e meio de pandemia. Antes tarde do que nunca, mas isso é chocante. A situação dos atores nunca foi fácil. Você vê aí a Record [pausa]... Não vou falar nomes, mas tem muita gente que trabalha com menos transparência. É difícil falar sem citar nomes e fazer comparações. Daí vão falar: 'A Glória Pires está falando isso porque ela mamava na Lei Rouanet'. Isso é tão ridículo, as pessoas não têm a menor ideia do que elas estão falando.

REGINA DUARTE

Não acompanhei o trabalho da Regina [Duarte, que foi secretária de Cultura de Bolsonaro]... Embora a Regina tenha deixado algo importante. Vou checar o nome direito aqui para não falar nada errado e te passo [manda depois que Regina assinou a determinação, por parte da Secretaria de Cultura, para o Brasil aderir ao Tratado de Pequim, que regula os direitos autorais mundialmente].

Essa coisa de [analisar as] declarações [dela] é muito complicada, você acaba tendo só um lado... [o assessor de imprensa da atriz interrompe para dizer que a entrevista está saindo do foco, que a cultura é importante e que ela já deu a opinião dela. E diz que o tempo está acabando].

DISPENSA DOS VETERANOS PELA GLOBO

Eu tô do lado de cá, não sei o que acontece dentro da empresa. Observando de fora, deve haver algum sentido para isso acontecer que escapa à minha compreensão. Deve haver.

SÍNDROME DO NINHO VAZIO

Eu tenho quatro filhos únicos, né, as duas mais velhas [Cleo e Antonia] já estão voando. Os dois mais jovens ainda estão comigo. A Ana, de 21, já disse que não vai sair de casa tão cedo. O caçula, o Bento, de 17, também disse que não vai sair de casa tão cedo. Isso me acalma [risos]. Gosto da companhia deles, mas quero também que eles sejam felizes, que eles tenham as oportunidades que eles buscarem. Sinceramente, eu não sou uma pessoa de ficar fechada na minha dor, não sou uma egoísta da dor, aquela pessoa que faz da sua dor o centro do universo, sabe? Que vai ser um problema para os filhos 'porque como é que a mamãe vai reagir?'. Eu não curto ser essa pessoa.

PLANOS AOS QUASE 60

Quero me envolver mais nos projetos, expandir meus horizontes. E também quero ter mais momentos para mim. É um contrassenso, né, a pessoa falar que quer trabalhar, fazer um monte de coisas, mas também quer ter mais tempo para ela [risos]. Esse tempo para mim é algo que tô sempre buscando, nem que seja por meia hora do meu dia. Hoje eu tive um dia supercorrido, mas fui fazer 15 minutinhos de massagem e isso já me deu aquela reenergizada. Eu tento sempre pensar em dar um passo de cada vez, um dia de cada vez. Pensar em fazer o que a gente precisa hoje, agora. E daí planejar de alguma forma os próximos passos.

CASOS DO ACASO

Frase que pichei para Rita Lee reapareceu 37 anos depois em exposição

Ana Ribeiro
Jornalista, mora em São Paulo

O carro do Beto tinha duas portas. A do passageiro não abria, a rota de entrada era pelo lado do motorista. O banco do motorista não levantava para quem ia sentar atrás. Acomodar três pessoas exigia uma certa ginástica. Não era o veículo ideal para uma fuga de emergência. Mas era o que tínhamos e, mais que isso, era o que garantia nossa liberdade e nossas infinitas possibilidades. Com ele, São Paulo era pequena para nós.

Eu tinha 16 anos, o Beto e a Solange um pouco mais do que eu. Éramos inseparáveis nos rolês dos fins de semana. Eu acabara de voltar de um ano de intercâmbio em uma cidade no interior dos Estados Unidos e estava achando tudo muito moderno naquela São Paulo dos anos 1980. O que levei comigo e trouxe comigo de volta foi a trilha sonora: fitas cassete com a discografia completa da Rita Lee.

Nos anos 1970, quando a barra da ditadura ficou pesada para os jornalistas, meus pais, ambos jornalistas, quiseram sair de São Paulo e aceitaram um convite para reformular um jornal em Ribeirão Preto. Eu e minha irmã mais nova, Teté, nos mudamos emburradas para uma cidade estranha.

O que nos salvou foi a casa da frente (alô, Panicos!), onde vivia uma família com 8 filhos de todas as idades, muitos primos e circulação constante. No meu aniversário de 10 anos, um desses primos, o Reinaldo, me levou de presente um vinil que está no primeiríssimo lugar da lista de discos que eu quase furei de tanto ouvir: "Fruto Proibido", de 1975.

Mesmo com todas as descobertas musicais que fiz nos Estados Unidos, Rita Lee nunca deixou o topo da minha parada. O programa daquele fim de semana seria uma homenagem a ela.

Pela lista telefônica, tinha descoberto o endereço do pai dela, dr. Charles Jones, e decidi deixar uma frase pichada no muro da casa dele na rua Joaquim Távora, na Vila Mariana. Beto e Solange toparam na hora.

Tudo aconteceria de madrugada. Eles ficariam dentro do carro com o motor ligado. Eu desceria com o spray, escreveria a frase na parede, voltaria ao carro mergulhando pela janela, o Beto acelerava e a gente se mandava. Os medos eram muitos. Polícia. Vizinhos. Alguém da família da Rita Lee nos surpreender... E foi com o coração aos pulos de terror e emoção que escrevi no muro branco com minha lata de spray: "Rita, pra você, a agilidade do gato e o brilho da estrela". Minha mensagem adolescente de amor por Rita Lee estava registrada para toda a cidade ver.

[...]

Os medos eram muitos. Polícia. Vizinhos. Alguém da família da Rita Lee nos surpreender... E foi com o coração aos pulos de terror e emoção que escrevi no muro branco com minha lata de spray: "Rita, pra você, a agilidade do gato e o brilho da estrela". Minha mensagem adolescente de amor por Rita Lee estava registrada para toda a cidade ver

Corta para 37 anos depois. Fui com uns amigos ver a exposição da Rita Lee no MIS. Logo na entrada do museu, uma parede pintada de azul trazia a estampa da minha frase, letra por letra (sobrou um S no "das estrelas"). Foi como se um raio tivesse me atingido na cabeça. A sensação deve ter sido a mesma de quando escrevi no muro naquela madrugada: pernas bambas, coração acelerado, mãos tremendo. A minha frase na parede do museu!

Uma das monitoras da exposição, bem jovem, vendo que a nossa turma tinha tanto comentário a fazer sobre aquele escrito, quis saber o que acontecia. Eu contei a história. Ela se espantou, já que a exposição não trazia nenhuma explicação sobre a origem daquela frase. Não me importava: ela era minha e estava lá.

Eu já tinha contado a história dessa frase muitas vezes. Uma delas, para a própria Rita Lee. Eu e a Barbara, que era minha namorada na época, fomos a um show da Rita.

Éramos convidadas no camarote do dono da casa de espetáculos e, ao fim do show, ele disse: "Se quiserem ver a Rita, é só abrir essa porta". A Barbara ainda ensaiou recusar, mas eu nem quis ouvir: "Nós vamos!", determinei. De fato, era só abrir a porta, andar por um corredor e paramos diante do camarim da Rita Lee.

Ela surgiu, sorriu para nós, mandou entrar. Rita e Barbara já se conheciam. Contei a minha história. Ela chamou o Roberto. Contei de novo. Ela nos mostrou o Mike, seu cachorro cantor, que estava no camarim também. Barbara descreveu esse encontro na coluna dela nesta **Folha**, no dia 1º de março de 2002.

Deparei outras vezes com o meu grafite, em uma passagem do musical estrelado por Mel Lisboa, em uma citação em alguma das biografias da Rita Lee. O dia do museu, porém, foi o mais emocionante. Não era só uma menção, era uma reprodução.

O resto da turma que estava lá comigo não podia ter mais a ver com aquele momento. Tinha a Barbara, que virou minha grande amiga, e a Irene, minha vizinha na adolescência. A gente se conheceu na piscina do condomínio em que morávamos e, logo na primeira conversa, falamos da Rita Lee. Naquela mesma tarde, levei minha pasta de recortes da Rita Lee para mostrar para ela; ela me mostrou a pasta de recortes dela. Empatamos.

Achei a Irene tão legal que a apresentei para um grande amigo da faculdade, o Warté. Eles acabaram se casando, tiveram dois filhos, Pedro e Clara. Pedro se casou com o Marcio. Pois no dia do MIS eu estava acompanhada da Barbara, da Irene, do Warté, do Pedro e do Marcio.

Rita está quieta na casa dela no mato, cercada dos bichos, da família e das plantas. Eu a sigo no Instagram e adoro quando ela aparece. E sigo desejando tudo tudo tudo de melhor para ela.

Esse texto faz parte da série Casos do Acaso, parceria entre a Folha e a Conspiração Filmes. Narrativas enviadas pelos leitores poderão se transformar em episódios audiovisuais criados pela produtora

Pinturas de Paulo Jorge Gonçalves, feitas a partir de suas fotografias de garotos de programa cariocas, retratam o universo homoerótico historicamente rejeitado na arte Fotos Reprodução

É pau, é pedra

[RESUMO] Manual de etiqueta de nudes recém-lançado pelo Grindr —aplicativo usado por homens gays para arranjar sexo casual, a 'fast foda'— parece novidade, mas reflete séculos de medo da imagem do pênis por toda a história da arte, do Renascimento até os dias de Andy Warhol e Robert Mapplethorpe, e pela cultura pop, da Globeleza à novela 'Verdades Secretas'

Por **Pedro Martins**
Repórter da Ilustrada

Ilustração **Paulo Jorge Gonçalves**
Artista visual

O rapaz de codinome Sigilo não é esculpido como um deus grego, mas está quase lá. Sem a divisão em quadrantes, seu abdômen ainda é um só, mas os oblíquos já se separaram. Sigilo está longe de se parecer com Tony Ramos, mas sua pele, branca, é demarcada pelo contraste dos pelos. Virado de lado para a câmera, com os braços em evidência —estes, sim, esculpidos e com as veias saltadas—, Sigilo dispensa uma camiseta. Não mostra o rosto, mas faz questão de informar que mede 182,88 centímetros, que pesa 98 quilos e, duas vezes, que é versátil ativo —isto é, prefere penetrar a ser penetrado.

"Só mais um cara sem camisa", diz Sigilo em seu perfil, ao lado do qual está outro ativo —ou melhor, Ativo, como grafa sua conta. Ele também esconde o rosto, detalha as medidas corporais e adianta que "se não respondi é porque não curti". Abaixo está outro torso. É o Sommelier de Pau, que explica em detalhes como atribui notas de zero a dez ao pênis dos rapazes que encontra.

Para os não familiarizados, estes são perfis de usuários do Grindr, um aplicativo de relacionamentos que, mais afoito que concorrentes como o Tinder, tem como objetivo principal promover encontros de sexo casual entre homens gays —ou "fast foda", como se diz no app. Da mesma forma que a maioria dos usuários, Sigilo, Ativo e Sommelier de Pau não revelam a identidade. Sabem, afinal, que ali o que mais importa é o corpo. Nenhum deles, no entanto, exibe as nádegas ou o pênis.

É que o Grindr nunca permitiu o compartilhamento de nudes nos perfis, num paradoxo que os usuários dizem ser difícil de compreender, já que o app, vetado para menores de idade, permite até que eles indiquem quando fizeram o último teste de HIV e se estão ou não fazendo uso da Profilaxia Pré-Exposição, a PrEP, que previne a infecção pelo vírus e, para alguns, determina se o sexo será com ou sem preservativo.

Tudo parecia prestes a mudar, no entanto, quando o Grindr anunciou há três meses que permitiria baixar as cuecas. O app, no entanto, criou um guia de poses para orientar os usuários. É, por exemplo, permitido se fotografar nu, de costas, como um "Davi" de Michelangelo, mas os algoritmos são orientados a barrar uma fotografia na posição litotômica —a pose ginecológica, como os médicos dizem, ou o frango assado, no português do Grindr—, porque é "sexualmente sugestiva", dizem.

Ao tentar ditar o que é sexy sem ser vulgar e o que é vulgar sem ser sexy, o manual de etiqueta dos nudes gerou uma onda de críticas contra o Grindr, sobretudo por usuários americanos. Os rapazes afirmam que, com frequência, uma mesma pose rejeitada num determinado corpo acaba aprovada em outro. Eles atribuem a prática a racismo, gordofobia, xenofobia e até a homofobia por parte do app, que veio a público reconhecer o problema e dizer que está ensinando tanto os humanos quanto os algoritmos que moderam as fotografias a não serem preconceituosos.

A contradição em torno da censura de nudes num ambiente voltado para o sexo, no entanto, extrapola os limites do Grindr e data de milênios atrás. A nudez masculina, afinal, é historicamente evitada, tanto nas esculturas e nas pinturas expostas em museus e galerias de arte quanto na televisão, no cinema e na fotografia. Isso porque, embora falocêntrica, a sociedade não tolera ver um pênis fora do tête-à-tête, do corpo a corpo, entre quatro paredes.

É uma contradição que atravessa até a prostituição, diz Paulo Jorge Gonçalves, artista que faz pinturas e bordados com base em suas fotografias de garotos de programa. Para não assustar e afugentar os clientes, os garotos não podem extrapolar em seus catálogos os limites impostos pelo manual de etiqueta dos nudes —não o do Grindr, mas o que eles próprios criaram, com as mesmas regras, e passaram a transmitir um ao outro no boca a boca, como se estivessem numa aula de marketing.

Do tanto que são reproduzidas, algumas poses ganham até nomes. Uma das favoritas dos clientes se chama "tirando geleia da boca", diz Gonçalves. De perfil, os garotos empinam a bunda, mas giram o quadril para esconder o pênis, numa posição quase idêntica à que Sigilo usa em seu perfil no Grindr, exceto por uma das mãos, que, claro, precisa ir aos lábios, o que permite flexionar os braços e destacar os músculos dos bíceps. A pose também não é muito diferente da que muitos ostentam ao se fotografar para o Instagram, onde anônimos viram celebridades por causa do corpo esculpido e instigam seus seguidores com uma nudez que, justamente por ser contida, nunca se desgasta.

Não é à toa que, ao pensar em nu masculino, a memória que primeiro vem à mente da maioria seja a das esculturas gregas. Além de terem esculpido o padrão de beleza que rege o desejo sexual contemporâneo ocidental, a arte grega é até hoje umas das únicas com permissão para expor um pênis nos museus. Embora movimentos como o Renascimento tenham resgatado a cultura grega, a nudez masculina, um de seus principais elementos, ficou de fora da produção artística desse período e dos que vieram depois.

O motivo, consenso entre boa parte dos historiadores da arte, é o machismo que estrutura a sociedade desde os primórdios. Se a mulher, presa dentro de casa, não tinha direito nem sequer de aprender a ler ou escrever, eram os homens quem normalmente estava por trás das telas. Eram eles, também, que financiavam a produção artística, que, naturalmente, passou a explorar à exaustão o corpo feminino —ainda que, pelo pudor imposto pela Igreja Católica, a nudez não pudesse se prestar à beleza ou ao sexo e viesse disfarçada em retratos dos mitos da Antiguidade e das passagens bíblicas.

Em consonância com o machismo, os historiadores lembram ainda a homofobia como fator decisivo para que as artes visuais sejam tão mal resolvidas com a nudez masculina, principalmente com a imagem do pênis. É que, mesmo à revelia das barbáries cometidas pela Igreja na Idade Média, ainda prevaleceram na sociedade renascentista, como prevalecem hoje, doutrinas que reprovam a homossexualidade, ligada aos artistas que se debruçavam sobre o corpo masculino para além de necessidades acadêmicas, como fez Leonardo Da Vinci numa de suas obras mais memoráveis, "Homem Vitruviano", do século 15.

Prova disso é que a Globo, por exemplo, levou quase 60 anos desde sua criação para exibir um nu frontal masculino, visto no ano passado durante a segunda temporada de "Verdades Secretas". A emissora, porém, explora a nudez feminina há décadas. No início dos anos 1990, pôs a modelo Valéria Valenssa para sambar nas vinhetas da Globeleza vestindo nada mais que uma fina camada de purpurina.

Continua na pág. C5

Continuação da pág. C4

Na mesma época, um pouco antes e um pouco depois, atrizes já desfilavam com os seios à mostra em aberturas de novelas como "Tieta" e "Mulheres de Areia". Enquanto isso, os galãs até tiravam a camisa para exibir os músculos, mas nunca eram retratados pelados.

A diferença entre as formas de retratar um homem e uma mulher na arte é chamada por pesquisadores de "male gaze", ou olhar masculino. É um conceito criado por Laura Mulvey, crítica e professora de cinema britânica, ainda nos anos 1970. Num ensaio que se tornou um dos alicerces da crítica feminista à indústria de Hollywood, Mulvey afirma que, como a câmera sempre estava nas mãos de um homem, quase sempre branco e heterossexual, naturalmente as mulheres teriam o seu corpo sexualizado.

Na Globo, a criação da Globeleza e a iniciativa de pôr mulheres nuas nas aberturas de novelas vieram mesmo da cabeça de um homem, Hans Donner, um designer austríaco radicado no Brasil que fez nada menos que a logomarca da Globo. Há, ainda, uma porção de exemplos estrangeiros. Um recente, que tomou as páginas de jornais, é a Mulher-Maravilha interpretada por Gal Gadot.

Em "Batman vs. Superman", a câmera, nas mãos de Zack Snyder, não perde uma chance de se voltar para as nádegas e os seios da atriz. O mesmo ocorreu em "Liga da Justiça", em que Snyder foi substituído por Joss Whedon. O diretor, que tinha comandado os dois primeiros "Vingadores", foi acusado de ameaçar a carreira de Gadot caso ela se recusasse a filmar uma cena em que Flash, vivido por Ezra Miller, se deita e se esfrega sobre seu corpo. Já nos filmes dedicados à trajetória da personagem, o ímã da sexualização que ligava o corpo de Gadot à câmera parece ter sido destruído —a direção, agora, tinha passado para as mãos de uma mulher, Patty Jenkins.

O questionamento sobre o olhar masculino também ocorre nas artes plásticas. As Guerrilla Girls, coletivo feminista que se esconde atrás de máscaras de gorila e nomes de artistas mortas, vem há quase 40 anos travando uma cruzada contra o machismo nos museus. Elas afirmam que, num dos mais importantes do mundo, o Metropolitan, em Nova York, 76% das obras que contêm nudez retratam o corpo feminino, embora menos de 4% dos artistas do acervo em exposição sejam mulheres. No Museu de Arte de São Paulo, o índice de nudez feminina é de 60%, e o de artistas mulheres, 6%. As estatísticas são, respectivamente, de 2012 e 2017, quando foram realizados os últimos balanços na instituição americana e na brasileira.

A repulsa à nudez masculina nos museus é tamanha que o Whitney, também em Nova York, encomendou uma escultura de dois personagens que marcaram a literatura americana para instalar próximo à entrada. Quando a peça foi entregue retratando os rapazes sem roupa, no entanto, o museu decidiu guardar a obra no acervo. Os curadores afirmaram que, se tivesse sido deixada na rua, a obra teria sido vandalizada, mas muitos os acusaram de censura, dizendo que o objetivo não foi proteger, mas esconder o trabalho.

O caso, que ocorreu em 2015, ganhou repercussão por se tratar de um trabalho de um dos escultores americanos mais relevantes das últimas décadas, Charles Ray, que agora expõe uma versão platinada da escultura, feita de aço inoxidável, numa retrospectiva de sua carreira que está em cartaz no Met até junho.

No Brasil, não é diferente. Na internet, os algoritmos de redes como o Instagram censuram pênis, assim como os seios femininos, mesmo que suas diretrizes de comunidade digam que a nudez atrelada a obras de arte é permitida. No mundo de carne e osso, por sua vez, são raras as exposições que encaram o assunto, e as que o fazem são pegas para Cristo. Foi o caso da mostra "Queermuseu", censurada uma semana depois de inaugurada em Porto Alegre, há cinco anos. Por dar visibilidade a obras que exploravam questões de gênero e sexualidade, a exposição sofreu ataques de lideranças políticas e religiosas alinhadas à direita, como o Movimento Brasil Livre, o MBL, até que fosse fechada.

A censura velada não é de hoje. A exposição "Male Nude", que esteve em cartaz no início do ano passado na galeria paulistana Mendes Wood DM, esquadrinhou a nudez masculina de 1800 a 2021, reunindo obras que, na época em que foram produzidas, eram em geral rejeitadas por curadores e galeristas, principalmente as que foram criadas a partir dos anos 1970, quando os homens passaram a ser retratados nas artes plásticas não como deuses, santos, heróis bíblicos ou dissecações anatômicas para a medicina, mas como corpos que transam, diz Matheus Yehudi, um dos organizadores da mostra.

A mudança de paradigma, que ocorreu ao mesmo tempo em que manifestantes como os de Stonewall lutavam pelo direito de serem quem são, era visível na exposição. Lá, havia os torsos monocromáticos sobre os quais se debruçavam Andy Warhol e Robert Mapplethorpe, precursores da arte homoerótica nos Estados Unidos, e os garotos de Ipanema que Alair Gomes retratou em todas as suas curvas, músculos e pelos na esteira do que Herbert List, alemão, fazia nas praias europeias.

Além do interesse por retratar o corpo masculino, são artistas que tiveram suas carreiras marcadas por polêmicas, boa parte delas hoje vistas como fruto da homofobia. Gomes, ainda hoje o nome mais importante da fotografia homoerótica brasileira, é testemunho disso. Embora tenha feito nada menos que 20 mil fotografias de homens nus, o fotógrafo levou uma vida pautada pela discrição, quase como os rapazes que hoje escondem a identidade e pedem sigilo no Grindr.

Ao morrer estrangulado no apartamento de onde fotografava os banhistas a partir de sua janela indiscreta para a praia, o fotógrafo Alair Gomes nem chegou às páginas dos jornais. Seu trabalho tampouco. Não obstante as muitas tentativas de tornar sua obra conhecida, numa batalha que descreveu em seus diários como uma obsessão, ele teve suas fotografias expostas só dez anos depois de morto, primeiro em Paris, para só dali a outros dez anos chegar à Bienal de São Paulo.

A nudez masculina, dizem os artistas, é evitada não só por machismo ou homofobia, mas porque fragiliza o homem. É só olhar com atenção para o teto da Capela Sistina, indicam. Enquanto Deus e os santos vestem roupas, que os protegem, os mortais são reduzidos à nudez, um contraste visto em "A Criação de Adão", de Michelangelo.

> **Embora falocêntrica, a sociedade não tolera ver um pênis fora do tête-à-tête, do corpo a corpo, entre quatro paredes**

> **A contradição atravessa até a prostituição. Para não assustar e afugentar os clientes, os garotos de programa não extrapolam em seus catálogos os limites do manual de etiqueta de nudes —não o do Grindr, mas o que eles mesmos transmitem no boca a boca**

> **Do tanto que são reproduzidas, algumas poses ganham nomes. Uma delas se chama 'tirando geleia da boca'. De perfil, os garotos empinam a bunda, giram o quadril para esconder o pênis e levam a mão aos lábios, o que permite flexionar os braços e destacar os músculos dos bíceps**

É sobre esse paradoxo que alguns artistas contemporâneos têm se debruçado. É o caso de Nino Cais, que explora a relação entre o corpo e o ambiente em que ele está inserido, e Francisco Hurtz, com desenhos que, traçados a partir de uma linha de espessura mínima, como se fossem uma planta arquitetônica, acentuam a fragilidade do corpo masculino. É, ainda, o caso de Luiz Roque, autor de uma série de esculturas de máscaras batizadas com os codinomes mais frequentes entre os usuários do Grindr. Ele agora produz, para a próxima Bienal de Veneza, um vídeo em que percorre comportamentos preconceituosos vistos no app, como a rejeição dos rapazes afeminados e o culto à virilidade.

O contraste também atravessa a cultura pop, ainda que de maneira menos explícita e encoberto por roupas. Em Hollywood, por exemplo, nos mesmos filmes que sexualizaram a Mulher-Maravilha, a câmera não se aproxima das nádegas esculpidas de galãs como Henry Cavill, o Super-Homem, embora eles usem uniformes de collant que teriam possibilitado tal retrato sem esforço.

Os atores são protegidos mesmo quando baixam as cuecas, na análise que o professor de cinema Peter Lehman, da Universidade do Estado do Arizona, nos Estados Unidos, faz num livro que escreveu sobre a representação do corpo masculino na mídia, o "Running Scared", ou correndo de medo. Embora a rejeição ao nu frontal tenha diminuído com a ascensão do streaming, boa parte dos pênis vistos nos seriados são criados a partir de próteses de silicone ou computação gráfica. São, ainda, bem maiores do que aqueles que se vê no dia a dia, o que acaba por reforçar o estereótipo de que tamanho é documento e sinônimo de poder.

Mesmo "Verdades Secretas", da Globo, está longe de alcançar a equidade de gênero em termos de nudez. Apesar de ter tido 67 cenas de sexo, um número maior do que o de capítulos, a novela mostrou só um pênis, e uma única vez, o que não voltou a ser feito noutras produções até agora. Não foi, como se diz nas redes sociais, o suficiente para ouvirmos o som do tabu quebrando. ←

Educação pela poesia

[RESUMO] Menino frágil e de sensibilidade feminina criado na Baixada Fluminense, em cidades sem livrarias, Eucanaã Ferraz descobriu na poesia uma poderosa forma de expressar seu deslumbramento pelo mundo, o que se manifesta hoje, já poeta consagrado, também em suas atividades como professor e curador

Por **Alexandre Vidal Porto**
Escritor e diplomata

Ele transita com desenvoltura por literatura, música e artes visuais. Acabou de produzir um programa de rádio de seis episódios com Maria Bethânia, para a Rádio Batuta, e fez a curadoria (junto com Veronica Stigger) da exposição "Constelação Clarice", que relaciona a obra de Clarice Lispector à de artistas visuais mulheres, em exibição no Instituto Moreira Salles de São Paulo.

Ao mesmo tempo, é professor de literatura brasileira na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e, no momento, organiza para a Companhia das Letras uma antologia do poeta português Eugénio de Andrade (1923-2005), vencedor do Prêmio Camões. Também colabora com a concepção do segundo Congresso Mundial de Bruxaria, que se realizará no Rio ainda neste ano. A primeira edição aconteceu em Bogotá, em 1974, e contou com a participação da própria Lispector.

Ele diz que gosta de moda, de cerâmica e que só faz poesia. Para quem o observa, no entanto, ele parece encarnar muitos outros personagens. Fica a pergunta: afinal, quem é Eucanaã Ferraz?

Ele nasceu em 1961, em Paracambi, na Baixada Fluminense. Ficou sem nome por sete dias até que o pai, mineiro e místico, anunciasse sua escolha para o filho: Eucanaã de Nazareno, associando a identidade do filho (Eu) à terra prometida do Velho Testamento (Canaã) e ao redentor Jesus de Nazaré. "Muita gente acha que meu nome é indígena; tem origem bíblica, sim, mas se trata de uma invenção do meu pai", conta.

Foi uma criança tímida e se incomodava com a atenção que a estranheza de seu nome atraía sobre si. "Hoje considero meu nome uma bênção. Um nome que suscita interpretações, como a poesia."

Morou com os pais em vários lugares do subúrbio do Rio e da Baixada Fluminense: Penha, Mesquita, Bráz de Pina, Nova Iguaçu. Não tinha irmãos, mas vivia cercado de primas e primos da família materna, que era próxima. Seu avô e seus tios eram fotógrafos profissionais, e ele cresceu em meio a uma profusão de imagens familiares. Ele, no entanto, não gostava de ser fotografado porque se achava feio.

Desde a infância, Eucanaã foi exposto às manifestações do mágico, do imaterial e do sagrado. Em reuniões familiares, seus tios incorporavam entidades em rituais de umbanda improvisados. O pai tinha uma coleção de livros esotéricos e de magia cuja leitura era proibida ao filho, mas Eucanaã os lia escondido.

Cresceu ouvindo que sua avó paterna era bruxa. "Sou bruxo por hereditariedade", brinca. "No meu caso, o que interessa é a bruxaria ligada ao feminino, com significado de rebeldia e subversão. Eu era um menino frágil e feminino. Odiava a agressividade do mundo masculino. O mundo feminino sempre foi mais atraente e acolhedor para mim. Eu entendo a fluidez, mas minha bruxaria é a poesia, minha mágica, onde faço sozinho as experiências que quero."

Sua mãe, pernambucana, cantava música de fossa para ele dormir. "A coisa que mais me formou humanamente foi minha mãe me fazendo cafuné e cantando canções de desgraças amorosas. Fui formado nisso: imagens e metáforas de fracassos de amor", conta.

A impressão que fica para quem o conhece hoje é que as canções de Maysa e Nora Ney cantadas pela mãe acabaram desenvolvendo na criança uma sensibilidade emotiva e uma intensidade amorosa que continuam presentes no adulto.

"Fui uma criança sensível. Desde cedo experimentei o senso da beleza." Ele era apaixonado por Wanderléa e tinha roupas idênticas às de Roberto Carlos, cuja costureira morava no mesmo bairro que sua avó materna.

Na primeira vez que foi ao cinema, para assistir ao italiano "Dio, Come ti Amo" (1966), ficou tão impactado pelas cenas de amor que chegava às lágrimas todas as vezes em que ouvia Gigliola Cinquetti interpretar a canção-título do filme. "A questão emotiva é séria para mim. A arte tem que conversar comigo, me emocionar, me mover", afirma.

O universo musical do garoto Eucanaã se expandiu com discos de Scarlatti, Beethoven e Vivaldi que um tio lhe emprestava. Outro tio lhe apresentou Tim Maia. Os primeiros discos que ele próprio comprou eram de Caetano e Bethânia, que lhe passavam um sentido estético mas também de possibilidade existencial. "Ele era magro e feminino como eu; ela era moderna, mas cantava o repertório de minha mãe."

O primeiro contato com um livro de poesia se deu com um volume de "Eu e Outros Poemas", de Augusto dos Anjos, que encontrou por acaso entre os títulos esotéricos do pai. "Fiquei fascinado", lembra. Não havia livrarias onde morava. O mais parecido com isso eram bancas de jornal, e Eucanaã nessa época sonhava em ser jornaleiro, para trabalhar lendo.

Adolescente, comprou em uma livraria em Nova Iguaçu seu primeiro volume de poesias, de Cecília Meireles. Depois, Fernando Pessoa. À medida que se acumulavam as leituras, aumentava seu fascínio pela poesia. O pai queria que ele estudasse medicina, e Eucanaã fez vestibular para letras escondido.

Chegou à faculdade querendo ser poeta, ainda morando com os pais em Mesquita. Escrevia muito, exercitando seu estilo. Formado, começou a fazer mestrado em semiologia, influenciado por Roland Barthes. No entanto, passou no concurso para professor e animador cultural em dois Cieps (Centros Integrados de Educação Pública, projeto idealizado pelo antropólogo Darcy Ribeiro).

Como animador cultural, mergulhou nas manifestações da cultura popular. Nessa época, trabalhou em projetos teatrais com Augusto Boal em várias localidades do estado do Rio. "Os Cieps foram a grande reinvenção da educação no Brasil. O Rio teria outra realidade se o projeto tivesse seguido adiante", avalia. No trabalho, lidava com crianças carentes e sentia-se interessado no mundo real. Não lhe pareceu ser o momento de estudar semiologia.

No Ciep de Nova Aurora, conheceu a alagoana Graça, alfabetizadora no projeto, com quem está casado há 33 anos. Ele diz que se apaixonou irremediavelmente quando Graça fez uma observação sobre as flores estampadas em um de seus vestidos de infância.

Moravam no mesmo bairro, e Eucanaã fez o pedido de casamento no ônibus, a caminho do Ciep no qual ambos trabalhavam. "Graça é um dos meus temas poéticos, meu amor, minha melhor amiga, tenho com ela uma relação inamovível, que sustenta qualquer instabilidade no fluxo," define. Como diz um de seus amigos, o escritor Francisco Bosco: "Não existe Eucanaã sem Graça".

'A coisa que mais me formou foi minha mãe me fazendo cafuné e cantando canções de desgraças amorosas. Fui formado nisso: imagens e metáforas de fracassos de amor'

'Não me considero crítico, nem mesmo intelectual, eu sou só poeta. O que quer que eu faça é poesia'

O reconhecimento público de Heloísa Buarque de Hollanda, professora e crítica que o incluiu na seleção "Esses Poetas: uma Antologia dos Anos 90" (Aeroplano, 1998), serviu como confirmação íntima de seu trabalho poético. Além disso, situou-o entre autores de sua geração, na qual encontrou interlocutores e fez amigos. Poetas que mais tarde se tornariam emblemáticos, como ele.

"Eu me apaixonei pela poesia de Eucanaã Ferraz sem conhecê-lo pessoalmente, o que foi bom, considerando-se o quão sedutor ele é", comenta Heloísa.

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

A poesia dessa "geração 90" trazia visões da periferia, mas era culta e trabalhada, ecoando Mallarmé e João Cabral de Melo Neto. Eucanaã mostrava tanto adesão quanto alguma diferença. "Eu nunca fui muito de referências intelectualizadas. O que procuro é a dignidade no poema. Meu poeta, no fundo, era o Drummond, que alia à construção uma abertura radical para o mundo", afirma. Não por acaso, fez mestrado sobre Drummond e doutorado sobre João Cabral.

Depois de já ter publicado dois volumes de poesia no Brasil —"Livro Primeiro" (edição do autor), de 1990, e "Martelo" (7Letras), de 1997— , seu terceiro livro, "Desassombro", de 2001, acabou curiosamente saindo primeiro em Portugal, publicado pelas Quasi Edições, dos escritores portugueses Jorge Reis-Sá e Valter Hugo Mãe. A edição brasileira, do ano seguinte, recebeu o prêmio de poesia Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional.

Eucanaã mantém uma relação muito especial com Portugal e com a poesia portuguesa. "[A poeta] Sophia de Mello Breyner é uma das mulheres de minha vida." No último mês de dezembro, ele recebeu o prêmio Oeiras, um dos maiores em Portugal para poesia. O livreiro Rui Campos, da Livraria da Travessa, seu amigo, brinca: "Eucanaã em Lisboa é tratado como um príncipe".

Eucanaã não tem perfil nas redes sociais. Suas relações são as que a vida lhe apresenta pessoalmente. O artista plástico Raul Mourão esclarece: "Ele gosta de conhecer gente, tem curiosidade pelas pessoas, a vontade de interagir é um traço dele".

Outra amiga, a cantora e compositora Adriana Calcanhotto, considera que Eucanaã de alguma forma preservou a qualidade infantil de estabelecer amizades quase que imediatamente.

O amigo e poeta Antonio Cicero o apresentou a Caetano Veloso, de cujas letras se tornou organizador e de quem também virou amigo. Foi outro amigo poeta, Waly Salomão, que o apresentou a Calcanhotto e a mulher dela, a cineasta Suzana de Moraes, falecida em 2015, que, por sua vez, o aproximou da obra de seu pai, Vinicius de Moraes.

Eucanaã e Antonio Cicero acabaram organizando a "Nova Antologia Poética" de Vinicius para a Companhia das Letras. "Vinicius mudou minha poesia, me libertou, virou uma espécie de amigo. Devo muitas coisas a ele", reconhece.

Uma das dívidas terá sido o primeiro contato pessoal com Maria Bethânia, no programa Poesia e Prosa sobre Vinicius apresentado pela cantora no canal Arte 1, em 2018. Dois anos depois desse, ele teve um sonho e enviou para a cantora um exemplar de seu livro infantil "Cada Coisa" (2016), com ilustrações suas e de Raul Loureiro —"dos meus livros, o que eu mais amo".

Daí surgiu o convite para o programa "Tabuleiro", com Bethânia, para a rádio digital do Instituto Moreira Salles, a Rádio Batuta, o que Eucanaã considera "um dos coroamentos" de sua vida.

É irônico e ao mesmo tempo inspirador que um menino que não teve livros na infância torne-se autor de livros infantis. "É difícil escrever para criança. Existe um código que você tem de dominar, que envolve muita coisa, de psicologia a linguagem", observa. "Não escrevo para crianças evitando temas, e a experiência com a linguagem tem que ser tão ou mais radical que a utilizada para adultos."

Ele sabe do que fala: seu livro de poemas infantis "Em Cima Daquela Serra", com ilustrações de Yara Kono (Companhia das Letrinhas, 2013), por exemplo, teve mais de 3 milhões de exemplares distribuídos pelo projeto Itaú Criança.

Apesar desse mergulho no universo infantil, Graça e Eucanaã decidiram não ter filhos. "Não foi uma decisão fácil. Se o preço for ficar velho e sozinho, que assim seja." Quanto à experiência do amor incondicional que a paternidade incluiria, explica: "O meu amor ao mundo já é incondicional. Tenho essa experiência. O amor que eu tenho de dar ao mundo, eu dou. Sinto-me emocionalmente completo com a vida que levo".

"Tenho real inclinação pedagógica, por isso virei professor. Dou aula na universidade faz 15 anos e quero que meus alunos entendam a poesia como uma experiência de vida. Adoro ser professor. Gosto de dividir com quem posso o que sei e o que não sei. O que chamo de 'inclinação pedagógica' quer dizer também que gosto de ser aluno. Ouço com interesse qualquer pessoa que saiba fazer algo e que esteja disposta a explicar o que sabe. Meu negócio é espalhar e recolher, espalhar de novo e reunir", resume.

Segundo Veronica Stigger, que dividiu com ele tarefas de curadoria, Eucanaã sabe e gosta de trabalhar em grupo, "com tudo o que isso significa, que é ouvir o outro".

"Eu me entrego às pessoas em meu trabalho, e ele tem de falar por si. Escritor precisa de engajamento, de um prolongamento ético de seu trabalho. É bom que haja manifestação pública nas redes sociais, mas eu não tenho interesse. O caráter ético do que faço acontece nas minhas aulas e no que crio. Assim como a poesia, considero minha atividade como professor ação política. Nas minhas aulas, estimulo pensamento crítico e tento garantir aos meus alunos espaço de reflexão detida e cuidadosa da conjuntura da realidade brasileira, com liberdade total."

Prossegue: "Meu trabalho é um ato de liberdade. Tento mostrar a importância da poesia como a mais alta realização da potência intelectual e emotiva de uma pessoa. Quero apresentar a possibilidade de imaginar uma vida alternativa. Isso deveria estar ao alcance de todas as pessoas. Essa é minha ambição".

O poeta Fabrício Corsaletti diz achar que a intensidade e a paixão de Eucanaã vêm sempre acompanhadas de rigor profissional. "Ele gosta de trabalhar, gosta de coisas bem feitas", diz. Nas palavras do próprio Eucanaã, "exijo dedicação, não aceito o desleixo".

Mas em qualquer que seja o projeto, é sempre a identidade de poeta que se impõe. "Não me considero crítico, nem mesmo intelectual, eu sou só poeta. O que quer que eu faça é poesia, poesia em ação. Meu modo de aproximação em qualquer trabalho é sempre poético. Tudo o que faço é fruto de um exercício poético. Na universidade, é um poeta dando aula, nas colaborações de curadorias, é um poeta agenciando obras."

José Miguel Wisnik, compositor e professor de literatura brasileira na USP, afirma acreditar que a relação de Eucanaã com o mundo é sempre filtrada pela poesia. "Na sua obra, tudo pode ser falado, tudo pode ser assunto. Tudo pode se converter em matéria de poesia imediatamente."

Fica a impressão de que ele seria um prodígio, uma quase improbabilidade estatística: uma criança sensível, filho único de pais amorosos e indulgentes, crescido na Baixada Fluminense, que nunca encontrou barreiras familiares à expressão de sua sensibilidade indômita.

Ele diz só fazer as coisas que ama, mas essa seletividade não limita o seu gênio artístico. "Sou altamente apaixonável, sinto-me com 19 anos, sempre. Tenho muitos sonhos e realizo muitos deles, mas não faço projetos. As coisas acontecem." ←

O poeta e escritor Eucanaã Ferraz

Daniel Mordzinski / Divulgação

Todo Carnaval tem seu fim

Vamos demorar muito tempo para nos curar da ausência de alegria explosiva

Hermano Vianna

Antropólogo, escreve no blog hermanovianna.wordpress.com

Aproveitei este verão de calor insensato —mais de 50°C de sensação térmica no Rio de Janeiro— para esquentar também as descargas elétricas de meus neurônios com a releitura de "A Origem da Espécie".

Ainda bem que Alberto Mussa não seguiu o conselho de "pessoas próximas", que pediram que não publicasse esse livro, pois "não cabia bem a romancista". Bela rebeldia: com sua publicação ganhamos uma das aventuras mais ousadas do pensamento humano no Brasil. Uma brasa, mora?

Alberto Mussa, com quem —pré-pandemia— eu costumava esbarrar pelas ruas cariocas em seu uniforme bermuda e chinela de dedo (muitas vezes formando dupla intelectual exuberante com Luiz Antonio Simas), não vai concordar com meus elogios. Faz advertências: escreveu sua "obra mais radicalmente pessoal", não um "tratado científico".

Mesmo assim: quem mais no mundo fez análise tão rigorosa de quase todos os mitos ("máximo de conteúdo" com "mínimo de expressão") que a humanidade criou para narrar a descoberta da produção do fogo, acontecimento/processo fundamental —com roubos, dádivas e astúcias— que nos tornou "definitivamente humanos"?

Seria spoiler fazer resumo. Quem narra "A Origem da Espécie" é parente dos "detetives" das obras ficcionais de Mussa: "adivinha o passado", com ferramentas avançadas "da genética, da neurociência, da psicologia evolutiva e da arqueologia", propondo hipótese inovadora para o aparecimento do pensamento simbólico na face da Terra.

Precisamos repensar tudo. O vírus nos desafia: qual a importância do humano para a evolução "natural" do planeta? Ainda bem que os estudos arqueológicos estão em ebulição. Outra obra essencial para conhecer as novidades: "The Dawn of Everything", de David Graeber e David Wengrow. Seu subtítulo, "uma nova história da humanidade", é plenamente justificável.

David Graeber morreu em setembro de 2020. Diagnóstico: pancreatite aguda. Penso que todas as mortes durante a pandemia poderiam ser incluídas nas estatísticas de vítimas da Covid-19. Sobretudo por não terem tido direito a funerais apropriados. Já escrevi por aqui: nem começamos nosso trabalho coletivo de luto, de despedida.

A multidão de pessoas amigas de David Graeber bem que tentou encontrar uma maneira de homenageá-lo. Foi organizado, em dezenas de cidades do mundo todo, um "carnaval memorial intergaláctico", transmitido pela internet.

Gosto de cada palavra do convite: "Nunca houve melhor momento para viver suas ideias do que apenas lembrá-las. Para David, o anarquismo era 'algo que você faz' ao invés de uma identidade, e assim, com esse espírito pragmático travesso, decidimos organizar um carnaval memorial para David, um que será sobre o futuro: um misterioso e divertido futuro, um que transborda com solidariedade. Um leitmotiv do carnaval é rir na cara da morte, o que pode ser a coisa mais prática a se fazer em situações horríveis. Como todos sabemos, David gostava de brincar. Na verdade, suas últimas palavras foram uma piada".

Carnaval... No fim de semana que vem teremos, pelo segundo ano seguido, um Carnaval sem Carnaval. Vamos —quem sobreviver— demorar muito tempo para nos curar dos efeitos trágicos da ausência de alegria explosiva/criativa das aglomerações nas ruas. Temos que ser fortes.

Nem acredito que vou repetir algo de minha coluna carnavalesca do ano passado: ainda bem que existe o Baiana System para nos dar força.

Em 2021, foi com o disco "OXEAXEEXU". Agora, mais especificamente nesta segunda-feira (21), a banda lança o filme "Manifestação - Carnaval do Invisível", que torna bem visível uma das imagens mais poderosas da história do audiovisual brasileiro: o cineasta Matheus Rocha sendo levantado na sua cadeira de roda por uma massa de gente bem massa com sua dor balançando o chão da praça (ou, segundo João Cabral, "voragens que se desatam,/ redemoinhos iguais,/ estrelas iguais àquelas/ que o povo na praça faz").

Tradução perfeita, realizada, para a utopia desesperada que venho pregando aqui... Incluindo: todo Carnaval, mesmo sem Carnaval, tem seu fim...

*

Minha colaboração nesta coluna começou em plena pandemia. Só foi possível por causa do vírus e suas variantes. Muitos projetos foram interrompidos, tive tempo para escrever.

Agora, o mundo parece ter decretado o fim da pandemia. Obviamente não terminou (e, pelo visto, desperdiçaremos a oportunidade para inventar um outro "normal" possível).

Porém, minha resistência já está sendo considerada maluquice. Os projetos voltaram. Tenho que pegar em outros batentes. Foi animador: tentei descobrir, quando tudo é perigo, "aquilo que salva". Até breve. A marcha das utopias continua.

Que raio

Quando a vida corre mal, não respire fundo, leia a história de Roy Sullivan

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Quando a vida corre mal e eu sinto que tudo está contra mim, não faço nenhuma das coisas que os livros recomendam. Não respiro fundo, não procuro concentrar-me nos aspectos positivos, não busco refúgio junto de quem me ama. Vou ler a história de Roy Sullivan.

Roy Sullivan era guarda-florestal no parque nacional de Shenandoah, na Virgínia, Estados Unidos, e ao longo da vida foi atingido por relâmpagos sete vezes. Segundo a Wikipédia, quando Sullivan foi atingido pelo quarto relâmpago "começou a acreditar que uma força qualquer estava a tentar destruí-lo".

Não sei se estão a ver aonde quero chegar. Sullivan foi atingido uma primeira vez por um relâmpago em 1942. A probabilidade de uma pessoa ser atingida uma vez na vida por um raio é de 0,0001%. Por isso, é possível que, nessa altura, Sullivan tenha pensado apenas: "Que azar." Mas em 1969 ele foi atingido pela segunda vez. E em 1970 foi atingido pela terceira vez. Quando, em 1972, um relâmpago o atingiu pela quarta vez, aí ele começou a ficar desconfiado.

Os três primeiros relâmpagos não o inquietaram muito, apesar de o primeiro lhe ter deixado um buraco no sapato, o segundo lhe ter posto as sobrancelhas, as pestanas e o cabelo a arder, e o terceiro lhe ter queimado um ombro. Mas ao quarto relâmpago ele ficou a pensar.

No entanto, não se mudou para um lugar onde não houvesse trovoada. Aguentou firme. Um ano depois, quando o quinto relâmpago veio fulminá-lo, ele estava preparado. Assim que o raio o atingiu, ele se dirigiu ao seu carro, onde tinha um balde de água para apagar o fogo do cabelo, e depois continuou a patrulhar o parque.

Três anos mais tarde, viu uma nuvem a se formar no céu e achou melhor se afastar. Mas o sexto relâmpago, como um perdigueiro, mesmo assim conseguiu encontrá-lo. E, um ano depois disso, quando ele estava a pescar calmamente, o sétimo relâmpago queimou-lhe o peito e o estômago, além de ter voltado a lhe incendiar o cabelo.

Quando estava a caminho do carro, para ir buscar o balde, reparou que um urso tentava roubar a truta que ele tinha pescado. E então voltou, para bater no urso com um ramo de árvore.

Sullivan estimava que aquela era a 22ª ocasião na sua vida em que tinha sido forçado a bater num urso com um ramo de árvore. Parece um tormento. Mas, quando o universo conspira contra nós desta maneira, alguma importância teremos. É o universo contra nós. E nós, apesar de tudo, temos um balde.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Filme anterior do diretor de 'Drive My Car' estreia no sob demanda

Roda do Destino
Para compra ou aluguel em diversas plataformas, 14 anos
Mesmo indicado a quatro troféus no Oscar — filme, direção, roteiro adaptado e filme internacional— "Drive My Car" ainda não tem data de estreia no Brasil. Mas o filme anterior do japonês Ryûsuke Hamaguchi, premiado no Festival de Berlim de 2021 e ainda em cartaz nos cinemas, já pode ser visto em casa. São três episódios, que exploram a influência do acaso nas relações humanas.

Que Cilada!
Netflix, 14 anos
Salvo Ficarra e Valentino Picone, dupla de comediantes que reina nas bilheterias da Itália, faz sua primeira série cômica para a plataforma. Eles interpretam dois técnicos de TV que se tornam suspeitos de um crime que não cometeram.

Hora do Faro
Record, 15h45, 10 anos
Rodrigo Faro visita Virginia Fonseca e outros influenciadores digitais na Casa de Gravação do Grupo Talismã, que administra carreiras de vários nomes do showbiz brasileiro.

Bossa Nossa
Film & Arts, 20h30, livre
No episódio deste domingo da série que conta a história da bossa nova, Toni Garrido — protagonista do filme "Orfeu", de 1999, de Cacá Diegues— interpreta canções de Tom Jobim e Vinícius de Morais para a peça "Orfeu da Conceição".

Cidades e Soluções
GloboNews, 21h, livre
André Trigueiro visita Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, e mostra a extensão da tragédia causada pelo temporal do último dia 15.

O Homem do Pau Brasil
Cultura, 23h, 18 anos
Dentro da programação que celebra os cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922, a emissora exibe o filme de Joaquim Pedro de Andrade que conta a vida de Oswald de Andrade por meio de alegorias. O escritor é interpretado simultaneamente por Flavio Galvão e Ítala Nandi.

Herança de Sangue
Globo, 0h30, 14 anos
Mel Gibson vive um ex-presidiário capaz de tudo para proteger sua filha de 16 anos, que está sendo perseguida por narcotraficantes.

QUADRÃO | Laerte

| **DOM. Jan Limpens**, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Penalizado pelo YouTube, Monark usa idioma fictício do livro '1984' para criticar a decisão

CAMPINAS (SP) "Aparentemente, eu virei uma impessoa por ter cometido um crimidea. George Orwell realmente previu o futuro", escreveu na manhã de sexta o podcaster Bruno Aiub, de 31 anos, mais conhecido como Monark, em seu Twitter.

A reação, cheia de palavras pouco usuais, veio em seguida à notícia de que o YouTube não permitiria que ele criasse um novo canal nem monetizasse seu conteúdo, após ele ter defendido o direito de haver um partido nazista no Brasil em programa do "Flow Podcast", do qual foi desligado.

Acusando a plataforma de "perseguição política", o produtor de conteúdo puxou algumas expressões da novafala — idioma fictício do livro "1984". A distopia escrita pelo britânico George Orwell imagina uma sociedade opressiva, com vigilância governamental constante e com frequentes adulterações da história.

Na sequência de posts, Monark comparou a proporção das consequências que tem sofrido ao mundo imaginado por Orwell. Nele, "impessoa" é aquele cidadão que, por fazer algo que desagrada ao Partido, deve ser apagado da existência —inclusive de todos os registros escritos. E entre as possíveis causas estão as "crimideias", pensamentos ilegais, caçados pela Polícia do Pensamento.

Outra expressão popular aqui é o "duplipensamento" —saber que algo está errado e se convecer de que é correto. Essa vigilância era auxiliada pelo Ministério da Verdade —que regula as notícias e o entretenimento— graças às "teletelas", uma televisão que permite vigiar tudo que as pessoas fazem e falam. Há ainda os "falaescreve", aparelhos que transcrevem o que é ditado.

A descrição é um tanto rústica em comparação aos smartphones que hoje tem praticamente a mesma função, nas devidas proporções.

Orwell concluiu o livro em dezembro de 1948, pelas experiências totalitárias do século 20 —"'1984' continua sendo o livro a que recorremos sempre que a verdade é mutilada, a linguagem, distorcida, o poder, abusado, e ficamos curiosos para saber o quão piores as coisas podem ficar", aponta Dorian Lynskey, na introdução do livro "O Ministério da Verdade: Uma Biografia de 1984, o Romance de George Orwell".

O romance não possui um glossário para decifrar os neologismos. Mas isso é compensado por um narrador que explica ideias bem concretas. **Henrique Artuni**

A última praga

[RESUMO] Engavetado em 1980 e dado como perdido por quase 30 anos, filme inédito de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, foi resgatado do lixo, restaurado e chega agora a festivais de cinema. A obra macabra marca um retorno ao horror visceral da fase mais consagrada do cineasta e poderia ter dado novo impulso a sua carreira em um momento de crise criativa e de financiamento

Por ***Marcelo Miranda***
Jornalista, crítico e curador de cinema. Publicou textos nas antologias 'O Melhor do Terror dos Anos 80' e 'O Melhor do Terror dos Anos 90' (Skript Editora) e é integrante dos podcasts 'Saco de Ossos' e 'Hora do Espanto', dedicados à ficção de horror

Os atores Felipe Von Rhime e Silvia Gless em cena de 'A Praga', filme de Zé do Caixão que ficou perdido por quase 30 anos Reprodução

"Vocêêêê... acreditaaa... no sobrenatural? Ou é dessas pessoas que procuram brincar e desafiar... o desconhecidooo!!?"

As palavras de Zé do Caixão nas cenas iniciais de "A Praga" retomam a postura provocativa do personagem criado por José Mojica Marins na década de 1960. Morto em fevereiro de 2020, aos 83 anos, o ator e cineasta não pôde assistir à estreia de um de seus trabalhos que, inacabado por décadas, ganhou sobrevida graças ao culto em torno de sua obra.

A versão definitiva de "A Praga", com 50 minutos de duração, teve até o momento uma única exibição pública: em outubro do ano passado, passou no 54º Festival de Cinema de Sitges, na Espanha. Poderá ser visto novamente em abril, na 42ª edição do Fantasporto International Film Festival, em Portugal. Não há ainda data definida de estreia no Brasil.

A **Folha** teve acesso prévio ao média-metragem e constatou o quanto o filme resgata o tipo de impacto que só Mojica conseguia transmitir.

"A Praga" seria originalmente lançado em 1980, mas foi engavetado por falta de recursos para finalização. O projeto então entrou em um limbo que parecia irreversível. As latas de negativo em película Super-8 com as filmagens ficaram perdidas até 2007, quando o produtor Eugenio Puppo, preparando uma retrospectiva da obra de Mojica, encontrou o material dentro de um saco de lixo, no emaranhado guardado no escritório do cineasta no bairro de Santa Cecília, em São Paulo.

Puppo, que só se refere a Mojica como "mestre", decidiu restaurar o filme e concluir esse que poderia ter sido, em 1980, um novo impulso a um artista "intuitivo e visceral, primitivo e sofisticado, sempre contraditório, mas nunca arbitrário", como escreveu Carlos Reichenbach (1945-2012) após assistir a uma primeira versão de "A Praga" no escritório do produtor, naquele mesmo 2007.

"Dentre os vários trabalhos que o mestre dizia não ter conseguido concluir, ele sempre fazia referências ao 'A Praga'", relembra Puppo, que tentou, por diversas vezes, emplacar a finalização em editais públicos, sem sucesso. Resolveu, então, concluir o projeto com recursos próprios.

Como os negativos não continham som, Puppo contratou a escritora e comunicadora Lakshmi Lobato, pessoa com deficiência auditiva, para fazer a leitura labial das cenas de diálogos. Munido da transcrição, ele coordenou um cuidadoso processo de dublagem, que contou com a veterana Débora Muniz, que já tinha atuado em filmes de Mojica, interpretando a voz da atriz Silvia Gless; Eucir de Souza, dublando o ator Felipe von Rhime; e, para a voz da bruxa interpretada por Wanda Kosmo, foi convocada Luah Guimarãez, fundadora do grupo teatral Mundana Companhia.

O trio foi dirigido por Puppo durante a dublagem, que incluiu movimentações corporais similares às do elenco do filme para atingir o máximo de dramaticidade de cada fala. Parte desse processo está registrado no curta-metragem "A Última Praga de Mojica".

A primeira versão de "A Praga", sonorizada e remontada, foi exibida para alguns espectadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília em 2007, na retrospectiva de Mojica realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil, mas Puppo quis afinar mais a obra.

Quase 15 anos depois —e, infelizmente, na ausência de Mojica—, o produtor agora entrega a melhor versão possível de "A Praga", com nova correção de cores, imagem em alta definição, remasterização sonora, trilha musical e mais nitidez nos efeitos especiais desenvolvidos por Kapel Furman especialmente para a retomada do filme.

Na montagem de "A Praga", Puppo manteve o estilo abrupto e disruptivo do cinema de Mojica, evitando "atualizar" o filme para padrões tecnicamente sofisticados. "Esse cuidado era importante para não deixar que um filme feito nos anos 1980 se perdesse através da história. Não queríamos modernizá-lo e sim manter a autenticidade"

A clareza desses efeitos, aliás, permite ao espectador ver em mais detalhes o momento em que a ferida grotesca formada na barriga de um personagem literalmente devora um corpo humano inteiro.

A saga em torno de "A Praga" é uma das mais fascinantes na incrível trajetória de José Mojica Marins. Começa na segunda metade dos anos 1960, quando, embalado pelo sucesso do coveiro psicopata Zé do Caixão em "À Meia-noite Levarei Sua Alma" (1964) e "Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver" (1967), Mojica foi convidado pela TV Bandeirantes para apresentar um programa semanal de histórias macabras chamado "Além, Muito Além do Além".

Cada episódio era escrito por Rubens Francisco Lucchetti, contratado por Mojica para desenvolver ideias a partir de pontos de partida bem simples. "Normalmente, ele me dava uma única frase, e, então, eu tinha que criar toda a história", relembra Lucchetti à **Folha**. Aos 92 anos e plenamente ativo em Jardinópolis (a 330 km de São Paulo), Lucchetti conta que "A Praga" surgiu da solicitação de Mojica de que ele escrevesse o roteiro sobre um homem amaldiçoado por uma bruxa.

Exibido na TV em algum momento entre 1967 e 1968, o episódio 13 de "Além, Muito Além do Além" contava as desventuras de Juvenal, rapaz que, ao provocar a ira de uma velha senhora, recebe a "praga" do título: "Suas carnes se abrirão em cancro, cairão em pedaços e arderão como brasas!". As fitas com os episódios do programa foram posteriormente reaproveitadas pela emissora para gravar outros materiais. Como consequência, todo "Além, Muito Além do Além" se perdeu.

Em março de 1969, Mojica e Lucchetti publicaram uma adaptação em quadrinhos de "A Praga", desenhada por Nico Rosso na edição número 2 da revista O Estranho Mundo de Zé do Caixão. Uma década depois, Mojica voltou outra vez à história, dessa vez para levá-la ao cinema.

O momento era de dificuldades para o cineasta. "Mojica entrou na década de 1970 muito prejudicado pela censura a 'Ritual dos Sádicos' (1969) e fez uma sequência de filmes que, embora tornassem a filmografia dele bastante prolífica, eram progressivamente piores e mais precários, desinteressantes e até indignos do cineasta que era —com exceção de 'Exorcismo Negro' (1974), que ele fez com mais conforto por ser encomenda do produtor Aníbal Massaini", descreve o crítico e pesquisador Carlos Primati, um dos maiores conhecedores da "mojicografia".

Crounel Marins, filho de Mojica, está creditado como assistente de produção em "A Praga". Aos 18 anos na época, trabalhou como faz-tudo no set do pai. Ele se lembra de que, de fato, era um momento financeiramente delicado para o cineasta, em razão de projetos que não conseguia emplacar devido à fama de maldito capitaneada pela censura.

"A Praga" era, em certa medida, a aposta de Mojica em filmar um projeto pessoal de maneira rápida e barata. "Ele sempre gostou muito daquele episódio da série de TV e achava que seria fácil de fazer para o cinema, pois exigia poucos recursos e poucos efeitos especiais", diz Crounel.

A escolha por filmar em película Super-8, segundo contava Mojica, se deveu à promessa de algum técnico da Boca do Lixo, o centro de produção de cinema em São Paulo naquela época, de ampliar de graça o material para 35mm, o formato padrão para cinema. A ampliação não aconteceu.

A frustração de não conseguir terminar o filme foi outro golpe na tentativa de Mojica de emplacar novos sucessos no cinema e dificultou mais suas condições. "Meu pai ia a pé do Brás, onde a gente morava, até o centro, pois não tinha dinheiro para o ônibus. Ele guardava para comprar cigarro", relembra Crounel.

Se finalizado quando previsto, "A Praga" seria a retomada do Mojica primordial, voltando ao horror que o consagrara principalmente entre camadas mais populares de espectadores, que lotavam as salas para ver suas empreitadas. O filme tem elementos típicos do cineasta, como as relações entre fé e ceticismo, razão e loucura, recalque e violência.

O enredo, um conto simples, de moral bem-estabelecida, retrata personagens do cotidiano urbano ordinário às voltas com fenômenos inexplicáveis que podem ou não ser fruto de alucinações.

"O que mais me encanta no cinema do Mojica —e que impede os filmes de perderem a capacidade de fascinar e emocionar— é a maneira com que ele lida com a loucura, através de delírios, de demência, paranoia, pesadelos", aponta Carlos Primati. "Ele não depende do choque, da violência e do horror explícito. Embora tudo isso esteja nos filmes, é a tensão entre os personagens que vai criando essas situações, até elas explodirem."

"A Praga" tem a propensão de Mojica por pequenas histórias de "castigos", algo bastante comum na produção de horror na Boca do Lixo dos anos 1970. "A formação do Mojica vinha, entre outros, de filmes com Boris Karloff, principalmente os clássicos de terror dos EUA. Esses filmes americanos sempre foram muito moralistas. Eu acredito que o Mojica herdou essa noção do cinema de horror em que o vilão sempre era punido no final", comenta Primati.

Nas filmagens para concluir "A Praga" em 2007, Eugenio Puppo coordenou gravações em estúdio com um idoso Mojica, aos 70 anos, voltando a incorporar Zé do Caixão como o narrador da história.

O cineasta vinha da popularidade do "Cine Trash", na mesma Band de "Além, Muito Além do Além", e buscava recuperar o imaginário de seu personagem eterno. Visto hoje, "A Praga" é, ao mesmo tempo, póstumo e retroativo em relação à última aparição de Zé do Caixão no cinema, já que Mojica interpretou o coveiro em 2008 no derradeiro "Encarnação do Demônio".

É importante compreender que o Zé do Caixão de "A Praga" é um tanto diferente do personagem visto na trilogia formada por "À Meia-noite Levarei Sua Alma", "Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver" e "Encarnação do Demônio", saga do coveiro obcecado em gerar o filho perfeito.

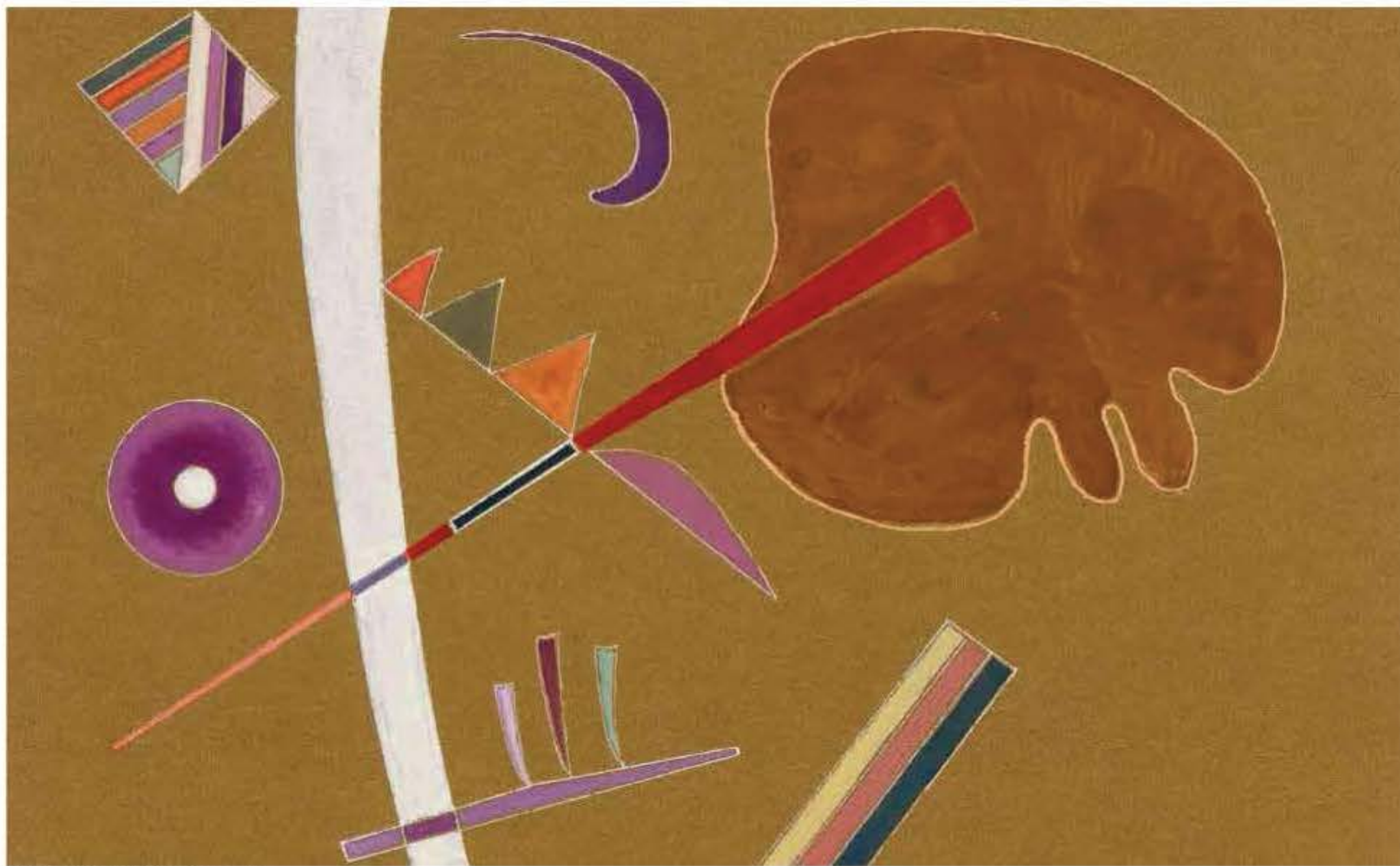
O Zé de "A Praga" é um anfitrião que convida o espectador a compartilhar seus pesadelos, tal como se viu pela primeira vez em "O Estranho Mundo de Zé do Caixão" (1968), estreia nos cinemas da parceria de Mojica com o escritor Rubens Lucchetti e grande sucesso na época.

Na montagem de "A Praga", Puppo manteve o estilo abrupto e disruptivo do cinema de Mojica; fez a mixagem de som evitando "atualizar" o filme para padrões tecnicamente sofisticados. "Esse cuidado era importante para não deixar que um filme feito nos anos 1980 se perdesse através da história. Não queríamos modernizá-lo e sim manter a autenticidade, como se o tivéssemos encontrado naqueles rolinhos da forma como está agora", diz Puppo. "Quisemos transmitir a veracidade de um filme do mestre."

A confirmação de que tinha dado certo veio ainda em 2007, quando Puppo mostrou "A Praga" para Reichenbach. Durante a projeção, o produtor escutava o vozeirão do diretor de "Falsa Loura" (2007): "Isso aqui é um autêntico Mojica!". ←

IMAGINAÇÃO

Armando Freitas Filho

Poeta e autor, entre outros livros, de '3x4', vencedor do Prêmio Jabuti de 1986, e 'Rol'

Obra de Wassily Kandinsky Reprodução

Crescimento

Brincando com as letras pintadas em cubos de madeira. Uma por uma — tentando numa folha de papel qualquer começar a imitá-las como via e lia nos jornais, soletrando, ajudado pelo pai, como se fosse meio cego ou quase mudo, incompleto no ato de dizer pelo menos algo gaguejante estremunhado. Se embaralha a custo, pois não tem linha onde se equilibrar direito, e acaba caindo, virando garrancho sem término e ilusão de sentido, mas insiste à cata de achar o que diz, rasgando o que for preciso e indo novamente em busca. Até riscando a carteira do colégio que geme. E a cadeira dura castigando durante a aula obrigatória debruçado no caderno de caligrafia, afinando o alfabeto a cada mês, sem precisar de muito esforço. Até começar a palavra, depois a frase se formando, diminuindo o uso da borracha para apagar o erro e limpar o que se quer escrever, e alinhar na página o acerto preciso e dizer através da leitura que foram se formando as letras bem traçadas, pouco a pouco no começo. E acelera cada vez melhor o rascunho do poema que foi se firmando, reto e claro, no livro que já acolhe e o protege e é impresso, encadernado pela capa que vai durar um tempo.

[SOBRE O TEXTO] O texto desta página é parte do novo livro do autor, 'Só Prosa', a ser lançado em outubro pela Companhia das Letras

Ilustração Adobe Stock

Envelhecimento populacional abre espaço para empresas relacionadas à longevidade

Número de consumidores acima dos 50 anos deve saltar 66% até 2045, mas eles ainda não se veem representados

Em expansão, mercado idoso já movimenta mais de R$ 1 tri

Oportunidades de investimento incluem áreas como adaptação de casas e curadoria de memórias

Helena Schargel, 82, estilista e modelo, assinou linha de lingeries para mulheres maduras Keiny Andrade/Folhapress

Catarina Ferreira

SÃO PAULO O mercado movimentado por pessoas com 50 anos ou mais já abrange 54 milhões de consumidores e pode chegar a 90 milhões até 2045 no Brasil, segundo projeção do Instituto Locomotiva. A perspectiva sinaliza oportunidades de negócio na chamada economia da longevidade, que movimenta R$ 1,6 trilhão por ano no país.

O crescimento do número de consumidores maduros abre espaço para empreendedores que querem investir em serviços de saúde, lazer e turismo, além de áreas relacionadas ao bem-estar econômico e social.

Estudo da FDC (Fundação Dom Cabral) aponta dez profissões do setor que tendem a crescer nos próximos anos. Entre as áreas estão a de cuidados médicos, como a geriatria, especialistas em adaptação de casas e o de curador de memórias pessoais.

O Estúdio Eon, dedicado à produção de documentários sobre famílias, foi fundado há três anos após o empreendedor Fabio Schivartche, 49, perceber demanda neste nicho de mercado.

"A procura por esse tipo de produto tem sido alta. Cada vez mais as pessoas percebem que têm um legado e querem preservar suas histórias", afirma Schivartche, que tem mais da metade da clientela formada por pessoas com mais de 50 anos.

A produção dos filmes leva de seis meses a um ano e custa a partir de R$ 150 mil. O preço varia de acordo com custos com viagens e tamanho da equipe.

Embora conhecido, o consumidor dessa faixa etária ainda não é plenamente atendido e há espaço para novos negócios, diz Wilson Poit, diretor-superintendente do Sebrae-SP.

Ele orienta os empreendedores que trabalham com negócios da longevidade a ouvir com atenção os consumidores, para conhecer melhor suas demandas, e reforçar cuidados com um atendimento mais individualizado.

Espaços mais iluminados, produtos com rótulos maiores e atendentes treinados para responder dúvidas são algumas das medidas necessárias para fidelizar esse público.

Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado no ano passado mostrou que a proporção de idosos (mais de 65 anos) no Brasil pode saltar dos 7,3%, em 2010, para 40,3% em 2100.

O percentual de jovens (menos de 15 anos) pode cair de 24,7% para 9%. Hoje, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 10,5% da população brasileira tem mais de 65 anos.

Segundo Layla Vallias, consultora de marketing especializada no consumidor sênior, as pessoas com mais de 50 anos são protagonistas de um novo modo de consumir.

"Hoje é comum que as pessoas mais novas dependam das gerações anteriores que fizeram dinheiro", afirma Layla. Com isso não são mais os filhos adultos que tomam a decisão de compra, mas sim os pais e avós.

A consultora explica que o comportamento do consumidor muda a partir dos 50, quando há, segundo ela, uma reflexão sobre a maturidade. Por isso, a economia da longevidade considera uma faixa etária que ainda não alcançou os benefícios dos direitos previdenciários ou gratuidade em transporte, a partir dos 60 anos.

"As mulheres são protagonistas dessa revolução da maturidade. Elas acumulam mais papéis dentro da família e são as que mais sofrem preconceito etário", afirma Layla.

Mas ainda são escassos os negócios que olham, por exemplo, para as mudanças que acontecem no corpo da mulher madura, como a menopausa, afirma Layla.

Ela diz que há espaço para o mercado de confecção de roupas e produtos estéticos ou para manter a vida sexual saudável. "São mulheres ativas e que querem entrar em uma drogaria e encontrar produtos específicos para elas."

Foi pela falta de representatividade que a estilista Helena Schargel, 82, decidiu desenhar uma linha de lingeries para mulheres com mais de 50 anos. Ela, que trabalhou com moda a vida toda, já estava aposentada quando decidiu lançar a coleção, há três anos.

Helena considera que o mercado deixa a desejar na produção de roupas para mulheres maduras e apostou nesse nicho lançando duas linhas de lingerie, uma para o dia e outra para a noite, que estão à venda no site da marca de vestuário Recco.

"Quando a pessoa chega na loja e vê uma peça bonita, bem trabalhada e com a etiqueta 50+ sente que pensaram nela", afirma Helena.

Além de consumidores potenciais, quem tem mais de 50 também está empreendendo. Levantamento do Sebrae do ano passado mostra que aproximadamente 7,5% das pessoas entre 55 e 64 anos decidiram abrir um negócio. Em 2019, apenas 3,5% desse público haviam encarado o desafio.

Uma das causas que motivaram os novos empreendedores, segundo a pesquisa, é a necessidade que muitos tiveram de salvar a renda familiar comprometida durante a pandemia do coronavírus.

Com a ameaça do coronavírus, a nutricionista especializada em envelhecimento Roberta Taveira afirma que houve uma alta também na procura por serviços que prezam pela saúde. "A pandemia despertou a preocupação com o envelhecimento saudável."

> "As pessoas maduras formam um grupo muito diverso. Elas trabalham, consomem e também são empreendedoras. Por isso, há boas oportunidades no mercado
>
> **Wilson Poit**
> diretor-superintendente do Sebrae-SP

Coracy Arantes em sua casa, em São José dos Campos (SP), onde grava Ronny Santos/Folhapress

Influenciadoras maduras conectam marcas e consumidor sênior nas redes

Marília Miragaia

SÃO PAULO Com idades que começam nos 50 e beiram os 80 anos, influenciadoras maduras atraem seguidores nas redes ao abordarem o envelhecimento sem filtros. Para as marcas, os perfis são uma chance de mostrar diversidade e falar com esse público, sem cair em estereótipos.

Com recém-alcançados 3 milhões de seguidores no TikTok, Coracy Arantes, 79, conhecida como Cora, iniciou sua atuação digital no começo de 2019 com a intenção de se livrar de uma depressão.

Os posts, que retratavam seu dia a dia em São José dos Campos, São Paulo, ficaram mais populares desde que ela apareceu em uma reportagem na TV de sua região.

Depois disso, ela acredita que passou a ser procurada por marcas locais e de alcance nacional que buscam mostrar mais diversidade em sua comunicação.

Para Gisela Castro, professora do programa de pós-graduação em comunicação e práticas de consumo da ESPM, o envelhecimento da população vem forçando empresas a transformarem a maneira com a qual se aproximam desse público.

"Seria no mínimo uma miopia muito grande se o mercado não se atentasse para isso [o envelhecimento da população]. Aquela representação bem caricatural e às vezes até desrespeitosa da velhice vem mudando na publicidade", diz.

Cora está no Instagram, Facebook e TikTok, rede em que se encontra seu público mais jovem. Suas postagens custam a partir de R$ 5.000, dependendo da mídia, do tamanho e número de seguidores da empresa contratante.

"Faço posts vestindo lingerie e os seguidores amam. As pessoas mais velhas me agradecem muito por estar mostrando isso. E também converso com as mulheres mais jovens sobre elas aceitarem o corpo que têm", diz.

O intercâmbio entre gerações nas redes sociais fez com que o público maduro redimensionasse a forma de ver o mundo e de viver a vida, diz Gabriel Rossi, sociólogo e especialista em marketing.

"Poucas marcas, porém, entenderam que têm de ajudar essas pessoas a descobrirem experiências para esse momento", diz Rossi, professor da pós-graduação da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP.

Com roupas coloridas, blusas cropped e shorts jeans, Dirce Ferreira, 74, de Uberlândia, Minas Gerais, usa as redes sociais para dar receitas, publicar vídeos de dança e falar sobre autoaceitação.

Ela já fez posts para a Hope. "Resolveram colocar uma mulher que não tem problema com rugas e com seu corpo para desfilar de lingerie [na internet]. Estou à vontade assim, quebrei tabus", diz.

Como retorno, Dirce diz perceber que suas "seguinetes", como chama as seguidoras, começam a refletir sobre hábitos e desfazer estereótipos — como o comprimento da roupa usada por uma mulher da sua idade.

"Aos 74 anos estou aí de shortinho, dançando funk. Mas também falo: 'Você está fazendo exercício, cuidando da alimentação?'. Alerto as pessoas da minha idade que não é só chegar e se jogar", diz. Com 280 mil seguidores no Instagram e mais de 600 mil no TikTok, a influencer faturou em torno de R$ 500 mil no ano passado.

Dentro da indústria de cosméticos, campanhas publicitárias mais alinhadas com um processo de envelhecimento real já vêm sendo veiculadas, mas ainda existe uma norma de beleza, em especial feminina, de aparência jovem, diz Gisela Castro, da ESPM.

Formada em direito, Adriana Marberger, 51, fez cursos na área de beleza e maquiagem antes de começar a se dedicar, há três anos, a um perfil no Instagram voltado a maquiagem e a cuidados com a pele de mulheres maduras — batizado de Drica Divina, como é conhecida.

No início, ela postava vídeos em farmácias mostrando, nas prateleiras, produtos que costumava consumir mas traziam na embalagem imagens de mulheres muito mais jovens. "Eu não me sentia contemplada. Quero ter minha idade, com a beleza que tenho e do jeito que sou", diz ela.

A influencer tem parcerias com marcas de beleza estabelecidas e outras mais recentes, como a Evi, voltada a mulheres de 40 anos ou mais. Cerca de 34% do público de Drica Divina tem de 45 a 54 anos e 15% têm de 55 a 64.

Seus orçamentos são feitos de acordo com o tipo de produção (como reels, videos e stories) e dependem do tamanho da marca e da frequência do trabalho.

Entre as dicas, Drica Divina costuma indicar bases mais fluidas para o rosto, que, segundo ela, são mais hidratantes e não marcam linhas de expressão. "Base e corretivo não são plástica. Nós temos linhas e os produtos não vão cobrir isso. Quando cheguei para falar que você pode, sim, mostrar rugas, recebi alguns comentários negativos."

As mensagens, afirma ela, falavam sobre manchas e linhas de expressão. "Muitas de nós aprenderam a esconder marcas. Dizer para as pessoas se aceitarem é algo muito desafiador."

Proximidade ajuda pequeno a atender demandas do público

Negócios surgem de questões enfrentadas no âmbito familiar do empreendedor

Dante Ferrasoli

SÃO PAULO O envelhecimento populacional acelerado no Brasil desafia o mundo dos negócios. Ao mesmo tempo que gera demandas, impõe às empresas que conheçam e dialoguem com consumidores acima de 60 anos. Pequenos levam vantagem no processo, mas, de forma geral, ele ainda não ocorre de forma satisfatória, segundo especialistas.

"Há desconhecimento sobre essa população, que é heterogênea, porque as pessoas de 60 e 80 não se comportam da mesma maneira", diz Sérgio Duque Estrada, fundador da consultoria Ativen, especializada em economia prateada, termo usado para designar o mercado voltado ao público acima de 60 anos.

"É uma questão de sobrevivência para as empresas encontrar a solução. Se o mundo está envelhecendo, como descartar esse consumidor?"

Uma coisa que as empresas deveriam ter em mente, diz ele, é que esse cliente tem maior tendência à fidelização, ou seja, a seguir comprando determinadas marcas.

"Os jovens são como uma esponja. Experimentam de tudo. Mas quem é mais velho já tem suas preferências. Sabe aquilo da pessoa que só gosta de MPB porque ouviu a vida inteira? No consumo isso também existe", acrescenta Estrada, também coordenador de curso de curta duração sobre economia prateada do Insper, que terá sua primeira turma a partir de 2 de maio.

A ideia é receber empreendedores e funcionários de grandes empresas interessados nesse mercado, e as aulas também abordarão como as companhias devem lidar com seus próprios funcionários mais velhos.

A FGV tem uma iniciativa semelhante desde 2021, online, e receberá a terceira turma do seu curso sobre mercado de longevidade a partir de 16 de março. Os alunos discutem envelhecimento ativo (quando o idoso participa da sociedade), serviços para o público com mais de 60 anos e marketing voltado para o segmento.

Este último assunto precisa ser repensado, afirma Patrícia Galante de Sá, coordenadora do programa.

"Colocam nas peças um superidoso que pula de paraquedas ou surfa e a mulher que ainda tem corpo de modelo como sinônimos de envelhecer bem. A maioria dessa população não é assim, não é mega-ativa. Esses são os fora da curva, e se você usa o superidoso numa propaganda, assume que o bom é ser jovem."

Os pequenos negócios têm vantagem sobre as grandes corporações de consumo de massa para conversar o público acima dos 60 anos, diz Juliana Acquarone, pesquisadora de longevidade da ESPM.

"Negócios menores estão mais bem preparados porque são próximos do cliente e porque muitos nascem de necessidades individuais, tipo alguém da família que envelheceu e não encontra solução para uma dor, aí o empreendedor vê oportunidade."

Além disso, a estrutura menor permite que mudanças de foco sejam mais dinâmicas.

"As decisões são mais flexíveis. É mais fácil de pivotar [corrigir a rota do negócio]. Se há uma ideia voltada aos jovens, é mais simples alterar isso nessas empresas", afirma.

De acordo com Juliana, a indústria ainda tenta vender "juventude em caixinhas", citando produtos anti-idade e rejuvenescedores do mercado da beleza. "Intrinsecamente, então, isso significa que tem de se combater a idade, porque esta é a cultura, mas já há movimentos de contracultura falando contra o etarismo [preconceito contra pessoas mais velhas]".

Ela lembra, ainda, que a única faixa etária que cresce em tamanho e renda no Brasil é a mais velha. Por um motivo ruim, a grande desigualdade na expectativa de vida entre as classes sociais brasileiras, quem chega à velhice tende a ter mais dinheiro e, consequentemente, a consumir mais. "O abismo social não desaparece, mas diminui acima dos 60 anos", diz.

Quanto ao desenvolvimento de produtos, Patrícia, da FGV, diz que eles não devem ser pensados de maneira exclusiva para o público acima de 60 anos. As mercadorias podem até existir, mas, idealmente, as estratégias deveriam incluir o consumidor mais velho no que se vende para toda população, não colocá-lo em outra categoria.

"O pulo do gato é criar produtos e serviços atemporais, que atendam todas as faixas etárias. Pode-se criar rótulos com letras maiores, pensar no manuseio das coisas e mudar hábitos como o de repor o estoque de um supermercado de manhã. É quando clientes mais velhos costumam ir, alguns com dificuldade de locomoção, e encontram obstáculos nos corredores", afirma Patrícia.

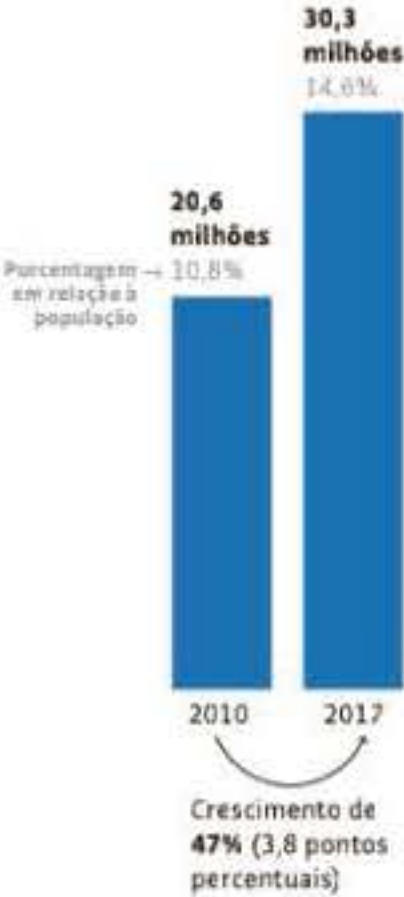
Ela diz que quem quiser vender para o público acima de 60 anos deve estudar suas particularidades e incorporar isso a todo o processo de desenvolvimento e venda do produto ou serviço, com atenção ao branding, conjunto de ações que passa valores da marca.

Caroline Minucci, consultora do Sebrae, diz que ainda há estereótipo de que, para atender aos mais velhos, o mercado se resume a autocuidado e saúde, e que as empresas precisam romper essa bolha.

"Tem muito a ser explorado. Algumas necessidades podem ser mais específicas, mas eles consomem entretenimento, tecnologia e se preocupam com saúde financeira", diz.

Minucci cita ainda que 8,6% dos trabalhadores formalizados do país têm mais de 60 anos, sem contar os que foram empreender após a aposentadoria ou depois de perder o emprego.

"A pandemia acelerou o processo de digitalização também do público maduro, que quer se manter ativo por mais tempo e frequentemente muda os hábitos", diz Minucci.

A evolução recente da população 60+ no Brasil

Previsão

40,3% da população terá 60 anos ou mais em 2100

Fontes: IBGE, Pnad Contínua, Ipea

+ Atividades relacionadas à longevidade em alta

Bioinformacionista
Profissional que combina informações genéticas e desenvolve medicamentos personalizados

Consultor de bem-estar
Combina conhecimentos de finanças, recursos humanos e saúde. Pode ser exercida por gerontólogos

Conselheiro de aposentadoria
Auxilia no planejamento financeiro, apresentando alternativas de investimento, escolha de planos de saúde e de carreira

Cuidador de idoso
Auxilia nas tarefas domésticas, higiene pessoal e suporte no cuidado médico

Cuidador remoto
Interage com a pessoa por meio de plataformas digitais, mantendo a sociabilidade ativa

Curador de memórias
Cria biografias, perfis póstumos, histórias de famílias e empresas

Geriatra
Médico especialista no tratamento de idosos

Gerontólogo
Estuda o envelhecimento pela perspectiva social, psicológica e biológica

Terapeuta ocupacional
Presta apoio na autonomia da rotina da pessoa idosa. Trabalha em instituições de longa permanência, clínicas e hospitais

Especialista em adaptação de casa
Atua em modificações nas residências para atender às necessidades do idoso

Fonte: Fundação Dom Cabral

> Resolveram colocar uma mulher que não tem problema com rugas e com seu corpo para desfilar de lingerie [na internet]. Estou à vontade assim, quebrei tabus

Dirce Ferreira, 74
influenciadora digital, de Uberlândia, Minas Gerais

SEUS HÁBITOS DE CONSUMO MUDARAM NOS ÚLTIMOS ANOS?

'VIREI VEGANA E LEIO TODO RÓTULO DE PRODUTO QUE COMPRO'

LUCÉLIA SANTOS, 64
atriz e ativista ambiental, que volta ao teatro em abril com a peça "Vozes da Floresta"

Sou vegetariana há 40 anos e sempre procuro fortalecer a agricultura orgânica e familiar, ainda mais nesse contexto do "PL [projeto de lei] do veneno" aprovado pela Câmara dos Deputados. Em janeiro, me transformei em vegana totalmente, deixando de consumir itens como ovos. Comecei a incrementar muito os sucos que faço e estou adorando. No dia a dia, outro hábito que mudou é que agora leio, antes da compra, todos os rótulos de produtos para ter certeza de que eles não causam nenhum tipo de sofrimento animal. Com isso, troquei, por exemplo, a marca de creme e de xampu que costumava usar. Claro que dá mais trabalho, mas me sinto muito bem de estar ligada à roda da vida. É um compromisso e uma posição política muito forte

'PAREI DE PINTAR O CABELO E ISSO PARA MIM FOI UMA LIBERTAÇÃO'

EULÁLIA DOMINGUES XAVIER, 66
aposentada

Sou vegetariana e tenho uma alimentação saudável. No mercado, prefiro pagar um pouquinho mais caro e comprar frutas, verduras e legumes orgânicos, sem agrotóxicos. São hábitos que eu adquiri há cinco anos, após um diagnóstico de câncer no ovário. Há uns dois anos eu também parei de pintar o cabelo e isso para mim, como mulher, foi uma libertação. Não tem nada de desleixo em assumir os cabelos grisalhos, mas muita gente pensava assim. Eu uso um xampu matizador à base de açaí para não amarelar os brancos e passei a gostar do meu cabelo como ele é. Também não uso mais produtos que façam testes em animais. Com o tempo a gente vai tomando consciência de que não precisa agredir um bicho para ter uma bolsa, um cinto, um sapato

'VOU VIRAR CIDADÃ DIGITAL E COMPRAR EMPRESA NO METAVERSO'

LEILA NAVARRO, 69
autora, empreendedora, palestrante e ativista

Com a idade, tornei-me mais minimalista. Saí de um dúplex de 375 m² para um apartamento de 50 m². A única coisa viva nele sou eu. Não tenho nem planta, ou teria que cuidar, e só quero cuidar de mim. Mudei a relação com o dinheiro. Eu tenho bitcoins. Compro na internet, mas gosto de ir ao mercado e de experimentar roupa antes de levar. Não sou muito ligada em saúde, mas faço tratamento ortomolecular para manter uma vida de qualidade. Não faço ginástica. Falo para o meu namorado que ele é amante, porque sou casada com o trabalho. Viajo muito. Fui para a Estônia, onde há cidadania digital. Vou virar cidadã digital de lá e comprar uma empresa no metaverso. E sonho em ir para a Lua com o [CEO da Tesla] Elon Musk, meu crush

'ASSINEI STREAMING ALTERNATIVO E PENSO EM MUDAR PARA A PRAIA'

DUCA RACHID, 61
escritora e autora de telenovelas como "Joia Rara" (2013) e "Órfãos da Terra" (2019)

Gosto muito de frequentar o teatro e, antes da pandemia, às vezes assistia uma peça no sábado e outra no domingo. Com o isolamento, aumentei o consumo de livros, séries e filmes. Fiz, inclusive, a assinatura de uma plataforma de streaming que tem produções mais alternativas. A minha profissão demanda muitas horas de trabalho e, mesmo antes da crise, já ficava bastante tempo em casa. Ainda assim, na pandemia passei a fazer novos questionamentos. Não me sinto segura em lugares cheios e fico pensando se faz sentido continuar morando em São Paulo. Às vezes penso em mudar para a praia porque tudo aquilo que me agradava na capital paulista, como teatro e restaurante, eu não tenho mais com a mesma frequência

'EU E MEU MARIDO TEMOS SAÚDE E QUEREMOS VIAJAR'

ARLETE MARIA CARON GUTIERREZ, 72
diretora de escola aposentada

Eu e meu marido, Carlos Alberto, adoramos viajar de navio. Fora do país, já fizemos cruzeiros por locais como França, Turquia, Grécia e Índia. Quando a pandemia chegou, começamos a viajar pelo Brasil: retornamos a alguns lugares, como Foz do Iguaçu, no Paraná, e aproveitamos para conhecer outros, como Ubatuba, no litoral de São Paulo, e Poços de Caldas e Capitólio, em Minas. Meu marido faz o planejamento: ele fica o dia todo atrás do computador de olho nos roteiros de viagem. Acho que fizemos umas 15 neste período. Foi uma oportunidade para valorizar nosso país, mas sempre tomando cuidados contra a Covid. Neste ano já marcamos passeios, entre eles para Maragogi, em Alagoas. Temos saúde e queremos aproveitar

'DESCOBRI A TECNOLOGIA E ATÉ COGITO FAZER CARTÃO DE CRÉDITO'

SÉRGIO CRIVELARI, 75
professor aposentado

Nunca tive muito interesse pela tecnologia. Antes da pandemia eu não precisava de celular e, quando dava aulas, usava o computador da própria escola. Descobri novas possibilidades quando ficamos presos em casa. Comecei a fazer compras pela internet e também ganhei um aparelho celular. Isso foi um divisor de águas. Na internet descobri novos restaurantes, passei a comparar preços e a procurar por alimentos mais saudáveis. Comecei a consumir mais hortaliças e carnes magras. A mudança tem sido importante para a minha saúde e veio para ficar. Considero que ganhei praticidade e tenho mais poder de escolha. Ainda não tenho cartão de crédito, mas uso o da minha filha. Sou correntista de um banco e vivem tentando me convencer a fazer um. Agora cogito essa possibilidade

Turismo para mais velhos cresce, mas exige adaptação em modelo de viagem

Empresários precisam investir em acessibilidade e dinâmicas que favoreçam convívio em grupo

Débora Melo

Maurício Pastore, 55, fundador da Pastore Turismo, de SP, em viagem para Curitiba e Morretes Keiny Andrade - 10.fev.22/Folhapress

SÃO PAULO Viajar traz diversos benefícios, e o brasileiro maduro sabe disso. De olho nesse público, que só vai crescer nos próximos anos, empresários e agências têm se especializado em atender turistas com mais de 60 anos.

Criada em 1992 com a proposta de ser uma agência para jovens, interessados em excursões de formatura, por exemplo, a Pastore Turismo mudou de rota e desde 2008 atende exclusivamente a pessoas mais velhas, oferecendo pacotes de viagens em grupo.

"É um público bem diferente. São clientes muito mais fiéis, mas bem mais exigentes também", afirma Rodrigo Pastore, 26, diretor da agência.

A experiência tem dado certo. Fundada por Maurício Pastore, pai de Rodrigo, a agência e operadora localizada em São Paulo conta atualmente com uma equipe fixa de cinco pessoas, e o próximo plano é expandir o negócio para transformá-lo em uma franquia.

"Ainda são poucas as empresas que exploram esse segmento, é uma coisa que falta no mercado. A previsão é que a gente tenha tudo pronto [modelo de franquia] ainda neste ano", conta o diretor.

Uma característica dos serviços de turismo voltados para quem tem mais de 60 anos é a flexibilidade, uma vez que grande parte já conseguiu se aposentar e tem a opção de viajar na baixa temporada.

Isso é bom para o turista, que encontra preços mais atrativos, e é bom para o empresário, que reduz a ociosidade nos períodos de baixa.

Entre os pacotes mais procurados pelo turista maduro estão os de Portugal e Itália, no caso das viagens internacionais, e a chamada Rota das Emoções, no Nordeste brasileiro, que vai de Jericoacoara (CE) aos Lençóis Maranhenses, passando pelo Delta do Parnaíba (PI), um passeio que oferece uma certa dose de adrenalina.

> Se você é um empreendedor e quer atrair clientes mais velhos para o seu negócio, investir em acessibilidade é algo que vai te ajudar. O Brasil ainda tem muito a avançar
>
> **Vagner Sérgio Custódio**
> coordenador do curso de turismo da Unesp

Também fazem sucesso destinos no Sul, como Gramado (RS), e estâncias hidrominerais como Águas de Lindoia (SP), além de resorts e cruzeiros marítimos.

Na avaliação do professor Vagner Sérgio Custódio, coordenador do curso de turismo da Unesp (Universidade Estadual Paulista), há espaço para o segmento crescer no país, mas investir em acessibilidade é fundamental.

"Se você é um empreendedor e quer atrair clientes da melhor idade para o seu negócio, investir em acessibilidade é algo que vai te ajudar. O Brasil ainda tem muito a avançar", afirma. "Acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida ou com deficiência, em hotéis e atrativos turísticos, é um problema e um desafio a ser encarado."

Há destinos mais bem preparados para receber esse público. Socorro (SP), famosa pelas belezas naturais e atividades de aventura, é referência internacional em turismo acessível. "Em Foz do Iguaçu isso também melhorou bastante", acrescenta Custódio.

Foi a proximidade com os idosos da própria família e o desejo de proporcionar mais qualidade de vida ao pai que fez despertar na empresária Eva Pellegrino, 64, de Salvador, o interesse em estudar gerontologia. Durante o curso, Eva desenvolveu um trabalho em uma agência de turismo focada nesse público, a Interativa Viagens, que depois acabou comprando.

"Meu pai tinha 93 anos e eu percebia que o que o deixava feliz eram os passeios e as viagens, ele ficava eufórico. Uma viagem enriquece demais a vida, sair de casa, conhecer gente, se divertir. É isso que faz com que eles possam viver mais e melhor", afirma Eva, que assumiu a agência há 22 anos e tem seis funcionários.

A especialização em gerontologia, ela diz, lhe deu ferramentas para interpretar certos sinais. "O passageiro idoso não é um cliente comum, cada um precisa de uma atenção especial às suas necessidades. Se ele está aéreo, por exemplo, pode ser que não esteja ouvindo bem. A gente precisa captar essas mensagens."

Ana Clévia Guerreiro, analista de competitividade do Sebrae, lembra que, em se tratando de um público que geralmente prefere viajar em grupo, agências de turismo que atuam nesse mercado devem oferecer serviços que estimulem a interação.

"É preciso propor atividades que possam fortalecer os laços das pessoas que estão viajando juntas. E o empreendedor deve ter em mente que a segurança é um dos componentes essenciais de uma experiência incrível."

A analista também aponta a necessidade de investimentos em acessibilidade. "Isso tem de estar claro para todos. Se a população envelhece, o país, os negócios e os espaços públicos demandam outro design. E quem oferece serviço turístico precisa se adaptar."

Localizada em São Paulo, a operadora Cinthe-Tur trabalha com todos os públicos, mas possui um departamento específico para atender turistas maduros interessados em viagens de grupo. A empresa foi criada em 2000 por Thereza Quedas, hoje com 77 anos, que já tinha experiência com excursões beneficentes e convidou a filha, Cintia Paoleschi, para se juntar ao negócio.

Especializada também em roteiros religiosos — como Israel, Itália e Fátima, em Portugal—, a agência viu a demanda crescer nos últimos anos, mas precisou demitir no período mais crítico da pandemia.

"Nós tínhamos 12 funcionários, agora estamos com cinco. Mas a gente espera voltar a crescer neste ano para poder aumentar a equipe e contratar de novo essas pessoas", afirma Thereza.

Presidente interina da Abav (Associação Brasileira de Agências de Viagens), Ana Carolina Medeiros lembra que o turismo foi um dos setores mais prejudicados pela pandemia de Covid-19, mas diz que o avanço da vacinação trouxe esperança aos empresários. "As pessoas se sentem mais seguras para voltar a viajar, então a expectativa para 2022 é boa, a gente consegue ver luz no fim do túnel."

Mercado de relacionamento tem espaço para serviços como app, motel e sex shop

SÃO PAULO Uma em cada três pessoas com mais de 50 anos já se inscreveu em plataformas ou aplicativos de namoro online. Destes, pouco mais da metade afirma ter encontrado um parceiro fixo.

Ainda, 72,8% afirmaram estar com a libido em dia, mas 38% disseram não fazer sexo. A pesquisa ouviu 580 pessoas e foi divulgada em 2021 pelo portal Cinza Poderoso, de conteúdo sobre envelhecimento.

Os dados foram apresentados em um curso da FGV sobre mercado da longevidade e jogaram luz sobre oportunidades de negócio. Serviços, como motéis (aonde 44% dos respondentes disseram levar seus parceiros para a primeira transa, segundo o levantamento) e sex shops podem pensar em estratégias e produtos para essa população.

De olho no mercado de relacionamentos de pessoas mais velhas, Airton Gontow, 60, fundou há quase dez anos o Coroa Metade, primeiro site e agora também aplicativo para pessoas com 40 anos ou mais buscarem parceiros.

"Surgiu a partir de uma dor minha, que tinha me separado aos 43 e vi todas as dificuldades que uma pessoa mais velha tem para conhecer gente nova", relembra Gontow.

Ele decidiu então fazer uma sondagem numa confraternização de antigos colegas e percebeu que 60% deles, todos com idades próximas à sua, eram divorciados ou viúvos, mas também exigentes. Queriam sair acompanhados de pessoas com idades e interesses semelhantes aos seus.

A plataforma funciona como outros aplicativos de paquera, mostrando pessoas que atendam as exigências selecionadas. "Nesses anos todos, sabemos de 104 casais que formamos", diz Gontow.

A plataforma tem cerca de 500 mil inscritos e possui versão gratuita, na qual o usuário não pode puxar conversa, mas apenas "curtir" outros perfis, e a paga, que, aí sim, permite. Os preços variam de R$ 21,65 a R$ 47,90 por mês, dependendo do tempo de assinatura escolhido.

O Coroa Metade não abre o faturamento ou a proporção dos inscritos que assinam o serviço. A cobrança mensal é a única forma de monetização.

A funcionária pública Sonia Sueli Diamante, 64, de Pindamonhangaba (no interior de SP), conheceu o marido, o comerciante Otacílio Diamante, 62, de Sumaré (também no interior paulista) na plataforma. Eles se casaram há dois anos.

Ela era viúva havia 16 anos, tempo durante o qual não teve outros relacionamentos, e resolveu optar por plataformas de namoro. Começou nos que não têm restrição de idade.

"Não deu certo. Geralmente as pessoas nesses mais populares querem sair, só ficar e ir a bares. Eu nunca gostei disso. Também tinha muito medo de golpes e achava que os mais jovens não se interessariam de verdade por mim", diz ela.

Sonia, que pagou a assinatura do Coroa Metade por um tempo, encontrou em Otacílio o que procurava: alguém da mesma faixa etária e doutrina evangélica que segue. O problema era a distância. Quase 200 km separam as cidades.

"Mas aí ele foi lá em Pindamonhangaba e deu certo. Nós namoramos durante um ano e depois casamos. Ele também era viúvo, e as famílias aceitaram numa boa", conta ela.

Segundo Mirian Goldenberg, antropóloga da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e colunista da Folha, que estuda envelhecimento há décadas, quem quiser prover serviços ligados a relacionamentos para o público mais velho deve ter em mente que esses consumidores não são um grupo homogêneo.

"Dos 40 aos 50 anos eu percebo que as pessoas, especialmente as mulheres têm a expectativa de ter um parceiro, mas depois disso não", diz.

Após essa idade, isso não mais seria uma prioridade. "Elas pensam que já casaram antes, tiveram filhos e buscam viver suas vidas, serem livres. Se rolar parceiro, tudo bem, mas não estão desesperadas."

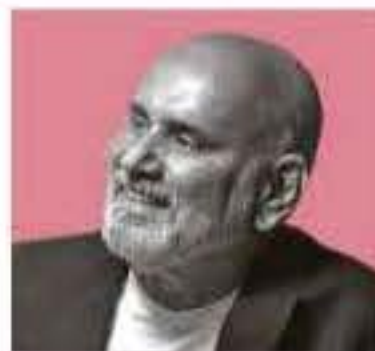
Os homens, porém, geralmente buscam a parceira até o fim da vida. "Mas não vejo eles procurando muito online, e sim, no mundo real. A pandemia pode ter mudado isso".

Dante Ferrasoli

SEUS HÁBITOS DE CONSUMO MUDARAM NOS ÚLTIMOS ANOS?

'FAÇO AULAS DE TEATRO ONLINE E ME REINVENTEI DURANTE O ISOLAMENTO'

IDA DA SILVA BAZOLI, 75
dona de casa

Comecei a fazer aulas de teatro online na pandemia. Fazemos diálogos pelo aplicativo Zoom e até estamos amadurecendo a ideia de apresentar uma peça. Estou adorando e não vejo a hora de conhecer as minhas amigas também pessoalmente. É um investimento que vale a pena e importante para manter a saúde mental durante o isolamento. Antes eu era mais afastada da tecnologia e, nos últimos meses, me reinventei. No começo, eu só usava o telefone para atender ligações. Agora eu uso o zap, YouTube e a minha filha me chama de rainha do Google porque pesquiso tudo lá. Além do teatro, também fiz artesanato, dança contemporânea e psicoterapia pela internet. As atividades online são práticas, mas ainda assim prefiro quando podemos sair para bater perna

'NÃO LIGO MAIS TANTO PARA CARNE; CERVEJA E VINHO AINDA CAEM BEM'

ZÉ ALEXANDDRE, 63
cantor, vencedor to The Voice + em 2021

Com a pandemia, se preciso de algo, tipo corda para violão, não vou mais à loja. É o tal do Mercado Pago e dos deliveries. A loja física meio que desapareceu para a minha família. Quanto à alimentação, quando a gente envelhece, mudam algumas coisas. Não ligo mais tanto para carne. Não virei vegetariano, mas me habituei a comer mais salada. Cerveja e vinho ainda caem bem. A publicidade não conversa com os velhos. Talvez campanhas me convencessem, talvez não, mas acho que falta interesse. E olha que a classe dos velhinhos é rentável. Uma mudança que veio com idade foi pensar mais no presente e não arquitetar muito o futuro. Sonho com um sítio cheio de frutas, mas não me desesperarei se isso não for possível

'QUERO MANTER UM ESTILO PRÓPRIO E USO O QUE ME DÁ LIBERDADE'

ROSELI ALMEIDA ALVES, 67
pedagoga

Gosto muito de viajar e procuro fugir dos pacotes fechados. Prefiro ir para lugares em que eu possa caminhar e aprender algo novo. É andando que observo as coisas, converso com as pessoas e tento sempre aproveitar a gastronomia local. Sempre me preocupei em ter uma alimentação saudável e, durante a pandemia, adquiri o hábito de cozinhar. Uso a internet para procurar as receitas e testo os meus temperos. Às vezes dá errado, mas eu insisto. Eu também cortei glúten e derivados de leite. Acho que é uma maneira de olhar pra dentro e cuidar de mim sem esperar por ninguém. Para o meu guarda-roupa, escolho coisas diferentes. Não gosto de modinhas e também não ligo para essa coisa de que cada peça tem uma idade. Quero manter um estilo próprio e uso o que me dá liberdade

Homem esquia em estação artificial instalada dentro de resort em Guangzhou, na China Deng Hua - 31.jan.22/Xinhua

Com resorts de esqui e escolas de curling, Xi cumpre sonho esportivo

China vê população aderir às modalidades dos Jogos de Inverno, que terminam neste domingo

ESPORTE

PEQUIM | THE NEW YORK TIMES Na cidade de Guangzhou, no sul da China, onde as temperaturas são muito quentes na maior parte do ano, crianças estão trocando seus chinelos por esquis e treinando em pistas cobertas.

Mais a oeste, nas alturas do platô tibetano, a província de Qinghai se tornou um polo improvável de curling, tradicional esporte escocês que os chineses conhecem como "chaleira na neve".

E na província de Liaoning, na região nordeste, um grupo de aposentados se reúne a cada dia no inverno e coloca patins e capacetes de hóquei para jogos disputados num rinque a céu aberto.

Cenas como essas, raras no passado, estão se tornando cada vez mais comuns à medida que o Partido Comunista, que governa a China, leva adiante sua ambiciosa campanha para transformar o país em uma potência mundial dos esportes de inverno.

A campanha começou em 2015, quando o líder chinês, Xi Jinping, prometeu que o país, que tinha acabado de conquistar o direito de sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022, teria 300 milhões de entusiastas dos esportes de gelo e neve quando as Olimpíadas chegassem.

Xi fez da obtenção de sucessos esportivos um dos pilares de sua visão do "sonho chinês", uma promessa nacionalista de prosperidade e rejuvenescimento do país.

Em uma terra na qual as palavras do líder são encaradas quase como um evangelho, muita gente deve ter previsto o que aconteceria a seguir: praticamente do dia para a noite, marcas, investidores, governos locais e a população correram a responder.

Resorts de esqui e rinques de patinação floresceram em todo o país. Escolas de ensino básico e médio correram a criar programas de esportes de inverno. Companhias especializadas em trajes e equipamento de esportes de inverno surgiram em grande número.

"Foi como a decolagem de um foguete, e de repente tudo mudou", disse Carol Zhang, 50, treinadora de patinação artística em Shenzhen, uma cidade úmida e subtropical no sul da China. Zhang disse que o número de alunos que ela treina quase triplicou desde 2015. "Hoje em dia, muitas crianças querem fazer esportes de inverno", disse Zhang.

Algumas semanas antes do começo das Olimpíadas de Inverno de Pequim, a mídia estatal chinesa proclamou triunfantemente que as metas de Xi tinham sido atingidas.

O país agora tem 654 rinques de gelo de tamanho oficial, 803 resorts de esqui e 346 milhões de pessoas "tomaram parte pelo menos uma vez de atividades relacionadas aos esportes de inverno", de acordo com a agência oficial de notícias chinesa.

As autoridades informaram que o número de pessoas foi calculado usando um método de amostragem aleatória. Alguns analistas expressaram ceticismo quanto aos números, apontando para a definição vaga do que constitui "participação" em um esporte.

Ainda assim, existe pouca dúvida de que a campanha teve impacto. Os resorts de esqui da China receberam mais de 20 milhões de esquiadores na temporada 2018/2019, de acordo com um relatório setorial recente.

Isso é o dobro do número de 2014 e representa cerca de um terço do número de dias esquiados nos Estados Unidos no mesmo período.

A atleta chinesa Ling Ahi em partida de curling nos Jogos de Inverno Lillian Suwanrumpha - 6.fev.22/AFP

A China quer criar um mercado de esportes de neve de US$ 157 bilhões (R$ 812 bilhões) até 2025 — um movimento quase tão grande quanto o do mercado mundial total em 2020.

Em resorts perto de Pequim, carros com porta-esquis no teto começaram a aparecer nos estacionamentos. Está surgindo uma cultura de entretenimento pós-esqui com características chinesas, com fontes térmicas, "hot pots" (um prato tradicional) e karaokê.

Quando Jing Gang, 41, se mudou de volta para sua cidade de origem, Tianjin, em 2007, vindo da Finlândia, ficou desapontado ao ver que só existiam dois pequenos rinques de patinação e quase nenhuma compreensão do hóquei no gelo, um esporte pelo qual ele tinha se apaixonado ao estudar no exterior.

"Eu costumava andar com meu bastão de hóquei, e as pessoas me paravam para perguntar se eu estava indo pescar", recorda Jing.

Agora, pouco mais de uma década mais tarde, Tianjin tem três grandes rinques de hóquei e uma liga juvenil com cerca de 20 times. Jing, hoje gerente de um desses rinques, disse que o esporte estava ganhando popularidade em cidades de todo o país.

Shan Zhaojian, historiador chinês do esqui, estabeleceu um paralelo entre a campanha de Xi e um esforço semelhante liderado por Mao Tsé-Tung, que acreditava que a participação em massa em atividades físicas era necessária para que a classe trabalhadora se mantivesse saudável.

"Para construir uma nação forte, é preciso no mínimo um corpo forte", disse Shan sobre o pensamento de Xi.

A China não estava começando completamente do zero. No nordeste e no extremo oeste do país, a tradição do esqui e da patinação já dura diversas gerações. A China também conquistou medalhas de ouro na patinação de velocidade e na patinação artística.

Mas as autoridades, gigantes dos imóveis e marcas internacionais interessados em desenvolver o mercado de esportes de inverno encaram desafios, como o da falta de neve natural em boa parte da China, e a relativa escassez de infraestrutura esportiva e de transportes públicos nos resorts de esqui.

Na capital, Pequim, o governo investiu fortemente em máquinas pesadas de produção de neve e em novas linhas ferroviárias de alta velocidade. Agora os moradores podem se deslocar rapidamente do centro da cidade aos resorts de esqui multibilionários e montanhas recobertas de neve que existem perto da capital.

Na região sul da China, mais quente, a solução foi construir resorts de esqui coberto. O Guangzhou Sunac Snow World, segundo maior resort de esqui coberto do planeta, tem quatro pistas de esqui com neve artificial, cada uma com 400 metros de comprimento. O resort é parte de um complexo imenso que inclui um parque aquático, um temático e diversos hotéis.

No entanto, alguns esportes continuam fora do alcance das massas. Os bilhetes dos teleféricos de esqui podem custar mais de US$ 100 (R$ 517), e um conjunto completo de equipamento para hóquei pode chegar aos US$ 4 mil (R$ 20 mil) — uma fortuna em um país no qual a renda per capita disponível é de pouco mais de US$ 4,7 mil anuais (R$ 24 mil).

E o custo é só um dos fatores adversos; muitos chineses também encaram os esportes de inverno como perigosos demais, uma impressão nem sempre incorreta.

Em um país com falta de instrutores qualificados, lesões são inevitáveis. Mais de 80% dos 13 milhões de esquiadores da China são iniciantes. Muitos novatos protegem seus traseiros com bichos de pelúcia. Isso ajuda a protegê-los nas quedas e serve de aviso aos demais esquiadores para que mantenham a distância.

O medo de cair é o que levou Bran Yang, 26, consultor de educação em Pequim, a fazer sua primeira aula de snowboard em uma encosta artificial. Sua inspiração foram vídeos de snowboarders que ele viu no Douyin, a versão chinesa do TikTok e também comerciais chineses estrelados por Eileen Gu, estrela americana do esqui, de origem chinesa.

Yang disse que espera em breve fazer a transição para as encostas destinadas a principiantes, para testar sua técnica em neve real pela primeira vez.

A disposição de Yang de continuar tentando faz dele uma exceção. Apenas uma fração dos esquiadores estreantes chineses tenta o esporte uma segunda vez.

As autoridades e empresas esperam que os jovens provem ser mais dedicados. Mais de duas mil escolas em toda a China agora oferecem programas de esqui ou patinação. Até 2020, 11 escolas em Xining, a capital de Qinghai, ofereciam programas de curling.

Os jovens atletas costumavam ser treinados pelo Estado, mas alguns pais endinheirados começam a pagar por treinos em clubes privados e a adquirir equipamento, vendo a experiência como forma de melhorar o currículo de seus filhos que buscam vagas universitárias no exterior.

Não está claro se o entusiasmo pelos esportes de inverno persistirá depois dos Jogos. Alguns dos rinques de patinação já estão mostrando deterioração, e resorts de esqui de menor porte fecharam as portas. Mas especialistas dizem que a consolidação era previsível.

Promover o espírito do esporte é um dos principais objetivos de Jing, o administrador do rinque de hóquei em Tianjin. "Anime seus filhos, mas não os pressione sem pensar", escreveu Jing em post de seu blog dirigido a outros pais de jogadores de hóquei. "Nosso principal objetivo como pais de atletas do hóquei deveria ser infundir nas crianças a paixão e amor pelo esporte."

Tradução Paulo Migliacci

Comunidade rastafári Céu de Santa Maria de Sião, criada em Itapecerica da Serra, que também toma o chá do Santo Daime Zanone Fraissat - 30 ago 15/Folhapress

Ciência psicodélica nacional alcança até cuidados paliativos

LSD e ayahuasca ajudam no tratamento de idosos e de doenças como tabagismo, depressão e ansiedade social

VIRADA PSICODÉLICA

Marcelo Leite

A enxurrada de artigos científicos sobre psicodélicos — mais de 3.000 trabalhos publicados de 2016 a 2021 — acaba de ser ampliada com quatro itens originários do Brasil, terceiro país em número de estudos de impacto nessa área. Boas novas para pessoas com doenças graves, idosos, deprimidos, tabagistas e ansiosos.

A novidade saiu no Journal of Pain and Symptom Management, um artigo pioneiro sobre psicodélicos no periódico dedicado a cuidados paliativos. Trata-se de uma revisão sistemática com o título "O Potencial de Terapias Assistidas por Psicodélicos para Controle de Sintomas em Pacientes Diagnosticados com Doenças Graves".

A revisão surgiu da parceria de Ana Cláudia Mesquita Garcia, enfermeira e professora da Universidade Federal de Alfenas (MG), com Lucas Oliveira Maia, biólogo da Icaro (Interdisciplinary Cooperation for Ayahuasca Research and Outreach, na sigla em inglês, algo como Cooperação Interdisciplinar para Pesquisa de Ayahuasca e Difusão), da Unicamp.

Revisões sistemáticas levantam de modo exaustivo o que se publicou em periódicos consagrados sobre determinado tema. Neste caso, o uso de psicodélicos para amenizar sofrimento físico e mental de portadores de doença grave.

De uma amostra inicial de 65 artigos, filtros de qualidade e uniformidade aplicados reduziram-na para 20, abarcando um total de 640 participantes em estudos publicados de 1964 a 2021. Na maioria (75%), pessoas com diagnóstico de câncer.

Mais da metade dos estudos envolveu LSD e foi feita nos anos 1960/70, tendência abortada com a proibição da substância no início da Guerra às Drogas (1971).

Entraram no levantamento 347 pessoas tratadas com LSD, em geral com bons resultados na redução de sintomas como ansiedade e depressão diante da morte.

Esse tipo de investigação sobre doentes graves só foi retomado na virada do século 20 para o 21, na Universidade de Johns Hopkins. Na nova leva, o psicodélico investigado foi psilocibina, que ocasiona "viagens" mais curtas (4-6h) que o LSD (6-12h) e tem menor chance de desencadear experiências negativas, como ataques de pânico.

No geral, esses estudos indicaram a ausência de efeitos adversos graves, físicos ou mentais, todos de intensidade leve ou moderada e transitórios.

"Embora nosso estudo confirme o potencial terapêutico e o amplie para sintomas físicos e outras formas de desconforto psiquiátrico ou psicológico, ele também ressalta a importância das condições nas quais o tratamento é ministrado para garantir segurança", escrevem os autores.

"Terapias assistidas por psicodélicos precisam incluir considerações cuidadosas relacionadas com triagem, preparação, dosagem e sessões de integração apropriadas, de acordo com protocolos baseados em evidências."

Ou seja, mais estudos são necessários para detalhar tais protocolos, mas o potencial dos psicodélicos em cuidados paliativos é promissor.

Lucas Maia, 34, figura ainda como coautor em dois outros dos quatro estudos em tela. Um investigou impactos do LSD no desempenho cognitivo de participantes um dia depois da ingestão. O outro se concentrou em pessoas que atribuem ao efeito da ayahuasca terem abandonado o hábito de fumar.

Maia tem predileção especial pela área de cuidados paliativos. Fez em 2020 um curso de seis meses para formação de "doulas da morte", profissionais especializados em acompanhar e amparar pessoas no fim da vida, assim como suas famílias. "A gente não fala e não pensa sobre a morte", lamenta o pesquisador.

O LSD iria ser seu tema de doutorado, mas logo ficou evidente que o escopo do projeto sob orientação do psiquiatra Luís Fernando Tófoli, da Unicamp, não caberia nos dois anos de que ainda dispunha para realizar a defesa de tese.

O projeto que começara a delinear passou para Isabel Wießner, das mãos de quem saíram três artigos sobre o ácido lisérgico.

O quarto e último deles aparece agora no periódico European Neuropsychopharmacology sob o título "LSD, afterglow and hangover: Increased Episodic Memory and Verbal Fluency, Decreased Cognitive Flexibility" (algo como LSD, brilho residual e ressaca: Memória episódica e fluência verbal aumentadas, flexibilidade cognitiva diminuída), e traz Maia entre os autores.

O estudo por trás dos quatro trabalhos aplicou vários testes a 24 voluntários saudáveis em duas sessões separadas por duas semanas, uma com LSD e outra com placebo. Participantes não sabiam em qual dia tomaram o quê, tampouco os pesquisadores que aplicavam os testes ao longo de dez horas.

No dia seguinte pela manhã, novos testes envolviam jogos de memória, reprodução de desenhos, adivinhação de sequências lógicas e emissão de séries de palavras associadas em intervalos especificados de tempo. A ideia era verificar se o LSD exercia algum efeito residual positivo ("afterglow") ou negativo ("hangover") em diferentes capacidades cognitivas.

Já fora do efeito agudo do LSD após uma noite de sono, os participantes produziram resultados díspares. Por um lado, saíram-se melhor em jogos de memória e nas séries verbais. Por outro, tenderam a insistir mais em erros de adivinhação na manhã pós-LSD.

> **Os resultados sugerem um potencial terapêutico que pode permanecer após o uso agudo e apontam um caminho novo de investigação em áreas clínicas anteriormente não associadas com tratamentos psicodélicos**
>
> **Isabel Wießner** pesquisadora

"Os resultados são interessantes para a clínica e o desenvolvimento de novos tratamentos com essas substâncias para várias condições clínicas negligenciadas até agora, como em pacientes com demência, acidente vascular cerebral ou simplesmente nas perdas cognitivas regulares durante o envelhecimento", avalia Wießner.

O importante, para ela, é que o artigo indica possíveis melhoras em aspectos cognitivos não relacionados entre si, como memória e fluência verbal, que dependem de diferentes áreas cerebrais e são detectáveis ainda 24 horas após uma dose única e baixa.

A melhora na consolidação da memória após psicodélicos já havia sido mostrada com ratos, mas o estudo de Wießner, Maia e colegas foi o primeiro apontando melhoras detectáveis em humanos. "Os resultados sugerem um potencial terapêutico que pode permanecer após o uso agudo e apontam um caminho novo de investigação em áreas clínicas anteriormente não associadas com tratamentos psicodélicos", afirma a psicóloga, como no caso da velhice.

Além disso, o grupo também detectou diminuição na flexibilidade cognitiva, resultado único na literatura, a revelar que a perda durante efeitos agudos (mostrada em estudos anteriores) permanece até o dia seguinte. Um problema para atividades, no dia após consumo de um psicodélico, que demandem monitoramento do próprio desempenho e adaptação contínua a novas condições.

O terceiro e último artigo da série recente com participação de Lucas Maia também tem relação com o grupo Icaro, da Unicamp. "Ayahuasca e Interrupção do Consumo de Tabaco: Resultados de um Levantamento Online no Brasil", no prelo do periódico Psychopharmacology.

Maia foi um dos supervisores dessa pesquisa da aluna Carolina Marcolino Massarentti feita pela rede de computadores com 441 pessoas que haviam parado de fumar e atribuíam a façanha ao uso de ayahuasca.

Morrem a cada ano no mundo mais de 6 milhões de pacientes com doenças relacionadas ao tabagismo. No Brasil são 150 mil mortes, que ocasionam um custo ao sistema de saúde da ordem de mais de R$ 60 milhões, informa o artigo.

A ideia era replicar estudo semelhante da Universidade Johns Hopkins, que usara psilocibina, não ayahuasca. No caso brasileiro, verificou-se que as condições mais associadas ao sucesso em abandonar o cigarro foram intensidade das vivências místicas sob efeito da substância e seu uso frequente.

Por outro lado, aqueles que relataram humor positivo durante a experiência psicodélica da ayahuasca figuraram entre os que tiveram mais recaídas e maior dificuldade em deixar o fumo. "É difícil interpretar esse dado, precisamos de outros estudos", diz Maia.

Por fim, o quarto artigo brasileiro da safra recente é o único que não tem relação nem com Maia nem com a Icaro. "Efeitos da Ayahuasca no Sistema Endocanabinoide em Voluntários Saudáveis e em Voluntários com Transtorno de Ansiedade Social: Resultados de Dois Ensaios Pilotos, Provas-de-Conceito, Randomizados e Controlados por Placebo", que saiu no Human Psychopharmacology.

Neste caso a equipe está baseada noutro centro com larga experiência no estudo da ayahuasca, o do psiquiatra Jaime Hallak na USP de Ribeirão Preto.

Em foco estavam substâncias produzidas no cérebro que guardam parentesco próximo com componentes da maconha e são por isso chamados de endocanabinoides. Os níveis do endocanabinoide de anandamida foram medidos em voluntários sãos e em pacientes com transtorno de ansiedade social (TAS).

Já se sabia que psicodélicos serotoninérgicos, como o DMT da ayahuasca, que agem nos receptores do neurotransmissor serotonina (5HT2a), interagem com o sistema endocanabinoide. Ao testar essa interação em pessoas saudáveis e em outras com TAS, o grupo verificou que as últimas tiveram aumento da anandamida.

O primeiro autor é Rafael Guimarães dos Santos, que explicou a relevância do estudo: "Existem evidências pré-clínicas de que agonistas 5HT2a, incluindo alucinógenos, modulam o sistema endocanabinoide, e esse sistema está associado com o controle da ansiedade. Mas a possível interação em humanos nunca tinha sido testada".

> **Existem evidências pré-clínicas de que agonistas 5HT2a, incluindo alucinógenos, modulam o sistema endocanabinoide, associado com o controle da ansiedade. Mas a possível interação em humanos nunca tinha sido testada**
>
> **Rafael G. dos Santos** pesquisador

A estação de metrô Couronnes, que fica em bairro de Paris conhecido por abrigar uma grande comunidade islâmica Dmitry Kostyukov - 25.jan.22/The New York Times

Muçulmanos deixam a França em busca de maior aceitação

Pesquisadores estudam o impacto da fuga de cérebros; discriminação é tema em alta na campanha presidencial

MUNDO

Norimitsu Onishi e Aida Alami

PARIS | THE NEW YORK TIMES A psique ferida da França é o personagem invisível de todos os romances de Sabri Louatah e da série de TV que desenvolveu. O escritor fala sobre seu "amor visceral, sensual" pela língua francesa e a ligação com sua cidade natal. E monitora de perto a campanha para as próximas eleições presidenciais no país.

Mas faz tudo isso na Filadélfia. A cidade americana virou seu lar depois dos atentados de 2015 na França perpetrados por extremistas islâmicos, que mataram dezenas de pessoas e traumatizaram profundamente o país.

Conforme os sentimentos endureciam contra os muçulmanos, ele não se sentiu mais seguro. Um dia, levou uma cusparada e foi chamado de "árabe sujo".

"Compreendi que eles não iriam nos perdoar", diz Louatah, 38, neto de imigrantes da Argélia. "Quando você vive em uma grande cidade democrática na costa leste [dos EUA], fica mais em paz do que em Paris, onde está mergulhado no caldeirão", completa.

Os três principais adversários do atual presidente, Emmanuel Macron nas eleições de abril — que deverão obter quase 50% dos votos, segundo pesquisas— estão conduzindo campanhas contra imigrantes que ressaltam o temor de um país que enfrenta a ameaça civilizacional de invasores não europeus.

A questão está no topo de sua agenda, apesar de a imigração na França hoje ser menor que na maioria da Europa.

O problema mal discutido é a emigração. Por anos, a França perdeu profissionais de formação elevada que buscavam dinamismo e oportunidade em outros lugares.

Mas entre eles, segundo pesquisadores, está um número crescente de muçulmanos que dizem que a discriminação foi um forte fator: eles se sentiram forçados a sair por uma chuva de preconceito, perguntas incômodas sobre sua segurança e uma sensação de não pertencimento.

O fluxo passou despercebido por políticos e pela mídia, e os acadêmicos dizem que a fuga de cérebros demonstra o fracasso do país em oferecer uma via de progresso até para os mais bem-sucedidos de seu mais representante grupo minoritário — pessoas que teriam servido como modelos de integração.

"Hoje, elas contribuem para a economia do Canadá ou do Reino Unido", diz Olivier Esteves, professor no centro de ciência política da Universidade de Lille, que pesquisou a migração de 900 muçulmanos franceses e conduziu entrevistas com 130 deles.

Esse grupo, estimado em 10% da população do país, ocupa um lugar estranhamente desproporcional na campanha presidencial — mesmo que suas vozes reais raramente sejam ouvidas.

Isso não é apenas um indício das feridas persistentes infligidas pelos atentados de 2015 e 2016, mas também da longa luta da França sobre questões de identidade e seu relacionamento não resolvido com suas antigas colônias.

Eles estão sendo ligados à criminalidade e a outros problemas sociais por meio de expressões como "zonas de não França", usada por Valérie Pécresse, candidata de centro-direita que briga com a líder de ultradireita Marine Le Pen pelo segundo lugar atrás de Macron. O polemista Eric Zemmour, logo depois delas nas intenções de voto, já disse que empregadores têm o direito de negar serviço a pessoas negras e árabes.

Louatah e outros que partiram falam com uma mistura de raiva e resignação sobre o país natal, onde ainda têm parentes e laços. Os lugares nos quais ele e outros se assentaram não são paraísos livres de discriminação, mas eles dizem sentir maior oportunidade e aceitação lá.

Alguns contam que fora da França, pela primeira vez, o fato se serem franceses não foi alvo de questionamento.

"Eu sou francês, sou casado com uma francesa, falo francês, vivo como francês, amo a comida e a cultura francesas. Mas em meu próprio país não sou francês", afirma Amar Mekrous, 46, que foi criado em um subúrbio de Paris por pais imigrantes.

Achando opressiva a desconfiança contra muçulmanos franceses depois dos ataques de 2015, Mekrous se estabeleceu com a mulher e três filhos em Leicester, na Inglaterra. Em 2016, criou um grupo no Facebook para reunir pessoas como ele no Reino Unido, que hoje tem 2.500 membros.

Os recém-chegados aumentaram antes do brexit, a saída britânica da União Europeia. Segundo Mekrous, são em sua maioria famílias jovens e mães solteiras que achavam difícil encontrar emprego na França usando o véu muçulmano.

Só recentemente pesquisadores começaram a formar um retrato dos muçulmanos franceses que partiram.

Elyes Saafi, 37, executivo de marketing da financeira americanas StoneX em Londres, cresceu em Remiremont, no leste da França, onde a família se instalou depois de chegar da Tunísia nos anos 1970.

Sabri Louatah em sua casa nos EUA Hannah Yoon/The New York Times

Myriam Grubo em Dacar, no Senegal Ricci Shryock/The New York Times

Elyes Saafi, Mathilde e seu filho, Noori, perto de Londres Mary Turner - 21.jan.22/The New York Times

Como os pais, ele acabou fazendo uma vida nova em um novo país. Na Inglaterra, conheceu a mulher, Mathilde, que é francesa, e encontrou uma diversidade descontraída que não poderia imaginar.

"Em jantares da empresa pode haver um bufê vegetariano ou halal, mas todo mundo se mistura", diz. "O CEO aparece, de turbante, e confraterniza com os empregados."

Os Saafis sentem falta da França, mas não voltarão. Em parte por causa de preocupações com o filho de dois anos. "No Reino Unido não tenho medo de criar uma criança árabe", diz Mathilde.

Em 2020, atos antimuçulmanos na França aumentaram 52% em comparação com o ano anterior, segundo queixas oficiais reunidas pela Comissão Nacional de Direitos Humanos. Os incidentes aumentaram na última década, com forte acréscimo em 2015.

Uma investigação oficial feita em 2017 descobriu que rapazes percebidos como árabes ou negros eram 20 vezes mais propensos a ter a identidade checada pela polícia.

Candidatos a empregos com nomes árabes têm 32% menos probabilidade de serem chamados para uma entrevista, segundo relatório do governo divulgado em novembro.

Louatah, casado com uma economista francesa que dá aulas na Universidade da Pensilvânia, diz que espera retornar um dia ao país que recheia seus romances.

Quando a série baseada em sua obra "Savages" [selvagens] foi transmitida em 2019, tornou-se um sucesso imediato do Canal +, da TV a cabo francesa. A obra imagina a França pela primeira vez conduzida por um presidente de origem norte-africana.

Dois anos depois, Louatah passou a ver a série como "uma anomalia". Ele começou a escrever a segunda temporada com uma trama focada na violência policial, tema dos mais delicados na França, mas o programa foi cancelado.

Segundo o autor, o motivo nunca foi esclarecido. Um porta-voz do Canal + disse que a série foi planejada para uma única temporada.

Na Filadélfia, o escritor está se dedicando a um romance sobre o exílio de um país cujo nome não é citado.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Interior do Museu do Holocausto de Washington Agnostic Preacher/Wikimedia Commons

Racismo no Brasil deveria chocar como nazismo

Estado existe para preservar as existências e dignidades de todas as pessoas — e não de apenas uma parcela delas

OPINIÃO
MORTE SEM TABU

Cynthia Araújo

Eu tinha uns seis anos. Alguém leu para mim a história da Lalá, que ia para a Alemanha. Coloquei umas roupinhas dentro de uma mochila e insisti que ia com a Lalá. "Amanhã a gente vê isso, hoje já está tarde" ou alguma frase parecida foi o que finalmente me disseram e a mochila ficou lá pendurada na maçaneta da porta.

Esse amanhã nunca chegou, mas a curiosidade sobre a Alemanha me acompanhou a vida inteira. Juntei a isso o interesse que sempre tive pelas aulas de história e foi natural que minha pesquisa de mestrado fosse sobre o nazismo.

Eu já tinha ido ao Museu do Holocausto em Washington, nos Estados Unidos, duas vezes. Cada vez que vai, você recebe os dados de uma vítima em uma réplica de passaporte. Eu só tinha 18 anos em 2002, mas lembro de ter achado aquilo genial. É impossível ficar alheio, é impossível não se identificar com a dor profunda de alguém cuja história está ali nas suas mãos.

Eu saí da primeira visita com duas frases na cabeça: "never forget" (nunca esquecer) e "remember the children" (lembrem-se das crianças). A exibição permanente "Daniel's Story" mostra a experiência de uma família durante o holocausto pelo olhar de uma criança.

Eu voltaria ao museu cinco anos depois dizendo ao meu hoje marido que esse tinha sido o maior impacto daquele lugar sobre mim.

Quando lemos histórias de guerra, pensamos muito sobre inimigos, exércitos, armas e destruição. Mas quantas vezes você já pensou que os alemães assassinaram cerca de um milhão e meio de crianças, entre judeus (um milhão), ciganos e crianças com deficiências físicas ou mentais?

Crianças assassinadas deliberadamente, por fuzilamento, em câmaras de gás. Executadas por características que lhe eram intrínsecas, que não podiam ser mudadas. Nada havia que pudesse ser feito para salvá-las.

Não para salvá-las dos horrores da guerra, que dizima vítimas inocentes como efeito colateral. Para salvá-las de uma ideia. Uma ideia segundo a qual suas vidas não deveriam existir.

Só fui pisar na Alemanha pela primeira vez em 2011, para fazer algumas aulas de alemão. "Finalmente vai encontrar a Lalá", disse a minha mãe.

Fiquei duas semanas em Berlim. Passei muitas horas no Topographie des Terrors, um museu-memorial que fica na extinta sede da Gestapo, a polícia secreta nazista, um dos núcleos do terror do regime.

Embora não seja tão completo e educativo como o Museu do Holocausto, visitar o Topographie é importante, porque faz com que localizemos os eventos no mundo.

Eu estava no meio do mestrado e entender a dimensão do horror era necessário para entender a minha hipótese. Minha investigação era se o direito pode ou não ter um conteúdo extremamente injusto. Se o direito pode permitir, por exemplo, a criação de um partido nazista.

Em 2011, eu escutava que minha pesquisa não fazia sentido. Quem dera.

Hart, um dos mais importantes teóricos do direito, acreditava ser melhor que o direito possa ter um conteúdo extremamente injusto para que possamos continuar avaliando-o moralmente.

Se já sabemos de antemão que uma norma não pode ter um conteúdo extremamente injusto, conseguiremos identificar quando ela tiver?

Vi algumas pessoas defendendo a mesma coisa nos últimos dias. "Melhor que seja explícito para sabermos com o que estamos lidando."

Coloquei um pequeno resumo de alguns dos atos que foram editados durante o regime nazista na minha rede social e fiquei convencida de que a maior parte das pessoas não os conhece. Por isso tomo a liberdade de repetir (todas as referências estão em "Nazismo e o Conceito de Não Positivismo Jurídico, ed. Juruá, 2015).

As Leis de Nuremberg definiram os judeus, alemães e uma categoria intermediária miscigenada, servindo de base para a subsequente legislação antissemita.

Pelo menos 121 leis, decretos e outros atos normativos, editados entre 1935 e 1939, destruíram a possibilidade de continuação da vida judaica na Alemanha.

O Primeiro Decreto da Lei da Cidadania do Reich foi editado em 14 novembro de 1935 e trazia disposições como "um judeu não pode ser um cidadão do Reich" e "ele não tem o direito de votar em assuntos políticos; ele não pode ocupar cargos públicos".

Em junho de 1935, foram acrescidos ao Código Penal artigos que permitiam punições de acordo com o que poderia ser chamado de "sentimento sólido do povo", o que na prática permitia a punição de qualquer ato independentemente da sua tipificação como crime.

Em 12 de novembro de 1938, foi editado o Decreto para Eliminar os Judeus da Vida Econômica Alemã e, em 23 de novembro de 1938 e 14 de dezembro de 1938, respectivamente, o Decreto para Implementar o Decreto Referente à eliminação dos Judeus da Vida Econômica Alemã e o Segundo Decreto de Implementação do Decreto para Eliminar os Judeus da Vida Econômica Alemã.

Em 28 de novembro de 1938, foi editado o ato pelo qual o Ministério do Interior do Reich restringia a liberdade de ir e vir dos judeus e, no dia seguinte, o ato pelo qual se restringiu sua possibilidade de comunicação.

Continua na pág. 5

U.S. Holocaust Memorial Museum

Stefan Myller/Heriland College

Continuação da pág. 4

Diversos atos normativos expressamente se diziam "normas sobre medidas contra os judeus" e restringiam até a eliminação todos os direitos de cidadãos dos judeus, como frequentar lugares públicos, exercer qualquer atividade econômica, estudar e mesmo adquirir itens de primeira necessidade.

Normas exigiam a identificação dos judeus e de tudo que lhes pertencia, com o manifesto propósito de facilitar o seu reconhecimento para posterior extermínio.

Como se sabe, os judeus não foram as únicas vítimas do Estado nazista. Em 1933, editou-se a lei para a "prevenção da descendência com doenças hereditárias", que determinava que qualquer pessoa com uma doença hereditária ali prevista, bem como alcoólatras crônicos, seriam esterilizados.

Os prisioneiros de guerra, representantes da resistência, grupos religiosos, homossexuais e chamados associais e ciganos, entre outros, completam o grupo de demais perseguidos pelo nazismo e sua ideologia de "limpeza" da "raça humana".

Esse é só um pequeno resumo para mostrar que não, não é verdade que deixar que algo seja explícito para saber com o que estamos lidando nos ajuda no combate.

Conhecemos as consequências e a história. O direito não só não pode permitir a criação de um partido nazista como não pode permitir que alguém impunemente defenda essa ideia.

O nazismo não é uma forma de pensar a sociedade, de gerir o Estado. O nazismo é uma ideologia de morte para uma parte da sociedade. Um projeto de tortura e execução.

É por isso que fala uma grande bobagem quem alega que mesmo destino que o nazismo deveria ter o comunismo. O capitalismo mata também, todos os dias. A desigualdade absurda que aceitamos sem resistir leva à morte milhões de pessoas em um mundo farto de recursos e alimentos.

Nem por isso falamos que ele é inconstitucional. A base de valores do comunismo é legítima. O que muitas vezes se fez em nome dele é que é uma outra história.

Eu poderia terminar esse texto aqui, mas eu ainda não disse o principal motivo que me leva a escrevê-lo.

Na minha dissertação de mestrado, escrevo sobre a punição dos responsáveis pelo regime nazista, seus aliados e até aquelas pessoas que apenas obedeceram a legislação que vigia à época.

E escrevo sobre a argumentação que levou aos julgamentos de Nuremberg, em que o direito nazista foi afastado e outro foi instituído para que aqueles crimes pudessem ser julgados.

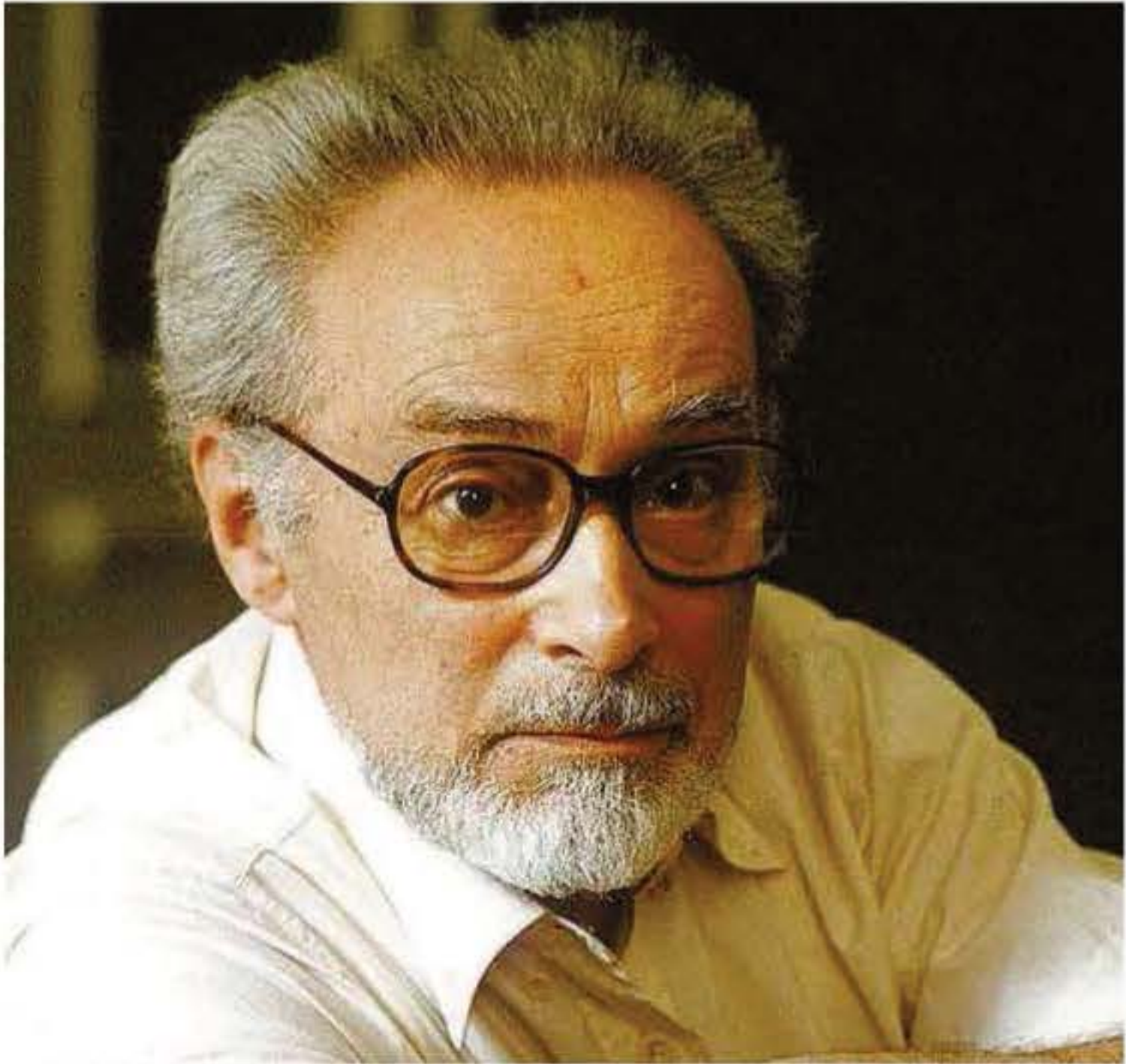
A razão instituída: entendeu-se que ninguém na década de 1930 poderia conceber, racionalmente, que pessoas pudessem ser mortas por suas origens, por sua raça, por elementos indissociáveis do seu ser. Isso tornaria o nazismo diferente, por exemplo, da escravidão, supostamente amparada na razão da época.

Sabemos hoje que essa "razão da época" também não tinha nada de racional, especialmente quando falamos da escravidão moderna. Sabemos de sua criação artificial para a manutenção de relações de poder, mas não é sobre isso que quero falar.

Quero falar sobre o hoje. Por que a apologia do nazismo gera muito mais comoção que a negação do racismo? A negação do racismo tem matado um jovem negro a cada 23 minutos. A negação do racismo tem perpetuado relações que fazem com que pessoas não tenham acesso à educação, saúde.

É por isso que escrevo. Este texto é para perguntar por que nós, brasileiros, ainda nos sensibilizamos mais com o nazismo do que com o racismo, do que com o resultado de séculos de escravização negra neste país. E não pergunto isso para diminuir a indignação perante falas pró-nazismo. Muito pelo contrário, fiz uma pesquisa para ajudar a argumentá-la.

Mas, se a sua indignação com a apologia ou a aceitação do nazismo não existe perante o racismo e a negação da sua ocorrência, então você não entendeu por que combatemos o nazismo. Você não entendeu que o Estado existe para preservar as existências e dignidades de todas as pessoas —e não de apenas uma parte delas.

No alto, fachada do Museu do Holocausto de Washington; acima, o museu-memorial Topographie des Terrors, que fica na extinta sede da Gestapo, a polícia secreta nazista, em Berlim

O escritor italiano Primo Levi (1919-87) Basso Cannarsa/AFP

Mesmo 77 anos após o término do Holocausto, discussões ainda beiram fronteiras da crueldade

OPINIÃO

Karla Monteiro

Jornalista e escritora, publicou os livros "Karmatopia: Uma Viagem à Índia", "Sob Pressão: A Rotina de Guerra de um Médico Brasileiro" (com Marcio Maranhão) e "Samuel Wainer: O Homem que Estava Lá"

Nas primeiras linhas, Primo Levi nos convida a tentar —pelo menos tentar— compreender. Nós, que vivemos "seguros", em "cálidas casas". "É isto um homem?", ele pergunta, iniciando o sóbrio e elegante relato de sua experiência de 11 meses em Auschwitz, o campo de extermínio instalado pelos nazistas na Polônia.

Eu os condenaria a ler Primo Levi. Todos eles: o bêbado que defende a legalização de um partido nazista no Brasil, o deputado que, além de corroborar com o silêncio jocoso, concorda que a Alemanha errou ao criminalizar a doutrina, os colunistas de jornal que conseguem enxergar brecha para evocar a liberdade de expressão, os pitaqueiros de Twitter que fazem coro.

Na Alemanha dos anos 1930/40, os responsáveis pela ascensão do nazismo não foram somente os antissemitas, os racistas, mas todos que não disseram não.

Segundo nos conta Primo Levi no prefácio, "É Isto um Homem?", sua obra fundamental, brotou (também) do seu desejo de alertar as futuras gerações. O perigo rondará, sempre, é preciso estar vigilante para bani-lo antes que seja tarde demais.

A eleição do fascista Jair Bolsonaro abriu aqui, tão longe daquele palco dos horrores, este bueiro da desumanidade, como se a sua presença no Planalto fosse a autorização para a barbárie.

Quem ainda não compreendeu isso e segue brincando com a fronteira da crueldade ou é nazista ou é colaboracionista. Na melhor das hipóteses, ignorante. Para os dois primeiros casos talvez não haja salvação. Para o último, existe Primo Levi.

"Pensem que isto aconteceu: eu lhe mando estas palavras. Gravem-nas em seus corações, estando em casa, andando na rua, ao deixar, ao se levantar, repitam-nas a seus filhos", o autor conclama logo na primeira página. "Ou senão, desmorone-se a sua casa, a doença os torne inválidos, os seus filhos virem o rosto para não vê-los."

Aos 24 anos, no dia 13 de dezembro de 1943, Primo Levi caiu nas mãos de uma milícia fascista da Itália de Mussolini. Poucos dias depois era embarcado junto com outros 650 judeus num trem lacrado, ignorando o destino: "Desceu dentro de nossas almas, nova para nós, a dor antiga do povo sem terra, a dor sem esperança do êxodo, a cada século renovado".

O desfecho chegara de repente, após duas semanas de confinamento, sem água, sem comida, sem luz, cruzando a Europa em guerra.

"A porta foi aberta com fragor, a escuridão retumbou com as ordens estrangeiras e com esses bárbaros latidos dos alemães ao mandar, parecendo querer libertar-se de uma ira secular."

Em menos de dez minutos, a eficiência germânica os organizou em grupos.

Os "homens válidos", que podiam trabalhar para o Reich, entre eles o autor, foram atochados num caminhão. Após uma viagem de 20 minutos, encontraram-se a frente de um grande portão.

"O trabalho liberta", ironizava a placa. A Primo Levi, "tudo parecia incompreensível e louco". De repente, já de túnica listrada e "boné ridículo", ele tinha um número tatuado no braço: 174-517.

Sem escorregar para sentimentalismos, com a escrita precisa e firme, Primo Levi nos convida a viver com ele a rotina de um campo de extermínio nazista: humilhações, agonias físicas e morais, a fome sem trégua, a exaustão, o aprendizado constante das estratégias de sobrevivência.

"As feridas nos meus pés reabrem imediatamente, e um novo dia começa", diz, ao descrever suas manhãs.

"Dizemos fome, dizemos cansaço, medo e dor, mas trata-se de outra coisa. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres. Se os campos de extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem."

No "campo de trabalho", um anexo de Auschwitz, o autor cruzou dois invernos com mais de 20 graus abaixo de zero: "Se, no ano passado, nesta época, alguém nos dissesse que veríamos ainda um inverno no Campo, teríamos ido tocar a cerca eletrificada, e que ainda agora deveríamos ir tocá-la se fôssemos coerentes, ao não ser por este insensato, louco resíduo de esperança inconfessável".

[...]

Quem ainda não compreendeu isso e segue brincando com a fronteira da crueldade ou é nazista ou é colaboracionista. Na melhor das hipóteses, ignorante. Para os dois primeiros casos talvez não haja salvação. Para o último, existe Primo Levi

"Selekcja", a palavra híbrida, latina e polonesa, era a mais temida em Auschwitz. De tempos em tempos, havia a seleção daqueles que já não mais serviam e seriam mandados para a câmara de gás.

Quando o sino tocava fora de horários convencionais, todos deviam se locomover para os pavilhões para aguardar o destino.

"Cada um de nós, ao sair, nu, da peça no ar frio de outubro, deve passar correndo entre uma porta e outra, na frente dos oficiais, entregar a ficha ao SS e entrar pela outra porta, a do dormitório. O SS, na fração de segundo, com uma olhadela de frente e outra de costas, julga a sorte de cada um".

Os prisioneiros sabiam. Caso a ficha fosse para a pilha à esquerda, significava sentença de morte: "Em breve foi a minha vez. Passei, como todos, com andar enérgico e elástico, procurando manter a cabeça erguida, o peito estufado, os músculos enrijecidos e salientes. Com o rabo de olho tentei ver atrás de mim, achei que a ficha fora para a direita".

No dia 11 de janeiro de 1945, Primo Levi ficou doente. E a escarlatina o salvou. Com os canhões russos trovejando nas cercanias de Auschwitz, os prisioneiros que ainda podiam andar foram obrigados a acompanhar os nazistas em fuga.

Os enfermos, abandonados na Ka-Be, o hospital do campo. A notícia da iminente libertação não o animou. Fazia muitos meses que já não conhecia a alegria ou o temor.

"Algo grande e novo estava por acontecer, percebia-se, ao redor de nós, uma força que não era a da Alemanha, sentiam-se os estalos de todo esse mundo maldito que estava por desmoronar."

Eis que, exatos 77 anos depois, o mundo maldito ameaça se reerguer, lá no exterior e no Brasil de Bolsonaro, sob a complacência destes ditos liberais, que acham válido o debate sobre a liberdade de ser nazista. Só nos resta perguntar: por que o fascista da República, o influencer do inferno, ainda não foi demitido? É isto um presidente? É isto um homem?

Julia Garner e Saamer Usmani em cena da série 'Inventando Anna', da Netflix Aaron Epstein/Divulgação

Produções buscam olhar do bandido virtual

Exploração das redes sociais e fascínio contemporâneo por dinheiro e luxo resultam em leva de obras sobre fraudes

OPINIÃO

Helen Beltrame-Linné
Roteirista e consultora de dramaturgia, foi diretora da Fundação Bergman Center, na Suécia, e editora-adjunta da Ilustríssima

Quando a tecnologia se mostrou capaz de inventar mundos virtuais, muito se apostou no potencial da VR, a realidade virtual, para criar realidades paralelas que nem sequer precisariam respeitar as leis da física. O desejo humano, contudo, tinha alvos bem mais terrenos como padrões de beleza e riqueza material.

Viu-se crescer a exploração do potencial tecnológico das redes sociais para inventar realidades alternativas: o Instagram com suas imagens e filtros embelezadores, o WhatsApp e a falsa sensação de proximidade de suas mensagens instantâneas e recados de voz, para citar alguns.

Esse fenômeno, combinado com o igualmente contemporâneo fascínio quase patológico por dinheiro e luxo, acabou resultando numa leva de produções audiovisuais sobre as fraudes virtuais.

"Fyre: Fiasco no Caribe", "Fyre: O Festival que Nunca Aconteceu" —que tratam do mesmo golpe—, "As Golpistas", "A Inventora: À Procura de Sangue no Vale do Silício", "Como Se Tornar uma Divindade na Flórida" —é longa a lista de obras que exploram o tema na forma documental, ficcional e seriada.

O sucesso mais recente, "O Golpista do Tinder", esteve no topo dos mais vistos da semana passada —perdendo agora seu posto para uma espécie de variação sobre o mesmo tema: "Inventando Anna".

A série é a primeira de Shonda Rhimes dentro do acordo milionário de conteúdo que assinou com a Netflix e explora o caso de Anna Sorokin, a golpista que enganou meia Nova York e foi revelada ao público em 2018 por um artigo de Jessica Pressler na New York Magazine.

Rhimes, a cineasta negra cujo portfólio inclui títulos como "Grey's Anatomy", "Scandal", "How to Get Away with Murder" e "Bridgerton", optou por narrar a história da forma como ocorreu na realidade: sob o ponto de vista da jornalista Vivian, que, grávida e em busca de redenção de sua carreira, vai montando o quebra-cabeça da trajetória de Anna por meio de conversas com ela e seus coadjuvantes.

O formato se torna cansativo: Vivian vai de conversas pouco inspiradas com Anna na prisão —numa conceituação de maquiagem e figurino que não convence— para diálogos "inspiradores" com três jornalistas mentores —atores muito bons desperdiçados em papeis intercambiáveis e ambientes que variam do escritório para a copa—, tudo intercalado com encenações das histórias contadas por Anna e pelos colaboradores da reportagem.

O artifício acaba sendo um tiro no pé pois dá ao jornalismo um protagonismo que interessa muito menos do que uma figura "psicopática" —na falta de palavra melhor— como Anna. Ao menos para o público de uma série sobre um golpe inacreditável como o que ela aplicou.

E vai, inclusive, na contramão do que se esperaria de uma série que pagou 300 mil dólares (R$ 1,5 milhão) pelos direitos de adaptação e teve acesso a Sorokin.

Quando mergulha no mundo de Anna, a série aposta na sedução pela riqueza e poder: um desfile de figurinos de luxo regado a champagne em espaços VIP e exclusivos, ao som de um hip hop que cerca a personagem de uma aura de "bad bitch" —isto é, mulher durona, má.

E eu sou da mesma opinião de Adrian Horton quando escreve que o mais interessante dessas histórias de enganação é justamente o labirinto de emoções que se escondem por trás da fraude.

Nesse ponto, "O Golpista do Tinder" —um documentário a respeito de Shimon Hayut, o israelense que enganou mulheres pelo mundo todo sob o nome de Simon Leviev— consegue ser muito mais tocante ao mostrar a dor das mulheres enganadas.

Seus relatos revelam que há algo de muito mais doloroso do que o dinheiro que perderam para o meliante: a quebra de confiança, a desilusão amorosa de quem foi enganado.

"Inventando Anna" parece esquecer do aspecto humano e sucumbir à mesma sedução que acometeu as vítimas novaiorquinas de Anna: por ideias hiperbólicas num mundo exclusivo de alto luxo.

O que move pessoas como Anna Sorokin ou Shimon Hayut? Será que em algum nível eles acreditavam nas histórias que contavam? Ou eram movidos pela sensação inebriante de se safar? Por que as vítimas se prendem de forma cega a uma confiança que é repetidamente quebrada? O que faz uma mulher pegar milhares de dólares em empréstimos e remeter o dinheiro para um homem que conheceu há três meses?

As duas últimas são perguntas especialmente legítimas quando as estatísticas revelam que nos EUA esse modelo de fraude "amorosa" já é maior que a bancária e causou, nos últimos cinco anos, danos de mais de US$ 1,3 bilhões (R$ 6,6 bi) às vítimas.

Qualquer pessoa viva no Brasil em 2022 sabe o nível que atingiram os golpes de WhatsApp, que, curiosamente ou não, começam frequentemente com uma palavra-chave que permite acessar quase imediatamente um lugar de vulnerabilidade: "mãe".

Uma obra interessante sobre o tema é o livro de Jia Tolentino "Falso Espelho: Reflexões sobre a Autoilusão", lançado no Brasil pela editora Todavia.

É inevitável também questionar um outro aspecto importante do retrato audiovisual dessas histórias sobre fraudes: estaria a indústria de entretenimento ensinando que o crime compensa?

Para além das questões éticas, fica uma dúvida artística: como adaptar histórias reais que carregam em si tanto potencial de ficção? Já dizia Mark Twain que "a verdade é mais estranha que a ficção, porque a ficção é obrigada a se restringir a possibilidades".

"Inventando Anna" exibe em todo episódio sua premissa de criação: "Essa história é totalmente verdadeira, exceto por todas as partes que são totalmente inventadas".

A solução dramatúrgica ideal talvez esteja escondida, no final das contas, mais numa realidade virtual do que nos filtros de luxo do Instagram.

Incorporar o ponto de vista de criminoso e vítima talvez revele ao espectador um universo tão alienígena e surpreendente quanto um mundo de fantasia.

[...]

Para além das questões éticas, fica uma dúvida artística: como adaptar histórias reais que carregam em si tanto potencial de ficção? Já dizia Mark Twain que 'a verdade é mais estranha que a ficção, porque a ficção é obrigada a se restringir a possibilidades'

Com agente, 'Golpista do Tinder' quer escrever livro, apresentar podcast e programa de namoro

FS

SÃO PAULO Simon Leviev, 31, que ganhou notoriedade com o documentário "O Golpista do Tinder" (Netflix), assinou contrato com uma agente de talentos de Hollywood. O israelense, que supostamente enganou diversas mulheres para que elas lhe dessem dinheiro, é o tal golpista a que o título do filme se refere.

De acordo com o TMZ, ele será representado por Gina Rodriguez, que administra a carreira de diversas estrelas de reality shows. Mama June, de "Here Comes Honey Boo Boo", é uma de suas agenciadas.

Entre as possibilidades vislumbradas para Leviev, cujo nome verdadeiro é Shimon Hayut, estão escrever um livro, apresentar um podcast sobre relacionamentos e estrelar um programa de namoro com mulheres competindo para ficar com ele. A ideia é aproveitar ao máximo a fama conquistada, mesmo que ela não seja exatamente positiva.

No documentário da Netflix, lançado no dia 2 de fevereiro, Leviev é acusado de enganar mulheres que conhecia por meio do aplicativo de relacionamentos Tinder.

As vítimas contam que ele fingia ser herdeiro de um dono de minas de diamantes e esbanjava riqueza, mas depois pedia dinheiro para fugir de supostos inimigos.

Em 2019, Hayut passou nove meses preso em Israel por ter enganado mulheres, que deram dinheiro a ele após terem acreditado que ele corria perigo. Antes, ele também havia sido preso na Finlândia pelo mesmo motivo, além de ter sido detido na Grécia com passaporte falso.

"O Golpista do Tinder" está no topo da produções mais vistas da Netflix há duas semanas. A plataforma revelou à Variety que já trabalha para adaptar o documentário para um longa-metragem.

O israelense Shimon Hayut, conhecido por seus golpes financeiros no Tinder Shimon Hayut no Instagram